

A close-up portrait of a man with dark, wavy hair, a beard, and a nose ring. He has extensive tattoos on his neck and shoulder, including a large, colorful tribal-style design on his right shoulder. He is wearing a silver chain necklace. The background is dark with glowing orange and yellow sparks or embers floating around. The title 'SAVAGE HEARTS' is overlaid in large, bold, orange-yellow letters with a distressed, cracked texture.

SAVAGE HEARTS

J.T. GEISSINGER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SAVAGE HEARTS

J.T. GEISSINGER

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



QUEENS & MONSTERS

LANÇAMENTO



LIVRO TRÊS



QUEENS & MONSTERS

ORDEM DA SÉRIE



RUTHLESS
CREATURES

J.T. GEISSINGER



CARNAL
URGES

J.T. GEISSINGER



SAVAGE
HEARTS

J.T. GEISSINGER



BRUTAL
VOWS

J.T. GEISSINGER

LIVRO UM

LIVRO DOIS

LIVRO TRÊS

LIVRO QUATRO

SINOPSE

***Savage*¹ (adjetivo):**

1) Não domesticado; feroz e indomável

2) Uma pessoa brutal ou viciosa

3) Malek Antonov

Ele é um mito. Um fantasma. Uma lenda.

Um assassino *Bratva* tão temido, que alguns nem se atrevem a falar seu nome.

Ele vem em busca de vingança pela morte de seu irmão, mas o que encontra em seu lugar sou eu.

Uma garota que ele pensa que é outra pessoa.

¹-Selvagem em inglês.

Alguém que não tem nada a ver com o homem que matou seu irmão.

Só que eu tenho.

E quando ele descobre minha verdadeira identidade, resolve me aceitar como pagamento pelo que perdeu.

Agora, sou um passarinho preso em uma gaiola, e a única maneira de sobreviver é fazer amizade com o monstro que me capturou.

Só que amizade não é o que o monstro tem em mente.

SAVAGE HEARTS

J.T. GEISSINGER



PLAYLIST

“Sit Still Look Pretty” Daya

“Fantasy” Sofi Tukker

“Supermassive Black Hole” Muse

“Reviver” Lane 8

“Boss Bitch” Doja Cat

“Breathe” Telepopmusik

“Damn It Feels Good To Be A Gangsta” Geto Boys

“We Are Family” Sister Sledge

“You’re Mine” Raving George

SAVAGE
HEARTS
J.T. GEISSINGER

1

RILEY

Quando meu telefone toca, estou no meio da edição de um manuscrito que estou atrasada, então o ignoro e deixo ir para a caixa de voz.

Secretárias eletrônicas e linhas fixas são tradicionais, eu sei, mas não tenho um telefone celular. Odeio a ideia de todos os meus movimentos serem rastreáveis. E essa coisa de Siri ² é simplesmente assustadora, se me perguntar.

Um telefone que é mais inteligente do que eu? *Não, obrigada.*

Após receber a mensagem informando ao interlocutor que estou atualmente em outro plano astral e que devem deixar uma mensagem que eu retornarei quando me manifestar novamente em carne e osso, há um sinal sonoro. Seguido de um suspiro pesado.

²-Siri é um “assistente inteligente” integrado que permite que os usuários do Apple iPhone 4S e posterior e mais recente iPad e iPod Touch falem comandos de voz em linguagem natural para operar o dispositivo móvel e seus aplicativos.

— *Riley. É sua irmã.*

Encaro a secretária eletrônica na minha cômoda do outro lado da sala com um olhar de choque. — Irmã? — Penso por um momento. — Não. Tenho certeza de que não tenho uma dessas.

A voz de Sloane fica mandona. — *Sei que está ouvindo, porque é a única pessoa no mundo que ainda possui uma secretária eletrônica. Além disso, nunca sai de casa. Atenda.*

É incrível que ache que gritar insultos e ordens para mim adiantaria. É como se ela nem me conhecesse.

Oh, espere. Agora me lembro! Ela *não* me conhece. O que não é totalmente minha culpa, mas deixo para Sloane, ligar do nada e agir como se eu devesse dinheiro a ela.

Balançando a cabeça em desgosto volto para a tela do computador e ao trabalho.

— *Riley. Sério. Isso é importante. Preciso falar com você.* — Há uma pausa pesada, então sua voz diminui. — *Por favor.*

Meus dedos congelam sobre o teclado.

Por favor? Sloane não diz por favor. Achei que ela não conhecesse a palavra. As divas não têm isso em seus vocabulários. Algo deve estar terrivelmente errado.

— Oh, merda — digo em pânico. — Pai.

Corro até o telefone e coloco o receptor no ouvido. — O que aconteceu? — Grito. — O que há de errado? É o papai? Em qual hospital ele está? É muito ruim?

Após uma breve pausa, Sloane diz — Puxa, muito exagerada?

Posso dizer pelo tom dela que não há nada de errado com nosso pai. Fico aliviada por meio segundo, depois irritada.

Não tenho tempo para as suas merdas agora.

— Sinto muito, ligou para um número desconectado. Por favor, desligue e tente novamente.

— Ah, sarcasmo. O último recurso dos estúpidos.

— Por falar em estupidez, não estou com disposição para ter uma batalha de sagacidade com um oponente desarmado. Ligue-me de volta quando tiver um cérebro.

— Por que insiste em fingir que não sou um gênio?

— Um idiota sábio não é a mesma coisa que um gênio.

— Só porque se formou *summa cum laude*³ em uma faculdade da Ivy League não significa que é mais inteligente do que eu.

— Isso vem da pessoa que uma vez me perguntou quantas moedas há em um dólar.

³—"Com a Maior das Honras" em latim; representa a maior distinção e é o reconhecimento por obter a máxima qualificação possível em uma titulação universitária.

— Se é tão inteligente, me diga novamente por que é uma editora freelance sem seguro saúde, segurança no emprego ou poupança para a aposentadoria?

— Uau. Direto para o dinheiro. Deve ser conveniente, não ter alma. Torna todos aqueles pobres homens que você mastiga e cospe muito mais fácil de lidar, não é?

Ficamos paradas em um silêncio tenso por um tempo. Finalmente, Sloane pigarreja e diz — Na verdade, é por isso que estou ligando.

— Dinheiro?

— Homens. Um em particular.

Espero uma explicação. Quando não vem, digo — Vamos jogar vinte perguntas ou vai me dizer do que diabos está falando?

Sloane respira fundo. Expira. Então, num tom em que talvez ela mesma quase não acreditasse, diz — Vou me casar.

Pisco uma quantidade desnecessária de vezes. Não ajuda a esclarecer nada. — Sinto muito, pensei ter acabado de ouvi-la dizer que vai se casar.

— Ouviu. E vou me casar.

Solto uma risada incrédula. — Você. A vadia viciada em paus. *Casada.*

— Sim.

Digo categoricamente — Impossível.

Inesperadamente, ela ri. — Eu sei, certo? Mas é verdade. Juro por Deus. Vou me casar com o homem mais maravilhoso do mundo.

Seu suspiro é suave, satisfeito e totalmente ridículo.

— Está chapada agora?

— Não.

— É uma pegadinha?

— Não.

Procurei alguma outra explicação para essa estranha reviravolta, mas não consegui pensar em nada, exceto — Alguém está apontando uma arma para a sua cabeça e forçando você a me dizer isso? Foi sequestrada ou algo assim?

Ela cai na gargalhada.

— Por que isso é tão engraçado?

Ela sorri e ri até suspirar de novo. Eu a imagino do outro lado da linha enxugando as lágrimas de alegria do rosto.

— Eu te conto mais tarde. O que quero dizer é, vou me casar, e quero que você o conheça. O casamento será espontâneo, nós fugiremos, não sei a data exata, mas pode acontecer a qualquer momento, então gostaríamos que nos visitasse o mais rápido possível.

Visitar-nos?

Ela não só se casará, mas também está obviamente morando com esse cara. Abro a boca para responder, mas não sai nada.

— Eu sei — diz ela timidamente. — É inesperado.

— Obrigada por ter a decência de perceber como isso é estranho.

— É estranho. Eu sei. Por todas as razões, mas... — limpa a garganta novamente. — Você é minha irmã. Quero que conheça o homem com quem passarei o resto da minha vida.

— Por favor, espere. Volto logo depois que terminar este AVC que estou tendo.

— Não seja má.

Oh, as coisas que eu poderia dizer a isso. *Ho, ho, ho*, as coisas que poderia dizer. Escolho porém o caminho mais longo e faço a próxima pergunta óbvia. — E quanto a Nat?

— O que tem ela?

— Por que não está ligando para ela sobre esse cara?

— Ela já o conhece.

Há algo estranho em seu tom que me deixa desconfiada. — E ela sabe que vai se casar com ele?

— Sim.

— E aí, o que ela pensa sobre tudo isso?

— Provavelmente as mesmas coisas que você. — Sua voz ganha um tom agudo. — Exceto que está feliz por mim.

Cara, essa conversa é um campo minado. Terei sorte se sobreviver com todos os meus membros intactos.

Tentando manter meu tom civilizado, digo — Não é que *não* esteja feliz por você, Sloane. Estou apenas em choque. Também confusa, para ser honesta.

— Que estou finalmente me acomodando?

— Não. Bem, sim, mas não basicamente isso.

— O que, então?

— Que está procurando por mim. Que está me contando sobre isso. Que está me convidando para *visitá-lo*. Quer dizer, não somos exatamente próximas.

— Eu sei — diz suavemente. — Acho que provavelmente é minha culpa. E realmente gostaria de ver se podemos consertar isso. — Depois de uma longa pausa, diz — O que você está fazendo agora?

— Deitada de costas no chão, olhando para o teto, desejando nunca ter tomado todo aquele ecstasy no *Burning Man* no ano passado.

Ela diz secamente — não está tendo um *flashback* de drogas.

— Permita-me discordar.

Ela fica sem a paciência infinitesimal que tem, e diz — Venha nos visitar. Está combinado. Enviaremos o jato para você

— Com licença. *Jato?*

— ...na sexta-feira à noite.

Eu me sento abruptamente. A sala começa a girar. Ela desalojou meu cérebro com toda essa conversa sem sentido sobre casamento. — Espere, quer dizer *nesta* sexta-feira? Tipo, daqui a três dias?

— Sim.

— Sloane, eu tenho um trabalho! Não posso simplesmente voar para... Para onde eu iria neste jato que enviaria?

Ela hesita. — Não posso te dizer isso.

Respondo inexpressiva — Percebo. Que esclarecedor.

— Pare de ser um pé no saco Riley, e diga que virá! Estou tentando ser uma boa irmã aqui! Quero que sejamos mais próximas. Sei que depois que mamãe morreu as coisas ficaram difíceis e que nunca fomos, de verdade, sabe...

— *Amigas* é a palavra que está procurando — eu digo acidamente.

Ela respira silenciosamente. — Está bem. Isso é justo, mas gostaria de mudar isso. Por favor, dê-me uma chance.

Outro "por favor". Eu me deito de novo, totalmente confusa.

Quem quer que seja esse cara com quem ela se casará, deve ser realmente alguém especial para transformar a maior festa do mundo em algo tão fofo.

Decido por capricho que tenho que conhecê-lo. Aposto que ele está colocando *Valium* em seu café da manhã, o gênio do mal! Está batizando seu vinho da tarde com *Xanax*!

Deus, por que não pensei nisso? — Tudo bem, Sloane. Eu vou. Vejo você na sexta.

Ela grita de empolgação. Afasto o telefone do ouvido e fico olhando para ele.

Não tenho ideia do que está acontecendo, a não ser que alienígenas obviamente sequestraram minha irmã e a substituíram por uma esposa maluca.

No mínimo esta viagem deverá ser interessante.



Sexta à noite, estou sentada na área VIP de espera do terminal de jatos particulares do Aeroporto Internacional de San Francisco, olhando ao redor. Estou completamente pasma, mas tento ser discreta sobre isso.

Até agora, já vi duas celebridades, bebi tantos *Ketel One*⁴ e *OJs*⁵ do bar gratuito, aceitei caviar e *Blinis* com *Crème Fraiche*⁶ de uma recepcionista sorridente, e desfrutei de uma massagem corporal nesta cadeira de couro ridiculamente enorme em que estou sentada. Tudo vibra com o toque de um botão.

Mais uma vodca OJ e provavelmente dormirei em cima dessa maldita coisa.

Uma limusine me pegou no meu apartamento. Quando cheguei ao prédio separado no aeroporto para jatos particulares, fui levada para uma sala VIP por um jovem bonito e uniformizado.

Não houve TSA⁷, fila de segurança, ou remoção de sapatos. Minha bagagem foi levada e embarcada para o voo sem que eu tivesse que fazer nada, exceto dar meu nome a um jovem simpático atrás de um balcão.

Nunca fui impressionada pelo dinheiro, mas estou começando a achar que posso ter me enganado.

O lindo jovem retorna e me informa com um sorriso deslumbrante que meu voo chegou. Ele aponta para um jato

⁴-Vodca holandesa.

⁵-Suco de laranja.

⁶-Panquecas russas com creme de nata francesa.

⁷-Segurança aeroportuária.

branco reluzente taxiando até parar no meio da pista do lado de fora.

— Por favor, siga-me.

Eu ando atrás dele quando saímos do prédio e seguimos para o jato me perguntando se me expulsarão da maldita coisa por usar chinelos e moletons. Se eles fizerem isso, tanto faz. A vida é muito curta para usar calças desconfortáveis.

O interior do jato é mais agradável do que qualquer hotel em que já me hospedei. Sento-me em uma poltrona de capitão em couro macio como manteiga e arranco meus chinelos de dedo. Uma comissária de bordo se aproxima e se inclina sobre minha poltrona.

— Boa noite!

— Oi.

— Meu nome é Andrea. Eu cuidarei de você esta noite.

É muito atraente, essa Andrea. Se eu fosse um cara, já estaria pensando em maneiras nas quais ela poderia “cuidar” de mim.

O pensamento é terrível. Dez segundos em um jato particular e já estou corrompida.

Ainda bem que não tenho pau. Provavelmente estaria agitando-o na cara desta pobre mulher antes da decolagem.

— Hum... obrigada?

Ela sorri com a minha expressão. — Primeira vez em um voo particular?

— Sim.

— Bem, terá um deleite. Qualquer coisa que precisar, é só me chamar. Temos um bar completo e uma grande variedade de comidas e petiscos disponíveis. Gostaria de um cobertor?

Quando hesito, ela acrescenta — Eles são caxemira.

Eu bufo. — Só caxemira? Estava esperando um bebê alpaca.

Sem perder o ritmo, ela diz — Temos vicunha, se preferir.

— O que é vicunha?

— Um animal tipo lhama do Peru. Eles se parecem um pouco com um camelo, mas mais bonitos. Sua lã é a mais macia e mais cara do mundo.

Ela está falando sério. Esta garota literalmente não está me zoando. Olhando para ela com minha boca aberta por um momento, então sorrio. — Sabe? Vou apenas com a boa e velha caxemira, obrigada.

Ela sorri para mim como se eu tivesse feito a sua semana inteira. — Certamente! Algo para comer ou beber antes de partirmos?

Que diabos. Estou de férias. — Você tem champanhe?

— Sim. Prefere *Dom Perignon, Cristal, Taittinger* ou *Krug*?

Ela espera que eu decida, como se eu tivesse uma noção, e então sugere — Sr. O'Donnell prefere o *Krug Clos d'Ambonnay*.

Eu franzo minha sobrancelha. — Quem é o Sr. O'Donnell?

— O proprietário desta aeronave.

Ah. Meu futuro cunhado. Um irlandês, pelo que parece. Um irlandês muito *rico*, evidentemente. Ele provavelmente tem noventa anos, demência e não tem dentes.

Minha irmã é uma mercenária.

Digo à comissária de bordo que pegarei o *Krug* e pergunto para onde vamos.

Com uma cara séria, diz despreocupadamente — Eu realmente não tenho ideia.

Então se vira e vai embora, como se tudo isso fosse completamente normal.

Nove horas depois, esvaziei duas garrafas de champanhe, assisti três filmes de Bruce Willis e um documentário sobre bateristas famosos, aproveitei um cochilo de duração indeterminada e estou caída de lado na cadeira, babando em meu moletom, quando Andrea volta e alegremente me informa que pousaremos em breve.

— Deixe-me adivinhar. Você ainda não sabe onde estamos.

— Mesmo se eu soubesse, Srta. Keller, não poderia te dizer.

Diz isso com gentileza, mas sua expressão transmite em termos inequívocos que seu trabalho estaria em risco se ela contasse, ou talvez algo mais importante do que seu trabalho... como sua vida; ou talvez sejam as duas garrafas de champanhe falando.

Quando ela desaparece no corredor, deslizo a cobertura da janela para cima e olho para fora. Acima, está um céu azul claro. Abaixo, estão colinas verdes ondulantes. Ao longe, uma longa faixa de água azul brilha ao sol da tarde.

É um oceano. O Atlântico? O Pacífico? Golfo do México, talvez?

O avião começa a descer para pousar. Parece que vamos para uma ilha ao largo da costa.

Observando o solo se erguer para nos encontrar, tenho uma premonição sombria e poderosa de que, para onde quer que eu vá, não há como voltar atrás.

Mais tarde, me lembrarei dessa sensação e vou me maravilhar com sua veracidade.

2

KAGE

O homem parado em frente à minha mesa é alto, corpulento e silencioso.

Vestido inteiramente de preto, incluindo um sobretudo de lã grosso com pingos pela chuva da noite, me encara com um olhar sem emoção, que de alguma forma, também transmite uma capacidade para extrema violência, ou talvez só ache isso por causa de sua reputação. É a primeira vez que nos encontramos, mas o homem é uma lenda na *Bratva*.

Quase tão lendário quanto eu.

Em russo, digo — Sente-se, Malek. — Aponto para a cadeira ao seu lado.

Ele balança a cabeça em recusa, o que me irrita.

— Não foi uma sugestão.

Seus olhos verdes brilham. Um músculo desliza em sua mandíbula. Suas mãos grandes formam punhos brevemente, então se flexionam e se abrem novamente, como se precisassem

quebrar alguma coisa, mas controla sua raiva rapidamente e se senta.

Aparentemente, gosta de receber ordens tão pouco quanto eu.

Olhamos um para o outro em silêncio por um tempo. O relógio bate ameaçadoramente na parede como que em contagem regressiva para uma explosão.

Ele não oferece nenhuma saudação educada. Não há conversa fiada agradável, nenhum esforço para se familiarizar. Apenas se senta e espera, paciente e mudo como uma esfinge.

Sinto que poderíamos continuar assim para sempre, então eu começo. — Minhas condolências pela sua perda. Seu irmão era um bom homem.

Ele responde em inglês. — Eu não quero sua simpatia. Quero que me diga onde posso encontrar o homem que matou Mikhail.

Estou surpreso que ele não tenha nenhum traço de sotaque. Sua voz é baixa e uniforme, tão sem emoção quanto seus olhos. Apenas a pulsação latejante na lateral do pescoço lhe dá qualquer evidência de humanidade.

Estou ainda mais surpreso por ele se atrever a falar comigo com tal indiferença. Poucas pessoas são tão estúpidas.

Com minha voz tão fria quanto meu olhar, digo — Se você quer permissão para operar em meu território, eu o aconselho a me mostrar respeito.

— Não preciso de sua permissão. Não mostro respeito a menos que seja merecido. E só estou aqui porque me disseram que é você quem tem as informações que preciso. Se isso estiver incorreto, pare de perder meu tempo e diga logo.

Eriçado, cerro meus molares e o considero.

Normalmente atiraria em um homem por esse tipo de desrespeito, mas já tenho muitos inimigos. A última coisa de que preciso é um exército da *Bratva* de Moscou descendo para Manhattan com a intenção de separar minha cabeça do meu corpo porque enterrei o cruel carrasco que serve ao seu rei.

Não que pudessem. Mesmo este enorme idiota barbudo sentado à minha frente não é páreo para minhas habilidades. Se eu decidisse matá-lo, não teria chance.

Além disso, se ele derrotar Declan O'Donnell, chefe da máfia irlandesa e um homem que eu gostaria muito de ver morto, Malek me ajudaria muito.

Ainda assim. Minha casa, minhas regras.

E a regra número um é me mostrar respeito ou sangrar no tapete, porra.

Com minha voz muito suave, mantenho o olhar fixo e digo — Os irlandeses assassinaram meus pais e minhas irmãs. Então, quando digo que sei como se sente, não estou falando besteira, mas se continuar agindo como uma idiota sem modos, vou mandá-lo de volta a Moscou em mil pedaços sangrentos.

Segue-se um breve silêncio. — Sabe o que aconteceria se fizesse isso.

— Sim. Pergunte-me se me importo.

Ele examina minha expressão. Pesa minhas palavras. Uma pitada de simpatia surge em seus olhos, mas morre uma morte rápida, sufocada pela escuridão.

Solene, ele acena com a cabeça. — Desculpe-me. Mikhail era meu único irmão. A única família que me restava.

Ele vira a cabeça e olha pela janela para a noite chuvosa. Quando olha para mim, sua mandíbula está cerrada e seu olhar é assassino. Sua voz está áspera. — Agora, tudo que me resta é a vingança.

É muito claro: *Malek fará Declan O'Donnell desejar nunca ter nascido.*

Animado por esse pensamento, sorrio. — Desculpas aceitas. Vamos beber.

Retiro uma garrafa de vodca e dois copos da última gaveta da minha escrivaninha. Eu coloco uma dose em cada um e ofereço um a Malek. Ele pega e acena em agradecimento.

Eu levanto meu copo. — *Za zdorovie*⁸.

Ele engole a vodca em um único gole. Em seguida, coloca o copo na beirada da minha mesa e se acomoda em sua cadeira, as mãos tatuadas espalhadas sobre suas coxas enormes.

⁸-Saúde.

— Então. Esse bastardo irlandês. Onde ele está?

— Eu lhe darei o seu último endereço conhecido, mas está desocupado desde então. No momento, ele é um fantasma.

Não digo que meu contato dentro do FBI também não tem ideia de para onde Declan foi, ou que estou mantendo o ex-chefe de Declan, Diego, como refém em um dos meus depósitos perto das docas.

Não há necessidade de mostrar todas as cartas na minha mão.

Aquele bastardo teimoso do Diego até agora se recusou a revelar qualquer informação útil, de qualquer maneira; mas se alguém tirará isso dele, serei eu. Diabos me levem se entregarei meu prisioneiro a este arrogante forasteiro.

Malek diz — Não é um problema. Apenas me dê o que tem. Irei encontrá-lo.

Eu não duvido disso. Parece que ele queimaria todas as cidades da face da terra para localizar Declan se fosse necessário.

Não há nada mais obstinado do que um homem em busca de sangue.

Discutimos mais alguns detalhes que podem ser úteis em sua pesquisa antes de abordar o que sei que será um assunto delicado.

— Ele tem uma mulher com ele. Sob nenhuma circunstância ela pode ser prejudicada.

Eu o observo cuidadosamente para ver sua reação. Ele não diz nada, mas em seu silêncio, sinto o desacordo.

— É inegociável. Se ela sofrer um arranhão, você estará morto.

Ele junta as sobrancelhas. — Desde quando o temido *Reaper*⁹ se preocupa com os danos colaterais?

Hesito, sabendo exatamente o quão ruim o que direi soará. — Ela é família.

Ele digere isso em silêncio imóvel por cerca de trinta segundos, e em seguida, repete lentamente — Família.

— É complicado.

— Descomplique para mim.

Ignoro a necessidade de tirar a *Glock* da gaveta de cima da escrivaninha, abrir um grande buraco em seu crânio e servir mais vodka para nós.

— Minha mulher é próxima da mulher de Declan.

Uma de suas sobrancelhas escuras forma um arco distintamente incrédulo. Eu gostaria de arrancar essa sobrancelha e enfiá-la garganta abaixo.

⁹-Ceifador em inglês.

Porra, esse idiota é irritante.

Com os dentes cerrados, digo — Elas foram amigas de infância. Obviamente, é anterior à nossa atual situação.

Malek faz uma pausa para beber sua vodca antes de responder. — Inconveniente.

— Você não tem ideia.

— E se parecer um acidente?

— Se a irlandesa não viver até uma idade avançada, não importa a causa, eu serei responsabilizado.

Nós nos encaramos. Ele diz — Por *sua* mulher.

— Sim.

Ele pausa um segundo. — Ela superaria isso eventualmente.

Meu sorriso é sombrio. — Você não conhece Natalie.

Ele está começando a parecer confuso. — Então não é o chefe desta família? Ela é?

Ele ainda tem cerca de dez segundos de vida e o relógio está correndo.

Eu rebato — Suponho que não seja casado.

Ele faz uma careta. — Claro que não.

— Em um relacionamento?

— Isso é uma piada?

— Então não poderia entender.

Ele olha ao redor da sala como se estivesse tentando encontrar alguém mais razoável para conversar.

— Não tem que compreender, Malek. Apenas tem que cumprir o pedido.

— Parecia mais uma ordem.

Meu sorriso é sombrio. — Chame do que quiser. O resultado do descumprimento será o mesmo: morte. Farei isso lento e doloroso.

Olhamos um para o outro em um silêncio tenso até que ele diz — Já faz muito tempo que alguém me ameaçou.

— Eu acredito em você. Não é pessoal.

— Claro que é pessoal.

— Como eu disse, não conseguiria entender. Arranje uma noiva e tudo ficará mais claro.

Tenho que admitir, a expressão de incredulidade em seu rosto é perversamente satisfatória.

Ele leva um momento para organizar seus pensamentos. Passando a mão pela barba escura, me observa com olhos calculistas. Há uma possibilidade distinta de que esteja debatendo como gostaria de me matar, mas eu simplesmente espero que ele decida qual caminho essa conversa tomará.

Eventualmente, diz — Uma noiva. Suponho que parabéns sejam necessários.

Sabendo que isso é o mais perto que ele chegará de admitir que decidiu não se preocupar com um atentado contra minha vida e também poupará Sloane quando ele matar Declan, sorrio. — Obrigado. Virá ao casamento, é claro.

Ele parece que prefere ser assado vivo e dado como alimento a cães selvagens, mas *finalmente* mostra algumas maneiras e diz solenemente — Seria uma honra.

Bebemos outro brinde. Conversamos mais alguns instantes. Dou a ele uma foto de Declan e outra de Sloane, ambas as quais enfia no bolso do casaco. Então se levanta inesperadamente e me informa que precisa seguir seu caminho. Sem despedidas, ele se vira e se dirige para a porta.

— Malek.

Com a mão na maçaneta da porta, faz uma pausa e olha para mim.

— Não machuque nenhuma outra mulher enquanto estiver nisso, também.

Ele me encara daquele jeito silencioso e irritante que me faz querer pegar o facão mais próximo e começar a cortar seu pescoço, nem que seja apenas para obter uma reação.

— Apenas não mate nenhuma porra de mulher que possa estar por perto quando estiver tratando dos seus negócios, está bem?

— Que diferença isso faz?

— Conseguirei dormir melhor à noite.

Com desprezo em seu tom, diz — É por isso que os homens em nosso ramo de trabalho deveriam ficar sozinhos, Kazimir. As mulheres os deixam moles.

Antes que possa atirar nele, sai pela porta e vai embora.

Na escrivaninha, meu celular toca. A tela me diz que é Sergey, um membro de confiança da minha equipe. Atendo a chamada e espero que ele fale. Quando fala, sua voz é tensa.

— Temos um problema.

— Qual é?

— Há um incêndio. — Faz uma pausa significativa. — No armazém.

O armazém em que estou mantendo Diego cativo, ele quer dizer. — Quão ruim está?

— Eu não sei. Acabei de receber uma ligação da empresa de alarmes. Estou a caminho agora. O corpo de bombeiros já foi enviado.

— Chegue lá primeiro e tire-o de lá. Eu o quero vivo, entendido?

— *Da*¹⁰.

— Ligue-me quando o tiver.

Sergey murmura um reconhecimento e se desconecta, deixando-me pensando nas mil maneiras pelas quais isso poderia dar errado. E se talvez Malek estivesse certo quando disse que as mulheres nos deixam moles?

O velho eu teria colocado uma bala na cabeça de Diego semanas atrás. O velho eu também não sentiria uma pontada de arrependimento se um de seus inimigos morresse em um incêndio. Meu velho eu, a pessoa que era antes de conhecer Natalie, acharia muito divertido pensar em Diego gritando em agonia enquanto queimava vivo.

O novo eu? Não muito.

Eu murmuro — Foda-se. A próxima coisa que se sabe, estarei correndo para tentar salvar Diego eu mesmo.

Eu rio com essa ideia.

Sirvo mais uma dose de vodca.

Então pego minhas chaves e sigo para o armazém, amaldiçoando essa nova consciência horrível que desenvolvi desde que me apaixonei.

¹⁰-Sim, em russo.

3

RILEY

Quando a porta da cabine se abre, pisco contra a luz brilhante.

Estamos em outro aeroporto, este minúsculo em comparação com o de San Francisco. Existem algumas dependências e alguns outros jatos particulares, mas há apenas uma pista principal e nenhum avião comercial.

Onde quer que estejamos, é pequeno e particular.

Também é úmido como o inferno. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo, mas já posso senti-lo se enrolando.

Um elegante *Range Rover* preto com vidros escuros e aros brilhantes aguarda na pista. O motorista sai quando me vê no topo da escada.

Ele está vestindo um terno preto tão apertado na virilha que é quase pornográfico.

Embora, suponho, se eu tivesse algo tão caloroso entre as pernas, arranjaria meus ternos sob medida para exibi-lo também. Nossa, este cara tem um pau grande.

Sorrindo, tentando manter contato visual e não olhar para suas guloseimas, me aproximo deste espécime bem dotado de masculinidade e estendo minha mão.

— Oi. Sou Riley.

O garanhão aperta minha mão com tanta seriedade, que parece que somos dois líderes mundiais em uma reunião diplomática crucial da ONU para salvar a humanidade.

Ele tem cabelo loiro escuro, lindos olhos castanhos, uma tatuagem de teia de aranha na lateral do pescoço e uma mandíbula tão gloriosa que poderia fazer os anjos chorarem. Uma semelhança impressionante com o personagem de quadrinhos da Marvel, Thor, o Deus nórdico do trovão.

— Olá, Riley. É um prazer conhecê-la.

Está bem, o mundo é um lugar totalmente injusto, porque Thor não é apenas um garanhão indutor de ovulação, ele também tem um sotaque irlandês sexy *pra* caralho.

Aposto que Sloane está se casando com o cara O'Donnell pelo dinheiro, mas transando com esse cara, Thor.

Odeio admitir, mas é um bom plano. — Prazer em conhecê-lo. Qual o seu nome?

— Spider.

Faço uma careta. — Spider? Não. Sua mãe não te batizou assim. Qual é o seu nome verdadeiro?

Há um segundo de silêncio em que parece que ele está tentando não sorrir. — Homer.

— Mesmo? Que legal! Nunca conheci ninguém com o nome de um antigo poeta grego.

Ele abaixa a cabeça e examina minha expressão com tanta intensidade que fico surpresa.

— Eu disse algo errado?

— Não.

— Então por que está me olhando assim?

— Sua irmã me disse exatamente a mesma coisa sobre meu nome quando nos conhecemos. Ao pé da letra.

— Oh. Huh. Esquisito.

— *Aye*¹¹.

Oh, meu Deus, as pessoas da Irlanda realmente dizem “aye”. Isso é tão sexy. Pare de olhar para a virilha dele.

¹¹-Sim, em gaélico irlandês.

— Se você não se importa, prefiro que me chame de Spider, no entanto. A maioria dos rapazes não sabe meu nome verdadeiro.

Meus ouvidos pinicam com a menção de “rapazes”.

Se houver mais *Spiders* para onde quer que vamos, estou estendendo estas férias por tempo indeterminado.

— Claro. Pode contar comigo para não contar. Sou boa em guardar segredos.

Eu sorrio para ele. Ele me lança um olhar indecifrável, depois se vira para pegar minha bolsa de um funcionário que a trouxe do avião.

Spider joga a bolsa na parte de trás do SUV, abre a porta traseira para mim e espera que eu entre. Então bate à porta atrás de mim e desliza para trás do volante.

Saímos com tanta força que sou jogada para trás contra o assento.

— Estamos em uma perseguição de carro que eu não sei?

— Não. Por que?

O SUV vira uma esquina, pneus cantando. Agora sou jogada de lado, quase batendo com a cabeça na janela.

— Oh, por nada. Só que uma fratura de crânio não está no meu itinerário.

Olhando para mim no espelho retrovisor, ele franze a testa. Então vira outra esquina tão rápido que tenho que me

agarrar à maçaneta da porta para não quebrar a janela traseira e voar para o espaço.

— Cara, por favor, devagar? Estou sendo jogada aqui como uma bola de praia no *Electric Daisy Carnival*¹²!

Posso dizer pela expressão em seu rosto que ele não entende a referência, mas desacelera para menos de mil quilômetros por hora, então acho que ele entende a ideia geral de que não sou uma pessoa de espetáculos agressivos de velocidade.

— Obrigada.

Dirigimos por um tempo sem trocar mais conversa. Resisto à vontade de importuná-lo com perguntas, principalmente porque temo que seu sotaque irlandês faça minha calcinha virar fumaça.

Depois que Spider me olhou com curiosidade no espelho retrovisor cerca de quatrocentas vezes, suspiro pesadamente e ajusto meus óculos. — Eu sei. Minha irmã e eu não somos parecidas.

— O mesmo atrevimento, no entanto.

— Atrevimento?

— Atrevimento. Confiança.

— Ha! Ninguém na terra tem a autoconfiança de Sloane.

¹²-Comumente conhecido como EDC, é o maior festival de música eletrônica da América do Norte.

Ele ri. — Sim. Exceto talvez o seu homem.

Eu não faria perguntas, mas a curiosidade leva o melhor de mim. — Quer dizer o seu noivo? O rico e idoso Sr. O'Donnell?

Ele encara. — Quarenta e dois dificilmente é uma pessoa idosa, *lass*¹³.

Muito bem, duas coisas. Primeiro: ele está certo. Embora seja um pouco mais velho do que Sloane, quarenta e dois não é idoso. Mais importante, ser chamada de “*lass*” é minha nova perversão favorita.

Eu me coloco sobre as costas do banco do passageiro e olho para o belo perfil de Spider. Depois de um momento, ele me lança um olhar interrogativo.

— Desculpe, estou apenas tentando imaginar como deve ser andar por aí com essa aparência.

— Como o quê?

— Sabe. — Eu aceno com a mão para indicar sua luminosidade geral. — Isso.

— Não sei o que quer dizer.

¹³-Moça em irlandês.

Estranhamente, ele parece sincero. Sua expressão é de genuína confusão, mas como isso é possível? Se eu fosse linda, tenho certeza de que saberia.

Como Sloane sabia.

Ocorre-me que talvez o elevador de Spider não vá até o último andar. Talvez eu precise esclarecer algumas coisas para ele.

— O que estou dizendo é que você é muito bonito.

Fico surpresa quando suas bochechas ficam vermelhas. Ele estala algum tipo de negação sem sentido, ajusta a gravata e olha fixamente para a frente pelo para-brisa, piscando comicamente.

Ah. Ele é tímido! Lindo, bem dotado e tímido!

Eu quero rastejar em seu colo, mas sorrio para ele em vez disso. — Deve ser muito popular com as mulheres, Spider.

Mais estalidos. Ele finalmente se recompõe o suficiente para dizer rigidamente — Não tenho tempo para um relacionamento.

Eu rio disso. — Entendo. Se eu fosse você, também seria um paquerador. Por que manter todos aqueles biscoitos em *um* pote quando pode distribuí-los por toda a cidade e fazer *todos* felizes?

Ele diz rispidamente — Você é maluca.

— Oh, não fique bravo. Estou te elogiando.

— Não parece.

— Prefere que eu diga que é feio e repulsivo? Porque fico feliz em ceder à sua encantadora ilusão de que não é extraordinariamente atraente. É fofo.

Seu rosto inteiro agora está vermelho. Vermelho brilhante, do topo do colarinho branco engomado até a ponta das orelhas.

Esse cara é ridiculamente atraente.

Eu me jogo contra o banco de trás do passageiro e suspiro. — Está bem, vamos seguir em frente. Que tal se me disser onde estamos?

— Bermudas.

Meus olhos quase saltam da minha cabeça. *Bermudas?* Não admira que o ar esteja tão úmido.

Percebendo minha expressão, Spider diz — É temporário. Estivemos em Martha's Vineyard por último, mas havia alguns, ah... — faz uma cara estranha. — Deixarei sua irmã explicar.

Hmm. A trama se complica.

Digo secamente — Você saiu correndo de Martha's Vineyard pela debandada diária dos admiradores de Sloane batendo a porta? Aposto que deve ser difícil para seu noivo lidar com a maneira como todo cara cai de joelhos a seus pés.

Ele faz uma pausa antes de dizer baixinho — Ciúme não combina com você.

Isso me tira o fôlego. Olho pela janela para a paisagem que passa, minhas bochechas queimando de vergonha.

Nós dirigimos por um tempo em silêncio até que admito com relutância — Sempre que ela está por perto, as pessoas olham através de mim como se eu fosse invisível.

— Isso é porque as pessoas são idiotas.

Ele está sendo legal comigo porque lhe dei elogios tão efusivos. Qualquer que seja. Eu aceito.

Eu sorrio para ele. — Obrigada, Spider. Além de ser muito gostoso, é doce.

Suas orelhas adquirem um tom mais escuro de vermelho.

Em seguida, entramos em uma longa estrada particular e estou distraída pelo tamanho do portão de ferro pelo qual estamos passando. É enorme, abrindo-se lentamente para nos deixar passar. O portão é ladeado por altos muros de pedra e um bosque de árvores que obscurece a visão além. Quando vejo as câmeras de segurança montadas no topo das paredes e todos os guardas armados espreitando sob as árvores, franzo a testa.

— Spider?

— Sim, *lass*?

— O noivo da minha irmã é famoso?

Ele torce os lábios. — Algo parecido.

— Não seja enigmático. Eu fico nervosa quando as pessoas são enigmáticas.

— Sr. O'Donnell é... um homem poderoso.

A hesitação me deixa ainda mais nervosa. — Poderoso como? Ele é um político ou algo assim?

Ele zomba. — Os políticos gostariam de ter seu tipo de poder.

— Oh, Deus. Isso parece assustador. Ele é um supervilão?

Seu sorriso é pequeno e misterioso. — Eu não iria tão longe.

— Então é um cara bom?

Encolhe os ombros. — Depende para quem pergunta.

— *Sério?* Você está me matando!

Ele acha meu pânico crescente divertido, porque começa a rir. — Não é minha função lhe dizer, *lass*; mas não se preocupe. Estará segura aqui.

Passamos por um cara de terno preto segurando um grande rifle preto. Está agachado nos arbustos, nos observando com os olhos estreitos enquanto passamos. Leva a mão à boca e fala no que parece ser seu relógio de pulso, mas é obviamente algum tipo de dispositivo de comunicação.

Como um espião faria, ou o capanga de um supervilão.

Eu digo secamente — Oh, sim, já me sinto totalmente segura. — Então suspiro. — Uau. Esse é o nosso hotel? É enorme!

Quando Spider apenas me dá outra risada como resposta, entendo.

— Puta merda. Essa é a sua *casa*?

— *Aye.*

Eu fico boquiaberta com a extensa propriedade de pedra no topo da colina. Vi castelos menores. — Essa é uma casa? Para uma pessoa?

— Duas, se contar Sloane.

Eu lanço a ele um olhar azedo. — Você está rindo de mim.

— Nunca.

Ele tenta fingir inocência, mas falha totalmente. Bato no seu ombro.

— Ai! Não há necessidade de violência, *lass!* Que texugo raivoso!

Agora ele está rindo ainda mais forte, o idiota. Murmuro — Enfiarei um pequeno texugo raivoso na sua bunda, senhor.

Seus ombros estão tremendo, seus lábios pressionados, seus olhos brilhantes e eu baterei nele.

Exceto que não irei, porque naquele momento vejo Sloane emergindo das enormes portas de madeira da frente da casa. Ela é seguida por um homem que faz meu queixo cair em estado de choque. Alto e de ombros largos, com uma arrogância de Mick Jagger, tem cabelo preto como a meia-noite, olhos azuis como cobalto e o sorriso malicioso e arrogante de um rei pirata.

O homem é tão bonito, o próprio diabo ficaria com ciúmes.

Minha voz sai estrangulada. — *Esse é o noivo?*

Spider parece orgulhoso quando responde. — Sim. O único Declan O'Donnell.

Declan O'Donnell.

Doce Jesus, até o seu nome é sexy. Ele faz meu último namorado parecer o Shrek.

Assim que as férias acabarem, embarcarei em um avião direto para a Irlanda.

Quando o SUV estaciona, Declan abre a porta traseira para mim antes mesmo de o motor desligar. Eu pulo para fora e imediatamente fico impressionada com sua altura. Tenho que esticar o pescoço para olhar para ele. Isso torna sua beleza ainda mais impressionante.

— Riley — diz. — Finalmente nos encontramos. Sua irmã me falou muito sobre você.

Sua voz é profunda, seu sorriso é brilhante e meus níveis de estrogênio estão aumentando. Então, apenas para cruzar totalmente todos os fios do meu cérebro, ele me puxa para um grande abraço de urso, me levantando no processo.

Será que minha irmã se importará quando eu começar a chamar seu noivo de papai?

Quando Declan me coloca de pé, olho para Sloane. Ela está parada a alguns metros de distância, nos observando com um sorriso hesitante.

Ela diz baixinho — Ei, *Smalls*.

Como sempre, ela está incrível. Cabelo perfeito, rosto perfeito, corpo perfeito. Minha linda irmã mais velha, leão destemido, flerte sem esforço, consumidora das almas dos homens.

A vida sempre foi fácil para ela. Mesmo em sua fase “estranha” de adolescente emo, ela era o sol em torno de todo mundo. E nunca deixou de ser deslumbrante.

Ao contrário de mim, que pareço um dos macacos voadores do *Mágico de Oz*. Pelo menos de acordo com ela.

Eu digo — Ei, Hollywood. Obrigada por me convidar. Seu homem é um sapo, e este lugar é um lixão.

— Espere até ver seu quarto.

— Deixe-me adivinhar. Você me colocou no sótão com os fantasmas?

— Não, nós a colocamos no porão para que não assustasse os fantasmas.

— Agradeço, puta.

— Sem problemas, troll.

Nós sorrimos um para a outra. Posso dizer que Declan está perturbado com essa troca, o que me faz pensar que ele não tem uma irmã.

Então esqueço tudo sobre seus irmãos ou a falta deles, porque ele me pega e me joga por cima do ombro.

Ele me joga por cima do ombro!

Eu grito de alegria e começo a gargalhar como uma louca.

Uma Sloane de cabeça para baixo cruza os braços sobre o peito e balança a cabeça em desaprovação. — Vai fazê-la vomitar, querido.

— Está de brincadeira? — Grito, olhando para a bunda de Declan, que está no nível dos olhos e é magnífica. — Isso é incrível! Declan, tem minha permissão para prosseguir!

Declan ri, Sloane revira os olhos e eu chuto de felicidade.

Ainda bem que embalei o suficiente dos meus doces favoritos para esta viagem, porque talvez nunca mais vá embora.

4

MAL

Estou prestes a puxar o gatilho e colocar uma bala na cabeça de Declan quando uma mulher sai do carro.

Através da ampliação cristalina da poderosa mira do rifle, eu a considero com uma avaliação rápida.

Jovem e pequena. Cabelo louro-acinzentado preso em um rabo de cavalo desleixado. Calça de moletom cinza larga e chinelos. Óculos e um agasalho mal ajustado.

Algo em sua aparência sugere que ela é uma sem-teto, ou descuidada, pelo menos. Sua roupa está amassada. Seu cabelo está desgrenhado. A maneira como a calça de moletom fica pendurada nos quadris sugere desnutrição.

Talvez Declan esteja adotando uma refugiada.

Observo com crescente irritação enquanto ele abraça a criança desleixada. Se ela apenas saísse do caminho, eu poderia continuar com isso. Já estou agachado neste campanário de igreja em ruínas por várias horas.

O suor está escorrendo pelo meu pescoço. Minhas coxas estão começando a doer. O ar cheira a mofo e excremento de rato, intensificado pelo calor sufocante.

Mal posso esperar para voltar a Moscou. Para o frio e a escuridão, longe deste inferno tropical.

Tudo é tão claro aqui. Tão colorido. Tão *alegre*.

Eu odeio isso.

A mulher parada ao lado de Declan e da que chegou é Sloane. Eu a reconheço pela foto que Kazimir me deu. É alta, curvilínea e inconfundível, e está observando a nova garota com hesitação.

Dispensando-a, volto minha atenção para Declan.

Ele coloca a *waif*¹⁴ de pé, mas ainda não tenho uma chance clara. Ela está muito perto dele. Então ele a pega e...

Afasto o rosto da mira, pisco para clarear minha visão e olho para a mira novamente.

Eu não estava enganado. Ele jogou o *waif* por cima do ombro.

Agora está cambaleando de volta para a mansão, segurando a mão de Sloane enquanto carrega a outra mulher de cabeça para baixo. O trio desaparece dentro da casa.

¹⁴-Garota/criança abandonada em russo.

Eu me sento nos calcanhares e penso.

A garota obviamente não é uma refugiada. Talvez uma empregada doméstica? Uma nova faxineira? Pela maneira fria como Sloane a cumprimentou, elas não pareciam se conhecer, então isso faria sentido. Parecia que era a primeira vez que se encontravam.

A maneira porém como Declan a abraçou com tanto entusiasmo... A maneira como era tão familiar em lidar com ela, jogando-a por cima do ombro como uma possessão...

Ah.

Ela é uma prostituta.

Uma garota tão pobre e desfavorecida, que tem que se vender a casais ricos e excêntricos para ter dinheiro para comer.

— Fodido irlandês — murmuro, enojado.

Penso em meu irmão morto e no *waif* de aparência triste com calças largas de moletom, ambas vítimas do cruel Rei da Máfia.

Então, fervendo de raiva, me acomodo novamente para esperar por outra chance.

Esse bastardo não pode ficar dentro de casa para sempre.

5

RILEY

O interior da propriedade/castelo/palácio é ainda mais impressionante do que o exterior.

Tudo é feito de mármore, cristal ou mogno polido. Estátuas gregas de olhos vazios espreitam em nichos iluminados nas paredes. Quinquilharias caras decoram cada superfície disponível. Tapetes turcos abafam nossos passos, enquanto cortinas de linho branco penduradas em frente às janelas do chão ao teto ondulam e se dobram com a brisa lânguida do mar.

Fico boquiaberta com todo o glamour, com o lado certo para cima, porque Declan me colocou no chão assim que entramos.

Eu ainda não o perdoei por isso.

Sigo atrás dele e de Sloane enquanto me levam para o quarto de hóspedes onde ficarei. Provavelmente tem sua própria piscina. — Então, Declan. Que tipo de trabalho você faz?

Ele e Sloane trocam um olhar. Ele diz — Relações internacionais.

Do lado de fora das janelas, um par de guardas armados espreita. — Mesmo? Isso é interessante. Vi um filme de Denzel Washington uma vez em que ele disse às pessoas que trabalhava com relações internacionais, mas na verdade trabalhava para a CIA. Você trabalha para a CIA?

Ele zomba. — Eles gostariam.

— FBI?

Ele levanta um ombro musculoso. — Ocasionalmente.

— Sim eu também. Só quando torcem meu braço, no entanto. Prefiro muito mais trabalhar para o MI-5.

— Seis.

— Com licença?

— MI-6 é a inteligência estrangeira operando fora do Reino Unido. MI-5 é doméstico.

— Oh, certo. Eu sempre esqueço. Às vezes é difícil lembrar todas as diferentes agências de inteligência para as quais espiono.

— Conte-me sobre isso.

Isso me faz sorrir. Eu adoro quando as pessoas brincam com meus jogos bobos.

No final de um longo corredor, paramos em frente a uma porta fechada. Declan se inclina contra a parede, cruza os braços protuberantes sobre o peito e sorri para mim. Meus ovários suspiram de contentamento.

— Vou deixá-la se instalar e dar a vocês, meninas, uma chance de se atualizarem. Se precisar de alguma coisa, basta pegar o telefone.

— Não tenho um celular. Sou filosoficamente contra a tecnologia que pode me perseguir.

— Eu quis dizer o telefone ao lado da sua cama.

Quando levanto uma sobrancelha, Sloane diz — É o telefone da casa. Diga a quem responde o que quer, e eles trarão.

Olho para frente e para trás entre os dois. — Quem é essa pessoa que atenderá?

— Quem estiver de plantão — diz Declan.

— Então você tem uma *equipe* também, não apenas um exército de guarda-costas. Tipo como *Downton Abbey*, exceto com armas.

Declan ri. — Você é muito parecida com sua irmã.

— Não diga isso a ela. Ela romperá o noivado. Falando em noivado, Sloane, por que não está usando um anel?

Declan se vira para ela e diz suavemente — Boa pergunta. Mal posso esperar para ouvir a resposta.

Ela revira os olhos. — Tecnicamente, ainda não disse sim.

Quase dou um soco no rosto dela.

— O quê? — Grito. — Está louca? *Ele* pediu que se casasse com ele, e você não disse que sim? O que há de *errado* com você?

Sufocando uma risada, Declan diz — Amém.

— Além disso, espere um minuto, porque disse que queria que eu a visitasse porque se casaria a qualquer dia? Para conhecer seu *noivo*?

Exasperada, diz — Vamos *nos* casar a qualquer dia. Quando eu finalmente disser sim.

— Age como se isso fizesse todo o sentido. Alerta de *spoiler*! Não faz.

— Pergunto a ela todos os dias se ela se casará comigo — Declan interrompe, sua voz gutural. — E ela sempre diz que ainda não, mas um dia, em breve, concordará e iremos direto ao cartório e oficializaremos isso.

Ele olha para ela com olhos ardentes, semicerrados.

Como ela consegue ficar de pé sob aquele olhar ardente e não derreter em uma poça de hormônios em chamas está além de mim.

Indignada, me viro para ela. — Está deliberadamente o enganando? Porque isso não é legal.

— Não é legal — concorda Declan, balançando a cabeça.

Ela mastiga a parte interna do lábio e olha para o chão.

A hesitação é totalmente atípica dela. Ela não para e pensa antes de responder. Isso me preocupa. A Sloane que conheço já teria me dado um tapa na cara a esta altura.

Figurativamente falando. Por desprezo.

Olhando para seus pés, diz baixinho — Não estou enganando-o. É tão perfeito agora, a maneira como as coisas estão entre nós. Não há como ficar melhor do que já está. Eu não quero estragar isso.

Declan olha para ela com tanta necessidade e devoção queimando em seus olhos, que fico com vergonha de estar ali. Então ele a agarra e lhe dá um beijo apaixonado.

Afastando-se a encara nos olhos, faminto, e diz. — Diga que sim, e juro que cada dia será melhor do que o anterior, mulher teimosa. Você tem meu coração. Minha alma. Minha vida. Quero que também tenha meu nome e use meu anel, para que todos que a virem saibam que pertence a mim. Estou tão orgulhoso de ser seu homem, quero que o mundo inteiro saiba que você é minha.

Sloane e eu estamos atordoadas e sem fôlego.

Este homem é apenas... *uau*.

Voltarei com um adjetivo impressionante. No momento, estou sem palavras.

Se ela não se casar com ele em vinte e quatro horas, estará morta para mim, para sempre.

Empurro-os para fora do quarto, me inclino para perto dela e digo em voz alta — Prazer em conhecê-lo, Declan. Ligue-me na

hora do jantar. Vou tirar uma soneca nesta cama que é grande o suficiente para dez pessoas. Quando acordar, espero ver um anel nesse dedo, Sloane. Sua idiota.

Então, deito de bruços na cama, sentindo pena de mim mesma por não ter nem um quarto da beleza ou do estilo de minha irmã.

Adormeço fantasiando que sou uma linda rainha com um harém de irlandeses viris.



Quando abro os olhos, o sol está se pondo. Sloane está deitada no chão ali perto, com as pernas compridas em cima de uma cadeira estofada, brincando com uma mecha de cabelo e olhando para o teto.

Eu me apoio nos cotovelos e olho para ela. — *Ugh*. Odeio que possa parecer tão bem quando está meditando. Quando tenho pensamentos profundos, pareço que preciso cagar.

Ela fecha os olhos e começa a rir.

— Acha que estou brincando, mas não estou. É cem por cento legítimo.

— Oh, eu sei — diz, sentando-se. Flexível como um gato, cruza as pernas por baixo do corpo e sorri para mim. — Eu me lembro das caras que fazia. Você se parece com o papai.

— Ele é estranhamente expressivo para um militar, não é? Achava que teriam militarizado isso dele. Toda aquela marcha e obediência às ordens e outras coisas definitivamente fariam meus olhos brilharem.

— Declan foi militar e ainda é muito expressivo.

Assim que ela diz isso, duas manchas leves de rosa aparecem no alto de suas bochechas.

Posso dizer que ela está pensando exatamente o quão “expressivo” ele é.

Agora estou pensando sobre isso, e estou ficando toda confusa também.

— Que nojo. Não preciso imaginar minha irmã mais velha tendo todos os tipos de sexo excessivamente excitantes, muito obrigada. Além disso, oh. Meu. *Deus*, cara. Onde o encontrou e quantos irmãos ele tem? Quero dois, pelo menos!

— Ele é incrível, não é?

Ela bate os cílios e suspira como uma louca, ou pelo menos alguma *outra* pessoa, alguma pessoa doce e romântica com noções idealizadas de amor, não ela.

Balanço minhas pernas para o lado da cama, sento-me e olho para ela. — Está realmente apaixonada por ele, não está?

— Sim. É horrível. Quer dizer, é *maravilhoso*, mas também horrível, porque...

— Não está mais no controle.

Ela acena com a cabeça, encolhendo-se. — E eu nunca tive nada que valesse a pena perder antes. Nunca me *importei* antes, com nada além de mim. Agora, me importo com tudo. Sou uma grande bola de carinho sentimental. Chorei vendo o pôr do sol outro dia, pelo amor de Deus!

Tento não achar seu desânimo tão satisfatório, mas acho. Eu sou uma pessoa terrível.

— Seja como for. — Ela acena com as mãos para dissipar essa parte da conversa. — Precisamos fazer algo com o seu cabelo.

— O que há de errado com meu cabelo?

— Está horrível. Parece que perdeu uma aposta.

— Oh, graças a Deus.

— O quê?

— Por um minuto, pensei que tinha sido substituída por um ladrão de corpos.

Alguém bate os nós dos dedos suavemente na porta. Ao mesmo tempo, Sloane e eu gritamos — Entre!

Spider enfia a cabeça para dentro. — Olá. Já tenho sua bagagem, *lass*. É uma boa hora?

Gostoso, bem dotado e educado. Juro, encontrarei um cientista para clonar a ele e Declan e fazer o macho perfeito.

— Venha. Pode deixar em qualquer lugar.

Entra, carregando minha bolsa e os cromossomos dos meus futuros filhos, e acena com a cabeça um *oi* para Sloane. Ele coloca a bolsa no chão ao lado da cômoda e se vira para sair.

— Espere — diz Sloane. — Onde está o resto?

— Essa era a única, senhora.

Ela faz uma cara azeda. — O que eu disse a você sobre me chamar assim?

Parece que ele está tentando não sorrir. Gosto ainda mais dele agora que sei que ele está provocando-a. É preciso coragem, o que já sei que não lhe falta.

Quer dizer, tenho uma prova visual. Ele está me encarando bem na cara.

— ...Riley?

— O quê? — Eu tiro meu olhar da protuberância substancial nas calças de Spider e olho para Sloane. — Desculpe, não ouvi o que disse.

Ela diz secamente — Perguntei por quê. — Estreito meus olhos e envio mentalmente uma ameaça que ela recebe e sorri condescendentemente. — Perguntei onde está o resto da sua bagagem.

— Não tenho outra bagagem. Só isso.

Ela encara com descrença minha única bagagem de mão, uma mochila surrada que comprei antes de ir para a faculdade, anos atrás. — Você trouxe *uma* mochila?

— Diz isso como se eu tivesse acabado de lhe informar que está cheia de pedaços de corpo.

Ignorando meu sarcasmo, insiste — Como pode viajar com uma única bagagem? Onde está sua bolsa de sapatos? De cosméticos? Bolsa de roupa formal? Todas as suas *roupas*?

Ela olha ao redor do quarto como se esperasse que um conjunto de baús *Louis Vuitton* com monograma aparecesse do nada, transbordando de estolas de *vison* e vestidos de noite.

Sorrindo, digo — Vai realmente quebrar seu cérebro quando eu disser que meu laptop está aí também.

Spider me olha e pisca. Então sai, fechando a porta atrás de si.

Sloane pula, vai até a mochila, se inclina, abre o zíper e olha para o conteúdo. Vasculha por um momento, então se endireita e olha para mim.

— O que há com todas as caixas de doces?

— Eu não viajo para lugar nenhum sem *Twizzlers*¹⁵. E não se acha *Sour Patch Kids*¹⁶ de melancia em todos os lugares, então como não sabia para onde ia... — Encolho os ombros. — Melhor prevenir do que remediar.

Ela fecha os olhos, respira fundo, se recompõe e me olha de novo.

— Você tem alguma outra peça de roupa que não seja cinza ou feita de lã?

— Sim. *Duh*. Minhas calcinhas.

— Meu Deus. Não posso acreditar que somos parentes.

Ela está tão horrorizada que está prestes a fazer o sinal da cruz sobre o peito, ou talvez chame um padre e me encharque com um frasco de água benta. Isso me faz rir.

— Oh, relaxe, Beyoncé. Há outras coisas embaixo do doce.

Quando olha esperançosa para a mochila, digo — Também trouxe camisetas brancas e shorts jeans.

Sua expressão indica que ela pode estar saboreando os restos regurgitados de seu almoço. — Vejo que também precisamos fazer algumas compras enquanto está aqui.

¹⁵-Doce popular nos Estados Unidos.

¹⁶-Doce mastigável.

— *Também?*

— Além de domar esse gambá selvagem no topo da sua cabeça.

— Com licença, mas nem todo mundo acha que é necessário parecer uma modelo.

— Tem que haver um meio termo entre modelo e mendigo.

— Se quer dizer pessoas que não têm casa, Cruella, o termo correto é sem-teto. Mendigo é super depreciativo.

— Está morando em San Francisco há muito tempo.

— Podemos encerrar essa discussão que certamente se transformará em uma disputa política por um segundo para que eu possa perguntar quando vamos comer? A última coisa que comi foi ovas de peixe pretas pegajosas com algum produto lácteo coagulado em um pedaço de pão do tamanho de um quarto. Estou absolutamente faminta. Vocês, ricos, comem como pássaros.

Ela faz uma pausa, depois cobre o rosto com as mãos e cai na gargalhada.

Digo secamente — Estou feliz que minha fome esteja divertindo você.

— É que esqueci quão engraçada você é.

— Engraçada como *ha-ha*, ou engraçada como estranha?

— *Ha-ha.* — Ela pensa por um momento. — E também estranha.

— Obrigada por isso. Mudando de assunto: o que Declan faz para viver? E não minta para mim. Não sou um de seus garotos de foda deslumbrados. Eu sei quando não está dizendo a verdade.

Seu sorriso desaparece. Ela caminha lentamente até a cadeira em que estava com os pés apoiados, senta-se e cruza as mãos recatadamente entre as coxas. — Quero te dizer, mas não quero que julgue.

Minha risada é curta e incrédula. — *Julgar?* Cara, tive um encontro semana passada com uma pessoa que tem um pênis e uma vagina. E me mostrou os dois durante o jantar. Não sou do tipo que julga.

Sloane parece fascinada. — Sêrio?

— Sim. Como disse, há algum tempo moro em San Francisco. Não há literalmente nada que possa me chocar mais.

— Muito bem. Bem, se quer saber... — Hesitando, respira fundo. — Ele está na máfia. Na verdade, ele é a Máfia. É, tipo, o cara principal.

Várias coisas clicam dentro da minha cabeça e aceno pensativamente. — Hmm. Faz sentido. Então, novamente sobre a situação de comer. Estamos comendo antes ou depois que eu a deixe fazer algo horrível no meu cabelo de que tenho certeza que me arrependerei?

Quando ela apenas fica sentada olhando para mim, com os olhos marejados de lágrimas, fico em pânico.

— Ah, Merda. O que há de errado? Por favor, me diga que ele não está te traindo. Não tenho certeza de que lado eu ficaria.

Ela salta da cadeira e se lança do outro lado do quarto, batendo em mim e jogando os braços em volta do meu pescoço.

Quase sou jogada de volta no colchão. Apesar do meu choque total e da força do seu abraço, consigo ficar de pé. Depois ela começa a chorar, me deixando completamente perdida.

Eu digo hesitantemente — Hum. O que está acontecendo agora?

Ela lamenta — Lamento o que está acontecendo! Eu tenho sido uma irmã terrível e você está sendo tão legal, e não posso acreditar que não nos vimos desde o seu aniversário, alguns anos atrás!

Três anos atrás, para ser mais precisa. Não que eu nunca seja capaz de esquecer.

Meu namorado na época deu uma olhada em Sloane e disse que estava namorando a irmã errada. E terminou comigo na hora.

No meio da minha maldita festa de aniversário.

Quando soube por meio de uma amiga, algumas semanas depois, que eles foram vistos juntos, liguei para ela para saber se era verdade, ela zombou e disse: *Quem? Oh, meu Deus, aquele perdedor já está no espelho retrovisor.*

Aquele “perdedor” que ela mal conseguia se lembrar era meu namorado há mais de um ano. Ele tirou minha virgindade. Achei que estávamos loucamente apaixonados.

Depois disso, comecei a contar aos meus namorados que era filha única. Não vi Sloane desde então.

Dou um tapinha nas suas costas desajeitadamente. — Está bem, Hollywood. Vamos agora. Você estragará seu rímel.

Ela se afasta, fungando e segurando meus braços como se planejasse me manter como refém. — Diga que me perdoa — exige com veemência. — Por favor. Vamos fazer disto um novo começo. Vamos começar do zero.

Eu franzo a testa para ela. Quem é essa pessoa?

Quando seus grandes olhos suplicantes começam a ser demais, cedo.

— Tudo bem. É um novo começo, mas estou retendo o perdão até depois de ver o que planejou para o meu cabelo.

Ela morde o lábio inferior, as lágrimas escorrem pela borda de suas pálpebras inferiores. *O que diabos aconteceu com minha irmã?*

Papai Declan deve estar lhe dando um cachimbo sério para ter transformado esta pedra selvagem fria em uma namorada.

Cadela sortuda.

6

RILEY

Deveria saber que seria muito ruim quando Sloane me chamou para uma bebida.

Um novo irlandês gostoso chegou com uma jarra de margaritas adoçadas com frutas e infundidas em suco de limão e *jalapeños* cultivados no jardim externo. Os copos tinham as bordas com uma fina camada de sal marinho rosa do Himalaia e enfeitados com uma espiral de casca de limão tão longa e perfeitamente formada que deve ter exigido extrema concentração e provavelmente umas dez tentativas para acertar.

Porque sim, isso é totalmente algo que se faz.

O irlandês gostoso também trouxe tortilhas quentes e um delicioso molho de abacaxi e manga que ele mesmo disse ter feito.

Eu tinha muitas dúvidas sobre a afirmação e disse isso a ele. Imagine minha surpresa quando ele pegou seu celular e me mostrou um vídeo como prova.

— Onde *encontra* esses caras? — Perguntei a Sloane quando ele saiu.

Ela me dispensou como se eu estivesse sendo boba. — É um dom. Agora vá se sentar na cadeira que coloquei na frente da pia do banheiro e fique quieta. Precisarei me concentrar enquanto trabalho.

Bandeira vermelha número dois: ela precisava “se concentrar”. A última vez que isso aconteceu, um buraco foi aberto no *continuum* espaço-tempo que ainda não foi reparado.

Estava contudo morrendo de fome, e a tortilha estava deliciosa, por isso fui uma cobaia obediente e permiti que ela aplicasse algum tipo de gosma fedorenta na minha cabeça, que erroneamente presumi ser um condicionador de ação profunda. Sentei-me dócil como um cordeiro enquanto ela lavava, cortava e arrumava meu cabelo, me incentivando a beber outra das saborosas margaritas de vez em quando.

Quando finalmente me girou na cadeira para ficar de frente para o espelho, vi por que ela estava tentando me embebedar.

E chorei de horror — O que diabos você fez?

Ela realmente teve a coragem de dizer presunçosamente — Salvei você daquela tragédia que chama de penteado. Não há de quê.

Então ela saiu do banheiro, me deixando ter meu colapso mental sozinha.



— Não usarei isso.

— Basta colocá-lo. Você me agradecerá mais tarde.

Olhando indignada para o minúsculo pedaço de tecido que Sloane está tentando passar como vestido que eu deveria usar para o jantar. Já assoei meu nariz em tecidos com mais substância do que isso.

— Agradeço se parar de tentar me fazer parecer uma profissional do sexo. Já causou danos suficientes com a catástrofe da platina em cima da minha cabeça.

— Você está de brincadeira? Seu cabelo está incrível!

Eu digo acidamente: — Sim, se forem três horas da manhã e estiver trabalhando em um cabaré em Reno como uma imitadora de Marilyn Monroe com idade suficiente para sair em turnê com Frank Sinatra, e todos na plateia têm problemas de visão ou bêbados, está incrível. Nesta dimensão da realidade porém, não é.

Ignorando-me, se vira para vasculhar o cofre que ela chama de armário. — Você ainda usa um sapato tamanho 35?

Reviro meus olhos para o teto. — Não. Uso um 44 agora. Tenho uma doença estranha que causa crescimento maciço do pé.

Ignorando meu sarcasmo, diz — Ótimo. Combinarão perfeitamente com o vestido.

Ela se vira e joga um par de saltos altos para mim. Eu me recuso a pegá-los, então ricocheteiam no meu estômago e caem no tapete perto dos meus pés. Em seguida, joga o vestido. Ele pousa no topo da minha cabeça e fica pendurado na frente do meu rosto como um véu.

Um véu minúsculo transparente com recortes abdominais.

Sloane passa por mim e sai do closet. — Quando estiver vestida, farei sua maquiagem.

Fervendo, tiro o vestido da minha cabeça e olho para ele. Eu poderia literalmente dobrá-lo e colocá-lo no bolso do meu moletom.

Honestamente, como ela espera que eu use isso? Poderia muito bem colocar um fio dental e alguns lenços e dar o dia por encerrado!

Sloane grita do outro cômodo — Depressa, *Smalls*, estou com fome!

Murmuro — Oh, agora é uma emergência porque *ela* está com fome. A rainha está com fome, galera! Todo mundo deve correr!

— Posso ouvi-la daqui.

Grito por cima do ombro — Como se encaixa nessa coisa? Não conseguiria colocar um de seus seios nisso, muito menos meu traseiro!

— Existe um material interessante chamado *spandex*¹⁷. É altamente flexível. Já teria ouvido falar disso antes, se não estivesse ocupada acumulando todo aquele algodão. Agora se vista, ou vou trancá-la nesse closet sem jantar.

Eu fecho meus olhos e suspiro. *Deveria ter trazido menos doces e mais drogas.*

Passo cinco minutos lutando com o pesadelo elástico de um vestido, até que finalmente está vestido. Mal cobrindo minha bunda. Depois enfio meus pés nos saltos altos de stripper e cambaleio para fora do closet.

Quando Sloane se vira para olhar para mim, jogo meus braços no ar. — Pronto. Feliz agora? Sou Julia Roberts em *Pretty Woman*, só que com um guarda-roupa mais safado e sem final feliz.

Sloane me encara em silêncio, com os olhos arregalados.

Eu arrancaria o vestido idiota, mas acho que precisarei de uma tesoura para tirá-lo.

— Diga-me algo bom, Hollywood, ou juro por Deus, mato você.

Ela diz suavemente — Você está linda.

— Oh, Ho! Muito bem. É tudo ou nada, certo?

¹⁷-Nome comercial da fibra têxtil elastano, encontrada em moletons, leggings e roupas de academia e yoga.

— Não, falo sério. Você está linda.

Expiro fortemente em desgosto. — Claro que estou. Sou apenas uma linda prostituta saindo para uma noite de encontros românticos em becos para ganhar punhados de suadas notas de dólar. Vamos acabar com isso e comer. Meu açúcar no sangue está perigosamente baixo agora. — Olho para ela. — Ou posso apunhalar a pessoa mais próxima.

Ela diz esperançosa — Trouxe lentes de contato com você?

— Os óculos ficam onde estão.

Ela fica cabisbaixa, mas se recupera rapidamente. — Está bem, mas me deixe apenas... passar um pouco de batom e rímel...

Estou faminta demais para ter outra discussão, por isso cedi. — Tem exatamente sessenta segundos. E nada dessa merda pegajosa!

Sloane corre alegremente de volta para o banheiro, emergindo em um flash com um tubo roxo e outro prateado em sua mão. Ela trabalha rapidamente, com uma pequena misericórdia, depois pula para cima e para baixo na minha frente, batendo palmas de alegria.

Digo categoricamente — Irmã, você perdeu totalmente a cabeça.

— Assim como todo homem que colocar os olhos em você esta noite.

— Aposto cem dólares que nem mesmo *um* homem olhará duas vezes. A menos que esteja no mercado para uma experiência

sexual triste e degradante com uma estranha paga, mas isso não conta.

Sloane inclina a cabeça e sorri. — Eu aceitaria essa aposta, mas duvido que pudesse arranjar o dinheiro.

— Tudo bem. Aposto duas caixas de *Twizzlers* e um *Sour Patch* de melancia. Quando eu ganhar porém, você me deve...

Olho ao redor do quarto em busca de inspiração, em seguida, aponto para uma mesa lateral redonda que está coberta de bugigangas que parecem caras. — Aquela caixinha fofa com o pavão no topo.

— É uma caixa de pássaros de prata suíça, cantando *fusée*, de 1860. Vale mais de oitenta mil dólares.

Eu sorrio. — O que você é, covarde?

Ela estende a mão. Nós apertamos e confirmamos a aposta.

Então marchoo propositalmente atrás dela enquanto saíamos do quarto.

No meio do corredor, ela tem que agarrar meu braço para que eu não caia.

— Quando foi a última vez que usou salto? — Pergunta, me firmando.

— Formatura da faculdade.

— Estou chocada que não tenha caído de cara no palco quando foi pegar seu diploma.

— Quem disse que não?

— Deus, você não tem jeito.

— Por favor fique quieta. Meus demônios internos estão exigindo que eu mate você, e quero ouvir o que eles têm a dizer.

— Tudo bem, mas antes de ficar quieta, só preciso acrescentar uma coisa.

— Claro que precisa.

— Obrigada.

Parece tão sincera que tenho que lançar a ela um olhar desconfiado de lado para que possa ver o que seu rosto. Surpreendentemente, ela parece sincera também.

— Por que está me agradecendo?

— Sei que só está fazendo isso por mim. — Ela olha para a minha fantasia de dama da noite. — Poderia ter recusado e colocado mais de sua horrível roupa esportiva cinza, mas não o fez. Então, obrigada.

Grr. Ela está sendo legal. Não tenho defesa contra minha irmã quando ela é legal.

É como se Drácula parasse um momento antes de rasgar sua garganta com suas presas e sugar todo o seu sangue para dizer algumas palavras educadas sobre seu adorável gosto em design de interiores.

É desorientador.

Estamos virando o corredor e indo para o saguão quando Sloane avista Spider, cruzando a vasta área de mármore que ela chama de “sala de estar”. É tão grande que os casamentos dos futuros herdeiros do trono da Casa de Windsor poderiam facilmente ser realizados lá, caso a Abadia de Westminster pegasse fogo.

— Spider! — Chama. — Poderia vir aqui por um momento, por favor?

Ele está segurando uma lata de refrigerante na mão. No meio de um gole, vira a cabeça e olha em nossa direção. Olhando para mim.

O líquido jorra abruptamente de sua boca em um enorme gêiser, como se tivesse levado um soco forte no estômago. Ele me encara, congelado e boquiaberto, com refrigerante pingando de seu queixo.

Sloane para e se vira para mim, presunçosa. — Você me deve duas caixas de *Twizzlers*.

Com as bochechas queimando, murmuro — Dá um tempo. Essa não foi uma reação positiva. O pobre homem teve um susto tão grande que quase morreu sufocado.

— O que você não sabe sobre os homens poderia preencher todos os trinta e dois volumes da Enciclopédia Britânica.

— Eles têm isso on-line agora, vovó.

— A teoria é a mesma. Sabe merda nenhuma sobre os homens. Vamos comer.

— Pode me dar um segundo? Preciso de um momento a sós para me preparar mentalmente para minha próxima humilhação pública.

Sem esperar por sua permissão, saio na outra direção, em direção a um conjunto de portas de vidro abertas que levam a um pátio externo.

Mantenho meu olhar desviado de Spider, que ainda está de pé exatamente onde estava quando eu o transformei em um pilar de pedra em um terno preto apertado, saio para o ar ameno da noite, jurando a mim mesma que não deixarei que Sloane me veja chorar.

Eu já chorei por causa daquela garota sem coração muitas vezes na minha vida.

7

MAL

Ela emerge no pátio em uma explosão de energia raivosa que sinto de onde estou sentado, a mil e quinhentos metros de distância.

Deitado à espreita, melhor dizendo. Dentro do mesmo campanário de uma igreja abandonada de onde patrulho há dois dias, desde que cheguei à ilha.

Oferece uma excelente vista leste/oeste da propriedade. Deste ponto de vista, posso ver a frente e a parte de trás do lugar. Com um movimento do cano do meu rifle para a esquerda ou direita, minha mira pode estar no crânio de Declan em sua garagem ou em seu quintal.

Agora mesmo, a mulher está andando para frente e para trás pelo pátio.

Seu cabelo é loiro platinado, cortado ao comprimento do maxilar, liso e oscilante. Seu vestido de *cocktail* preto agarrado é quase inexistente. E ela não parece estar confortável com os saltos altos que está usando. Várias vezes enquanto anda à deriva para

ir na direção oposta, um tornozelo vacila, e ela precisa jogar fora um braço para recuperar o equilíbrio.

Ela é jovem, magra e extremamente desajeitada.

Algo nela é fascinante. Não consigo desviar o olhar.

Por causa do cabelo e do vestido, demoro um pouco para reconhecê-la, mas então noto os óculos que está usando e respiro fundo. Sai em um assobio furioso.

Pobre criança. Ele não estava satisfeito com ela simplesmente sendo uma prostituta.

Ele queria que ela se parecesse com uma também.

Claramente, está chateada com isso, ou sobre outra coisa que ele fez para ela.

Algo muito pior do que uma mudança de guarda-roupa.

A raiva ferve na boca do estômago. *Aquele filho da puta.*

Sabia que ele era implacável quando matou todos os líderes das várias famílias americanas. Com exceção de Kazimir, o que não é surpreendente. Ele é notoriamente difícil de matar. Centenas de homens morreram tentando.

Trazer porém uma garota das ruas para sua casa para foder na frente de sua mulher, e depois atormentá-la e exibi-la para que todos possam ver claramente sua humilhação...

Isso está além de implacável. É doentio.

Minha raiva cresce à medida que continuo a observar a garota. Ela para de andar e se inclina contra a balaustrada de pedra curva do pátio, cruzando os braços sobre o peito e virando o rosto para a lua cheia como se estivesse tentando tirar força de seu brilho.

Arrastando respirações profundas em seus pulmões, fecha os olhos. Depois de um momento, abaixa a cabeça, como se estivesse rezando.

Furioso, decido que não vou matá-lo na sua frente. Ela já parece frágil o suficiente. Não precisa de mais traumas.

Esperarei até que ele termine com ela e ela vá embora, então colocarei uma bala em seu cérebro.

Mikhail entenderia. Ele tinha um fraquinho por garotas assim. Meninas maltratadas e indefesas. Um atraso de algumas horas ou dias não fará diferença no final.

Eu ainda conseguirei o que estou procurando: *o sangue do meu inimigo*.

Ombros caídos, a garota se afasta da balaustrada e relutantemente retorna para dentro. Poucos minutos depois, um grupo sai pela porta da frente.

Declan e sua mulher estão lá, junto com a garota e meia dúzia de guarda-costas. Amontoam-se em um trio de SUVs e saem da garagem.

Observo o brilho vermelho das luzes traseiras dos veículos, lutando comigo mesmo.

Então desço do campanário e pulo na moto esperando do lado de fora das portas da velha igreja, sabendo que o que estou prestes a fazer é estúpido e perigoso.

E também que meu irmão morto aprovaria.

8

RILEY

O restaurante que Declan nos leva é tão elegante e sofisticado que sinto que deveria ter uma placa no pescoço pedindo desculpas por meu traje.

A placa colocaria a culpa de tudo em Sloane, é claro.

Nós três sentamos em uma mesa de canto nos fundos de uma grande sala de jantar à luz de velas. Spider e os outros guardacostas estão sentados em duas mesas separadas e próximas.

Cada vez que olho na direção de Spider, ele está olhando para mim com um foco severo e inabalável, como se estivesse julgando minhas escolhas de vida.

Que faz de nós, dois.

— Então, Riley. Fale sobre você.

Encostado na cabine com um braço jogado sobre os ombros de Sloane, o rei da selva Declan sorri para mim. Como o homem consegue liberar dominância e proezas sexuais simplesmente sentado ali é um dos grandes mistérios da vida.

Enquanto isso, Sloane olha sonhadoramente para seu perfil esculpido com pequenos corações vermelhos nos olhos.

Eu juro, nunca teria acreditado nessa merda se não tivesse visto por mim mesma.

— Puxa, por onde começar? — Penso, mordiscando um pãozinho.

Tudo bem, mordiscar é mentira. Estou roendo como um animal de fazenda. Estou com tanta fome que poderia mastigar meu próprio braço. Se a garçonete não chegar logo com nossas entradas, entrarei na cozinha e começarei a ameaçar as pessoas com um cutelo.

— Trabalho como editora *freelance*, o que adoro. Principalmente porque adoro livros, mas também porque trabalho de pijama.

— E evita todo contato humano — acrescenta Sloane, sorrindo.

— Sim. Esse é um grande benefício.

Declan levanta uma sobrancelha. — Não é uma pessoa muito sociável, não é?

— Não é que eu odeie as pessoas, só me sinto melhor quando não estão por perto.

Sloane ri. — *Barfly*¹⁸.

— Adoro esse filme. Mickey Rourke era tão drogado quando era jovem.

Sloane faz uma careta para mim. — Não diga “droga”. Isso faz você parecer tão Geração Z¹⁹.

— Eu sou Gen Z.

— Ugh. Isso explica porque é tão antissocial.

— Pelo menos não sou uma Millennial²⁰. Vocês são todos narcisistas.

— Não somos! — Diz, indignada.

Quando apenas fico olhando para ela com meus lábios torcidos, ela ri novamente. — Está bem. Você me pegou.

Declan parece interessado na virada da conversa. — Que geração sou eu?

Sem pensar, rio e digo — Geração Grande D.

¹⁸-*Barfly* - é um filme de 1987 que é semiautobiográfica do poeta Charles Bukowski durante o tempo em que foi alcohólatra.

¹⁹-É a definição sociológica para a geração de pessoas nascidas, em média, ente a segunda metade de 1990 até início do ano de 2000.

²⁰-Pessoas nascida por volta de 1980 a 1990 (geração Y), ou geração da Internet. O termo millennial sempre foi utilizado com o significado de “milénar”, ou seja, pertencente a um determinado milênio.

Ele inclina a cabeça, Sloane levanta as sobrancelhas e recua o mais rápido que posso. — D²¹ não significa pau!

Sloane diz — O que significa então, *Smalls*?

Encolhendo-me, o rosto em chamas, levanto os ombros até as orelhas e minto humildemente — Cara²²?

— Uh-huh. — Ela joga a cabeça para trás e ri. — Oh, Deus. Se soubesse o quão certa está!

Declan olha para frente e para trás entre nós. — Estou perdido.

Sloane se estica e aperta sua coxa. — O D significa papai, querido.

Ele olha para a sua mão em sua coxa, em seguida, olha para a boca dela. Seus olhos azuis ficam calorosos. Seu sorriso vem lento e aquecido.

E estou tão fora daqui.

Eu me levanto abruptamente, quase derrubando meu copo de água. Puxando a bainha do meu vestido, digo — Já volto.

— Onde vai?

²¹-Pau/pênis em inglês é Dick, por isso o trocadilho.

²²-Ela diz Dude, que pode ser parceiro, almofadinha, janota.

— Banheiro.

— Spider. — Declan estala os dedos. Spider pula de pé.

— Acho que posso fazer xixi sozinha, obrigada.

Ignorando-me, Declan faz um movimento com a mão para indicar que Spider deve me seguir onde quer que eu vá.

Sabendo que não tenho uma palavra a dizer sobre o assunto, suspiro e sigo em direção à parte de trás do restaurante, puxando minha bainha conscientemente e esperando que Spider não esteja seguindo muito de perto. Ele provavelmente dará uma olhada em uma das minhas nádegas.

Gah!! Por que concordei em usar esse vestido idiota?

Irrompi pela porta do banheiro e me tranquei em uma cabine. Sento-me no vaso sanitário com os cotovelos apoiados nas coxas e o queixo apoiado nas mãos até parecer que passou tempo suficiente para Sloane bater em Declan embaixo da mesa, ou o que quer que estivessem prestes a fazer.

Em seguida, vou até a pia lavar as mãos. Embora não tenha feito xixi, mãos limpas são sempre uma boa ideia.

Quando fecho a torneira e pego uma toalha de papel, por acaso olho no espelho acima das pias. E congelo de horror.

Um homem está diretamente atrás de mim.

Ele é *enorme*.

Assustadoramente alto e largo, está de pé com as pernas abertas e as mãos enormes penduradas ao lado do corpo. Está todo vestido de preto, incluindo um sobretudo pesado de lã com a gola voltada para cima contra o pescoço tatuado.

Seu cabelo e barba são grossos e escuros. Um pequeno brinco de argola de prata brilha no lóbulo de uma orelha. Sob as sobrancelhas baixas, seus olhos são de um tom surpreendente de verde pálido.

Uma poderosa *vibe* de violência e escuridão emana dele.

É como estar em uma sala com um buraco negro supermassivo. Estou prestes a ser devorada e desaparecer por toda a eternidade.

Ele é a coisa mais linda e assustadora que já vi.

Com seu olhar intenso preso ao meu no espelho, murmura — Não precisa se vender, *malyutka*²³.

Sua voz é profunda, rica e hipnótica. Assim como o seu cheiro. Ele cheira como algo que vive e caça na floresta.

— Você é melhor do que isso, não importa o que ele diga.

Está falando inglês, mas não tenho ideia do que está dizendo. Eu não consigo pensar. Não consigo me concentrar. Tudo

²³-Criança em russo.

o que posso fazer é olhar para ele, tomada de terror e fascínio, meu coração batendo como um louco. O resto de mim está congelado.

— Pegue isso.

Aproximando-se, ele remove um envelope de um bolso interno de seu sobretudo. É um retângulo grosso marrom com um elástico no meio. Ele se inclina e o coloca silenciosamente na bancada ao lado da pia. Olha para os meus olhos arregalados e sem piscar.

— Não volte para ele. Saia agora. Faça para si uma vida melhor.

Ele estende a mão e roça suavemente os nós dos dedos na minha bochecha. Sua voz fica ainda mais baixa.

— Posso dizer que não é tarde demais para você. Ainda há esperança nesses lindos olhos.

Rápido e silencioso como fumaça, se vira e desaparece porta afora, me deixando atordoada e sem fôlego.

Estou uma bagunça suada, tremendo e desorientada.

O que diabos aconteceu?

Depois de alguns momentos, reúno minhas duas últimas células cerebrais vivas e olho para o envelope. Virando-o, retiro o elástico, deslizo meu dedo sob a aba e olho com descrença para a pilha de notas de cem dólares que estão me olhando.

Digo para a sala vazia — Espere. Espere um segundo. *Espere só um segundo, porra.*

Folheando a pilha, estimo que estou segurando cerca de cem mil dólares em minhas mãos trêmulas.

Meu cérebro dá uma série de complicadas reviravoltas, e em seguida, me apresenta um cenário hilário e impossível: um estranho sexy, assustador e rico acabou de tentar me salvar de ser a prostituta do meu futuro cunhado.

Repasso o encontro novamente em minha mente. Então de novo. Depois, mais uma vez só para garantir. A única outra possibilidade que posso pensar é que Sloane está me pregando uma piada de mau gosto, ou simplesmente não quer perder nossa aposta. Talvez seja isso. Talvez ela tenha pago um cara para vir aqui e mexer com a minha cabeça.

Não, espere. Está tudo misturado em minha mente. A aposta era que *eu* venceria se um homem pensasse que eu era uma prostituta por causa do modo como estou vestida.

Não foi?

Eu não sei. Não consigo pensar. O *Gigante Estranho Sexy Perigoso* fugiu com meu QI.

Além disso, como ela teria encontrado alguém tão em cima da hora? Após fazermos a aposta, só fiquei no pátio antes de sairmos por uns quatro minutos. É tempo suficiente para ela organizar esse tipo de pegadinha?

Provavelmente. É de Sloane que estamos falando. E parece que ela tem dezenas desses caras grandes e perigosos por aí.

E provavelmente carrega tanto dinheiro no sutiã.

Por que contudo ela tornaria isso tão peculiar? Não havia necessidade do Gigante Estranho Sexy Perigoso mencionar Declan. Não que *GESP* o mencionasse pelo nome, mas a implicação estava lá.

Não faria mais sentido se simplesmente se aproximasse de mim e dissesse que eu não precisava me vender, sua suposição de que sou uma profissional do sexo se baseando na maneira como estou vestida?

E, além disso, por que um total estranho presumiria que uma mulher está se vendendo a menos que houvesse evidências? Mais evidências do que um vestido de vadia e saltos altos?

Muitas garotas da minha idade se vestem como se estivessem tentando mortificar seus pais, e nunca ouvi falar de um único homem se aproximando delas no banheiro feminino e dizendo que ainda têm esperança em seus olhos!

Em seus *lindos* olhos, especificamente. Minha respiração fica presa.

Espere... *GESP* me acha bonita?

Pondero isso por vários segundos até que jogo minhas mãos para o ar, irritada com minha própria estupidez.

— Você está bem aí, *lass*?

Eu respiro assustada. É Spider, do lado de fora da porta do banheiro feminino. Ele deve ter me ouvido rosnar para mim mesma em frustração.

Estou prestes a responder que estou bem, mas sou interrompida pela percepção de que se Spider estivesse parado do lado de fora da porta, teria visto GESP ao sair.

E se ele visse GESP... definitivamente não teria simplesmente deixado o cara passar como se estivesse dando um passeio noturno agradável.

Não sei muito sobre os homens da Máfia, mas sei que se Declan colocasse Spider na minha patrulha de segurança e Spider visse aquela fera sair do banheiro em que eu estava, Spider teria perdido a cabeça.

Duvido que ele tenha ficado quieto sobre isso.

Segurando o envelope com o dinheiro nas costas, empurro a porta alguns centímetros e olho para fora.

Spider está de sentinela a meio metro de distância. Olho com cautela para cima e para baixo no corredor. Além de Spider, está vazio.

— *Lass?* Está bem?

— Você já me perguntou isso.

— Eu sei, mas seus óculos estão cheios de vapor.

Claro que estão. Um homem grande, bonito e assustador acabou de colocar fogo em meu sistema endócrino. — Estou bem, obrigada. Viu alguém sair daqui um minuto atrás?

— Não. Por que?

— Oh, por nada. Ele apenas...

— *Ele?*

Spider se eriça como Wolverine e dá um passo à frente, os olhos brilhando. Passa a mão por baixo do paletó até a parte baixa das costas, onde suponho que uma grande arma carregada esteja aninhada.

Digo rapidamente — Eu quis dizer ela! Desculpa. Hum, *ela...* quem quer que tenha estado aqui... deixou algo no balcão.

— Oh. Certo.

Como se um interruptor de luz tivesse sido acionado, Spider volta ao seu jeito amável e atraente de sempre. Ele cruza as mãos na frente da sua virilha e sorri para mim. — Está pronta para voltar para a mesa, *lass?*

O dinheiro em minhas mãos ganhou peso considerável desde que abri a porta. Não tenho ideia do que devo fazer com isso.

Deixar na pia?

Enfiar na minha calcinha?

Tentar encontrar seu dono?

Descarto todas essas ideias tão rapidamente quanto penso nelas, mas ainda estou em um dilema. Não quero deixar esse tipo de dinheiro no banheiro feminino, mas também não posso ficar com ele. E não posso exatamente contrabandear e traçar um plano mais tarde - uma única nota faria uma protuberância sob este vestido obscuro que estou usando.

E se *pertencer* a Sloane?

Nesse caso, devo dar descarga no maldito vaso sanitário, mas me comprometo e pergunto a Spider se ele se importaria que eu usasse seu paletó. Ele hesita um momento, seu olhar ilegível.

— Desculpe, é só que meu vestido... tem ar-condicionado. Sloane me fez usá-lo. Acho que já peguei uma pneumonia.

Quando ele ainda hesita, entendo. — Certo. Precisa dele para camuflar todas as armas que estão escondidas.

— Nenhum de nós precisa esconder nossas armas.

— Oh. As Bermudas têm uma lei de transporte livre ou algo assim?

Sua expressão se torna divertida. — Não, eles têm leis rígidas sobre armas aqui, mas quem se atreveria a nos desafiar?

Uau. Deve ser bom trabalhar para o rei da selva. Ao que parece, vale tudo.

— Aqui, *lass*.

Spider tira seu paletó e o estende, esperando para me ajudar a vesti-lo. Passo pela porta, minhas mãos atrás das minhas costas, em seguida, me viro, movendo-as para a frente enquanto coloca seu casaco sobre meus ombros.

É quente e cheira a ele, especiarias e almíscar. Deve ser a testosterona.

Colocando o envelope em um bolso interno, me viro e sorrio para ele. — Obrigado. Bonito e um cavalheiro.

Suas bochechas ficam vermelhas. Ele limpa a garganta e diz ríspidamente — De nada, mas me faça um favor e diga a Declan se ele perguntar que foi ideia sua.

— Foi ideia minha.

— Sim. — Envergonhado, passa a mão no cabelo. — Eu só não quero que ele pense... sabe... que eu...

Eu rio. — Spider, ele não ficará bravo porque você me deixou usar seu paletó. É uma coisa boa de se fazer!

Mudando seu peso de um pé para o outro, ele balança a cabeça. — Existem protocolos, *lass*. Não posso... — faz um gesto vago que inclui nós dois.

Entendo o que ele está tentando dizer e fico instantaneamente horrorizada.

— Ah, Merda! Oh, meu Deus, você não tem permissão para flertar comigo! Não que *faria*, só estou dizendo. Você terá problemas se olhar para a irmã mais nova de Sloane de soslaio. *Ugh*, não é à toa que eu te deixo tão desconfortável.

Ele me encara por um instante, depois diz baixinho — Essa não é bem a palavra que eu usaria para descrever a situação.

Pega de surpresa, pisco.

Antes que possa formar uma resposta, Spider se vira e se afasta, com os ombros rígidos. Ele espera por mim no final do

corredor, agindo como se estivesse desesperado para olhar para qualquer lugar, menos na minha direção.

Muito... bem.

Imaginando que comi alguns chicletes de maconha que esqueci, caminho pelo corredor e sigo Spider de volta à mesa.

Quando chegamos, o clima mudou. A tensão é tangível. Sloane está pálida, a mandíbula de Declan é dura como granito e os guarda-costas nas outras mesas parecem que estão prestes a pular de suas peles.

— O que está errado? — Pergunto, deslizando em meu assento.

Sloane diz — Declan recebeu uma ligação. Nós precisamos ir.

— Agora? Não comemos ainda!

O olhar de Sloane poderia derreter em meu rosto. Levanto minhas mãos em sinal de rendição. — Desculpa.

Todos nós nos levantamos e seguimos em direção à entrada do restaurante. Todos estão tão tensos que não percebem que estou usando o paletó de Spider. Provavelmente uma coisa boa.

Enquanto caminhamos, Spider pergunta a Declan em voz baixa — O que aconteceu?

— Encontraram Diego.

— O que quer dizer? A sua cabeça?

— Não. Quem quer que fosse aquele corpo que os policiais encontraram no aterro, não era ele. Identificaram-no erroneamente. Ainda não tenho certeza se isso foi um acidente ou não.

— Maldito inferno!

— *Aye* — diz Declan sombriamente. — Mas fica muito mais interessante do que isso, cara.

— O que quer dizer?

— Diego ainda está vivo.

O choque de Spider é palpável. Ele quase tropeça nos próprios pés quando ouve essa notícia.

Quem quer que seja esse Diego, é obviamente alguém importante.

9

RILEY

A viagem de volta para casa é estranha. Todo mundo está tenso e silencioso. Spider dirige como se estivesse tentando se classificar para a Indy 500. Sloane olha nervosamente para Declan, que range o queixo com tanta força e frequência que me preocupo com seus molares.

Quando finalmente estamos em casa, todos os homens desaparecem na cozinha e Sloane me leva de volta ao meu quarto.

Assim que ela fecha a porta atrás de nós, me viro para ela e exijo — Está bem, desembucha. Quem é esse Diego e por que todo mundo está tão assustado?

Sloane se senta com cuidado na beira da cama e respira fundo. — Diego era o chefe de Declan. Até que ser capturado pelo MS-13 e assassinado. Só que agora parece que ele não foi assassinado, mas que alguém deliberadamente fez parecer que foi.

Ela me olha, remexendo na minha bagagem de mão. — O que você está fazendo?

— Pegando lanches. Isso parece succulento. Continue falando.

Espera até que eu esteja sentada a sua frente em uma cadeira, rasgando o invólucro de plástico da caixa *Twizzler* com meus dentes, para continuar.

— Houve um incêndio em um armazém.

— Onde? Aqui?

— New York.

— Qual parte?

Sloane disse asperamente — Quer que eu desenhe um mapa para você?

— Desculpa. Só estou tentando obter um bom visual da ação. Continue.

Como dois *Twizzlers* de uma vez. Por um momento, Sloane me observa mastigar com uma expressão de prisão de ventre no rosto, depois começa a falar novamente.

— Diego foi encontrado no armazém quando o corpo de bombeiros chegou para apagar as chamas. Eles o levaram para o hospital.

— Então ele está ferido?

Ela acena com a cabeça. — Ainda não sabemos o quanto.

— Por que alguém tentaria fazer parecer que ele foi assassinado, mas mantê-lo vivo?

— Nós também não sabemos disso.

Eu mastigo pensativamente. — Aposto que ele foi torturado para obter informações por um sindicato rival.

A voz de Sloane sai fraca. — Esse é um cenário provável, sim.

— Você era próxima dele, desse Diego?

— Não. Eu nunca o conheci.

— Então por que está tão chateada?

Tomando um momento para organizar seus pensamentos, ela passa a mão sobre o rosto e expira.

— Diego... tinha muita informação. Sobre muitas pessoas. Informações secretas. Coisas que poderiam ser devastadoras se surgissem. Muitas pessoas podem ser afetadas.

Seu tom me faz entender que por “afetadas” ela quer dizer mortas.

— Puta merda.

— Exatamente.

Ficamos sentadas em silêncio enquanto devoro outro pedaço de doce. Então sou interrompida por um pensamento horrível. — Declan está em perigo?

— Ele está sempre em perigo — diz suavemente. Em seguida, fecha os olhos, aperta a ponte do nariz entre dois dedos e sussurra — Foda-se.

Estou prestes a ir até a cama e tentar confortá-la quando alguém bate na porta.

— Entre.

Declan entra, seus olhos procurando por Sloane. Ele a vê sentada na cama e avança. — Eu tenho que sair.

Ela se levanta, parecendo alarmada. — Sair? Quando?

— Agora.

Ele a pega pelos ombros e a encara nos olhos com intensidade feroz. — Estarei de volta assim que puder. Enquanto isso...

— De jeito nenhum, gangster — interrompe em voz alta, seu rosto ficando vermelho. — De jeito nenhum irá a qualquer lugar sem mim.

Ele a encara com raiva. — Sloane.

— Eu vou contigo. Não é uma negociação.

Sua voz é baixa, mas sua expressão é assassina. Declan busca minha ajuda.

Levanto minhas mãos no ar. — Se você acha que posso mudar sua cabeça, estou lisonjeada, mas uma vez que o cavalo está fora do celeiro, não há como colocar uma sela nele.

Sloane franze a testa para mim. — Onde consegue essas metáforas estúpidas?

— Estava no último manuscrito que editei. Achei bom.

— Não é. — Ela volta sua atenção para Declan. — Aqui está o acordo. Se você tentar me deixar para trás, reservarei um voo comercial e o seguirei.

Ele rosna — Ordenarei aos homens que mantenham você na propriedade.

Ela levanta as sobrancelhas. Régia como uma rainha, diz — Acha realmente que eles ouvirão você em vez de mim?

O rosto de Declan fica vermelho. Uma veia pulsa em seu pescoço. Sua mandíbula está dura como pedra e está rangendo os molares novamente. Acho que sua cabeça corre o risco de explodir.

— Maldição, mulher...

— Fim de discussão. Vamos.

Ela se solta de seu aperto e se dirige para a porta. Ele se vira, olhando para as suas costas.

Como outro *Twizzler*, ansiosa para ver o que acontecerá a seguir.

Aparentemente, Declan percebe que perdeu a batalha. Ele passa as mãos pelo cabelo preto e espesso. Murmurando uma maldição, sai atrás dela.

— Ei!

A meio caminho da porta, se viram e me olham.

— O que *eu* estou fazendo? Vai me levar para casa agora?

Ao mesmo tempo, os dois pronunciam — Você ficará aqui.

— Aqui? — Olho ao redor do enorme quarto com horror. — *Sozinha?*

Sloane diz — Você gosta de ficar sozinha, lembra?

— Sim, em minha própria casa com todas as minhas próprias coisas. Não no Coliseu do Triângulo das Bermudas.

Declan diz severamente — Este é o lugar mais seguro para você no momento, *lass*. Ninguém na terra sabe sobre este local.

A mensagem subjacente é que principalmente os bandidos fariam muitas coisas más a Declan e a quem quer que estivesse por perto, se soubessem onde ele está.

Pela primeira vez, entendo quão perigosa é a situação de Sloane. Ela está literalmente arriscando sua vida para estar perto dele. Está arriscando sua vida por amor.

Olho para ela sem acreditar. Em uma história cheia de decisões imprudentes, esta leva o bolo.

Ela retruca — Você não vai embora, *Smalls*.

— Mas...

— Você trouxe seu laptop para poder trabalhar daqui. Certo?

Estou começando a entrar em pânico. *Não* quero ficar aqui sozinha neste castelo com apenas ecos como companhia. Sou uma garota da cidade. Meu apartamento em casa tem menos de noventa metros quadrados. Tanto espaço aberto me assusta.

— Sim, mas pensei que ficaria apenas alguns dias. Quanto tempo ficarão fora?

Declan diz — Não sei. — Aponta o dedo para o chão, como se fosse fazer uma declaração final e irrevogável. — Mas até que essa situação seja resolvida, você ficará aqui.

Então se viram e saem, batendo a porta atrás deles.

Desgraçados!

Olho ao redor da sala com pavor. — Oh meu Deus! Eu sou uma refém!

Levanto e corro para a porta. Então tropeço, porque ainda estou com os saltos estúpidos. Amaldiçoando, chuto-os, jogo o casaco de Spider em cima deles e corro porta afora e pelo corredor em meus pés descalços.

Alcanço Declan e Sloane na sala de estar, onde parece uma convenção de gângsters.

Dezenas de homens corpulentos em ternos pretos circulam, murmurando uns para os outros, no que suponho ser gaélico, e lançando olhares sombrios para as janelas. Spider também está lá.

Digo — Pessoal, esperem! Isso pode ser importante!

Posso dizer por sua expressão exasperada que Sloane pensa que estou prestes a discutir com ela novamente, mas tenho outra coisa em mente. Essa situação de Diego reorganizou algumas coisas em minha cabeça. Não tenho certeza se todos deveriam ouvir o que tenho a dizer, então espero até estar bem a sua frente e mantenho minha voz baixa.

— Tinha um cara, quando fui ao banheiro feminino do restaurante. Ele pensava que eu era uma profissional do sexo.

Sloane dispara — Não temos tempo para isso agora!

Ela acha que estou falando sobre nossa aposta. — Não, escute. Ele estava *no* banheiro quando saí da cabine. Era muito grande, e tipo, não sei. Estranho. Sabe, como um estranho perigoso.

Declan faz exatamente a mesma coisa irritante que Spider fez no restaurante. Ele literalmente fica maior, mais violento e mil vezes mais intenso. Seus olhos azuis brilham com fogo frio.

— O que aconteceu? — Ele rosna, se aproximando. — Como ele era? O que disse? Ele te machucou?

Estou um pouco chateada por ele ter esperado até a última pergunta para perguntar se estou machucada, mas tanto faz.

— Estou bem. Ele não encostou um dedo em mim, apenas me assustou. E disse que eu não precisava me vender e não era tarde demais para mim, e poderia dizer que eu ainda tinha esperança...

Eu paro, tentando me lembrar mais sobre a grande besta.

O que mais me lembro é de como ele foi gentil quando roçou os nós dos dedos em minha bochecha, e de como sua voz era suave quando disse que meus olhos eram bonitos.

E como ele era lindo.

Meu Deus, essa cara. Aquela boca. Aqueles olhos verdes claros e penetrantes. Emparelhada com sua masculinidade bruta, a delicadeza de seus traços era ainda mais impressionante.

Ele faz Declan parecer Justin Bieber.

Enfurecida, Sloane se volta para Declan. — Não havia nenhum cara. Trata-se de uma aposta que fizemos antes de partirmos para o restaurante.

— Não, Sloane, não é.

Ela cruza os braços sobre o peito. — Muito bem, então para onde esse cara estranho e perigoso foi após fazer uma proposta para você?

Estou começando a ficar exasperada. Minha voz se eleva. — Ele *não* me fez uma proposta. Não está ouvindo

— Spider!

Ao som do chamado agudo de Sloane, ele chama a atenção e corre. — *Aye?*

Sloane gesticula para mim. — Minha irmã afirma que um homem a abordou no banheiro feminino do restaurante. Gostaria de nos contar o que viu?

Ele me olha, franzindo a testa. — Um homem? No banheiro feminino?

— Você estava com ela, correto?

Ele parece confuso e agora estou ficando desesperado.

— Sim. Estava com ela o tempo todo, do lado de fora da porta.

— Viu um homem entrar ou sair?

— Não. Ninguém entrou ou saiu, exceto ela.

— Quando ela saiu, disse algo sobre um homem estar lá dentro?

Spider olha para mim. Sua expressão é apologetica. — Não.

Sloane se volta para mim, narinas dilatadas e lábios contraídos. — Jesus, Riley. Por uma caixa de pássaros cantando? Se você precisava tanto de dinheiro, tudo o que precisava fazer era pedir.

— Não se trata de aposta, Sloane!

— Acabou. Spider, leve-a de volta para o seu quarto.

Todos na sala agora estão me olhando.

Eu, com meu estúpido vestido de vadia, com meu cabelo descolorido idiota e minha mortificação incandescente por ser chamada de mentirosa.

Por minha própria irmã, a idiota que queria que eu viesse aqui em primeiro lugar.

Sem esperar que Spider me humilhe ainda mais agarrando meu pulso e me arrastando para longe, me viro e saio, mantendo minha cabeça erguida, apesar da pedra em minha garganta e da água brotando em meus olhos.

Deus me ajude, esta é a última vez que falarei com ela de novo.

10

MAL

Quando volto para meu poleiro no campanário, a casa de Declan está escura.

As únicas luzes que permanecem acesas são os projetores paisagísticos e os candeeiros de três cômodos do primeiro andar.

Um destes cômodos é um quarto.

Não consigo ver muito deste ângulo, mas posso ver portas francesas com cortinas fechadas. Há um pequeno pátio privado fora do quarto, decorado com vasos de flores desabrochando.

Um guarda armado passa pelo pátio, rifle em punho.

Estão rastejando por toda a propriedade, esses guardas. Como se isso fizesse diferença.

Não sei se Declan e sua comitiva já foram para a cama, ou se foram para outro lugar depois que saí do restaurante, porque não vim direto para cá. Dirigi ao redor da ilha, pensando. Tentando limpar minha cabeça.

Dela. O *waif*.

Estou com raiva de mim mesmo por tê-la assustado.

Estou ainda mais zangado por me importar por tê-la assustado.

Nunca me importo em assustar ninguém. Não importa seu gênero. Há tanto tempo que recebo o medo das pessoas, isso não significa mais nada para mim, mas o dela sim.

E odeio isso.

Quando fecho meus olhos para respirar, uma imagem de seu rosto apavorado surge em minhas pálpebras. Permito-me sentar com ela por um momento, tendo prazer com os detalhes.

Tudo sobre essa garota está nos detalhes.

Ela não é alta, como a mulher de Declan. Não é chamativa, ou curvilínea, ou sexy, ou qualquer coisa óbvia que chamaria a atenção de um homem. É como um passarinho que parece simples à primeira vista. Somente quando se focaliza sua atenção, pode ver a incrível complexidade de suas penas.

O anel de ouro em torno de suas pupilas. As manchas através de seus doces olhos castanhos.

O belo arco de suas sobrancelhas.

A curva perfeita de seu lábio superior.

A forma como a pequena protuberância na ponta do nariz faz com que seus óculos fiquem ligeiramente tortos.

A forma como a luz reflete em sua pele sem poros, fazendo-a brilhar.

O jeito que ela olhou para minha boca e me fez sentir como um animal selvagem.

Abro os olhos e ela desaparece. Expiro, respirando mais fácil.

Até que ela reaparece, desta vez no pátio do quarto do primeiro andar.

Ainda está com ele. Ela não pegou o dinheiro e foi embora.

Meu coração começa a bater tão forte que preciso segurar o rifle com ambas as mãos para me equilibrar. Olhando através da mira para sua imagem ampliada e vejo enquanto ela caminha lentamente até a beira do pátio.

Ela pega um dos vasos de flores e o joga sobre a balaustrada. O vaso pousa intacto na grama do outro lado e rola alguns metros antes de parar.

Pega outro. Desta vez, o arremessa contra o próprio pátio, pulando para trás para evitar os cacos irregulares de argila enquanto se choca contra a pedra e se desintegra. Depois, começa a andar.

Parece que ela está falando sozinha. Com raiva.

A raiva também cresce dentro de mim, tão ardente quanto o sol do meio-dia nesta ilha horrível. Não por causa do dinheiro que dei a ela. Dinheiro não significa nada para mim.

Porque quanto mais tempo ela fica com ele, mais perigo corre devido a seu apetite doentio.

E o que diabos ele fez com ela?

Que está furiosa é óbvio. Ela também está ferida? Ele bateu nela? Estuprou? Feriu-a de alguma forma que só um homem como ele poderia?

Posso ser um assassino com uma reputação que se equipara ao nível de minha habilidade, mas um homem como Declan O'Donnell é pior até do que eu.

Cada pessoa que sentiu a mordida do meu rifle mereceu. Eles tinham sangue nas mãos. Eram mais cruéis do que lobos raivosos. Não eram inocentes.

Embora ela se venda, esta menina ainda é inocente. É uma corça, não um lobo. Vi nos seus olhos.

Ela é um passarinho preso na armadilha de um leão.

E se eu não fizer algo, se não tentar outra coisa, ela será devorada.

Ela não é problema seu, Malek. Não é o motivo de você estar aqui. Já tentou ajudá-la. Esqueça o waif. Foco.

Não. Não consigo me concentrar até saber que ela esteja segura.

O que diabos há de errado com você?

Eu não sei.

Alguma coisa, entretanto. Isso não é típico de você. Nunca fez isso antes. O que há de errado com sua cabeça?

Está cheio dela.

Abandonando a discussão comigo mesmo, me levanto e desço as escadas do campanário, suspirando pesadamente.

É hora de fazer algo estúpido e perigoso novamente.

11

RILEY

Destruir vasos de flores não é tão catártico quanto esperava que fosse.

Volto para dentro do quarto, fechando e trancando as portas do pátio e puxando as cortinas novamente. Estou morrendo de fome, tendo apenas comido um pãozinho e alguns doces no jantar, mas não ligarei para o telefone estúpido da casa para comer.

Não quero falar com outro irlandês pelo resto da minha vida. Todos eles são bastardos arrogantes!

Está bem, tudo bem, são todos muito legais.

A verdade é que estou muito envergonhada.

Parece mais razoável morrer de fome do que ter que enfrentar os olhares desapontados e condescendentes da equipe de Declan quando trazem comida para a irmãzinha mentirosa de Sloane.

Não tenho dúvidas de que todos estão fofocando sobre mim desde que saí da sala mais cedo em tanta desgraça.

Os julgadores filhos da puta.

Decido tomar um banho quente para tentar esfregar minha humilhação. Não funciona, mas pelo menos estou limpa e um pouco menos chorosa. Pego outra caixa de doces, passo um milésimo de segundo me preocupando com as cáries, depois escovo e passo fio dental, apago as luzes e subo na cama.

Devo ter adormecido, porque algum tempo depois me encontro olhando para a escuridão com meu coração batendo forte e a sensação aterrorizante de que outra pessoa está no quarto comigo.

Não há som. Nenhum movimento. Nem uma única respiração perturba o ar. Há contudo o cheiro distinto da floresta e uma grande *presença* do caralho.

Sento-me ereta de terror, segurando os lençóis contra o peito e esperando que um dos guardas de Declan ouça meu grito antes que meu corpo seja cortado em um milhão de pedaços.

Tremendo, respiro fundo...

— Não grite, *malyutka*. Eu não te machucarei. Eu te dou minha palavra.

A voz é profunda, rica e hipnótica, e reconheço instantaneamente.

Oh, meu Deus, é ele! É ele, é ele, é ele!

Ele está no meu quarto, e é ele!

Começo a hiperventilar tanto que corro o perigo imediato de desmaiar.

— Obrigado.

Ele está me agradecendo por não gritar. O que ele não sabe é que estou tentando, mas os músculos da minha garganta não estão dispostos a cooperar. Estão congelados de terror, como o resto de mim.

Ouvindo um pequeno farfalhar à minha direita, viro minha cabeça naquela direção. Infelizmente, não estou usando meus óculos. Portanto, mesmo que o quarto estivesse iluminado, ainda não veria nada além do borrão aquoso que estou vendo agora.

Sabia que deveria ter feito a cirurgia a laser quando meu oftalmologista sugeriu.

— Por que você não foi embora quando lhe dei o dinheiro?

— Estava muito ocupada sendo fodida com o cérebro.

Isso é o que eu queria dizer, mas o que realmente produzo é algo parecido com o som que um elefante pode fazer ao dar à luz. Inclui muitos grunhidos estranhos e trombetas.

— Respire, *malyutka*. Você não corre perigo comigo.

Exceto pelo perigo de meus ovários explodirem ao mesmo tempo em que minha cabeça explode, quer dizer.

Não entendo como o timbre rouco de sua voz pode ser excitante e assustador, mas acho que sempre fui boa em multitarefas.

Sento-me na cama com os lençóis agarrados em meus punhos, respirando como se estivesse em trabalho de parto, até

que finalmente recupero controle suficiente da minha laringe e cordas vocais para falar. — Que palavra é essa que vive me chamando?

Sei que não é a pergunta mais urgente, mas estou sob extrema pressão, então estou me dando um pouco de folga nesta.

— *Malyutka*.

Ele diz, enunciando as sílabas. Qualquer que seja a língua que esteja falando, é masculina, rude e sexual.

Eu me odeio por amar isso. — O que isso significa?

— Aproximadamente... pequenina. Criança, baby.

Deixo de ficar apavorada por tempo suficiente para me maravilhar com isso.

Eu tenho um apelido?

Gigante Sexy Perigoso Estranho está me chamando de *baby*?

Limpo minha garganta, desesperada para entender o que diabos está acontecendo. — Hum... uh...

— O irlandês está mantendo-a prisioneira aqui?

— Ha! Como adivinhou?

Está bem, isso saiu em palavras normais. E com minha quantidade normal de sarcasmo flagrante. Portanto, não devo ter tanto medo como penso.

Só que estou. Puta merda, estou com medo. Eu faria uma corrida se já não soubesse que minhas malditas pernas estavam paralisadas de medo. Daria um passo para fora da cama e cairia de cara no chão e provavelmente ficaria inconsciente no processo.

— Posso te ajudar. — Sua voz abaixa. — Eu quero te ajudar.

Houve uma ligeira ênfase na palavra “querer” que fez minha pele arrepiar. Frio, depois calor, então começo a hiperventilar novamente.

— Eu... eu... — Frustrada comigo mesma, limpo minha garganta e começo de novo. — Seja quem for, deve ir embora. Há cerca de um milhão de guardas armados por aqui.

— Eu sei. Eu os vi.

Seu tom é tranquilo. Ele não poderia se importar menos com os guardas armados.

Interessante.

Ficamos sentados em silêncio até que repasso toda a lista de perguntas inteligentes e claras que uma pessoa deveria fazer nesse tipo de situação. Então digo alegremente — Meu nome é Riley. O seu?

Alguém, por favor, atire em mim. Basta atirar em mim agora e me tirar da minha miséria. Sou a vítima mais idiota de um crime violento iminente que já existiu.

Da escuridão aquosa vem um som que envia uma cascata de arrepios pela minha espinha. É uma risada sexy e masculina, rica e profunda.

Eu gostaria que ele fizesse esse som contra o lado do meu pescoço, ou talvez na parte interna da minha coxa; ou talvez eu deva ir em frente e me jogar no objeto pontiagudo mais próximo e poupar ao mundo de mais um segundo da minha estupidez incurável.

Não fico surpresa quando ele não responde à minha pergunta, então ofereço uma prova mais notável de minha total falta de inteligência dizendo — Seu dinheiro está na cômoda.

De alguma forma, fiz parecer que estou oferecendo pagamento ao gigolô que acabou de me atender sexualmente.

Minhas bochechas ardem com o calor. — Quer dizer, suponho que seja por isso que está aqui. Para recuperá-lo.

Quando ele não responde, acrescento humildemente — Certo?

— Não estou aqui pelo dinheiro.

Respire. Não desmaie. Pulmões, se falharem comigo agora, começarei a fumar dez maços de cigarros por dia para me vingar.

— É muito dinheiro, no entanto.

— Não para mim. A quantidade porém não importa.

Ficamos em outro espaço de silêncio estressante enquanto meu coração bate em meus ouvidos e a cama inteira estremece embaixo de mim, até que eu reúna coragem suficiente para me aventurar — Então, se não está aqui para recuperar seu dinheiro, e você... não... *gulp*... me machucará... por que está aqui?

Ele leva seu tempo respondendo a isso. Eu o sinto pensando sobre isso, refletindo sobre isso em sua cabeça.

Finalmente, diz — Não sei.

Ele parece confuso. Não como se estivesse jogando um jogo, mas como se honestamente não tivesse ideia do por que de repente se viu no meu quarto no meio da noite.

Sua confusão me faz relaxar.

Quero dizer, os assassinos em série geralmente sabem porque invadem seu quarto, certo?

Decido que gostaria de ver sua expressão e estendo a mão para a mesa de cabeceira para pegar meus óculos, mas meu movimento repentino o faz reagir. Acontece tão rápido que nem tenho tempo de piscar.

Agarra meu pulso com sua grande mão e rosna — Não tente atirar em mim. Uma bala no meu estômago só me deixará louco.

Ele se eleva sobre mim, um campo de força de calor e tensão ao lado da cama. Está tão perto, seu hálito quente roça minha orelha.

— Estava pegando meus óculos! — Deixo escapar, em pânico.
— Eu não tenho uma arma!

Depois de um segundo, seu aperto em meu pulso suaviza. Então ele me solta e se afasta, ficando perto o suficiente da cama para que ainda possa ver sua silhueta.

Pego os óculos, coloco-os no rosto e o encaro com um medo frio.

Sua altura o torna ainda mais assustador. Desse ângulo, sinto que estou esticando o pescoço para olhar para um arranha-céu. Só que é tão alto que não consigo ver o topo. Seu rosto está envolto em trevas.

Então ele dobra suas longas pernas e se ajoelha ao lado da cama, trazendo seu rosto à vista.

Mesmo através das sombras, vejo a intensidade naqueles olhos verdes pálidos.

Eu vejo como examinam. Como queimam.

Faço um som como um cordeiro assustado. É involuntário e me odeio por ser tão covarde. Sua reação também parece involuntária.

Ele me cala suavemente. Estende a mão e acaricia minha bochecha, arrulhando uma série de palavras faladas gentilmente.

— *Ty v bezovasnoshti so mnoy, malyutka. Ya ne prichinu tebe vreda*²⁴.

Russo. Ele está falando russo. Reconheço sem saber como e quase caio da cama.

²⁴-Você está a salvo comigo, baby. Eu não sou a causa do mal para você.

Recapitulando: *um russo enorme e bonito invadiu meu quarto. A três metros de uma fileira de banheiros, me deu cem mil dólares e disse que eu tinha olhos bonitos. Pode aparecer e desaparecer como fumaça, cheira a floresta antiga e tem uma voz, um corpo e um rosto que me fazem querer que ele me faça coisas ruins.*

Ele pensa que sou uma prisioneira. E uma prostituta.

Está confuso sobre quase todo o resto.

Além disso, ele ainda está acariciando meu rosto. Espero que continue fazendo isso para sempre.

Com a voz trêmula, digo — Sinto que você deveria me dizer seu nome agora. Eu preciso saber como te chamar.

Ajoelhado, com uma mão tatuada aberta sobre sua coxa enorme e a outra na minha mandíbula, me encara com tanta força que provavelmente pode ver meus ossos.

— Pode inventar um se quiser, ou inventarei para você, se preferir. Só que não posso continuar chamando-o de *Gigante Sexy Estranho Perigoso* na minha cabeça por muito mais tempo. É um bocado, sabe?

Seu polegar passa para frente e para trás sobre a minha bochecha tão lenta e suavemente que estou ficando hipnotizada.

— Riley.

Ignorando meu pedido por seu nome, testa meu nome em sua língua. E diz de novo, ainda mais suavemente do que da primeira

vez. Ele pisca, franzindo a testa e balança a cabeça ligeiramente. Posso dizer que não entende o que está acontecendo.

Eu também não.

— Riley Rose — digo sem fôlego, me sentindo eletrocutada. Sentindo cada batida do meu coração e cada pulsação quente de sangue rugindo em minhas veias.

Por que não estou gritando pelos guardas? Assim que me faço essa pergunta, sei a resposta: não quero que os guardas venham.

Olhando para mim como se estivesse testemunhando seu primeiro nascer do sol, ele passa levemente o polegar sobre meu lábio superior. Sussurrando asperamente — Você é feita de materiais finos, Riley Rose.

Porra, Jesus, esse homem é irreal.

Sentindo que ele me diria qualquer coisa que eu quisesse saber agora, insisto — Qual é o seu nome?

Quando umedece os lábios, acho que desmaiarei.

— Malek.

Malek. Como Alek, apenas muito mais gostoso.

— Por que está no meu quarto, Malek? O que quer de mim?

— Nada — responde instantaneamente.

Seus olhos contam uma história muito diferente. Nossos olhares se encontram. Minha pele se inflama. Meu coração, cabeça e quadris explodem em fogo.

Uma voz entra pela porta. — *Lass*, está bem aí? Pensei ter ouvido vozes.

É o Spider.

Porra! É o Spider!

Viro minha cabeça para a porta e grito — Estou bem, obrigada. Boa noite!

Quando me viro para olhar para Malek, ele se foi. As cortinas em frente às portas francesas fechadas ondulam ligeiramente, depois voltam à tranquilidade e ficam paradas.

Eu sento observando-as, atordoadas.

Ele é um fantasma, ou um vampiro, ou um alienígena que pode andar através de objetos sólidos; ou uma invenção da minha imaginação hiperativa, o que faria muito mais sentido.

Com um tom de voz que sugere que ele pode forçar a entrada se eu não obedecer, Spider diz — Abra, *lass*.

Levo um momento para me recompor, em seguida, jogo as cobertas e ando descalça sobre o tapete até a porta. Destranco, abro e inclino meu ombro na borda, apertando os olhos contra a luz forte do corredor.

Tenso e desconfiado, ele olha além de mim para o quarto escuro. — Com quem estava falando?

Em vez de responder, desvio. — Por que estava ouvindo atrás da minha porta? Está me espionando?

A tática funciona. Suas bochechas ficam vermelhas e ele desvia o olhar. Parecendo confuso, diz — Não, *lass*. Eu só... uh... queria verifica-la. Certificar-me de que estava segura.

— Por que eu não estaria? Aconteceu alguma coisa?

Ele olha para mim e balança a cabeça, mas sinto uma hesitação.

— Desembucha. O que se passa?

Ele passa a mão pelo cabelo, olha para o chão, passa o dedo sob o colarinho da camisa. — O que aconteceu antes.

Quando tentei contar a Sloane sobre ter visto Malek no banheiro feminino do restaurante, quis dizer. Quando ela me humilhou na frente de todos, me chamando de mentirosa.

Com o calor subindo pelo meu pescoço, digo rigidamente — Não quero falar sobre isso, obrigada.

Ele me olha com uma expressão estranha. Sua voz sai abafada. — Você disse “ele”.

— Com licença?

— Quando abriu a porta do banheiro feminino e me perguntou se vi alguém sair. Você se referiu a essa pessoa pela primeira vez como “ele”. E parecia desorientada.

Meu coração acelera o ritmo. — Onde quer chegar?

Ele me encara, um músculo em sua mandíbula flexionando.
— Havia um homem no banheiro com você, *lass*?

— Você acreditaria em mim se eu dissesse que sim?

Ele considera isso por um segundo silencioso, então acena com a cabeça.

Não sei por que, mas me dá vontade de chorar. Meu peito aperta, olho para longe, piscando. — Obrigada. Isso contudo, realmente não importa agora.

Spider diz suavemente — *Aye, lass*. Importa sim. — Depois de um momento, pergunta — Olhe para mim.

— Não posso. Estou muito ocupada tentando fingir que não estou chateada, para que não pense que estou louca.

— Não acho que esteja louca, mas acho que é orgulhosa o suficiente para não confiar em mim de agora em diante, porque tive que contar a sua irmã a verdade sobre o que vi.

— Não, eu entendo. Você estava apenas fazendo seu trabalho.

Ele parece insatisfeito com isso, mudando seu peso de um pé para o outro e passando a mão pelo cabelo novamente. Exala e aperta a nuca. Então balança a cabeça, como se tivesse feito algum tipo de decisão.

Depois de limpar a garganta áspera, diz — Vou deixá-la voltar para a cama. Desculpe pelo incômodo.

Então se vira e sai pelo corredor, murmurando para si mesmo em gaélico.

Volto para a cama e fico muito tempo acordada. Finalmente caio em um sono intermitente e sem sonhos, acordando de vez em quando com o cheiro de seiva de cedro e agulhas de pinheiro, de névoa agarrada a troncos de árvores antigas em uma floresta escura iluminada pela lua.

Quando me levanto de manhã, uma única rosa branca de caule longo repousa no travesseiro ao lado da minha cabeça.

12

RILEY

Os próximos dois dias, nada acontece. Não tenho visitantes misteriosos a meia-noite, não mais chefes da Máfia anteriormente mortos e sem cabeça são descobertos vivos e intactos após um incêndio em um armazém, e ninguém me presenteou com um envelope cheio de dinheiro em um banheiro para tentar me fazer abandonar a prostituição e fazer um novo começo.

Fico trancada no meu quarto tentando trabalhar e tentando não pensar em Malek.

Tenho sucesso na primeira coisa muito melhor do que na segunda.

No terceiro dia, pergunto a Spider se pode me levar até a cidade para que eu possa trabalhar em uma cafeteria. Não aguento nem mais um minuto nadando no enorme aquário vazio do quarto de hóspedes, respirando fundo e desejando outra cheirada inebriante de agulhas de pinheiro.

A resposta imediata de Spider é um simples “Não”.

Ele me pegou na cozinha, onde comecei a me esgueirar em horários estranhos para roubar comida da geladeira na esperança de não ter que encontrar nenhum dos funcionários e suportar seu escárnio fulminante.

Na minha cabeça, criei uma saga inteira de dez temporadas na Netflix sobre o que todos os guarda-costas irlandeses têm dito sobre mim pelas minhas costas desde que Sloane e Declan partiram.

É feio. Mesmo que apenas 2% disso seja verdade, não poderei enfrentá-los nunca mais. Não sou ansiosa por natureza, mas fico facilmente mortificada. Mesmo um pequeno erro me faz querer morrer de vergonha se for cometido em público.

— Por favor? — Digo, tentando parecer cativante e irresistível.
— Eu tenho que sair deste lugar. Está muito quieto. Estou ficando maluca. Preciso de algum barulho e pessoas conversando ao meu redor para que possa me concentrar.

Spider me olha severamente. — As ordens são, você fica aqui, *lass*.

— Ordens. Certo. — Eu paro franzindo os lábios e examino seu exterior de aço em busca de rachaduras.

Ele diz enfaticamente — *Não*.

— O quê? Você nem sabe o que eu ia dizer.

— Seja o que for, me envolve fazendo algo que não devo fazer a seu pedido.

— Eu nunca pediria que fizesse algo que te colocasse em apuros.

Quando ele apenas fica ali, me olhando com os braços cruzados sobre o peito, digo a verdade.

— Está bem, provavelmente faria, mas se você se metesse em problemas, prometo que me sentiria mal por isso. Que tal darmos uma volta no quarteirão com o rádio ligado? Tenho certeza de que temos permissão para fazer *isso*.

Ele ri, balançando a cabeça. — Você é tão parecida com sua irmã.

— Diga isso de novo e darei uma tapa em seu grande crânio.

Ele finge estar ofendido. — Meu crânio não é grande!

Eu rio disso. — Sim, é. É tão enorme quanto o resto de você.

Ele me encara, erguendo lentamente as sobrancelhas.

Meu rosto decide que é hora de virar um belo tom brilhante de vermelho tomate. — Eu não quis dizer isso.

— Não? Então o resto de mim é pequeno?

Ele está me provocando, o idiota. É hora de mudar de assunto.

— Que tal a biblioteca? Tenho certeza que Declan concordaria que eu estaria segura em uma biblioteca, certo?

— Não vamos a lugar nenhum.

— Muito bem. Se não me ajudar, fugirei. Tenho certeza de que isso não te colocará em *nenhum* problema.

Realmente não quis dizer isso. Estou apenas sendo dramática porque não estou conseguindo o que quero. Eu me viro e saio correndo com o prato de asas de frango que encontrei na geladeira.

Dez minutos depois, Spider bate à porta do meu quarto.

— Sim?

Ele enfia a cabeça. — Tudo bem, *lass*. Vamos lá.

Sentando-me de pernas cruzadas no chão, me animo. — Sério?

— Sim, sério.

Eu mastigo uma asa por um minuto, debatendo, então balanço minha cabeça. — Isso é fofo, mas só estava brincando sobre fugir. E eu realmente não quero te causar problemas.

Ele ri. — Você não causará. Eu tenho permissão para levá-la para esse passeio.

— De Declan?

— *Aye*. — Seu sorriso é tão grande que quase cega. — Se alguém sabe em primeira mão como uma mulher Keller pode importunar um homem até a morte quando quer algo, é ele.

Abandonando o prato de asas, murmuro — Sim, aposto que sim — e pulo para pegar minhas coisas.

Dez minutos depois, estamos saindo pelos grandes portões de ferro e estou em modo interrogatório completo. Aparentemente, a liberdade me deixa tagarela.

— Então, há quanto tempo você trabalha para Declan?

— Muito tempo.

— É um trabalho difícil?

— Depende do que entende por difícil.

— Você tem que matar pessoas?

Ele me lança um olhar de soslaio que significa, *Claro*.

— Oh. *Uau*.

Penso por um momento sobre como deve ser chato ter isso na descrição do seu trabalho, então deixo pra lá, porque não há nada que eu possa fazer a respeito.

Não sou do tipo que fica pensando em coisas que não podem ser consertadas.

— Você queria ser um mafioso quando crescesse? E não me dê uma resposta oblíqua. Eu quero detalhes desta vez.

Eu posso dizer que ele está tentando não rir. — Oblíqua?

— Significa indireta.

— Eu sei o que isso significa, *lass*. Estou apenas me divertindo com a sua escolha de palavras às vezes.

Ofendida, digo rispidamente — Então, sou uma *geek*²⁵ de palavras. Processe-me.

— Aw, não fique dolorida. Qual é a sua palavra favorita?

Isso me deixa perplexa. Penso sobre isso por um tempo enquanto dirigimos, passando por mais propriedades gigantescas atrás de portões trancados e sebes altas. As Bermudas parecem ser inteiramente povoadas por pessoas ricas e paranoicas.

— *Serendipity*²⁶.

— *Serendipity*?

— Sim, por causa da forma como soa e também porque gosto do significado.

Spider concorda. — Acaso feliz.

E eu aqui pensando que ele era apenas mais um rosto bonito.

— Sim, exatamente. Também gosto da palavra *melífluo*²⁷, porque quando se usa em uma frase, as pessoas pensam que você é superinteligente. E é lindo. *Me-lí-flu-o*. Parece que está entoando um encantamento. A propósito, é o que eu queria ser quando

²⁵-É um anglicismo e uma gíria inglesa que se refere as pessoas excêntricas ou peculiares, fãs de tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinho, mangás, animes, livros, filmes e séries.

²⁶-É uma palavra em inglês que significa uma feliz descoberta ao acaso, ou a sorte de encontrar algo precioso onde não estávamos procurando.

²⁷-Que tem a doçura do mel.

criança. Uma bruxa. Deus, seria tão foda ser capaz de lançar maldições sobre as pessoas, não acha? E Voar. Exceto que eu não gostaria de voar em uma vassoura. Um cabo de vassoura enfiado no seu c... seria extremamente desconfortável.

Spider está com o punho fechado sobre a boca. Ele está tentando abafar o riso.

— Ei! Estou me abrindo e sendo honesta aqui! Poderia pelo menos ter modos e manter uma cara séria.

— As bruxas devem montar suas vassouras de lado, *lass*, não com a maldita coisa presa entre suas coxas.

Reviro meus olhos. — Desculpe-me por não saber a maneira correta de montar um cabo de vassoura. Perdi esse dia em *Hogwarts*.

Spider sorri e ri, claramente se divertindo. Eu me pergunto quando foi a última vez que ele deu uma boa risada. Seu trabalho provavelmente não permite muitas ocasiões.

Olhando para seu perfil sorridente, digo de repente — Eles ficarão bem?

Ele sabe de quem estou falando. Com sua voz gentil, diz — Declan é um homem muito inteligente, *lass*. E muito poderoso. Ele não deixará sua irmã sofrer nenhum dano.

— Mas e quanto a ele? Aposto que há muitos caras que querem lhe fazer, certo?

— *Aye*, mas ele está neste jogo, há muito, muito tempo. Conhece todos os truques do livro, mesmo os que ainda

não foram escritos. Há mais de vinte anos está nesta vida e ainda está de pé. Ficaré por mais vinte fáceis, guarde minhas palavras.

Spider é obviamente muito orgulhoso de seu chefe. Sua confiança em Declan soa inabalável. Isso me faz respirar um pouco mais fácil, mas também sei que ninguém é invencível.

Não importa o quão inteligente seja, sempre há alguém mais inteligente. Mesmo as muralhas mais altas e seguras do castelo podem ser violadas.

Caso em questão: Malek.

Entrou e saiu sem ser visto por nenhum dos guardas de Declan. Eu tranquei a porta do pátio e ele de alguma forma a destrancou pelo lado de fora. Não ouvi um pio sobre alarmes de segurança disparados ou perímetros violados, mas entrou furtivamente no local sem levantar nenhuma bandeira vermelha, aparecendo silenciosamente no meu quarto, onde poderia facilmente ter me matado; mas não matou.

Ele me chamou de baby e me deixou uma rosa branca, no lugar disso.

Ainda não decidi o que farei se ele aparecer de novo.

Eu não sou ingênua. Sei que ele é perigoso. Usa violência como colônia. Confiar em homens como ele é o que mata mulheres como eu.

Há algo porém, poderoso e inegável que me atrai a ele. Uma força natural irresistível, como a gravidade. Ele se ajoelhou ao lado da minha cama e pegou meu rosto em sua mão grande e áspera, e meu coração se abriu como uma flor.

Claramente, tenho o mesmo cérebro que Deus deu a uma pulga.

— Declan disse a você algo sobre a situação com seu antigo chefe quando falou com ele sobre me levar para um passeio?

— Foi uma mensagem de texto.

— Oh.

— Mas eu falei com ele ontem à noite.

Posso dizer pela sua voz que ele tem informações. Sentando-me mais ereta em meu assento, olho para ele ansiosamente. — E? O que ele disse?

— Resumindo, sem entrar em todos os detalhes sangrentos, Diego está com amnésia. Não consegue lembrar de nada que aconteceu com ele.

Eu suspiro. — Não pode ser!

— *Aye*. Eles o viram no hospital. O pobre idiota nem reconhece Declan. Não sabe o próprio nome. Não tem nenhuma ideia de quem é ou onde está.

— Isso é horrível!

Spider faz um barulho de acordo. — É uma bagunça total.

Examino seu rosto. — Parece que há mais do que amnésia.

Parecendo sério, ele olha em minha direção. — Quando Declan pensou que Diego tinha sido morto... vamos apenas dizer que não ficou sentado.

— Oh, caramba. Isso soa a assassinato.

— *Aye*. Retaliação do tipo quando um chefe é morto é um negócio normal, mas com Diego vivo, certas ações que Declan tomou se mostraram desnecessárias. E com Diego não sendo capaz de lembrar quem o raptou e o prendeu, a coisa toda é um gigantesco amontoado de merda.

Entendo que haverá um revide sobre Declan por qualquer coisa assassina que ele fez para vingar Diego, e não acho que seja justo.

— Mas Declan tem uma desculpa. Ele realmente achava que Diego estava morto. Havia um corpo e tudo!

Spider ri sombriamente. — Diga isso para o resto das famílias.

— Uau. Estou feliz que possa ser tão indiferente sobre isso. Acho que teria um ataque cardíaco.

Ele encolhe os ombros. — É a vida. Nunca um momento maçante. Evitar a morte mantém um homem jovem. — Ele faz uma pausa. — Para que serve essa cara de merda?

— O que acabou de dizer é provavelmente a coisa mais machista que já ouvi.

— Obrigado.

— Não tenho certeza de que foi um elogio. Oh, olha, uma livraria! Podemos entrar ali?

Aponto para uma lojinha adorável pela qual estamos passando. A fachada é pintada de azul brilhante. Gerânios vermelhos em vasos se alinham na grande janela saliente em frente. Algumas bicicletas estão estacionadas do lado de fora, ao lado de uma fileira de pequenas mesas de café. As pessoas tomam café e conversam ao sol da manhã.

— Seu desejo é uma ordem — diz Spider, sorrindo. Ele faz uma curva à direita, levando-nos ao redor do quarteirão.

— Nesse caso, desejo ingressos para a temporada dos *49ers*²⁸.

Spider faz um barulho de náusea. — *Ugh*. Futebol americano.

— O que há de errado com isso?

— Vocês, ianques, usam muitos protetores de segurança. Palermas. E os capacetes! — Zomba. — Para cobrir seus cérebros delicados *eejit*²⁹.

— Ah. Vejo onde isso vai dar. Está prestes a exaltar as virtudes masculinas do rúgbi, certo?

²⁸-Time de futebol americano.

²⁹-"Eejit" é uma gíria derivada de uma grafia de dialeto de olho da pronúncia do inglês irlandês de idiota.

Ele olha para mim, sorrindo, antes de parar em uma vaga nos fundos da loja. — Virtudes?

Digo suavemente — Oh, cale a boca.

Assim que Spider desliga o motor do SUV, abro a porta e pulo para fora, pegando meu laptop. Quando me viro, ele está bem a minha frente.

Carrancudo.

Pego de surpresa, digo — O quê?

Ele diz irritado — Deveria me deixar abrir a porta e ajudá-la, *lass*

— Por que? Pareço normalmente ter problemas para sair de veículos?

— Não, porque eu sou um homem e você uma mulher.

Quando apenas fico ali olhando para ele com meu rosto contraído, ele acrescenta — Além disso, estou trabalhando. É meu trabalho.

— Deveria ter falado isso.

— Por que?

— Porque assim eu não suspeitaria que tenha noções antiquadas e intransigentes sobre papéis de gênero.

Ele ri. — *Tenho* noções antiquadas e intransigentes sobre papéis de gênero, mas acredite em mim quando digo que todas são

para o seu benefício. Agora, vai me deixar abrir a porta da maldita livraria para você, ou seu pequeno ego feminista insistirá em uma queda de braço por isso?

Levanto meu nariz no ar e fungo. — Eu não faria uma queda de braço com você.

Estava tentando ser arrogante e desdenhosa, mas ele aproveita a oportunidade de minha recusa para deixar claro.

— Claro que não faria. *Você perderia*. Gostaria de saber o porquê?

Sabendo onde ele vai com isso, exalo uma respiração pesada e reviro meus olhos. — Porque você é mais forte do que eu.

— *Aye*. E isso porque...?

— Porque você é homem e eu sou mulher.

— Correto.

— Deus, você é um pé no saco.

— Não é a primeira mulher a me dizer isso.

— Chocante.

Ele sorri; em seguida, fecha a porta do passageiro e me guia para dentro da loja com a mão na parte inferior das minhas costas.

A conversa nas mesas do café para quando passamos. Uma mulher encara Spider com a boca tão aberta que tenho que suprimir uma risadinha.

Lá dentro, olhamos o espaço encantador. Há um pequeno balcão de café em um lado da loja a frente, junto com mais algumas mesinhas. A registradora fica do outro lado. Atrás de ambos, fileiras e fileiras de estantes amontoadas se estendem até a parte de trás do prédio.

O paraíso.

— Posso te pagar um café, *lass*?

— Claro. Obrigada. Expresso, sem açúcar ou creme.

Ele franze o nariz. Em um cara tão musculoso e machista, é adorável. — Então, basicamente água de feijão quente. Passou muito tempo na prisão?

— Ha. E obrigada por julgar minha escolha de bebidas com cafeína. Tudo bem se eu olhar as prateleiras um pouco antes de nos sentarmos?

— Claro. Eu alcanço você. — Seu olhar fica mais nítido. — Não vá muito longe.

Ele fica na fila atrás de um velho apoiado pesadamente em uma bengala, e eu caminho pelo corredor principal até chegar à seção de viagens.

Eu viro pelo corredor por capricho.

É surpreendentemente grande, com uma seleção de tudo, desde guias para caminhadas em Kyoto até guias de espeleologia para as cavernas subaquáticas da Nova Zelândia.

Os livros sobre a Rússia estão no fim do corredor.

Folheio vários deles, sem saber o que estou procurando. Então, um grande volume colorido em uma prateleira de cima chama minha atenção. Está alguns centímetros do resto.

Decidindo que gostaria de dar uma olhada naquele, coloco meu laptop no chão e pego uma escada que alguém deixou no meio do corredor. Viro-a, subo alguns degraus e pego o livro.

Estou prestes a puxá-lo quando outra mão se estende e pousa sobre a minha.

É grande, masculina e coberta de tatuagens.

O braço ao qual está preso está envolto em uma manga de casaco de lã preta.

A respiração afiada que arrasto em meus pulmões é infundida com o cheiro de pinheiro.

Malek.

13

RILEY

Passei vários momentos congelados, olhando fixamente para sua mão cobrindo a minha e tentando não cair da escada em choque. Então sussurro — Você me seguiu até aqui?

Sua resposta é baixa e instantânea. — Sim.

— Você tem me vigiado?

— Sim.

Putá merda. Ele está me vigiando. Como? De onde?

Engulo em seco. Está parado tão perto de mim que sinto o calor de seu corpo. Está irradiando isso. O homem está pegando fogo. Ele é o seu próprio incêndio.

Quero perguntar a ele por que diabos está usando um sobretudo de lã preta quando está quarenta graus lá fora, mas me distraio quando ele se inclina para mais perto e coloca a boca ao lado da minha orelha.

— Venha comigo agora — diz com urgência. — Posso afastá-la do guarda. Vou te levar a qualquer lugar do mundo que queira ir. E lá pode começar uma nova vida.

Ouçã o som dos trovões retumbar.

Merda. Esqueci. Ele acha que sou a prostituta cativa de Declan.

Virando minha cabeça para olhar por cima do ombro, encontro seus olhos. Seus olhos verdes claros, incrivelmente intensos, de queimar o celeiro.

Uau, isso será superestranho. — Hum... eu não sou o que pensa que sou.

Seu aperto na minha mão aumenta. Depois de um tempo, diz rispidamente — Não estou tentando te foder. Estou tentando te salvar.

Ouvi-lo dizer “foder” faz minhas bochechas queimarem, mas não sei como me sentir sobre o resto. Devo ficar ofendida ou elogiada por pensar que sou uma prostituta, mas não aquela que ele pagaria para fazer sexo?

Decidindo que essa conversa já é estranha o suficiente sem que ele tenha que fazer seu caso para uma fuga rápida para o meu perfil, me viro na escada e o encaro. Porque subi dois degraus, estamos na mesma altura. Estamos cara a cara, e ele é ainda mais impressionante de perto em plena luz do dia.

Depois de um momento, consigo fazer minha língua funcionar. — Não, eu quis dizer que não sou uma prostituta.

Ele respira lentamente. De alguma forma, faz com que pareça sexy.

Com um tom gentil, ele diz — Não estou julgando-a, *malyutka*.

Muito bem, eu realmente gosto quando ele me chama assim. Gosto em uma quantidade irracional. Não é saudável, mas não consigo me distrair do que preciso dizer.

— Eu não sou uma profissional do sexo. E não estou dizendo isso porque tenho medo de que me julgue. Estou dizendo porque é a verdade.

Um sulco aparece entre suas sobrancelhas escuras.

Que aparentemente ele não acredite em mim é irritante. — Julgar-me porque estou usando um vestido revelador para me vender é um grande exagero.

— Não foi só o vestido — diz, franzindo a testa.

— O que mais foi? Os saltos?

Ignorando isso, ele se aproxima ainda mais e exige — Quem é você, então? Por que está ficando com ele? Por que disse que ele a estava mantendo prisioneira?

— Não, você primeiro. Por que está me vigiando? E o que está fazendo nas Bermudas?

— Estou te vigiando porque gosto. E talvez eu more aqui.

Contornando todos os gritos internos que seu comentário “porque gosto” evocou, digo — Ninguém que mora nas Bermudas possui um sobretudo de lã preta na altura do joelho.

— Eu poderia estar de férias.

— Acho que um homem que passa seu tempo espionando pessoas, distribuindo dinheiro como um caixa eletrônico e aparecendo do nada em quartos trancados está planejando outra coisa além de férias.

— Então talvez deva parar de achar.

— Então está me dizendo que é um cara bom?

Depois de uma pausa, ele diz sombriamente — Não. Eu não sou bom. Na verdade, Riley Rose, sou o pior homem que já conheceu.

Ele me encara com a verdade queimando seus olhos.

Estou suando. Meu coração está batendo forte. Meus joelhos batem tão forte que provavelmente pode ouvi-los.

Apesar de tudo isso, não estou com medo.

Carregada de adrenalina, sim. No fundo porém, não estou realmente assustada, mas já estabelecemos que sou uma idiota, então isso não deve ser novidade.

Digo sem fôlego — Mas você não é um perigo para mim.

— Não, para você, não.

A maneira como ele diz “você” confirma minhas suspeitas.

Malek não é um perigo para mim, mas é um perigo para outras pessoas. Pessoas, por exemplo, como meu futuro cunhado, o chefe da máfia irlandesa.

Fecho meus olhos e umedeço meus lábios. Quando abro os olhos, Malek está olhando fixamente para minha boca.

Eu sussurro — Declan.

Seus cílios levantam. Seu olhar feroz perfura o meu. Ele não diz nada.

— É por isso que está aqui, não é? Veio por Declan, mas então me viu e se distraiu de tentar matá-lo, tentando me ajudar.

A expressão em seu rosto é indescritível, mas certamente me diz: estou certa.

Juntei o rastro de migalhas, fiz um trecho ainda maior do que o que ele fez sobre eu ser prostituta, e estou certa.

Começando a tremer, digo — Por favor, não o mate.

Ele responde com veemência — Não sabe o que está pedindo. E por que se importa se ele vive ou morre? *Quem é você?*

— Sua futura cunhada.

A reação de Malek é tão atordoada que poderia muito bem ter dado um tapa na sua cara.

Suas narinas e pupilas dilatam. Ele recua abruptamente, como recuaria de uma cobra, e me encara com olhos negros cheios de repulsa.

Um homem grita — Riley?

É o Spider.

Pelo som de sua voz, sei que ele está perto. Ele contornará o corredor a qualquer segundo. E quando o fizer, uma de duas coisas acontecerá.

Ele atirárá em Malek ou Malek vai atirar nele.

Pensar nisso me faz perder os sentidos.

Eu pulo da escada, pego meu laptop do chão e volto para Malek. — Estou te implorando. Por favor, não machuque Declan. Acredito que poderia, e se fizer, isso mataria minha irmã. Eu nunca poderia viver comigo mesma se isso acontecesse.

Eu me viro e corro pelo corredor, no momento em que Spider está vindo.

Ele para. Segurando uma xícara de café em cada mão, me olha com desconfiança. — Por que tanta pressa?

— Nós precisamos ir. Agora.

Passo por ele, andando rápido, sem olhar para trás. Em segundos, Spider está bem ao meu lado.

Como eu sabia que ele estaria.

— O que é isso, *lass*? — Exige.

— Eu te conto no carro.

Irrompo pela porta da frente da livraria e vou direto para o SUV, segurando meu laptop contra o peito como um escudo. Seguindo em meu encalço, Spider joga os copos de café na calçada e corre na minha frente, abrindo minha porta. Eu pulo dentro, ele bate à porta atrás de mim, então corre para entrar no banco do motorista.

Saímos do estacionamento, pneus cantando.

Enquanto estamos fazendo uma curva em alta velocidade, Spider ordena — Fale.

— Um homem me seguiu até a livraria. O mesmo homem que me seguiu no banheiro feminino do restaurante na outra noite. Ele está aqui para matar Declan.

Spider leva tudo isso com calma. Ele simplesmente dirige mais rápido, olhando pelo espelho retrovisor. Não é até eu acrescentar — Ele é russo. O seu nome é Malek — que quase sai da estrada e sobe no meio-fio.

Quase perdendo a direção no sentido de um poste de luz, ele grita — Jesus, Maria e José! *Malek*?

Presumo que eles sejam conhecidos.

— Inferno, Riley! Ele te machucou?

— Não. Por favor, me diga que não vai retornar e tentar matá-lo.

— Como se eu pudesse! O bastardo é um maldito fantasma! Ele teria minha cabeça em um prego antes que eu soubesse o que me atingiu! — Ele para de gritar e olha para mim. — Por que você não quer que eu o mate?

Uma pergunta muito boa, de fato. Busco uma resposta razoável.

— Eu não quero estar por perto quando alguém matar outra pessoa, está bem?

Deve ter soado sensata o suficiente, porque Spider volta sua atenção para a estrada. Tenso e carrancudo, rebate — Conte-me tudo o que ele disse a você. No restaurante e agora. Não deixe uma palavra de lado. É importante.

Faço o meu melhor para contar a ele tudo que me lembro. Quando termino, ele fica horrorizado.

— Cristo. *Ele entrou na casa?*

— Sim.

— Ele poderia ter matado você, *lass*. Poderia ter estrangulado você durante o sono!

Digo secamente — Obrigada por isso, mas ele não me machucou. E eu acreditei nele quando disse que não machucaria.

— Isso é uma idiotice!

Sua indignação me deixa na defensiva. — Idiota ou não, ele foi realmente muito legal.

Spider quase sai da estrada novamente. Ele troveja — *Legal?* O homem é um assassino! É o bastardo mais implacável que existe!

Decidi que não é hora de dizer que ele também é fofo e que também inclui homicídio em sua descrição de trabalho. — Então você o conhece?

Passando a mão pelo cabelo, Spider bufa de frustração. — Ninguém o conhece. Ele é como o bicho-papão: um pesadelo que existe apenas pela reputação. É o braço direito do rei *Bratva* de Moscou e a principal razão pela qual o homem subiu ao poder. Malek é extremamente talentoso em remover obstáculos.

E por obstáculos, ele quer dizer inimigos.

O homem que tentou me resgatar de uma vida de prostituição e gentilmente segurou meu rosto como se fosse feito de porcelana é um assassino russo de reputação tão terrível que faz assassinos “aceitáveis” como Spider tremer em suas botas.

Enterro meu rosto em minhas mãos e gemo. Isso faz Spider pirar.

Ele grita — O que é?

Oh, nada. Acabei de perceber que estou atraída por um assassino que passa por portas trancadas e faz o Exterminador do Futuro parecer Britney Spears. Esse tipo de coisa acontece comigo todos os dias. Nada novo aqui. Nada demais.

— *Lass!*

— Por favor, pare de gritar comigo. Estou apenas tendo um pequeno colapso. Na semana passada, estava vivendo a vida em meu apartamento tranquilo em San Francisco. Desde então, descobri que minha irmã se casará com o chefe da máfia irlandesa e que chamei a atenção de um notório assassino russo cujos hobbies incluem perseguir, aparecer do nada, fazer suposições totalmente incorretas sobre as pessoas com base em seus guardaroupas, e distribuindo grandes quantidades de dinheiro para estranhas em banheiros. Ele também tem a missão de matar meu futuro cunhado. Foram dias agitados.

Spider solta um forte suspiro. Ele murmura uma série de maldições. Em seguida, faz uma curva fechada para fora da estrada de duas pistas que estamos descendo à toda velocidade para uma rodovia maior.

Ele não voltou para casa.

— Onde vamos?

— Aeroporto.

— Por que?

Ele olha para mim. Sua mandíbula está tão dura quanto seus olhos. — Quando o carrasco descobre onde mora, você desaparece antes que ele possa fazer uma visita. — Com um juramento, se corrige. — *Outra* visita.

Pisando no acelerador, disparamos pela rodovia. Ele pega o celular e faz uma série de ligações, falando laconicamente em gaélico através de cada uma.

Enquanto estou sentada no banco do passageiro, repassando tudo na minha cabeça.

Principalmente o apelido de Malek: *Carrasco*.

Tento muito não imaginar como ele o conseguiu.

14

MAL

Chegam ao aeroporto queimando borracha e param do lado de fora de um hangar.

O guarda loiro com a tatuagem no pescoço de teia de aranha puxa Riley para fora do SUV e a arrasta pela pista segurando sua mão. E desaparecem dentro do hangar.

Dez minutos depois, as portas do hangar se abrem. Um grande jato particular branco está em seu interior. Os motores do jato ganham vida.

Não me surpreende que tenham encontrado um piloto em tão pouco tempo. O chefe da máfia irlandesa é um homem poderoso.

Não que seu poder seja capaz de protegê-lo. Nada na terra pode protegê-lo agora.

Rangendo os dentes, vejo à distância enquanto o jato taxia para a pista, virando-se para descer a pista principal e esperar a liberação para decolar.

Eu o vejo subir ao céu, brilhando sob o sol enquanto nasce.

Vejo-o encolher até que não seja nada mais do que um minúsculo ponto branco contra um vasto mar de azul.

Todo o tempo, me forço a respirar profundamente para controlar o fogo selvagem da fúria queimando dentro do meu peito.

A última vez que fiquei tão furioso foi quando soube da morte de Mikhail.

Isso é quase pior. Esse choque vem com um profundo sentimento de traição.

O *waif* que queria ajudar é a cunhada de Declan.

Não uma prostituta. Não sua vítima.

Sua cunhada.

Família.

Pensando no que farei a seguir, me sinto melhor.

Suponho que poderia ser chamado de justiça poética, ou *serendipity*, uma palavra de que sempre gostei. Seja qual for o nome, o resultado será idêntico.

Declan O'Donnell tirou algo de mim.

É a minha vez de tirar algo dele.

No momento em que o jato começa a taxiar pela pista, já memorizei o número da cauda e me virei.

15

RILEY

Quando chegamos a Boston, está caindo uma chuva torrencial. O tempo está tão ruim que o jato tem que dar a volta no aeroporto por uma hora antes de conseguirmos autorização para pousar. Quando finalmente pousamos, é com um choque violento que me faz morder o lábio com tanta força que chega a sangrar.

Tento não interpretar isso como um mau presságio, mas, de repente, tudo parece um mau presságio. Desde o momento em que decolamos nas Bermudas, tenho um sentimento inabalável de desgraça.

A turbulência brutal durante o voo não ajudou. Nem o bando de gansos que matamos em nossa descida a Boston. Olhei pela janela e vi uma nevasca de penas e partes ensanguentadas de pássaros voando, e apertei os braços do assento até pousarmos.

Agora que estamos aqui, Spider está me empurrando pelo corredor em direção à porta da cabine de comando com tanta impaciência que provavelmente seria mais fácil se ele me pegasse e me carregasse em seu lugar.

— Depressa, *lass* — insiste atrás de mim, me impulsionando para frente com uma mão entre minhas omoplatas.

— Não consigo me apressar mais do que já estou.

Ele me dá um empurrão suave. — Tente.

O fato de ele estar tão nervoso *me* deixa ainda mais nervosa. Ele é quem está com a arma!

Lá fora, outro SUV preto espera na pista com o motor funcionando. Spider joga seu paletó sobre minha cabeça para me proteger do aguaceiro, então me segue escada abaixo, bem em meus calcanhares.

Ele me leva para o carro, sobe atrás de mim e bate à porta, tudo com a velocidade de um tornado.

— Kieran. Bom te ver, cara. — Acena com a cabeça para o grande bruto no banco do motorista, vestindo um terno preto idêntico ao seu.

O bruto lhe envia uma elevação do queixo em troca. — Spider. Como está?

— Não me divertindo. Está atualizado?

— *Aye*. — Ele balança a cabeça. — Declan estava com a garota quando recebeu sua ligação.

Spider murmura — E não é de admirar. É uma bagunça.

— Desespero completo.

No espelho retrovisor, Kieran olha para mim, tirando a jaqueta da minha cabeça e envolvendo-a em meus ombros, tremendo de frio.

Ele diz — Olá, *lass*.

— Oi, Kieran. Sou Riley. Não tenho ideia do que estão dizendo, mas soa mal.

— É — responde, balançando a cabeça. — Mas não se preocupe. As coisas vão melhorar agora que não gastará todo o seu tempo com este maldito.

Ele sacode o queixo novamente na direção de Spider. Spider diz algo em gaélico que soa pouco lisonjeiro.

Eles compartilham um sorriso irônico, então partimos, acelerando para longe do aeroporto como se estivéssemos sendo perseguidos por um exército de demônios.

Dirigimos em silêncio por cerca de dez minutos até Kieran sair da estrada. Estamos em uma área industrial não muito longe do aeroporto. Enormes armazéns se alinham em ambos os lados da rua. Passamos por dezenas deles, depois diminuimos a velocidade por uma cerca de arame farpado que cruza o final da estrada.

Kieran digita um código em uma pequena caixa preta em um suporte de metal ao lado da estrada. Em um instante, o portão rola para o lado, permitindo-nos passar.

Bem à nossa frente está um prédio quadrado de tijolos vermelhos de quatro andares. Não tem janelas no primeiro andar. As janelas dos andares superiores possuem barras de ferro

e tonalidade escura. A fumaça sai de três pilhas de cimento no telhado.

Parece assustador, como um crematório.

— O que é este lugar? — Pergunto a Spider.

— Uma casa segura.

Não oferece mais nada, o que também acho assustador. Ele não deveria me garantir que estaremos seguros na casa segura?

Ou ele tem dúvidas?

Nós dirigimos pelos fundos, parando na frente de uma enorme porta de metal de enrolar. Kieran insere um código em outra pequena caixa preta. Em ambos os lados da porta, perto da parte superior, há câmeras, com lentes vermelhas acesas.

Noto uma curiosa abertura no centro da parede acima da porta. Tem cerca de um metro e meio de comprimento e talvez quinze centímetros de altura. — Para que serve esse buraco na parede?

Kieran diz — As metralhadoras. São controladas remotamente. Cinquenta tiros por segundo. Aperte um botão e haverá um grande buraco no chão onde um invasor costumava estar.

Quando ele vê minha expressão, ri. — Achou que estaríamos jogando balões de água em nossos inimigos?

— Não, suponho que não. — Então sorrio. — Embora possa ser divertido jogá-los depois. Suba até o telhado e veja quem consegue mais balões dentro do maldito grande buraco.

Spider me lança um olhar estranho.

— O quê?

— Não se assusta muito, não é?

Kieran bufa. — A garotinha puxou à irmã, então.

A próxima pessoa que disser que sou como minha irmã corre o risco de perder um testículo.

A porta abre, revelando o espaço interno. As paredes são de tijolo cru. O chão é de cimento não polido. Uma única lâmpada nua pende do teto. Todo o primeiro andar do prédio está vazio.

Entramos e paramos no meio do ambiente. Kieran coloca a caminhonete no estacionamento. A porta de metal pela qual entramos rola para baixo, batendo contra o concreto com um estrondo que ecoa nas paredes. Nada mais acontece.

Quando olho para Spider, ele diz — Espere.

Estou prestes a perguntar *pelo quê?* quando o chão se move sob nós. Com um solavanco, o SUV começa a afundar. Em segundos, todo o veículo afundou abaixo do nível do solo. Estamos cercados por todos os lados por paredes de blocos de cimento. Estamos em um elevador hidráulico, descendo para o subsolo.

— Uau — digo, profundamente impressionada. — Isto aqui é uma merda de Batman.

— As áreas habitadas são todas subterrâneas — diz Spider.

— O que há nos andares superiores?

Kieran ri. — Muita e muita munição.

Expiro e pressiono meus dedos contra minhas pálpebras fechadas.

Em voz baixa, Spider diz — Não precisa se preocupar. Nada e nem ninguém pode entrar neste edifício, a menos que seja convidado a entrar.

Aposto que é o que ele pensava sobre o castelo nas Bermudas também. — Declan e Sloane estão aqui?

— Não. Estão em New York. Acham que é mais seguro se não estiverem juntos.

Tiro minhas mãos do meu rosto e olho para ele. — Mais seguro para mim ou para eles?

— Para você, *lass*. Declan é aquele com o alvo nas costas.

Espero que onde quer que estejam em New York seja tão seguro quanto Fort Knox. Pelo que Spider me contou sobre Malek, Declan não estará seguro em nenhum outro lugar.

Observando-me pensar, Spider diz gentilmente — Sloane se sente mal.

— Por não ter acreditado em mim sobre um homem estar no banheiro do restaurante, quer dizer.

— *Aye*. Declan diz que ela está inconsolável. Culpa-se por não acreditar na sua palavra, como falou com você na frente dos rapazes, tudo. — Ele faz uma pausa. — Provavelmente não deveria te dizer isso.

Murmuro sombriamente — Não se preocupe. Nunca mais falarei com minha irmã novamente, então não poderia repetir, de qualquer maneira.

Ele sorri para mim, balançando a cabeça.

— O quê?

— Vocês duas são muito parecidas.

— Diga isso de novo e me certificarei de que nunca mais poderá ter filhos.

Kieran bufa. — Está apenas provando seu ponto, *lass*.

— Oh, não. Não me diga que é tão chato quanto ele.

Spider finge estar ferido. — Oi! Estou sentado bem aqui!

— Relaxa. Já te chamei assim. Na sua cara.

— *Aye*, mas você estava brincando antes.

Digo acidamente — Estava?

Tentando não rir, Spider puxa os lábios entre os dentes.

Nossa descida termina com outro solavanco. Kieran sai do elevador pneumático e estaciona o SUV contra a parede, depois

salta do banco do motorista. Spider sai também, dando a volta ao meu lado para abrir minha porta. Quando saio do carro, vejo que estamos em uma pequena garagem, com estacionamento para cerca de uma dúzia de veículos. O nosso é o único aqui.

— Por aqui — diz Kieran, segurando uma porta aberta.

Nós três entramos por uma passagem curta e iluminada. No final dela está outra porta. Kieran digita um código no teclado na parede e a porta é destrancada.

— Primeiro as damas — diz Kieran, gesticulando para que Spider prossiga à nossa frente.

— Uma *pox*³⁰ varicela em sua mãe, seu *spanner*³¹.

— Não fale sobre a minha mãe, seu *gobshite*³² do caralho, ou te arrebento.

Seus insultos amigáveis e incompreensíveis terminam quando empurro ambos e atravesso a porta. Eles protestam em voz alta, como se eu tivesse quebrado alguma regra antiga, rígida e machista.

³⁰-Sífilis.

³¹-Uma pessoa estúpida ou pouco inteligente.

³²-Pessoa desprezível.

— Temos que examinar o lugar, *lass*! — diz Kieran, todo irritado. — Você não pode simplesmente entrar como a maldita rainha!

— Espere, o *quê*? Você tem que examinar uma casa segura?

— *Aye*!

— Então, por definição, não é segura!

Spider está fazendo aquela coisa de morder os lábios de novo. Eu sei que está pensando que é exatamente algo que minha irmã diria e lhe envio um olhar que transmite em termos inequívocos que o pequenino texugo raivoso está prestes a lhe dar um tapa.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Eu não disse uma palavra.

— Homem inteligente.

— Espere aqui um momento, *lass*. Já voltamos.

— Pode me trazer um sanduíche quando voltar? Estou morrendo de fome. Não tenho uma refeição adequada desde que nos conhecemos. Tenho vivido de doces que trouxe comigo.

Kieran fica escandalizado com essa informação. Ele se vira para Spider, horrorizado. — Está tentando matar a pobre *cailín*³³ de fome?

— Sim, Spider. Está tentando me matar de fome?

Ele nos ignora e vai para dentro, balançando a cabeça.

Kieran o observa ir, resmungando. — Não se preocupe, *lass*. Eu providencio assim que terminarmos de examinar o lugar.

— Obrigada, Kieran. Eu sabia que gostava de você desde o início.

Ele estufa o peito grande e ergue o queixo com orgulho. — Disseram-me que sou muito simpático.

Então ele se pavoneia atrás de Spider, me deixando imaginando se foi Sloane quem disse isso a ele.

Do jeito que minha sorte está indo ultimamente, é provável.

Spider retorna em cerca de cinco minutos, quando estou prestes a sentar no chão. — Tudo limpo. Entre.

— Vai me levar em um *tour*?

Ele parece surpreso. — *Aye*, se quiser.

³³-Menina bonita, em gaélico irlandês.

— É que eu nunca estive dentro de um esconderijo da máfia antes. Ei, há dinheiro escondido dentro das paredes? Barras de ouro? Drogas?

Ele bufa. — Não.

Estou estranhamente desapontada com isso.

Sigo-o para dentro do lugar, olhando ao redor com curiosidade. É como uma casa normal por dentro, só que com muito mais quartos e sem janelas.

Outra coisa que não vejo é uma saída.

— Aquela garagem é a única maneira de entrar?

Mostrando-me o quarto que será meu, diz — Há um túnel que podemos usar em caso de emergência. Passa por baixo deste bloco e termina do outro lado do parque industrial. — Ele se vira para me olhar. — Por que? Vai ameaçar fugir de novo?

— Não estou fugindo para lugar nenhum. Eu me sinto um pouco claustrofóbica por não ser capaz de ver do lado de fora.

— Você se acostuma depois de algumas semanas.

Ouvindo isso, começo a entrar em pânico. — *Semanas?* Espere um minuto, está me dizendo que ficarei presa neste *bunker* subterrâneo por todo esse tempo?

Gentilmente ele diz — Não cabe a mim quanto tempo ficará aqui, *lass*.

— Não foi isso que perguntei!

— A prioridade é a sua segurança, quer demore alguns dias ou mesmo algumas semanas.

— Porque?

Sua expressão escurece. — Lidando com Malek.

Pelo tom de Spider, entendi que “lidando” com ele não será agradável, ou fácil.

Lembro-me da expressão de repulsa nos olhos de Malek quando lhe disse quem eu era, e um arrepio de medo me percorre. Talvez quando disse que eu não corria perigo com ele, seja porque pensou que eu fosse uma prostituta.

Talvez ser quase cunhada de Declan mude o jogo para pior.

E talvez eu devesse ter mantido minha boca grande fechada, porque talvez o notório assassino russo gostaria de varrer toda a família de Declan da face da terra.

— Oh, merda — digo, com os olhos arregalados.

Spider franze a testa. — O que é?

— Malek está atrás de Declan por alguma coisa em particular?

Quando aquele músculo na mandíbula de Spider flexiona, sei que ficará ruim, mas nunca imaginaria exatamente o quão ruim seria.

— Sim. Declan matou o irmão de Malek.

E matarei minha irmã por me arrastar para tudo isso.

Quando apenas fico lá olhando para Spider com horror, ele pega meus ombros em suas mãos e diz com firmeza — Está segura aqui. Nada liga este lugar a Declan. Ninguém sabe que existe. Está segura, *lass*. Eu garanto.

Ele está convencido de que o que está dizendo é verdade, mas há uma voz preocupada dentro da minha cabeça me lembrando que as promessas são feitas para serem quebradas.

E em apenas algumas horas, provarei que estou certa.

Porque acordo com a mão enorme de Malek tapando minha boca e seus olhos verdes furiosos fixos nos meus.

16

RILEY

— Olá de novo, *Little Bird*³⁴. Faça um único som, e quebrarei seu pescoço.

As palavras são ditas em um tom mortalmente suave que não deixa dúvidas de que não me dará outra rosa branca tão cedo.

Meu coração começa a bater forte. Arrepios de frio me percorrem. Meu corpo inteiro explode de pânico.

Fico perfeitamente imóvel, olhando para ele em puro terror, convencida de que estou prestes a morrer, ou algo menos agradável.

Malek desliza a mão até minha garganta. Quando suspiro, ele aperta.

³⁴-Passarinho.

— Vá em frente — sussurra, com os olhos brilhando. — Grite. Vou gostar de silenciá-la.

Por alguma razão, em vez de me assustar mais, esse comentário me irrita regamente. O frio gelado que primeiro me atingiu agora se transforma em um calor escaldante.

— É aqui que eu lembro que você me deu sua palavra de que não me machucaria.

Meu tom é tão mordaz que o fez piscar, mas ele se recupera rapidamente, inclinando-se mais perto até que nossos narizes quase se tocam.

— Eu menti.

Isso me deixa ainda mais irritada. Fervendo, olho para ele. — Então é uma péssima desculpa para um ser humano. Mentirosos são os piores. Sabe por quê? Porque são covardes. Vá em frente e me mate, mas esteja preparado para o meu fantasma te assombrar para sempre. E quando digo *para sempre*, quero dizer literalmente. Guardo rancor como as mães de primeira viagem seguram seus bebês.

Seus olhos brilham. O mesmo acontece com suas narinas. Ele não pode acreditar na minha coragem. Nem eu, mas, aparentemente, a morte iminente traz à tona minha Ninja interior, que quer bater em todos que estiverem à vista.

Respiramos furiosamente um contra o outro até que ele rosna — Você tem uma boca grande para uma coisa tão pequena.

— E você tem um cérebro pequeno para uma coisa tão grande. Mesmo se me matar, realmente acha que sairá deste lugar vivo?

Ele rebate — Seus guarda-costas nem sabem que estou aqui.

— Isto é o que pensa. Já apertei o botão de pânico ao lado da cama. Você tem dez segundos para sair antes que eles entrem pela porta, as armas disparando.

Com os dentes cerrados, ele diz — Não há botão de pânico.

— Acho que teremos que descobrir, não é?

Ele faz outro som rosnando. Este vem do fundo de seu peito. É baixo, estrondoso e perigoso, como o aviso de um urso. Está furioso com minha atitude, mas também não está me estrangulando, então acho que o atrevimento pode ser uma boa distração.

— Como entrou aqui, afinal? Este lugar é uma fortaleza.

— Você sempre fala muito quando está prestes a morrer?

— Sim. Acho a conversa pré-morte relaxante. Responda à pergunta.

Sua mão aperta em volta da minha garganta. — Não está no comando aqui, *Little Bird*.

Realmente queria que ele não cheirasse tão bem, ou parecesse tão bom. Sua atratividade é enervante. Olho em seus olhos verdes brilhantes, me perguntando como é possível que minha irmã e eu tenhamos um gosto tão terrível para homens.

Ainda bem que nunca conhecemos *Ted Bundy*³⁵. Aparentemente, assassinos carismáticos e violentos são nossa praia.

— Sei que não estou no comando, mas estou curiosa. Você parece ser capaz de atravessar paredes.

— Daí o apelido.

— O que o nome Carrasco tem a ver com atravessar paredes?

Ele franze a testa para mim. — Meu apelido é *Ghost*.

— Não foi isso que eu ouvi.

Ele faz uma pausa para pensar. Sua mão ainda está enrolada em minha garganta, mas afrouxou um pouco. — Carrasco?

— Sim. Achei que era bom com um laço.

— Não. Não tenho ideia de como dar esse tipo de nó.

— Oh.

— Mas uma vez estrangulei um homem com seus próprios intestinos.

Sentindo-me enjoada, digo — Que criativo.

³⁵-Serial Killer.

— Obrigado. Foi o que pensei.

Nós nos encaramos. Tornei-me agudamente ciente de seu corpo pairando sobre mim, do calor de sua pele queimando suas roupas, da sensação de sua mão áspera em meu pescoço.

— Dez segundos se passaram. Onde estão seus guardacostas? — Quando não respondo, ele se inclina perto do meu ouvido e diz — Quem é o mentiroso agora?

Sua voz é baixa e rouca, e seu cheiro selvagem e amadeirado está no meu nariz. Um estremecimento involuntário me percorre. Eu fecho meus olhos e umedeço meus lábios, desesperada para me recompor.

— Você tem razão. Não há botão de pânico, mas ainda vou persegui-lo para sempre se me matar.

— As pessoas não voltam do túmulo.

— Você não tem ideia do quão teimosa eu sou.

Ele vira a cabeça e sua barba faz cócegas na minha bochecha. Olhando nos meus olhos, pressiona o polegar contra a pulsação latejante na minha garganta, em seguida, não faz nada por vários segundos.

Acho que está contando meus batimentos cardíacos. Ele também pode estar decidindo onde enterrar meu corpo.

— Por que não tem medo de mim?

— Estou com medo de você.

Ele examina minha expressão. — Não muito.

— Isso insulta o seu ego?

Ele faz um movimento com a cabeça que não é um *sim* ou *não*, mas sim com um *talvez*.

— Se isso vai impedi-lo de me matar, agirei com muito medo. Chorarei e tudo mais.

Ele está começando a parecer frustrado. — É exatamente disso que estou falando.

— Eu não posso evitar. Realmente acreditei quando disse que eu não corria perigo com você. — Penso por um instante. — Quero dizer, principalmente. Você é muito assustador. E muito grande. E Spider quase se cagou quando eu disse a ele que te vi na livraria.

— Spider é o guarda-costas loiro que estava com você?

— Sim. Oh, posso te pedir um favor? Poderia, por favor, não o machucar? Kieran também. Ele é o outro guarda-costas – o maior. Ambos são muito legais.

Malek me encara sem acreditar.

— Desculpa. Isso é pedir demais? É que nunca superaria se eles se machucassem por minha causa. Estão apenas tentando fazer seu trabalho.

Depois de um momento, ele diz com raiva: — Sabe quem eu sou. Você sabe o que eu faço. Certo?

— Sim. Fui informado dos detalhes.

— E está deitada aí com minha mão em volta do seu pescoço, me pedindo para não machucar seus guarda-costas.

Ele diz isso como se minha sanidade estivesse em questão.

— Sei que talvez seja um pouco heterodoxo.

— Não — diz categoricamente.

— Por favor?

Ele rosna — O que diabos há de errado com você?

— Não há necessidade de ficar irritado.

— *Irritado?*

— Estou apenas dizendo. Não precisa ficar todo bravo com isso.

Furioso de novo, ele me encara, apertando a mandíbula e provavelmente calculando quanta pressão será necessária para quebrar os ossos frágeis no meu pescoço.

Antes que o faça, digo — Eu também quero agradecer a você pela rosa que me deu. Isso foi muito bom. Nunca tive um homem me trazendo flores antes. Sei que era apenas uma, e também pensava que eu era uma prostituta cativa na época, mas mesmo assim. Foi atencioso. Então, obrigada.

Ele me encara com uma expressão entre confusão e espanto, com uma dose saudável de nojo ao lado.

— Agora é provavelmente um bom momento para lembrá-lo de que ainda sou a mesma pessoa a quem deixou a rosa. Então, se me matasse, também a estaria matando. Apenas um pensamento.

— Você usa drogas?

— Não, no momento, não. Por que, tem alguma?

— Há algo errado com você. Mentalmente. Certo?

Isso me faz rir. — Oh, totalmente. Tenho mais do que alguns parafusos soltos. Pelo menos é o que meu pai me diz, mas ele é extremamente tenso, imaginação *zero*, então sua opinião realmente não conta. Não que ele esteja errado, porque não está, mas os *normais* não devem julgar os criativos. Eles simplesmente não têm a menor ideia de como somos enganados. Por que está me olhando assim?

— Nunca conversei com uma pessoa maluca antes.

— Muito engraçado.

— Não foi uma piada.

— Ai.

Nós nos encaramos em silêncio. Seu olhar, hostil, o meu esperançoso. Ele ainda não me matou, então as coisas estão melhorando.

— Malek?

— O quê? — Ele diz categoricamente. Com pavor.

— Obrigada por não me matar.

Ele diz enfaticamente — Não me agradeça ainda.

— Você ainda está decidindo?

— Se fizer você calar a boca, sim.

— Nesse caso... — faço um movimento de zíper em meus lábios.

Ele assiste com indignação, espanto e descrença absoluta.

— Na verdade, antes de me calar, também quero dizer que foi muito fofo ter tentado me salvar de ser uma profissional do sexo. Quer dizer, que cavalheiro! Um cavalheiro assassino que dá a estranhos muito dinheiro em banheiros. É um verdadeiro enigma, Sr. Fantasma, ou é apenas *Fantasma*? Nunca tenho certeza de como a coisa do apelido funciona, exceto entre minha irmã e eu, mas isso não conta porque minha família inteira é um pouco estranha. Vou chamá-lo de Malek, se estiver tudo bem, ou Mal para abreviar, já que somos tão amigos agora, com você invadindo meus vários quartos para visitas noturnas e tudo. Está bem, fecharei a boca agora. Aqui vou eu.

Pressiono meus lábios e olho para ele, observando-o lutar contra o desejo de cortar meu suprimento de ar ou quebrar algo na minha cabeça.

Talvez ele esteja certo sobre eu ser louca, porque ao invés de aterrorizante, acho sua indecisão compreensível.

Não é o primeiro homem que conduzi à beira do assassinato. Ele é simplesmente o mais capaz de realmente passar por isso.

— Oh, mais uma coisa...

— Conheço uma maneira de manter essa boca fechada — rebate.

Então ele me beija.

17

MAL

Ela suga uma respiração chocada pelo nariz. Seu corpo inteiro enrijece. Fica congelada por uma fração de segundo.

Até que o gelo derrete e as garras saem. Ela morde meu lábio.

Forte.

Amaldiçoando, me afasto. Ela me encara, empurrando meu peito com toda a força, tentando me empurrar.

Eu não me movo. Em vez disso, coloco a mão em torno de sua mandíbula e a beijo novamente. Ela se contorce embaixo de mim, fazendo sons de raiva, lutando. Não cedendo ou abrindo a boca.

Estou surpreso com a resistência. Não parece forte o suficiente para ficar de pé em uma brisa forte. Fico ainda mais surpreso quando ela puxa meu cabelo, arranhando meu couro cabeludo com as unhas.

Eu me afasto, rindo. — Meu *Little Bird* tem garras.

— Chame-me de pássaro mais uma vez, e eu...

— O quê? — Exijo, pressionando meu peito contra o dela, sentindo seu coração bater forte através da minha camisa. — Você fará o quê? Atirar em mim? Apunhalar-me? Afogar-me em um mar de palavras?

— Foda-se.

— Isso é um convite?

— Em seus sonhos, seu idiota arrogante!

Ela está tão brava que está quase cuspiendo. Gosto deste lado dela. Este lado agressivo e zangado.

É tão raro alguém me desafiar.

— Cuidado — sussurro, roçando meus lábios contra os dela.
— O combate deixa meu pau duro.

Ela para de lutar comigo instantaneamente, mas nem um único grama de sua raiva desaparece. Está deitada embaixo de mim, respirando com dificuldade, lançando um olhar mortal para o meu rosto. Seus lábios estão pressionados com tanta força que estão brancos.

É incrivelmente fofo. Como um gatinho furioso, com o rabo inchado e miados minúsculos.

Não, somos inimigos. Não posso me deixar distrair. Já estou distraído. Porra.

Então improvise. Você é bom nisso. Matar dois coelhos com uma cajadada só.

Olho profundamente em seus olhos para que ela veja que estou falando sério, digo — Abra sua boca para mim ou atirarei em seus guarda-costas.

Ela rebate — Pensei que queria que eu ficasse de boca fechada.

— Vamos tentar de novo, espertinha. Deixe-me beijá-la ou dois homens morrem. Escolha. Agora.

— Isso é chantagem.

— Sim. Eu disse que sou uma pessoa má. Escolha.

Ela está tão furiosa, tremendo. Se ela tivesse lasers nos olhos, minha cabeça explodiria.

Meu pau e eu estamos gostando muito disso.

— Como saberei que você não atirará neles?

— Não sabe. Mais uma pergunta, porém, e eu atirarei.

Está ficando desesperada. Eu a vejo lutando para encontrar uma maneira de sair disso, para encontrar uma fuga, e quase rio alto quando finalmente vejo-a ceder.

Ela lambe os lábios e diz desafiadoramente — Tudo bem. Beije-me, mas não gostarei.

Desafio aceito.

Em vez de pressionar meus lábios nos dela, viro sua cabeça e corro a ponta do meu nariz ao longo de sua mandíbula. Abaixo

de sua orelha, inalo. Então, a beijo ali, minha boca mal roçando sua pele.

Tenho que suprimir uma risada quando ela estremece. Acho que estou tratando este negócio de vingança de maneira totalmente errada.

— Mais uma coisa. Você tem que me beijar de volta. Fique deitada como um peixe frio, que seu amigo Spider comerá uma bala.

— Retiro o que disse sobre ser um cavalheiro.

— Explodirei em lágrimas por isso logo depois que *me der a porra da sua boca*.

Ela inala, fechando os olhos e engolindo. Quando abre os olhos novamente, sei que é uma guerra. Já vi assassinos endurecidos parecerem menos psicóticos.

Meu sorriso a faz ranger os dentes.

— Preparada?

— Vá para o inferno.

— Não posso. O diabo tem uma ordem de restrição contra mim.

— Isto não é nem original! Vi isso em uma camiseta uma vez!

— Quer original? — Coloco minha boca perto de sua orelha e sussurro — Quero empalar você no meu pau. E também quero

torcer seu pescoço. Vou me contentar com um beijo, no lugar disso.

Ela murmura — Não posso acreditar que não deixei Spider atirar em você quando tive a chance.

Ignorando isso, pressiono meus lábios nos dela.

É gentil, não é árduo como da primeira vez. Um toque quente e persistente, boca fechada. Faço-o novamente, pincelando nossos lábios levemente.

Ela não esperava gentileza. Posso dizer porque me olha assustada.

— Feche seus olhos. Solte as mãos do meu cabelo. E tire o joelho das minhas costelas.

— Quantas regras mais haverá para esse beijo?

— Faça. Agora.

Ela faz tudo o que pedi. De má vontade. Então, quando apenas fico parado, olhando para sua doce boca, sussurra — Apresse-se e acabe com isso.

Sua voz treme. Sei que não é de medo. Também sei que a maneira de lidar com ela não é com força bruta. Ela não responderá a isso. O que só fará com que lute ainda mais.

Essa garota precisa ser provocada. Desembrulhada lentamente, uma pétala de cada vez.

Eu beijo suavemente um canto de sua boca. Depois o outro. Então beijo suavemente seu nariz e queixo.

— Que diabos está fazendo?

— Beijando você. Cale-se.

Ela faz um barulho irritado, que ignoro. Arrastando meus lábios para baixo ao lado de seu pescoço, faço uma pausa para pressionar outro beijo suave no pulso latejante ali. Acaricio a ponta da minha língua ao longo dele.

Um leve tremor percorre seu peito. Ela diz meu nome sem fôlego.

Eu também ignoro isso.

Encostar meu nariz na curva onde seu pescoço encontra seu ombro a faz estremecer. Inalo profundamente contra sua pele. O seu cheiro é tão doce, que quero mordê-la.

É o que faço.

— Malek!

— Quanto mais cedo ficar quieta, mais cedo isso acabará. Continue me interrompendo e farei esse beijo durar a noite toda.

O que, agora que penso nisso, pode não ser uma má ideia.

Ela está respirando com dificuldade agora. Tensa e tremendo embaixo de mim. Eu sei exatamente por que ela quer que eu pare. É a mesma razão pela qual não pararei. Gosta da sensação da minha boca em sua pele.

E eu gosto do quanto ela odeia gostar.

Beijo uma trilha suave ao longo de sua clavícula até o ombro, afastando o decote de sua camiseta de algodão branco para chegar lá. Beijo meu caminho de volta e mergulho minha língua na depressão na base de sua garganta.

— Por favor. Pare. Pare com isso.

Sua voz está rouca. Seu corpo inteiro estremece. Sinto como se alguém simplesmente me incendiasse.

— Quer que Spider morra?

— Eu só quero que isso acabe.

— Acabará.

— Quando?

— Logo.

Quando ela abre a boca para protestar, deslizo meu polegar dentro dela e rosno — Chupa isso, ou te darei algo para engasgar.

Seus dentes pressionam com força contra meu dedo. Coloco minha outra mão em seu cabelo.

— Tire sangue, e farei a morte de Spider durar algumas semanas.

Ela faz um barulho zangado, me olhando com fúria.

— Quer que isso acabe? Feche seus olhos. E chupe.

Nossos olhos se chocam. Ela não me obedece imediatamente, então espero para ver o que decidirá.

Eu sei muito bem que a mordida de um humano adulto pode causar destruição maciça em um dedo. Possivelmente até mesmo cortá-lo. Ela danificaria os dentes e a mandíbula, mas duvido que se importe.

Eu também não me importo. Valeria a pena perder um dedo só por causa dessa expressão no seu rosto.

Finalmente, ela fecha os olhos e exala um suspiro curto e raivoso pelo nariz.

Quando começa a chupar meu polegar, meu pau já duro lateja em resposta. Abaixo minha cabeça e beijo sua garganta, lambendo e beliscando. Ela geme em volta do meu polegar.

Esse som dispara uma flecha de calor direto pelo meu corpo, direto para minhas bolas. Nunca ouvi nada mais sexy.

Ela é sua inimiga. Inimiga! Lembra?

Meu cérebro continua tentando me dizer isso, mas meu pau tem outras ideias sobre nosso relacionamento. Outras ideias muito fortes.

Removo meu polegar de sua boca e o substituo pela minha língua.

Ela esquece que me odeia beijando-a e arqueia contra mim com um suspiro, abrindo a boca para me beijar de volta apaixonadamente. É toda calor e nervos trêmulos, batimento acelerado e fome. Se sua resistência com a raiva anterior me

surpreendeu, a maneira como responde quando está excitada me surpreende ainda mais.

Ela é carente. Gulosa.

Quase tanto quanto eu.

O beijo fica mais profundo e ardente. Ambos estamos respirando com dificuldade. Estou começando a suar. Eu amo a sensação da boca dela. O calor doce e suave. Seus lábios quentes. Eu amo a maneira como se agarra a mim com seu corpo curvado e ambas as mãos cravadas em meu cabelo.

Amo a sensação de seus mamilos duros contra o meu peito.

Quero senti-los contra minha pele nua, não através da minha camisa. Quero chupá-los, mordê-los, beliscá-los até que me implore para fodê-la. E eu quero fodê-la. Quero fodê-la com força e profundamente. Quero fazê-la agarrar minhas costas e gozar para mim. Quero fazê-la gritar meu nome até ficar rouca. Eu quero...

ELA É SUA INIMIGA!

Afasto-me e olho para ela, tentando recuperar o fôlego. Tentando limpar minha cabeça das imagens abrasadoras dela nua e gemendo debaixo de mim, seus seios saltando contra meu peito, suas pernas delgadas enroladas em minha cintura enquanto empurro profundamente de seu corpo.

Seus olhos se abrem. Ela me encara com um olhar suave e nebuloso, piscando lentamente como se não tivesse ideia de onde está. Seu rosto está vermelho. Seus lábios estão molhados. Ela sussurra meu nome.

Sussurra tão docemente que me dá vontade de quebrar alguma coisa.

Declan O'Donnell assassinou meu irmão.

Um membro da sua família matou um dos meus. Eu deveria estar em qualquer outro lugar da terra, exceto neste quarto com esta mulher.

Minha voz sai grossa. — Diga a qualquer um que eu estive aqui, e eles morrem.

Eu me levanto da cama e vou embora.

18

RILEY

De um segundo para o outro, ele desaparece, me deixando sozinha no quarto.

Sozinha e tremendo muito.

Sento-me na cama e pego meus óculos na mesa de cabeceira. Quando os coloco, olho ao redor sem acreditar. Está exatamente do mesmo jeito de quando fui dormir.

Exceto que agora cheira a um grande macho áspero e a tensão sexual não resolvida.

Arranco os óculos, me viro, enterro meu rosto no travesseiro e grito.

Isso não ajuda.

Eu ainda o quero.

Ele, o assassino que matará Declan.

Ele, o idiota que ameaçou me matar.

Ele, o assassino, perseguidor, filho da puta que atravessa paredes sólidas, que me toca como se eu fosse feita de vidro e me beija como se estivesse morrendo de fome.

Cara, pensei que tinha uma vida romântica complicada antes, mas esta é uma merda de próximo nível bem aqui.

Rolando de volta, coloco meus óculos novamente e me levanto da cama. Com o coração martelando, abro a porta e olho para o corredor. Está escuro e silencioso. Tudo está calmo.

Oh, Deus - e se for tão quieto porque Spider e Kieran já estão mortos?

Com um som estrangulado de horror, avanço pelo corredor até a sala de estar principal. Também está escuro aqui, mas há um brilho azulado de um receptor de TV a cabo perto da TV que me permite ver para onde vou. Corro para a cozinha e apago as luzes, esperando ver um rastro de sangue no chão ou impressões de mãos ensanguentadas ou massa cerebral decorando as paredes.

Quando não encontro nenhum, paro para respirar. Eu me inclino contra o balcão, me preparando para procurar no resto dos quartos. Preparando-me mentalmente para lidar com qualquer carnificina que possa encontrar.

— Qual é a loucura, *lass*?

Eu pulo, grito e giro.

Spider está parado na porta da cozinha, piscando sonolento.

Sua camisa branca está enrolada nos antebraços e aberta no pescoço. Sua mandíbula está sombreada pela barba por fazer. Seu cabelo está despenteado.

Não há buracos de bala visíveis nele.

Estou tão aliviada que quase escorrego para o chão. Em vez disso, pressiono a mão sobre meu coração trovejante e começo a rir fracamente.

Ele franze a testa.

— Desculpa. Deus, sinto muito, só... eu pensei...

Diga a qualquer um que estive aqui, e eles morrem.

Relembrando o aviso de Malek, engulo nervosamente e desvio os olhos. — Hum. Estava com fome.

— Com fome — repete desconfiado, me olhando de cima a baixo.

Deixo minha voz firme, fico mais reta e consigo olhar nos olhos dele. — Sim. Morrendo de fome, na verdade.

— Você teve uma grande refeição há menos de três horas.

Merda. Ele tinha que se lembrar que horas eram quando devorei meu jantar.

— Não me envergonhe por ter um grande apetite, Spider. Gosto de comer. — Vou até a geladeira, abro a porta e olho para dentro.

É quando percebo que tudo que estou vestindo é a camiseta curta e a calcinha branca de algodão com que fui para a cama. Calcinhas de algodão branco que provavelmente estão encharcadas.

Fecho a porta da geladeira, me viro, cruzo as mãos na frente da virilha e forço um sorriso. — Pensando bem, acho que voltarei para a cama. Nunca é uma boa ideia dormir com o estômago cheio. Vejo você pela manhã.

Volto para o meu quarto o mais casualmente que posso, sentindo o olhar de Spider em mim o tempo todo.



Não consigo voltar a dormir. Fico ali deitada por horas no escuro, olhando para o teto, estremecendo a cada pequeno barulho, esperando que Malek apareça do nada a qualquer momento.

Que ele apareça e me mate, ou me beije de novo.

É um cara ou coroa neste momento.

De manhã, estou arrastando o traseiro. Tomo banho e me visto com as mesmas roupas que usei ontem, porque são as únicas que tenho comigo. Há coisas no armário, roupas que sobraram de

quem poderia ter se hospedado aqui antes, mas são todas muito grandes e cheiram a cigarro.

Não sei se posso encarar os olhos muito perspicazes de Spider novamente, então fico no meu quarto a maior parte do dia. Kieran bate à porta à tarde, trazendo uma bandeja de comida. Quando pergunta como estou, não minto.

— Sinto que fui atropelada por um caminhão.

Seu sorriso é caloroso e compreensivo. — Ficarà tudo bem, *lass*. Tente não se preocupar. Se quiser, terei o maior prazer em lhe trazer um golinho de uísque. Isso sempre ajuda a endireitar minha cabeça.

Ele é tão legal. Ele e Spider. Eu realmente espero que Malek não os mate.

— Obrigada, Kieran. Acho porém que prefiro manter minha cabeça afiada, se é que me entende. Esta situação está em constante evolução.

Ele concorda. — *Aye*. Precisa de mais alguma coisa?

— Roupas. Meu computador. Uma lobotomia frontal.

Rindo, ele diz — Posso ajudar com os dois primeiros, *lass*. Está sozinha com o terceiro.

— Pode pegar meu laptop? Deixei nas Bermudas.

— Os rapazes limparam a casa e os veículos. Eles farão uma parada aqui esta noite a caminho de Declan.

— Teve notícias dele? Ele está bem?

Se meu tom está muito tenso de preocupação, Kieran não percebe. Seu encolher de ombros é indiferente.

— Ele está bem. Reunindo as tropas, fazendo planos. Sabe, chefe dos negócios.

Espero que o chefe dos negócios inclua o uso de armadura de corpo inteiro e capacete à prova de balas o tempo todo, mas não digo isso em voz alta.

Kieran sai. Como a comida que ele me trouxe. Ando. Luto com a ideia de contar a ele e a Spider que Malek invadiu, mas não consigo decidir se aquele assassino bastardo saberia se eu contasse.

E se ele grampeou meu quarto? Ou toda a casa segura, por falar nisso? E se instalou câmeras secretas? E se puder se transportar telepaticamente e ouvir tudo o que está acontecendo aqui?

Não posso descartar a possibilidade. Ele parece capaz de tudo.

No final das contas, decido não dizer uma palavra. Eu me recuso a ser responsável por alguém se machucar. Malek pode machucá-los de qualquer maneira, mas não tenho controle sobre isso. Não quero que seja porque ele me disse para não fazer algo e eu não dei ouvidos.

Ele parece o tipo de homem que a desobediência desagrada muito.

Por volta das nove horas, Spider bate a minha porta.

— Ei — digo quando abro. — Como você está?

Ele me olha por um momento silencioso antes de dizer — Ótimo. Você?

— Também.

— Peguei sua bolsa. Laptop também. — Levanta minha mochila. — Onde devo colocá-lo?

— Oh, ótimo! Na mesa está bom, obrigada.

Abro a porta e o deixo entrar. Ele está vestido com seu terno imaculado e gravata, nem um fio de cabelo fora do lugar, e seu queixo angular está bem barbeado. Acho que Declan tem um código de vestimenta para esses caras, porque Armani preto é tudo o que usam.

Ele coloca a mochila na mesa e se vira para mim.

Depois, apenas fica parado em silêncio, parecendo desconfortável.

— O quê?

— Acho que devo a você um pedido de desculpas.

Isso me pega completamente desprevenida. Olho para ele com minhas sobrancelhas levantadas. — A mim? Por quê?

Ele muda seu peso de um pé para o outro, pigarreia e olha para a porta. — Por pegá-la ontem à noite na cozinha em seu *kex*³⁶. Você parecia terrivelmente envergonhada.

Entendo que “kex” deve significar roupa íntima e me sinto aliviada.

A menos que signifique “roupa íntima molhada”, e neste caso estou mortificada.

Minha risada é breve e nervosa — Não é, hum... nada demais.

Ele olha para mim. As pontas das suas orelhas ficam vermelhas.

— Não vi nada, se é isso que te preocupa. — Após uma breve pausa, se corrige. — Quer dizer, eu não vi muito.

Eu coloco a mão sobre meus olhos. — Jesus. Poderia tornar isso mais doloroso?

— Sinto muito.

— Desculpas aceitas. Agora, por favor, vá, para que eu possa morrer de vergonha sozinha.

— Você não tem nada do que se envergonhar, *lass*.

³⁶-Roupas íntimas.

Sua voz ganhou um tom rouco e desconhecido. Acho que ele está tentando me elogiar. E agora minhas orelhas também estão vermelhas.

Deslizo minha mão dos meus olhos até a minha boca. Fico olhando para ele em silêncio. Então largo minha mão ao meu lado e suspiro. — Bem. Obrigada. Acho. Podemos, por favor, nunca mais falar sobre isso?

Ele passa a mão no cabelo. — *Aye*. — Vira-se para sair, mas volta-se para a porta. — Sua irmã quer falar com você. Ela me pediu para que você ligasse para ela.

— Diga a minha irmã que prefiro comer um sanduíche de merda do que falar com ela.

Ele pressiona os lábios para não rir e acena com a cabeça. — Farei isso.

— E pare de pensar que somos parecidas. Não somos nada, nada parecidas.

Ele segura meu olhar, parecendo discutir com ele mesmo sobre alguma coisa. Finalmente, diz — Não, não é. Exceto pelo sangue de leão que corre na família.

Eu digo baixinho — Obrigada por isso, mas não sou um leão. Comparada a ela, sou... um filhote.

— Um leãozinho ainda é um leão.

Depois de um momento de silêncio constrangedor, ele se vira e sai.

Estou mais determinada do que nunca que, se estiver ao meu alcance, não deixarei Malek machucá-lo.

Spider será um bom parceiro para alguém um dia. Ele não merece levar um tiro por servir de babá da irmã mais nova idiota da noiva de seu chefe.

Eu trabalho no meu laptop por algumas horas até ficar com sono. Pego a última caixa de *Twizzlers* da minha bolsa e como tudo. Depois tomo um banho, fico muito tempo sob o jato de água quente, pensando em tudo o que aconteceu desde que saí de San Francisco. Pensando no que direi a Malek quando o vir na próxima vez.

Porque sei que haverá uma próxima vez. Sei disso em meus ossos.

O que quer que esteja acontecendo entre nós, ainda não foi resolvido. Sei que ele quer me odiar, e talvez parte dele queira. Há contudo outra parte dele que não quer.

A julgar pela noite passada, essa sua parte está nas calças.

E eu não sei o que fazer sobre nada disso. Toda essa situação está tão fora do meu alcance que mal consigo pensar direito.

Sou apenas uma introvertida que adora livros, doces e discutir com estranhos na internet. Minha ideia de entusiasmo é começar uma nova série da Netflix. Moro em uma das cidades mais empolgantes do mundo, sim, mas todos com quem saio são tão emocionantes quanto pão dormido. São *geeks* de computador. Viciados em videogames. Filósofos de cafeteria com

coques masculinos, diplomas em artes e talvez um par extra de órgãos genitais.

Está bem, essa parte é emocionante, mas já entendeu.

Não há gângsteres no meu mundo. Não há armas, violência, casas seguras ou jatos particulares.

E o mais importante, não há assassinos russos grandes, aterrorizantes e belos com vingança em suas mentes, invadindo meu quarto a qualquer hora da noite para me dominar com testosterona e me beijar até quase morrer.

Eu não sei o que fazer.

Se eu ligasse para um de meus amigos e contasse a história da semana passada, eles me perguntariam porque estava guardando meu *ecstasy* e exigiriam que eu mandasse um pouco.

Ninguém acreditaria. *Eu* não acredito nisso.

O que preciso é de um plano.

Embora odeie até mesmo pensar assim, é o que Sloane faria. Ela avaliaria a situação e faria um plano. Um plano que esmagaria a concorrência e deixaria uma carreira fumegante de destruição em seu rastro.

O único caminho fumegante de destruição que consegui criar até agora foi na minha calcinha quando Malek estava me beijando.

Quando saio do chuveiro, já pareço uma ameixa. Eu ainda não tenho uma estratégia. Seco meu cabelo e meu corpo com uma toalha, depois enrolo a toalha ao meu redor e escovo meus dentes.

Em seguida, limpo um círculo claro no vapor no espelho sobre a pia e quase morro de ataque cardíaco.

Malek se eleva atrás de mim, olhos claros queimando sob as sobrancelhas baixas.

19

RILEY

Minha reação é puro instinto.

Eu me viro e dou um tapa no seu rosto.

Isso não o move. Ele simplesmente fica ali e minha mão arde.

— É bom vê-la também, Riley Rose.

O tom rouco de sua voz sugere que me viu muito, provavelmente quando eu estava saindo do chuveiro.

O calor pulsa em minhas bochechas. Furiosa, bato nele de novo, desta vez com todas as minhas forças.

Ele lambe os lábios e diz com veemência — O que eu lhe disse sobre a luta me deixar de pau duro?

Ele me puxa contra seu peito, coloca a mão em meu cabelo molhado e me beija.

Este não é um beijo doce e suave, como na noite passada. Isso é devastador. Exigente. *Possuidor*. Tanto uma reivindicação quanto qualquer outra coisa, uma declaração

presunçosa de que pode ir e vir quando quiser e não há absolutamente nada que alguém - incluindo eu - possa fazer sobre isso.

Nunca estive com tanta raiva em minha vida.

— Seu filho da puta presunçoso! — Eu sibilo, me afastando de sua boca. — Saia!

— Se é o que quer.

— É!

— Tudo bem, mas levarei alguns cadáveres comigo.

— Sabe o quê? Vá em frente e me mate! Pelo menos não terei mais que lidar com você.

— Eu não estava falando sobre você, *Little Bird*. Vou mantê-la viva para que possa me assistir jogando os corpos de todos os seus guarda-costas em uma grande pilha e incendiá-la.

Respirando com dificuldade e tremendo, olho para ele, minhas mãos espalmadas sobre seu peito enorme. Tento empurrá-lo para longe, mas é como tentar mudar uma casa.

— Você é um monstro.

— Sou.

— Deixe-me ir.

Olhando para mim com os olhos semicerrados, ele lambe os lábios. Sua voz fica rouca. — Se eu deixá-la ir, a toalha também vai.

— Eu te odeio!

— Compreensível.

— É um idiota!

— Culpado.

O fato de ele concordar comigo em tudo está me deixando louca. — Ontem, ameaçou me matar.

— Decidi que há outras coisas que gostaria de fazer com você primeiro.

O tom de sua voz não deixa dúvidas sobre o que quer dizer. — Isso é só... *argh!* Você é um doente, distorcido...

— Blá, blá, blá, sim. Quaisquer outros nomes ruins que está prestes a me chamar, sim, está certa. — Sua voz cai. — Agora me dê essa boca de merda de novo. É tudo o que consegui pensar nas últimas vinte e quatro horas.

Ele abaixa a cabeça para que nossos rostos fiquem a um centímetro de distância. Seu olhar ardente queima o meu.

— E me beije como se quisesse ou a contagem de corpos começa.

Depois disso, não faz mais nada. Simplesmente permanece parado, olhando nos meus olhos com uma mão em punho no meu

cabelo na nuca e seu braço forte em volta das minhas costas, prendendo-me contra ele.

Ele está esperando por *mim* para *beijá-lo*, o bastardo!

Meu sussurro é veemente. — Eu não quero beijar você.

— Se eu colocar minha mão entre suas pernas agora, posso provar que é uma mentirosa.

A NASA deve ser capaz de me ouvir rangendo os dentes de raiva durante todo o caminho para o espaço sideral.

Quer dizer, ele está certo, mas prefiro morrer do que admitir. Em vez disso, ignoro seu comentário.

— Tudo bem. Vou te beijar. Depois disso, você vai embora?

— Não. Eu simplesmente não matarei ninguém. Esta noite.

Solto uma respiração forte e fecho meus olhos. — Como saberei que não mudará de ideia?

— Eu te dou minha palavra.

— Você me deu sua palavra, antes, de que não me machucaria também. Desde então, ameaçou me matar várias vezes.

— Isso foi antes de eu saber quem você era.

Abro meus olhos e olho para ele. — Sou exatamente a mesma pessoa.

— Não para mim.

Levo um momento para examinar sua expressão, então digo — Este não é um apelo por minha vida. Eu sei que não se importaria com isso. Sejam claros porém: acabei de conhecer Declan. Não vejo minha irmã há três anos. Não tenho nada a ver com a máfia irlandesa. Não tive nada a ver com o que aconteceu ao seu irmão.

— Talvez não, mas se alguma coisa acontecer com você, sua irmã se culpará. Depois culpará Declan. Então, sua vida será miserável. Eu quero que ele fique miserável por um tempo antes de matá-lo. Quero que ele seja tão miserável, que deseje nunca ter nascido.

Penso por um momento, então admito com relutância — Sua lógica não é uma merda.

— Obrigado.

— Mas realmente espera que eu ainda te beije? Com minha própria morte pairando sobre minha cabeça?

— Você parecia muito capaz disso na noite passada.

Seus olhos queimam tanto que tenho que desviar o olhar. Agarra meu queixo e vira meu rosto de volta para ele. — Convença-me a não matá-la. Beije-me como se sua vida estivesse em jogo. Porque está.

— Você está *tentando* me fazer odiá-lo? Alerta de *spoiler*: está funcionando.

Seus olhos brilham. Ele rosna — Minha paciência está se esgotando.

Meu coração bate como um martelo. Meu rosto está vermelho. Meu estômago está apertado, e se eu tivesse uma arma na mão agora, enfiaria sob seu queixo e puxaria o gatilho.

Olhando em seus olhos, digo muito deliberadamente — só estou fazendo isso por Kieran e Spider. E não se esqueça do que eu disse sobre meu fantasma voltando para te assombrar. Se não gostar desse beijo, e morrerrei por causa dele, perseguirei sua bunda arrogante até o fim dos tempos.

Então fico na ponta dos pés e o beijo.

Ele abre a boca com um gemido e me beija de volta com força total.

Acho que a vingança é como se fosse sua marca própria.

Embora tenha iniciado o beijo, ele toma posse em segundos. Enrolando a mão em volta da minha garganta, inclina minha cabeça para trás com a outra mão e bebe profundamente da minha boca, segurando minha cabeça no lugar enquanto me agarro a ele, desesperada para não fazer os pequenos ruídos de prazer crescendo em meu peito.

Tenho que me lembrar enquanto ele passa sua língua contra a minha que isso é por Spider. É por Kieran. É por mim também, mas já estou quase morta, de qualquer maneira.

Segundo a segundo, esse beijo está me matando. Quando decidir acabar com ele, escorregarei no chão e morrerrei a seus pés.

Talvez esse tenha sido seu plano o tempo todo. É assim que ele me matará. Morte por sobrecarga de estrogênio.

— Você tem um gosto tão doce. — Murmura, se afastando. Respirando tão forte quanto eu.

Eu digo fracamente — São os *Twizzlers*. Terminamos?

— Sem chance.

Ele me beija novamente, encaixando sua boca na minha, soltando meu pescoço para cavar suas mãos grandes em meu cabelo, se pressionando contra mim e tomando minha boca com tanta fome que estou curvada sobre a pia. Eu tenho que enrolar meus braços ao redor de seus ombros para me equilibrar.

Ficamos assim, bocas fundidas, pressionados da virilha ao peito, beijando e beijando e beijando, até que estou tonta, com meus joelhos tremendo e prestes a desmaiar. Então ele me pega em seus braços e me carrega para fora do banheiro.

Entro em pânico quando se aproxima da cama. — O que está fazendo?

— Tudo o que eu quiser.

A única luz do quarto é do banheiro, mas é o suficiente para eu ver a intensa expressão de fome em seu rosto.

Putá merda. Estou prestes a ser devorada.

A pior parte é que eu sei que a única coisa que poderia fazer para impedir isso, ou seja, gritar por Spider e Kieran, também acabaria com suas vidas.

À beira da histeria, digo — Por favor, não me machuque. Preferia que você me matasse, em vez disso.

Ele sabe exatamente o que quero dizer.

— Se eu fosse te foder, *Little Bird*, não teria que me forçar a você. Faria você implorar por isso. E imploraria.

Eu vou do horror à fúria em dois segundos. — Você é louco!

— Já estabelecemos que você é a louca. Eu sou o monstro, lembra?

Ele me joga na cama. Suspiro e agarro a toalha mais perto do meu peito, em seguida, me movo para o lado, tentando não mostrar minha vagina para ele no processo.

Malek se senta na beira da cama e me arrasta de volta para ele.

Ele se inclina sobre mim e planta as mãos em cada lado da minha cabeça, me prendendo no lugar.

Com os olhos arregalados e hiperventilando, me encolho no colchão.

Ficamos assim por um tempo, até perceber que ele está esperando que eu me acalme. Respiro fundo algumas vezes, observando-o com cautela, me perguntando o que ele fará a seguir.

— Melhor? — Diz.

— Não.

— Sim, está. Quer que eu diga para você me beijar novamente.

— Eu não posso acreditar que tenha a coragem de *me* chamar de louca.

Ignorando isso, diz — Você também quer que eu diga para abrir as pernas.

Meu rosto fica quente. — Você é nojento.

— Para que eu possa colocar meu rosto entre suas coxas e aliviar essa dor com minha língua.

Uma imagem vívida dele fazendo exatamente isso aparece em minha mente, afetando todo o meu sistema nervoso. Meu batimento cardíaco fica descontrolado. Minha boca fica seca. Respiro fundo, tremendo.

Ele vê o efeito que suas palavras têm sobre mim e se aproxima do meu ouvido. Seu tom é baixo e rouco.

— Diga, *por favor*, e eu irei.

Eu não consigo falar, só posso balançar minha cabeça e rezar para que ele se canse deste jogo. Fique entediado e desapareça, desta vez para sempre.

Ele pressiona o mais suave dos beijos na minha garganta, então sussurra — Diga, por favor. Deixe-me prová-la.

Dando-me uma pequena amostra de sua habilidade, pega minha orelha entre seus lábios quentes e macios e o chupa.

Um calor escaldante atinge meu corpo. Um leve gemido escapa da minha boca. Meus mamilos endurecem e meu cérebro começa a gritar: *Por favor!* repetidamente. Eu mordo meu lábio para que não saia.

Então Kieran irrompe pela porta do quarto e tudo vai para o inferno.

20

MAL

Como sempre em um tiroteio, as coisas acontecem rápido.

O guarda-costas comete seu primeiro erro tático ao não acertar as luzes. Se ele fizesse, isso teria me cegado temporariamente, mas meus olhos estão ajustados à escuridão, e os dele não.

Além disso, está de pé no meio da porta, delineado à luz do corredor. Ele não poderia ter se tornado um alvo melhor se tivesse tentado.

Eu disparo o primeiro tiro. Ele cai de joelhos e atira de volta.

Erra. A bala se incrusta na parede seca por cima do meu ombro.

Estou ciente dos gritos de Riley, mas bloqueio-os, concentrando-me no guarda-costas. Disparo mais duas balas antes que ele caia, tossindo sangue.

O guarda-costas loiro com a tatuagem de teia de aranha no pescoço aparece na porta. Está de cócoras, arma pronta, dedo no gatilho. Espero sentir uma bala rasgando em algum lugar, mas o

movimento da minha direita me distrai. É Riley. Pulando na minha frente.

Gritando — Não!

Há uma fração de segundo de confusão em que não entendo o que está acontecendo. *O que ela está fazendo? Por que não fica na cama?*

Então um tiro ressoa. Seu corpo estremece. Ela bate em mim com um grito, depois cai no chão aos meus pés e fica ali, imóvel.

O guarda-costas agachado na porta olha para ela em branco, horror estampado em seu rosto. O momento de confusão passa e entendo o que aconteceu. Ela apenas recebeu a bala destinada a mim.

Deliberadamente.

Uma raiva uivante queima minha alma. Um rugido de fúria sai do meu peito. Passo por cima de Riley, a arma apontada para a cabeça do guarda, mas paro quando ela geme.

— Não, Mal. Por favor. Não o machuque.

O guarda está congelado no lugar. Não consegue desviar o olhar de Riley. Ele ainda está segurando sua arma, mas seus olhos estão arregalados e sem piscar, focados nela.

Já vi isso antes, esse tipo de descrença. É um tipo de negação tão poderosa que pode desligar todo o sistema nervoso de um homem. Seu cérebro se recusa a reconhecer o que fez. Todo o seu ser se tornou inoperante. Poderia esvaziar um cartucho inteiro em seu peito e ele nem piscaria.

— Mal. Por favor.

É fraco. O mais básico dos sussurros, mas ouvi-lo, ouvir a maneira como diz meu nome, acaba com meu impulso assassino de rasgar o guarda em pedaços com minhas próprias mãos.

Eu o acerto com minha arma, em vez disso.

Ele tomba para o lado com um grunhido, sangue jorrando de sua têmpora.

Eu me viro, pego Riley e embalo seu corpo imóvel contra o meu peito enquanto saio pela porta.

21

DECLAN

Quando atendo o telefone, Spider está em tal estado de aflição, que não consigo entender uma palavra do que está dizendo. Tudo o que ouço é uma bagunça de inglês e gaélico, gritado em alta velocidade.

— Acalme-se, companheiro. Não está fazendo nenhum sentido. O que aconteceu?

Ele inspira grandes goles de ar, e em seguida, produz uma única palavra que arrepia todos os cabelos da minha nuca.

— Malek.

Putá merda.

De onde estou sentado na cadeira de couro da sala de estar da casa secreta em Manhattan, posso ver Sloane preparando uma bebida. De pé na sala de jantar servindo uísque em um copo alto de cristal, ela parece preocupada. Angustiada.

Sabendo que ouvir essa conversa piorará a minha aparência, me levanto e caminho rapidamente para o quarto. Assim que estou fora do alcance da voz, exijo — Diga-me.

Depois de ouvir por menos de trinta segundos, estou com tanta raiva que poderia esmagar o telefone em meu punho.

Com os dentes cerrados, pergunto — *Como diabos ele entrou?*

— Não sei. Estávamos trancados. Nenhum dos alarmes disparou. Ele é um fantasma.

— Kieran?

— Caído. Recebeu três tiros. Ainda respirando, mas não parece bom. — Faz uma pausa para engolir mais ar. — Tem mais. É ruim.

Eu me preparo para o pior, que é exatamente o que consigo.

— Antes que aquele bastardo russo fugisse com Riley... eu...
— Sua voz falha. — Acidentalmente atirei nela. Era para ele, mas ela entrou no caminho da bala.

A respiração sai correndo dos meus pulmões em um assobio audível. Minha vida passa na frente dos meus olhos. Quando Sloane descobrir sobre isso, estaremos todos mortos. Kieran, Spider, toda a equipe. Incluindo eu.

Consigo perguntar — Ela está viva?

— Eu não sei. Estava escuro. Porra, chefe, sinto muito. Estou me matando por isso.

Posso ouvir a verdade disso na miséria absoluta em sua voz, mas sua culpa terá que esperar para mais tarde. Há assuntos

muito mais importantes para tratar primeiro. Solto uma respiração forte e entro no modo de comando.

— Leve Kieran para o hospital. Quando estiver instalado, revise as câmeras. Veja se consegue descobrir como aquele filho da puta entrou. Depois limpe e queime. Entendido?

— Sim.

— Ligarei para você em duas horas. Não fale com ninguém até então.

Desligo assim que Sloane está entrando. Ela dá uma olhada no meu rosto e diz — Oh, merda.

É uma bênção e uma maldição que ela possa me ler tão facilmente.

Deslizando meu celular no bolso, ando em sua direção lentamente, segurando seu olhar preocupado. — O que direi a você será perturbador. Deveria se sentar.

Em vez disso, bebe uísque. — Foda-se, gangster. Eu penso melhor de pé.

Eu a alcanço, mas ela levanta a mão para me impedir. — Apenas me diga diretamente. O que é?

Respiro lentamente, desejando tomá-la em meus braços e contar-lhe uma bela mentira, mas sabendo que isso só a enfureceria.

Mantendo minha voz calma, digo — Malek encontrou a casa segura em Boston. Invadiu a casa. Tiros foram trocados. Ele fugiu... e levou Riley com ele.

O rosto de Sloane empalidece. Ela fica imóvel, o pulso latejando descontroladamente na lateral do pescoço. Então, diz lentamente — Levou. Ela.

Porra, é tão difícil não a puxar em meus braços. — *Aye*.

— Onde?

— Não sabemos ainda, mas vamos encontrá-la. — Faço uma pausa para permitir que isso aconteça, e digo gentilmente — Ela foi ferida, amor. Baleada.

Sloane deixa cair o copo vazio e cobre a boca com ambas as mãos.

Não posso evitar agora. Tenho que tocá-la. Eu a agarro e a seguro com força, envolvendo meus braços em volta de suas costas e abaixando minha cabeça para que possa falar com urgência em seu ouvido.

— Não sei o quanto é ruim, mas vamos encontrá-la. Prometo. Faremos o que for preciso.

Ela treme em meus braços, respirando de forma irregular. Acho que pode estar entrando em choque. Até que se afasta abruptamente e me lança um olhar mortal.

— Você também me prometeu que ela estaria segura naquela casa! Então, sem mais promessas, está bem? Qual é o

plano? Como vamos encontrá-la? Como vamos trazê-la de volta? O que faremos especificamente?

Esta é uma das muitas razões pelas quais amo essa mulher. Essa lucidez. Esta graça sob pressão. Esta insolência absoluta, sem besteiras, sem medo. Quase sinto pena de Malek. Se minha rainha colocar as mãos nele, ele desejará nunca ter nascido.

— Espalharei a palavra. Oferecer dinheiro. Muito. Se alguém viu ou ouviu alguma coisa, saberei rápido. Os principais centros de transporte serão monitorados. Se ele tentar levá-la a um aeroporto ou terminal de ônibus, será impedido. Ligarei para Grayson assim que terminarmos de conversar.

Grayson é meu assistente no FBI. Se alguém será capaz de descobrir onde um notório assassino russo está circulando nos Estados Unidos, é ele.

Sloane engole. Acena lentamente. Umedece os lábios. Então diz algo que me enfurece.

— Ligarei para Stavros para ver se ele sabe de alguma coisa.

— Absolutamente *não*!

Quando apenas fica parada me olhando com os olhos marejados, me sinto como um idiota e baixo minha voz. — Ele tentou me matar duas vezes no mês passado.

— E não teve sucesso. E sabe que ele não terá, não importa quantas vezes tente. O homem sempre atirou em peixes. Ele também nunca acertou em nenhum deles. É completamente incompetente em assassinato.

— Ele também é obcecado por você.

— Exatamente. Ele é a nossa melhor aposta.

— Ligarei para Kazimir. Ele saberá mais do que o seu babaca *ex-boytoy*.

— Kage é seu inimigo. Ele odeia os irlandeses. Não te dirá merda nenhuma.

Ela provavelmente está certa sobre isso, mas o bastardo ainda me deve um favor. Apaguei seu arquivo do FBI, pelo amor de Deus.

Ela acrescenta — A menos que eu ligue para Nat primeiro.

— Não acho que seja necessário envolvê-la.

Ignorando meu comentário, ela pensa por um momento, então acena com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão. — Ela conhece Riley desde que era bebê. Vai querer ajudar. E se alguém pode fazer Kage falar com você, é ela.

Sem esperar minha resposta, ela saca o celular do bolso da calça jeans e liga para a amiga. Eu a observo, balançando minha cabeça.

Quem disse que este é um mundo de homens, estava muito enganado.

22

KAGE

Deitado nu na cama ao lado de Nat, estou com a barriga cheia, o coração cheio e um par de bolas vazias.

Minha *baby* ficará dolorida pela manhã.

— Você está bem? — Murmuro, meus lábios se movendo contra seu cabelo.

Sua risada é suave e satisfeita. Com a cabeça apoiada no meu peito, ela se aninha mais perto de mim, pressionando o comprimento do seu corpo nu contra o meu. — Sabe que estou. As pessoas provavelmente puderam me ouvir gritando em Seattle.

Inclino sua cabeça para cima e a beijo suavemente nos lábios. Na penumbra do quarto, vejo como seus olhos estão suaves, cheios de devoção, e fico maravilhado de novo, por conseguir amá-la.

Homens tão ruins quanto eu, não merecem esse tipo de sorte.

— O jantar foi ótimo.

— Obrigada. Estou feliz que gostou.

— Gostei? Eu comi quatro porções daquela lasanha. Quase lambi o prato.

Ela sussurra — Mas você me lambeu, em vez disso.

Pensar no quão forte ela gozou para mim faz meu pau enrijecer. E rosno — É claro que sim. E foi *barulhenta*.

A sua risada é tão doce que deixa meu pau ainda mais duro. Eu a rolo de costas, pressiono meu peito contra o dela e a beijo novamente, desta vez com fome. Quando subimos para respirar, ela ainda está rindo.

— Querido! Dê-me um minuto para recuperar o fôlego, está bem? Já tive três orgasmos na última hora!

— Somente três? — Digo, indignado.

Isso a faz rir ainda mais. Ela para quando o telefone na mesa de cabeceira ao lado da cama começa a tocar.

— Mulher — digo severamente. — O que eu disse a você sobre manter seu celular ao lado da cama?

— Algo mandão que ignorei.

— Desligue isso.

— Deixe-me ver quem é bem rápido. Pode ser Sloane.

— É disso que tenho medo.

Empurra meu peito. Eu não me movo, o telefone continua tocando.

— E se eu fizer um acordo com você que esta é a última vez que deixarei o telefone no quarto?

— Já fizemos esse acordo. Você convenientemente esqueceu.

— Oh. Certo. — Ela olha para mim, mordendo o lábio, implorando silenciosamente com seus grandes olhos de corça.

— *Não*, baby. Não me olhe assim.

— Por favor?

Ah, foda-se.

Ela sabe que não posso resistir a esse tom doce e suave, e esses olhos doces. Não sei por que me incomodo em tentar. Eu rolo fora dela com um suspiro pesado e deito de costas, olhando para o teto.

— Obrigada, querido. — Ela se inclina e me dá um beijo na bochecha antes de pegar o telefone e atender.

— Alô?

Há um longo silêncio enquanto escuta. Então ela deixa escapar — Oh, meu Deus! Não! Sloane, sinto muito!

É Sloane. Claro que sim. E já posso dizer que o que quer que ela esteja dizendo a Nat é um desastre gigante no qual terei que me envolver. Eu deveria ter jogado aquele maldito telefone pela janela quando tive a chance.

Nat escuta por mais alguns instantes, depois diz com urgência — Com certeza! Coloque-o agora! Colocarei Kage também.

Ela rola, empurra o telefone para mim e exige — Precisa falar com Declan.

Viro minha cabeça no travesseiro e olho para ela. Minha voz monótona, digo — Natalie.

— Não use esse tom comigo, Kage! Isso é importante! A irmã mais nova de Sloane foi sequestrada por um assassino russo chamado Malek e foi baleada no processo. Temos que ajudar a encontrá-la!

Aquele filho da puta.

Eu me sento e pego o telefone da sua mão. — Comece a falar, idiota.

— Foda-se você também, seu pedaço de merda inútil. Teve algo a ver com isso?

— Nem sei o que é isso.

— Não? Você tem muitos jogadores desonestos em sua equipe? Porque eu tinha a impressão de que era o grande chefe da *Bratva*. E se é, deve saber exatamente o que diabos está acontecendo em seu território, ou superestimei seu poder?

Essa última parte é dita com tanto desprezo que minha visão fica vermelha. É o seu sangue que estou vendo. E seu cadáver bem no meio de uma grande piscina.

— Vá direto ao ponto irlandês, porra.

— Malek Antonov. Você conhece o nome?

— Sim. Ele não está sob minha jurisdição.

Declan grita — Este maldito país inteiro é a sua maldita jurisdição, seu idiota!

Fecho meus olhos e respiro lentamente pelo nariz. Conto até dez. Quando abro os olhos, Natalie está andando nua para frente e para trás na ponta da cama, mastigando a unha do polegar. O fato de ela estar tão preocupada é a única razão pela qual não desligo.

Mantendo meu tom rigidamente controlado, digo — Ele está fora de Moscou. Sabe tão bem quanto eu que o velho país tem sua própria cadeia de comando.

— Não, não sei.

— Já existíamos muito antes da Máfia ser concebida. A Rússia é mais de duzentas vezes maior que a Irlanda. As coisas são mais complicadas.

— Besteira.

— Está bem. Boa conversa. Caia no mar, irlandês. — Carrancudo, seguro o telefone para Nat. — Tire isso de mim antes que eu quebre.

Ela me olha de volta, se preparando para cruzar os braços sobre o peito. — Termine a conversa, Kazimir.

Porra. Ela está me chamando pelo meu verdadeiro nome. A única vez que ela me chama pelo meu nome verdadeiro é se eu estiver em problemas com ela.

Fervendo, coloco o telefone de volta no ouvido. — O que você quer?

— Quero que me diga onde posso encontrá-lo.

— Nenhuma ideia.

— É um maldito mentiroso.

— Sim, mas não sobre isso.

Um xingamento gaélico escaldante vem sobre a linha. Isto me faz feliz.

Escondendo meu sorriso porque Nat está me observando, digo — Talvez se não tivesse entrado naquela matança e assassinado o seu irmão, não estaria nesta situação. Apenas um pensamento.

— Eu não sabia que ele era o seu irmão! Eles viviam em países diferentes! E sabe quantos de vocês, malditos russos, têm o mesmo sobrenome?

— Um conselho grátis? Da próxima vez que quiser matar alguém da *Bratva*, não faça isso.

Ele ruge uma sequência imunda de maldições tão longas e mordazes que tenho que manter o telefone longe do ouvido para não ficar surdo.

Quando o silêncio finalmente cai, coloco o telefone de volta. — Deixe-me ser claro. Não sei onde ele está. Não tenho nenhum controle sobre ele. Não dei permissão a ele para tocar na irmã de Sloane.

Segue-se um breve silêncio. — Mas sabia que ele estava aqui. Você falou com ele. Eu posso dizer pela sua voz.

Então, talvez esse idiota seja mais inteligente do que imagino. Talvez.

— Não tive nada a ver com esse sequestro. Eu te dou minha palavra sobre isso.

Ele zomba. — Sua maldita *palavra*.

Eu baixo minha voz. — Sim. Da mesma forma que lhe dou minha palavra, não contei a nenhum de seus amigos da máfia irlandesa ou a outras famílias quem e o que você realmente é; ou com quem está trabalhando. Porque se eu tivesse, ambos sabemos o que já teria acontecido.

Em sua pausa, sinto as rodas girando a um milhão de quilômetros por hora dentro de sua cabeça, mas ele permanece em silêncio.

— Obrigado por não insultar minha inteligência com uma negação.

— De nada. E agradeço a você por não insultar minha inteligência com uma negação também.

— Goste ou não, estou dizendo a verdade.

— Não estou falando sobre Malek agora.

Cristo, ele é exasperante. Fala em círculos de merda. — Então do que diabos *está* falando?

— Seu envolvimento com a morte de Maxim Mogdonovich.

Diz isso com tanta convicção, por isso sei que ele tem informações que não deveria ter. Não está adivinhando. *Ele sabe*.

Porra.

Quando não falo por um momento, puramente de surpresa, Declan diz — Lembra de Max, sim? Seu antigo chefe? Morreu em um motim na prisão, convenientemente elevando sua bunda implacável ao primeiro lugar? Engraçado como isso aconteceu. Eu me pergunto o que seus meninos *Bratva* teriam a dizer se descobrissem que você organizou a coisa toda?

— Você é uma lesma ignorante.

— E você é uma lata de mijo. Meu ponto é que ambos sabemos coisas sobre o outro que não deveríamos. Vamos nos concentrar na questão importante aqui. Diga-me onde posso encontrar este bastardo Malek. Onde mora? Como viaja?

— Estou te dizendo, não sei.

— Sabe que ainda me deve por ter apagado seu arquivo do FBI?

— Errado. Deixei Sloane ficar conosco enquanto estava cuidando de seus negócios. Seu negócio *perigoso*, que agora está explodindo na sua cara. Não tinha que fazer isso.

Sua voz se eleva. — Ouça-me, você...

— Dei abrigo a sua mulher. Minha dívida está paga. Fim.

Segue-se um silêncio tão longo que acho que ele deve ter desligado. Então diz — Se você me ajudar, lhe concederei um favor. Um favor. Qualquer coisa que perguntar. Sem condições.

— Está bem. Atire na própria cabeça.

— Qualquer coisa além disso, seu grande idiota.

Quando não respondo, ele diz — Sabe que o que estou oferecendo é valioso. Tudo que precisa fazer é me dar algo para seguir. Dê-me um lugar para procurar. Dê-me porra, qualquer coisa que nos ajude a encontrá-la, e eu te devo um favor. Sem perguntas.

Eu considero isso. Uma dúzia de coisas diferentes extremamente úteis que poderia pedir a ele passam pela minha cabeça. Embora odeie admitir, Declan O'Donnell é um homem poderoso.

Você nunca sabe quando ter um homem assim em dívida será útil.

E eu disse especificamente a Malek para não machucar nenhuma mulher enquanto estivesse se vingando. Fui muito claro sobre isso. Agora, uma garota foi baleada no processo de sequestro, o que não deveria ter acontecido.

Não qualquer garota.

Uma com o qual Natalie se preocupa. Uma que ela quer que eu ajude a encontrar.

Decisão tomada.

— Tudo bem, irlandês. Você tem um acordo. Deixe-me fazer algumas ligações. Entrarei em contato com você quando tiver algo.

Desligo antes de ouvir seu sotaque irritante novamente.

Então, com Nat olhando nervosamente, começo a discar.

23

RILEY

A dor está em todo lugar.

Principalmente no meu estômago, mas também está em cima de mim, em todos os lugares ao mesmo tempo. Cada respiração é uma agonia. O menor movimento é uma tortura. Até mesmo o ar passando pela minha pele faz doer.

Dói tanto, que gostaria de estar morta.

Meus olhos estão fechados e minha mente está lenta, entorpecida pela força bruta da dor, mas ainda estou vagamente ciente do que está ao meu redor.

Eu cheiro antisséptico.

Ouçó palavras faladas em uma língua estrangeira.

Sinto uma pitada fria de metal quando uma agulha é inserida em meu braço, depois uma leve queimação na veia.

A ponta mais aguda da dor diminui em segundos. Meu gemido de gratidão é um reflexo.

Um celular toca. Passos pesados se afastam.

Uma voz que reconheço diz em inglês — Estou dentro dos meus direitos. Não cabe a você questionar.

É Malek. E parece furioso.

Mais silêncio. Depois fala em frases rápidas, arrancando as palavras de sua língua.

— Eu a peguei como pagamento por Mikhail. O que faço a partir daqui não é da sua conta. Essa é toda a explicação que obterá, Kazimir. Ela é minha agora. Não entre em contato comigo novamente.

Os passos pesados se aproximam. Malek fala novamente, desta vez em russo. Também em russo, a resposta vem da minha direita.

É a voz de um homem. Ele parece nervoso. Sinto que há outros por perto, observando em silêncio, tão nervosos quanto ele.

Quando Malek responde, entendo, por isso deve ser em inglês, mas meu cérebro está confuso como uma bola de algodão. O que quer que seja injetado no meu braço, está me arrastando rapidamente para a inconsciência.

— Faça isso — rosna. — Se ela morrer, todos vocês também morrerão.

As palavras escorregam para fora do meu alcance, mesmo enquanto são ditas, subindo em preguiçosas correntes de ar para ecoar no teto até que desapareçam.

Uma onda de escuridão desaba e me engole inteira.



Como uma maré, a escuridão diminui lentamente.

A luz é filtrada pelas minhas pálpebras fechadas. Sinto o seu cheiro em algum lugar próximo, aquele cheiro inebriante de uma densa floresta noturna. Meu pulso dispara. Um sinal sonoro mecânico constante acelera para corresponder. Devo estar conectada a um monitor.

— Viva, *Little Bird* — Mal diz, perto do meu ouvido, sua voz baixa e urgente. — Voe de volta para mim.

Arrasto minhas pálpebras abertas o tempo suficiente para vislumbrá-lo ali, pairando sobre mim como um anjo da morte, lindo e sobrenatural, seus olhos claros brilhando intensamente.

Entendo que ele acredita que eu morrerei.

Pega minha mão fria e a aperta; com força. Ele comanda asperamente — *Viva*.

A maré de escuridão rola para me reivindicar mais uma vez.



Sou erguida em braços fortes. A dor é insuportável, mas não consigo gritar. Não tenho poder sobre nenhuma parte do meu corpo, incluindo minhas cordas vocais. Estou mole, meus membros balançando sem vida como os de uma boneca. Não tenho energia suficiente nem para abrir os olhos.

Eu também estou com frio. Muito frio. Fui sepultada dentro de um *iceberg*.

Então, há movimento. Movimento desorientador. Não posso dizer qual direção é para cima ou para baixo. Os braços que me carregavam desapareceram. Estou esticada em uma superfície confortável.

Devo ter sido colocada em uma superfície plana, mas não consigo me lembrar. Eu também ainda não consigo abrir meus olhos.

Algo macio e pesado cobre meu corpo. Um zumbido baixo acalma meus nervos gritantes. Um movimento de balanço me deixa em transe. Estou aninhada em calor e segurança, e embora a dor em meu corpo seja intensa, me sinto estranhamente calma. Calma e desligada de mim mesma, como se estivesse flutuando sem peso no ar a vários metros de distância, observando.

Talvez eu já esteja morta. Achei que a vida após a morte seria menos dolorosa do que isso.

O balanço diminui, depois para. Inalo uma respiração que cheira a neve.

— Boa noite senhor. Posso ver o seu passaporte, por favor?

A voz é masculina, amigável e desconhecida.

Após uma pausa, o homem amigável fala novamente. — Quanto tempo planeja ficar no Canadá, senhor?

— Alguns dias.

— Está aqui a negócios ou a lazer?

— Lazer. Sempre quis ver as Cataratas do Niágara do outro lado.

— Você tem algo a declarar?

— Não.

Há outra pausa, então o homem amigável deseja a Mal uma boa viagem.

O zumbido começa novamente. O movimento de balanço me leva de volta ao transe.

Eu caio de volta na escuridão.



Quando abro os olhos um minuto ou cem anos depois, estou deitada de costas em uma cama estranha.

O quarto é fresco, claro e silencioso, um borrão confortável. Sem meus óculos, não consigo ver os detalhes ao meu redor, mas não parece um hospital. Também não cheira a um.

O ar cheira distintamente a fogueiras de acampamento e pinheiro. A densas nuvens de chuva e vegetação rasteira úmida. A musgo verde espesso escalando troncos de árvores antigas envolto em névoa no topo. O tipo selvagem ao ar livre onde não há pessoas.

Isso me lembra de um acampamento perto de *Muir Woods*³⁷ que minha família fez quando eu era criança. Reunindo gravetos para o fogo, noites frias passadas enfiadas em aconchegantes sacos de dormir, o céu acima de nós como um manto cintilante de estrelas. Sloane e eu sussurrando e rindo até tarde da noite em nossa barraca depois que nossos pais adormeceram na deles.

É uma das últimas boas lembranças que tenho de nós duas antes de nossa mãe morrer.

³⁷-O Monumento Nacional de Muir Woods fica na Califórnia, EUA.

Fico imóvel por um momento, apenas respirando. Tentando costurar a minha memória esfarrapada de retalhos novamente. Apenas porções e pedaços de coisas vêm à tona, breves momentos de consciência entre longos trechos de escuridão. Até as coisas que consigo lembrar estão borradas e cheias de estática.

Não tenho ideia se muito tempo se passou.

— Olá? Tem alguém aqui?

Minha voz é o coaxar de um sapo. Minha boca tem gosto de cinza.

Passos pesados se aproximam, parando ao meu lado. Sei que é ele antes mesmo de falar. Conheceria seus passos e seu cheiro em qualquer lugar. Essa presença sombria, tão poderosa quanto a gravidade.

— Está acordada.

A surpresa suaviza o timbre naturalmente áspero de sua voz. Surpresa e algo mais.

Alívio?

Decepção, mais provavelmente.

Umedeço meus lábios, engulo, tusso. Quando os músculos do meu estômago se contraem, parece que alguém enfiou um atizador em brasa direto no meu estômago. Eu grito em agonia.

Ele murmura algo em russo, palavras calmantes e sem sentido, depois apoia minha cabeça com uma das mãos e pressiona um copo contra meus lábios.

Água. Clara e gelada. É a coisa mais deliciosa que já provei.

Eu bebo profundamente até que não haja mais nada. Ele tira o copo e passa o polegar pelo meu lábio inferior, pegando uma gota.

Sussurro — Onde estou? O que aconteceu? Kieran está bem?

O colchão afunda com seu peso. Ele se inclina sobre mim, colocando a mão ao lado do meu travesseiro, trazendo seu rosto em foco. Olha nos meus olhos e responde às minhas perguntas tão sucintamente quanto as fiz.

— Está na minha casa. Você foi baleada por seu guarda-costas. O loiro. Não sei se o outro está vivo. Descobrir se você quiser.

— Sim, por favor.

Ele concorda. Nós nos encaramos em silêncio. Em algum lugar lá fora, um corvo grasna três vezes. Parece um mau presságio, como o bando de gansos assassinados pelo avião enquanto descíamos para Boston.

— Eu... não me lembro de ter levado um tiro.

Ele acena com a cabeça novamente, mas não responde a isso.

— Ficarei bem?

— Você perdeu um rim. E seu baço. E muito sangue.

— Isso é um sim ou um não?

— É um talvez. Como está se sentindo?

Eu penso sobre isso, procurando a palavra perfeita para descrever a sensação de extrema fraqueza, exaustão opressora e latejante, dor até os ossos.

— Ferrada.

Ele me olha em um silêncio sério e focado como laser, então diz de repente — Sopa?

Pisco em confusão, sem saber se o ouvi corretamente porque meu cérebro está como queijo cottage. — Com licença?

— Acha que consegue comer alguma coisa?

Agora entendi. — Que tipo de sopa é essa?

Ele franze a testa. — O tipo que eu fiz. Quer ou não?

Estamos falando de sopa. Isso é loucura. Concentre-se, Riley. Descubra o que está acontecendo. Fecho meus olhos e expiro lentamente. — Por que estou aqui?

Ele faz uma pausa. Então sua voz fica muito baixa. — Porque eu quero que você esteja.

Tenho medo de abrir os olhos, mas faço isso mesmo assim. Ele me encara com um milhão de coisas não ditas queimando em seu olhar, todas elas assustadoras.

Tento deixar minha voz firme. — Quanto tempo ficarei aqui?

— Por quanto tempo for necessário.

Não tenho coragem de perguntar a ele o que isso significa ou energia para lidar com qualquer que seja a resposta. Apenas mordo meu lábio e aceno com a cabeça, como se tudo isso fizesse algum sentido.

Ele se levanta e sai.

Eu ouço sons de outra sala. Panelas fazem barulho no fogão. Uma porta abre e fecha. A água corre em uma pia.

Então ele está de volta, sentado na beira da cama novamente, com uma tigela de cerâmica branca e lisa aninhada em suas mãos. Ele coloca a tigela na pequena mesa de madeira ao lado da cama.

— Vou levantá-la. Vai doer.

Antes que eu possa protestar que já estou sofrendo o suficiente, ele me puxa pelas axilas para a posição sentada.

E não estava exagerando: dói. Dói *pra* caramba. Mil facas perfuram meu estômago e o destroem. A dor me deixa sem fôlego e ofegante.

Firmando-me com uma mão, apoiando o travesseiro contra a cabeceira da cama com a outra. Depois me ajuda a recostar-me contra ela, me acalmando suavemente quando gemo.

Ele se senta ao meu lado de novo, pega a tigela, coloca a colher nela e depois a leva aos meus lábios. Espera pacientemente até eu controlar minha respiração irregular e abrir minha boca, depois desliza a colher entre meus lábios.

A sopa é quente, cremosa e deliciosa. Engulo avidamente, lambendo meus lábios. Ele grunhe de satisfação e me dá outra colherada.

Só quando estou na metade da tigela é que falo de novo. — Há quanto tempo estou aqui?

— Desde a noite passada. Você passou seis dias no hospital antes disso.

Estive inconsciente por uma semana? Impossível.

Ele vê meu choque e diz — Estava em uma unidade de trauma até ficar estável o suficiente para ser removida.

— Unidade de trauma — repito, lutando para encontrar a memória.

Não há nada. É um beco sem saída. Uma parede em branco.

— Um lugar que usamos, fora dos registros. Você fez uma cirurgia. Recebeu analgésicos, antibióticos e hidratação por via intravenosa. Transfusões de sangue também. — Ele faz uma pausa. — Não deveria ter sobrevivido.

Com a voz fraca, digo — Eu disse que era teimosa.

— Sim, disse.

Ele me olha tão intensamente que fico constrangida.

A autoconsciência desaparece quando minhas sinapses cerebrais fritas decidem começar a disparar novamente, e me

lembro de algo que Spider me disse quando estávamos fugindo de Malek na livraria.

Ele é o braço direito do rei Bratva de Moscou.

A parte importante é “Moscou”.

Meu batimento cardíaco aumenta em um galope estrondoso. Minha voz fica rouca. — Quando disse que estou em sua casa... onde estou, exatamente?

Segurando meu olhar, ele diz uma palavra.

Não em inglês.

Meus instintos sugerem que é o nome de uma cidade, mas não pode ser o que estou pensando. Eu me recuso a acreditar que seja verdade.

Sussurro — Para onde você me trouxe? Onde é este lugar?

Ele permanece em silêncio. Seus olhos estão cheios de escuridão. Uma escuridão tão profunda e impenetrável que é como olhar para um abismo.

— Já sabe onde está. E é aqui que ficará.

Então ele se levanta e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

24

DECLAN

— Eu tenho algo.

O som da voz de Kazimir do outro lado da linha é um alívio e uma irritação instantânea. — Já faz mais de uma semana!

— Você tem sorte de eu ter encontrado alguma coisa. — Faz uma pausa significativa. — Seu contato do FBI apareceu com alguma coisa?

— Sabe muito bem que ele não fez isso — digo com os dentes cerrados.

— Sim. E eu tive que matar três homens para conseguir essa informação. Portanto, é necessário um pouco de apreciação.

— Apenas vá direto ao ponto, porra!

— Já que me perguntou tão gentilmente, eu vou.

Sua voz exala sarcasmo e parabéns a si mesmo. Murmuro para mim mesmo — Este maldito *minger*³⁸ será a minha morte.

— Com alguma sorte. Quer ouvir ou não?

Ele parece satisfeito com o fato de que minha agitação silenciosa é um *sim* e continua. E imediatamente desejo que ele não tivesse.

— Ela está na Rússia.

Depois de me recompor daquele choque, digo — Como? Tínhamos olhos em todo o país. Aeroportos, terminais rodoviários, portos, tudo.

— Ele é um filho da puta escorregadio, é isso. E a fronteira canadense é notoriamente porosa.

Canadá. Ele foi para o norte. Porra. — Continue.

— Ele roubou um caminhão, trocou as placas e a contrabandeou através da fronteira perto das Cataratas do Niágara. Uma jogada inteligente, considerando a quantidade de tráfego turístico diário que recebem. O caminhão foi encontrado abandonado perto de um pequeno campo de aviação em Hamilton, Ontário. Voaram de lá.

— O destino final?

³⁸-Uma pessoa ou coisa feia, desagradável ou fedorenta.

— Cidade natal de Malek. Moscou.

Moscou. A sexta maior cidade do mundo, com mais de doze milhões de habitantes. E nenhum deles disposto a nos ajudar a encontrar Riley.

— Então ela estava viva quando deixaram os Estados Unidos.

— Sim. Embora pelo que me disseram, mal.

Isso está cada vez melhor. — E agora?

— Nenhuma ideia. Seu rastro é sombrio. Ninguém sabe exatamente onde ele mora, e ninguém em Moscou estava disposto a falar comigo.

Estalo — Deveria ter oferecido dinheiro a eles!

Ele ri. — Os *oligarcas* não estão interessados em subornos.

— No que estão interessados, então? O que podemos oferecer a eles para que nos ajudem?

Após uma pausa, Kazimir diz — Concordei em ajudá-lo em troca de um favor valioso. Um favor pessoal. Isso não se estende ao resto da *Bratva*. Se quiser fazer um acordo com Moscou, entre em contato com eles você mesmo.

Esse idiota presunçoso. Enfurecido, solto — Contarei a eles sobre Maxim Mogdonovich.

— E eu contarei à Máfia sobre suas atividades extracurriculares como espião. Xeque-mate.

— Não é xeque-mate, seu *dryshite*³⁹. É um impasse na melhor das hipóteses.

— Concordo em discordar. O que quero dizer é que consegui a informação que estava procurando. Agora você me deve um favor. Terá notícias minhas quando eu precisar cobrar.

Ele desliga, me deixando tremendo de raiva.

Riley está em Moscou. Como diabos direi isso a Sloane?

— Para onde ele a levou?

Eu me viro ao som da voz de Spider. Ele está do outro lado da mesa do escritório na casa segura, me olhando com olhos assustados e febris.

Ele chegou a New York de Boston há dois dias. Desde então, não dormiu, não tomou banho ou comeu, pelo que posso dizer. Apenas anda por toda a extensão de qualquer sala em que esteja, então se vira e caminha para o outro lado, rangendo os dentes o tempo todo.

Ele se parece com sete tons de merda. Os cinco centímetros de pontos descendo por sua têmpora, de onde Malek o espancou, não ajudam.

³⁹. É um termo usado para se referir a alguém que é chato e sem graça.

Enfio o celular de volta no bolso da camisa, cruzo os braços sobre o peito e olho para ele de cima a baixo. — Precisa descansar um pouco.

Ele insiste — Para onde ele a levou?

Eu o conheço há tempo suficiente para saber que ele continuará me importunando com essa pergunta até obter uma resposta. Então dou uma a ele, embora não tenha certeza de que sua reação me deixará feliz por isso.

— Moscou.

Ele fica imóvel por um momento, processando-o, então diz ríspidamente — Como ela está?

— Está mal, pelo que Kazimir disse.

Ele engole em seco, olha para o chão, então olha para mim e diz com veemência — A que horas voo?

— Não vai.

Ele dá um passo à frente, os olhos brilhando, um músculo pulando em sua mandíbula. — Vou. Goste ou não, vou para Moscou. É minha culpa. Esta é minha responsabilidade. Irei encontrá-la.

Mantendo minha voz calma, digo — Você irá aonde eu disser para ir. Agora, precisamos de você aqui.

Ele balança a cabeça em frustração. — Sou um inútil aqui, e sabe disso. Não consigo me concentrar. Não consigo dormir. Eu mal consigo pensar!

— Diminua seu tom de voz. Respire. Controle-se.

Ele fecha os olhos, passa as mãos pelos cabelos e expira pesadamente. — Sinto muito. Porra. — Deixa cair as mãos para os lados e olha pela janela. Sua voz baixa uma oitava. — Eu tenho que encontrá-la. Preciso. Estou ficando louco.

Algo em seu tom me faz olhar para ele com severidade.

Eu sei que ele está se afogando em culpa pelo que aconteceu. Culpa-se mais do que Sloane ou eu. Sua miséria é palpável. Anda sob uma nuvem sombria de sofrimento tão densa que tem sua própria atmosfera. Talvez haja uma razão para isso além do óbvio.

Observando-o com atenção, digo — Precisarei que cuide de Sloane enquanto eu estiver fora. Reunirei uma equipe para mantê-los informados sobre nosso progresso assim que chegarmos lá.

— Eu vou! — Rosna, batendo o punho na minha mesa. — Não estou pedindo permissão!

Eu não reajo. Simplesmente fico parado e olho para ele até que perceba que está se entregando. Ele nunca falaria comigo com tanto desrespeito, a menos que seu coração estivesse envolvido.

Ele afunda na cadeira ao seu lado, afunda a cabeça nas mãos e geme.

Depois de um momento, digo baixinho — Ela não parece o seu tipo.

Exala. — Nunca conheci uma mulher que pudesse me fazer corar antes.

Jesus Cristo. A raiva torna meu tom mais difícil do que deveria. — Eu sei tudo o que preciso saber sobre esta situação?

Ele levanta a cabeça e me encara suplicante. — Nunca coloquei um dedo sobre ela. Juro pelo túmulo da minha mãe. Nada aconteceu. Ela nem sabe.

— Está dizendo que é unilateral?

— Sim.

Sei que ele está falando a verdade. Spider não tem o tipo de rosto que esconde mentiras. Eu me viro para a janela e olho para fora, pensando. *Que bagunça do caralho.*

Atrás de mim, Spider fala em voz baixa e urgente. — Malek está à sua espera. Ele estará esperando. Observando. Ninguém me espera.

— Ele viu seu rosto. Conhece você.

— Ele conhece você melhor. Todo mundo conhece. Você anda por uma rua em Moscou, e em uma hora, todos da *Bratva* no país saberão que está lá. — Faz uma pausa para absorver isso. — E sabe que não pode ir e deixar Sloane aqui. Mesmo que tentasse, ela não deixaria. Você realmente quer que ela te siga até a Rússia? Porque ambos sabemos que ela faria isso. De uma forma ou de outra, ela o seguiria.

Digo zangado — Estou ciente.

— Então me mande. Posso voar sob o radar de uma maneira que você não pode.

Suspirando, me afasto da janela e me sento em frente a ele. — Moscou é enorme. Pode levar dez anos procurando. Não temos nem um ponto de partida. Seria como procurar um único grão de areia em uma praia.

— Sim — diz Spider, balançando a cabeça. — Portanto, quanto mais cedo começarmos, melhor.

Não gosto do seu olhar. Há um desafio atípico lá. Uma sugestão de motim.

Mantenho seu olhar rebelde e digo com firmeza — A resposta é não. Não mandarei você. Seria uma sentença de morte. Providenciarei outra coisa.

Respirando superficialmente, Spider me encara. Posso dizer que está lutando para controlar suas emoções e escolher cuidadosamente as palavras que mudará minha mente.

Finalmente, desiste. Ele se levanta e caminha até a porta.

Antes de sair, se vira para mim. Segurando meu olhar, diz suavemente — não ficarei de braços cruzados enquanto aquele filho da puta russo faz o que gosta com a *lass*, Declan. Não ficarei de braços cruzados.

Ele sai, fechando a porta suavemente atrás de si.

Duas horas depois, me envia uma mensagem de LaGuardia.

Meu voo está prestes a decolar. Eu te ligo quando estiver com ela.

— Seu filho da puta maluco — digo em voz alta para a sala vazia, espantado. — Você será assassinado.

Depois pego o telefone e ligo para a única pessoa no mundo que pode me ajudar agora. Um homem que conhece tudo e todos, embora tenha morrido há mais de um ano.

Killian Black.

25

RILEY

Fico imóvel por um longo tempo, olhando para a parede. Minha visão desfocada sem meus óculos, mas posso dizer que a parede é feita de toras.

Estou acamada com um ferimento a bala na cabana de madeira de um assassino na Rússia. Fiquei inconsciente por uma semana e partes de mim foram removidas.

Eu riria se já não estivesse com vontade de chorar.

Preciso usar o banheiro, então, cautelosamente, balanço uma perna sobre a beirada do colchão. Minutos depois, quando minha respiração volta ao normal, balanço a outra perna e me sento.

A dor é tão intensa que meus olhos lacrimejam. Acho que vou vomitar.

Malek aparece a minha frente e me pega pelos ombros. Tenho a sensação de que ele quer me sacudir de raiva, mas não o faz. Ele rosna para mim em vez disso.

Ofegante, digo a seus pés — Tenho que usar o banheiro.

— Você precisa ficar na cama.

— Preciso. Usar. O banheiro. Pode me ajudar a levantar, ou pode dar o fora do meu caminho, mas não farei xixi nesta cama.

Silêncio. Um grunhido insatisfeito. Em seguida, ele gentilmente me levanta pelas axilas e fica ali me segurando enquanto gemo, balanço e luto para recuperar o equilíbrio.

— Porra. *Porra!*

— Concentre-se em sua respiração, não na dor.

Agarro seus antebraços tensos e respiro fundo até que o pior passe.

Uma vez, li em algum lugar que um ferimento à bala é mais doloroso do que o parto, e me lembro de ter rido disso. Tipo, como empurrar um *humano* pela sua boceta pode machucar menos do que ser atingido por uma bala?

É assim. Está bem aqui. O parto só dilacera sua vagina. Uma bala rasga todo o seu corpo.

— Perdi parte dos meus intestinos também? Parece que minhas entranhas foram arrancadas e substituídas por lâminas de barbear.

— Tiros de arma de fogo no abdômen estão entre os mais dolorosos de todos os ferimentos.

— Diz isso como se tivesse experiência pessoal no assunto.

— E tenho. Está estável?

— Tanto quanto consigo. — O que não é muito, mas não admitirei que provavelmente cairei de cara no chão assim que ele me soltar.

Posso ser uma inválida, mas ainda tenho meu orgulho.

— O banheiro é ali. — Aponta para algo.

— Isso seria útil, se eu pudesse ver para onde apontou.

— Sua visão é tão ruim assim?

— Eu sou legalmente cega sem meus óculos.

— Arranjarei outro par para você.

— Eles são prescritos.

— Deixe que me preocupe com isso.

Ele dá um passo para trás, mantendo as mãos debaixo das minhas axilas. Eu me movo para frente. Ele dá mais um passo para trás. Atravessamos a metade do quarto assim, até que perde a paciência.

— Isso levará uma eternidade. Pegarei você.

— Eu preciso andar. Ajuda no fluxo sanguíneo e na cura. Ficar deitada na cama por muito tempo após a cirurgia coloca-o em risco de coágulos sanguíneos e problemas pulmonares, como pneumonia.

Sinto surpresa em sua pausa. — Como sabe disso?

Porque foi isso que os médicos disseram à minha mãe após a cirurgia que ela teve que remover os ovários cancerosos, mas não estou com vontade de contar histórias pessoais dolorosas.

Digo zangada — Tenho um cérebro grande.

Sua resposta é branda. — Sua cabeça é incomumente grande para uma pessoa tão pequena. Já foi abordada pelo circo e ofereceram-lhe um emprego?

— Isso não é nem um pouco engraçado.

— Então por que seus lábios estão levantando?

— Essa é a cara que faço antes de vomitar.

Ele me pega e me carrega pelo resto do caminho até o banheiro, como se já tivéssemos passado por cima disso. Quando me coloca na frente do banheiro e fica ali com os braços cruzados sobre o peito, olhando para mim, empalideço.

— Não precisa ficar aí enquanto eu faço xixi.

— Você pode cair.

— Sim, poderia. Esse seria um momento apropriado para você aparecer e me ajudar. Agora não.

Ele não se move. O que, é claro, me deixa louca.

— Por que ter todo esse trabalho por alguém que ameaçou matar? Poderia simplesmente ter me deixado morrer lá atrás e ter se livrado de mim.

Como se achasse que está fazendo todo o sentido, diz calmamente — Você levou uma bala por mim. Eu sou responsável por você agora.

— Não estou lúcida o suficiente para desvendar essa lógica.

Ignorando isso, ele se vira para ir embora. — Estarei do lado de fora da porta se precisar de mim.

Eu me inclino na beirada da pia, olhando confusa para a porta fechada, até decidir que é melhor sentar antes de cair. Movendo-me com cuidado, vou até o banheiro.

— Você está bem? — Através da porta, sua voz soa aguda.

— Até ouvir um baque forte, presumo que estou bem.

— Pensei ter ouvido um baque forte.

— Esse foi apenas o som de toda a esperança deixando meu corpo.

Só quando termino de usar o banheiro e me olho no espelho acima da pia é que percebo que a calcinha e a longa camisa de dormir preta que estou usando não são minhas.

Todas as ramificações do que isso significa são postas de lado pelo puro horror de ver meu reflexo no espelho.

Mesmo sem meus óculos, posso ver que pareço a Morte. Como a personificação física e literal da Morte.

Estou pálida como giz. Meus olhos estão vermelhos e fundos. Meus lábios estão rachados e meu cabelo é um ninho de

emaranhados onde os roedores obviamente têm lutado. Também perdi peso. Talvez quatro ou cinco quilos. Os ossos da minha clavícula se projetam como os de um esqueleto.

Em descrença, toco minha bochecha, e meu cabelo.

Então, oprimida pela realidade da minha situação, começo a chorar. Desabo contra a pia e começo a soluçar tão alto que não ouço quando Mal irrompe pela porta.

Sem dizer uma palavra, ele me pega nos braços e me segura contra o peito enquanto choro.

Não, isso parece muito delicado para o que estou fazendo. Isso é um colapso. Um evento de corpo inteiro com choro e gemidos, uivos e lamentações, tremendo e sacudindo e muito ranho.

Mal permanece em silêncio durante tudo isso. Ele simplesmente me abraça.

É a única razão pela qual eu não caio de joelhos.

Quando os gemidos mais altos se afinam, e sou um soluço, uma confusão de cara vermelha, ele me solta por tempo suficiente para me virar até o balcão e agarrar um lenço de papel. Segura-o contra meu rosto e me diz para assoar como se eu fosse uma criança de cinco anos com um resfriado.

É surpreendentemente reconfortante.

Sopro no lenço de papel. Limpa meu nariz, joga o lenço no lixo, pega outro e enxuga as lágrimas das minhas bochechas. Ele me pega em seus braços e volta para o quarto.

Minha cabeça encostada em seu peito e meus olhos fechados, sussurro — Eu não entendo o que está acontecendo.

— Não precisa. Tudo que precisa fazer é se curar, *malyutka*. E isso levará tempo.

Ouvir meu apelido me faz chorar de novo, mas fungo e aperto os olhos para que as lágrimas não saiam.

Faço uma careta de dor quando ele me abaixa na cama, mas não faço nenhum som. Ele ajusta o travesseiro atrás da minha cabeça.

— Preciso verificar suas suturas. Vou puxar sua camisola para cima.

Não me preocupo em protestar. Sei que ele não ouvirá uma palavra do que eu disser. Além disso, não tenho energia. Mal, como meu cuidador, é apenas mais uma merda mental com a qual meu pobre cérebro tem que lutar. Toda a minha energia vai no sentido de não ter uma ruptura mental com a realidade.

Com mãos gentis, ele puxa a camiseta de dormir e examina levemente minha barriga enquanto estremeço e cerro os dentes.

— Não há sinal de infecção ao redor das suturas — diz em voz baixa. — E seu abdômen não está duro, o que é bom. Trocarei o curativo, depois buscarei seus remédios.

— Remédios?

— Remédio para dor. Antibióticos.

— Oh.

— Preciso que me diga imediatamente se sentir dor ou inchaço em um dos braços ou pernas, se tiver falta de ar ou tontura, ou se tiver sangue na urina.

Fecho meus olhos e digo fracamente — Oh, Deus.

— Não se desespere ainda. Fica pior. Mesmo que se cure perfeitamente, pode sofrer *TEPT*⁴⁰. É um efeito colateral comum de um ferimento à bala. Pesadelos, ansiedade, nervosismo...

— Entendi — interrompo. — Mesmo que eu não acabe sendo uma bagunça, provavelmente ainda serei uma bagunça.

Ele interrompe a inspeção do meu estômago e olha para mim. — Você é jovem e forte. Suas chances são boas.

Algo na maneira como diz essas palavras me deixa nervosa. Inspecciono seu rosto de perto em busca de qualquer pista, mas sua expressão é neutra. Suspeitamente neutra.

— Espere. Eu ainda poderia morrer, não poderia?

— Sim. A sepse não é incomum nesse tipo de ferida. Você também pode desenvolver coágulos sanguíneos, colapso das vias aéreas, formação de fistula, peritonite, abscessos e outras complicações com risco de vida.

Pelo menos ele não adoça. Tenho que lhe dar crédito por isso.

⁴⁰-É a sigla médica para designar o transtorno do estresse pós-traumático, caracterizado por distúrbios como a ansiedade, entre outros sintomas, e acordo com cada paciente.

Eu digo fracamente — Você é simplesmente um raio de sol, não é?

— Além disso, com apenas um rim, nunca mais poderá beber álcool novamente.

Eu fecho meus olhos e gemo. — Acho que prefiro estar morta.

— Olhe pelo lado bom.

— Não há lado bom!

— Pense em todo o dinheiro que economizará. E nunca mais terá outra ressaca.

Ele faz isso soar tão racional que tenho que rir. Isso faz com que mais dor me rasgue, e a risada rapidamente se transforma em gemidos.

Mal aperta minha mão e murmura — Respire através dela. Vai passar.

Respiro profundamente, desesperadamente, pelo nariz, apertando sua mão com tanta força que provavelmente estou esmagando ossos.

Eu não me importo. É sua culpa que eu esteja nessa situação em primeiro lugar.

Com os olhos fechados, digo — Minha irmã. Sloane. Ela sabe o que aconteceu comigo?

Há uma pausa antes dele responder. — Sim.

Percebo quilômetros de história distorcida por trás disso, mas ele não oferece nenhuma explicação adicional.

— Então ela sabe que estou viva? E com você?

— Sim.

Abro meus olhos e olho para ele. Está ajoelhado ao lado da cama, se inclinando sobre mim. Minha mão ainda está na dele. — Não está preocupado que eles tentem vir me buscar?

— Se Declan O'Donnell colocar os pés neste país, será o último passo que ele dará.

Ele fala com tanta convicção, entendo não só que já tomou providências para que isso aconteça, mas também que não necessariamente terá que puxar o gatilho sozinho.

— Você tem pessoas vigiando-o.

Simplesmente acena com a cabeça.

Minha voz sai baixa. — Por favor, não o mate.

Ele balança a cabeça em frustração. — Você continua me pedindo para não matar outras pessoas, mas nunca me pediu para não matá-la.

Penso por um momento. — Tenho certeza que sim.

— Não. Não pediu. Só ameaçou voltar dos mortos para me assombrar se eu matasse.

— Estava tipo noventa por cento certa de que não me mataria. Por que está cuidando de mim agora?

Afirma categoricamente — Eu ia matá-la.

— Não, não ia.

— Sim, eu ia.

— Você *queria*, mas não mataria. Isso é totalmente diferente.

Com um suspiro, ele solta minha mão, se levanta e sai do quarto. Grito atrás dele — Nunca teria me beijado tanto se realmente planejasse me matar!

— Diga isso para minha falecida ex-esposa.

Isso me deixa sem fôlego, e não apenas porque meu estômago dói com o esforço de gritar. Fico ali deitada com o coração batendo loucamente, pensando em todas as maneiras como ele poderia ter assassinado sua pobre ex, até Mal enfiar a cabeça de volta pela porta.

— Não tenho ex-mulher. Nunca fui casado. Só disse isso para assustá-la.

— Funcionou.

— Eu lhe disse que era uma pessoa má.

Isso me faz sorrir. — Sim, mas se fosse *realmente* ruim, não teria admitido.

Ele fecha os olhos por um momento, balançando a cabeça. — Tenho que sair um pouco. Tentarei voltar antes de escurecer.

Começo a entrar em pânico de novo. — Vai me deixar aqui sozinha? E se eu morrer enquanto estiver fora?

— Então suponho que terei de fazer algumas escavações quando voltar.

Minha boca se abre. — Está bem, isso foi maldade.

Posso dizer que ele está tentando não sorrir. — Prefere a cremação? Posso arranjar uma pira funerária, se quiser.

— Isso não tem graça nenhuma.

— É um pouco engraçado.

— Não. Não é.

— Seus lábios estão se contraindo.

— É porque estou com muita dor!

Sua cabeça desaparece. Ele retorna em um momento segurando um saco de papel branco.

— O que há nisso?

Ele se senta na beira da cama e começa a retirar frascos de comprimidos de vários tamanhos e cores da sacola. Alguns têm rótulos, outros não. Os que têm são escritos ininteligíveis, que penso ser escritos em russo. Quando balança alguns comprimidos

de diferentes frascos na palma da mão e os estende para mim, olho para os comprimidos com apreensão.

— Como saberei o que são?

— Porque eu disse a você o que são.

— Sim, mas também acabou de me dizer que me mataria o tempo todo. Não posso confiar em você agora.

Com uma paciência exacerbada, diz — Tome a porra dos comprimidos.

Estendo minha mão a contragosto. Ele despeja os comprimidos nela e despeja água de uma jarra, da mesa de cabeceira, no copo ao lado. Depois o estende para mim com um olhar de que terei problemas se disser outra palavra. Por isso, é claro que preciso tomar.

— Tudo bem, mas se eu acordar morta, juro que voltarei para assombrá-lo.

— Estou realmente começando a me arrepender de ter salvo sua vida.

Sorrindo com sua carranca, coloco os comprimidos na boca e aceito o copo de água que ele me oferece. Engulo todas os comprimidos em um grande gole. — *Ugh*. Acho que aquele branco grande ficou preso na minha garganta.

— Esse é o cianeto. Não se preocupará com sua garganta em um segundo, porque estará morta.

— Veja, não pode fazer isso agora. Não sei se está brincando ou não!

— Olhe para o meu rosto. Esta é a minha cara de brincadeira.

Sua expressão é absolutamente séria.

— Oh, meu Deus. Acabei de perceber algo.

— O quê?

— Você é um idiota.

Um canto de sua boca se levanta. — Não é muito rápida no jogo, não é?

— Pelo menos não sou uma idiota.

Ele me encara em silêncio, seus olhos calorosos. Acho que ele quer sorrir, mas não tenho certeza se sabe como fazer isso.

Então se levanta e me deixa em paz, dizendo-me antes de ir que estará de volta assim que puder.

Quando retorna naquela noite, está coberto de sangue.

26

RILEY

Não percebo a princípio, porque está escuro lá fora, não há luzes acesas no interior e não consigo ver mais do que alguns metros à frente do meu rosto sem meus óculos. Quando porém ele entra no quarto e começa a acender as velas que estão por todo lado, depois se senta na cama ao meu lado, noto suas mãos.

— O que é isso?

Ele olha para a mancha escura e cor de ferrugem nas costas de uma das mãos e tenta limpá-la na manga do casaco. Quando não funciona, opta por simplesmente ignorar minha pergunta.

— Aqui. Isto deve ser o suficiente para encontrar um fósforo.

Ele coloca uma fronha volumosa no meu colo. — O que há nisso?

— Saberá se olhasse.

Abro-a e olho para dentro, surpresa com o que encontro. — Há cerca de quatrocentos pares de óculos aqui.

— Você tem um dom para o exagero. Alguém já te disse isso?

— Sim. Meu professor de escrita criativa na faculdade descreveu meu engrandecimento da linguagem como incrível.

— Tenho certeza de que não foi um elogio.

— Tirei A nessa aula.

— Porque sabia que se reprovasse você, teria que fazer a aula de novo. Ele não suportaria passar por isso duas vezes. Experimente os óculos. Pegarei algo para você comer.

Ele se levanta da cama e dá a volta na cabana acendendo velas enquanto experimento pares após pares, procurando por um forte o suficiente. E grito — Por que não tem eletricidade?

— Eu tenho eletricidade — responde da sala ao lado. — só não gosto de luzes fluorescentes.

— Então, compre uma de LED.

— Não gosto disso também.

Acho que devo me considerar sortuda por ele gostar de encanamento interno.

— Oh! Encontrei um par que dá!

Com uma visão clara, olho ao redor da sala com admiração.

As paredes e o piso são inteiramente feitos de madeira polida, cor de mel. Pesadas vigas percorrem a largura do teto. As portas são de madeira também, assim como a cama em que estou deitada, que parece esculpida à mão. Há vários cobertores de lã coloridos

na cama e um grande, marrom-escuro, que suspeito ser de um animal real.

Um animal realmente *grande*. Talvez um urso.

O mobiliário é simples, rústico e também tem aquele toque esculpido à mão. Não há computador, televisão ou relógio no ambiente, mas há uma estante de livros e uma lareira.

Há também uma enorme cabeça de alce empalhada na parede oposta a mim, me olhando com olhos de vidro preto. É assustador.

Mal retorna e meu terror aumenta.

— Oh, meu Deus — sussurro, vendo-o.

Seu rosto está coberto com os mesmos respingos e manchas cor de ferrugem que estão em suas mãos. Está seco agora, mas posso dizer pelo jeito que pingou e escorreu por sua mandíbula que já foi líquido. Líquido que antes era vermelho brilhante e escureceu devido à exposição ao ar.

— O quê?

— Você tem sangue por toda parte.

Ele reage a essa notícia horrível como se eu tivesse acabado de lhe contar meu signo do zodíaco: com total indiferença.

Ele coloca uma bandeja a minha mesa de cabeceira, tira seu casaco de lã pesado, joga-o em uma cadeira, em seguida, puxa sua *Henley* preta e a joga em cima do casaco. Então está ali, nu da cintura para cima, e estou sentada na cama com minha boca

aberta, me perguntando se talvez eu esteja sofrendo de uma lesão cerebral grave, além de um ferimento à bala.

Não é possível para um humano ser tão bonito.

Pisco para clarear minha visão, mas tudo o que vejo nadando diante dos meus olhos são hectares de carne muscular decorada por uma constelação de tatuagens. Seu tamanho só é superado por sua altura, que só é superada pelo soco no estômago daquela coisa em V que vai de seu abdômen para baixo, como um par de flechas de músculo apontando para as guloseimas em sua virilha.

Ele é tatuado, definido e totalmente masculino.

Devastada, desvio o olhar.

Estou cega. Ele queimou meus olhos. Nunca mais poderei ver.

Ele se senta na beira da cama e pega uma tigela com um líquido fumegante da bandeja, como se tudo isso fosse completamente natural. Como se andasse seminu com sangue nas mãos e no rosto todos os dias.

O que, considerando sua linha de trabalho, é uma possibilidade.

— Respire fundo algumas vezes — diz calmamente, mexendo uma colher na tigela. Ele sabe que meu cérebro está funcionando mal.

— Eu me pergunto quantas vezes terá que me dizer isso até o final desta semana — digo fracamente, querendo abanar meu rosto em chamas.

Ele leva a colher aos meus lábios e espera que me recomponha. Quando finalmente o faço, consigo engolir uma deliciosa colherada de sopa. A sopa caseira do meu sequestrador assassino, que está me alimentando como a um bebê.

Perdi minha cabeça. Essa é a única explicação.

— Conseguiu descansar enquanto estive fora?

— Um pouco.

Ele me alimenta com outra colher de sopa. — Como está o seu nível de dor?

— Esplendoroso.

— Tente novamente sem o sarcasmo.

— Em uma escala de um a dez, é quarenta e sete.

— Sem exagero, também. Se você puder administrar.

Aceito outra colherada, tentando olhar para qualquer lugar, menos para seu peito.

Querido Deus, seu peito. Seu peito é lindo. Pecs⁴¹, quero dizer. É assim que são chamados?

⁴¹-Peitoral masculino.

Perdi metade do meu vocabulário nos últimos sessenta segundos.

— Riley. Sua dor. Como está?

— Certo, desculpe. Hum... dolorosa.

Ele me lança um olhar severo, mas estou muito distraída para achar isso assustador.

— Por que tem sangue em você?

— Trabalho. Como está a sua dor?

— Um pouco melhor, ou pelo menos não pior.

Ele parece satisfeito com isso, balançando a cabeça e estendendo outra colherada de sopa. Nós dois ficamos quietos enquanto termino a refeição, olhando alternadamente para os cobertores, a parede, o teto e o alce aterrorizante, em qualquer lugar, menos para ele e sua beleza devastadora.

Em seguida, ele coloca a colher e a tigela de lado e anuncia que vai tomar um banho.

Levantando-se e indo para o banheiro, me deixando chocada na cama, sem energia pela visão de seu corpo e pela única palavra que ele usou para explicar o sangue.

Trabalho.

Ele estava trabalhando hoje. Fazendo coisas de assassino. Matando pessoas.

Meu cérebro se recusa a lidar isso. Eu simplesmente não consigo conciliar a ideia de Mal, o cuidador gentil e atencioso que limpa minhas feridas e me dá sopa, com o *Mal*, um cara que mata pessoas para viver. Que foi às Bermudas para matar Declan.

Que pode ou não, querer *me* matar.

Estou a milhares de quilômetros de casa, ferida, com dores horríveis, em um país estrangeiro para onde fui levada enquanto estava inconsciente, onde posso morrer de complicações causadas pelo tiro que meu guarda-costas me deu ou pela cirurgia ilegal que fiz para consertar-me. Isso é demais pra caralho.

Eu começo a chorar de novo, me odiando a cada lágrima que cai.

Sloane não choraria nesta situação. Ela já teria feito um veículo de fuga da cabeça do alce e incendiado a cabana.

Quando Mal retorna para o quarto, estou deitada com os braços estendidos sobre o rosto, tragando grandes golfadas de ar.

Ele puxa meus braços do meu rosto e encara meus olhos lacrimejantes. Em seguida, diz algo que parece gentil e reconfortante, mas não consigo entender uma palavra porque é em russo.

— Sabe que não sei o que isso significa.

— Sim. É por isso que não disse em inglês.

— Isso não é legal.

— Não pensaria isso se soubesse o que eu disse.

Mordendo meu lábio, olho para ele. Seu cabelo molhado está penteado para trás. A toalha branca de veludo enrolada em sua cintura é a única coisa que está vestindo. Ele cheira a pele limpa e homem saudável em seu auge, e Santo Espírito do Natal do Passado, não consigo olhar para ele nem por um segundo a mais.

Fecho os olhos, viro a cabeça e sussurro — Por que me trouxe aqui?

Gentilmente cruza meus braços sobre meu peito e se senta ao meu lado. Posso senti-lo me olhando, mas me recuso a abrir os olhos. Depois de um momento, faz sua própria pergunta, ignorando a minha.

— Por que levou uma bala por mim?

— Eu não sei.

— Sim, sabe. Diga-me a verdade.

Sua voz é baixa e urgente. Imagino aqueles lindos olhos verdes me olhando com sua habitual intensidade penetrante e desejo com todo o meu coração que não pareça que estou dormindo debaixo de uma ponte.

Respiro fundo, deixo sair e lhe digo a verdade ridícula em uma voz tão baixa que ele provavelmente nem consegue ouvi-la.

— Porque eu não queria que você morresse.

Seu silêncio é longo e intenso. Expira. Então leva minha mão aos lábios e a beija, roçando sua boca suavemente em meus dedos, virando minha mão e pressionando seus lábios contra minha palma aberta.

E se levanta da cama sem dizer mais nada.

Ouçoo se movendo pelo quarto, abrindo e fechando gavetas. Seus passos diminuem. Quando voltam, abro meus olhos para encontrá-lo totalmente vestido, com botas e tudo. Sentando na grande cadeira de couro marrom no canto.

Ele cruza as mãos sobre o estômago, inclina a cabeça para trás e fecha os olhos.

— O que está fazendo?

— Dormindo. Você também deveria.

— Vai dormir nessa cadeira?

— O que acabei de dizer?

— Como consegue dormir sentado? Não há um sofá na outra sala onde possa se deitar?

Ele levanta a cabeça e olha para mim. — Pare de se preocupar comigo.

— Mas...

— Pare.

Quando ele percebe que estou prestes a começar a importuná-lo novamente, diz rispidamente — Sim, há um sofá. Não, não dormirei nele. Preciso estar neste quarto. Preciso ouvir se você gritar. Preciso saber se está com dor ou se precisa de alguma coisa. Não me pergunte porquê, porque não te direi. Agora vá dormir, porra.

Seus olhos brilham para mim por mais alguns segundos, até que os fecha novamente e eu estou livre de seu poder ardente.

27

RILEY

O sonho é terrivelmente violento.

Começa com tiros e piora, com sangue e partes de corpos voando por toda parte. Ouço gritos e cheiro de fumaça. O prédio em que estou está pegando fogo. Estou tentando correr, mas minhas pernas estão impotentes. As paredes pegam fogo, então minhas roupas e meu cabelo também. Minha pele fica preta e se enrola em meu corpo como papel queimando.

Acordo com um grito estrangulado, e meu coração batendo forte.

— Tudo bem. Está segura. Estou aqui.

Mal me puxa para cima e contra seu peito. Ele me balança e murmura palavras suaves em russo enquanto tremo e ofego. Agarrando-me a ele enquanto o sonho se desvanece, enterro meu rosto em seu peito.

Ele diz gentilmente — Da próxima vez que tiver um pesadelo, lembre-se de que está sonhando. Não é real. Então diga a si mesma para acordar.

— Isso não faz sentido. Como posso dizer algo a mim mesma se estou dormindo?

— Seu subconsciente lembrará que eu te disse. A partir de agora, poderá acordar de um pesadelo. Isso não vai impedi-la de tê-los, mas ajudará.

Pondero sobre isso, me perguntando se ele tem pesadelos, até que diz — Vou preparar um banho.

— Não acabou de tomar banho?

— Não é para mim. É para você. — Ele se afasta e alisa meu cabelo com a mão. — Você fede.

Eu respondo secamente — Isso não é útil.

— Útil ou não, é a verdade. Beba um pouco de água.

Ele se inclina para a mesa de cabeceira e me entrega o copo que recupera dela. Observa em silêncio até que eu tome metade da água, então se levanta e vai para o banheiro.

Procurro meus óculos na mesa de cabeceira. Quando os coloco, percebo que a assustadora cabeça de alce se foi.

Acho isso muito, muito perturbador. Será que imaginei isso?

Quando Mal retorna ao quarto, aponto para o espaço em branco na parede onde a coisa horrível costumava residir. — Não havia um alce lá?

— Não. — Antes que eu possa surtar que esta é uma evidência definitiva de que perdi a cabeça, acrescenta — Era um cervo.

— Oh, pelo amor de Deus.

— Eu tirei.

Considero isso por vários segundos. — Você tirou a cabeça do alce da parede depois que eu fui dormir?

— Sim.

— Por quê?

— Porque você não gostou.

Isso me faz piscar de surpresa. — Portanto, além de poder atravessar paredes, pode ler mentes.

— Não, mas posso ler rostos. O seu é extraordinariamente expressivo.

Oh, isso é *maravilhoso*. O que diabos meu rosto deve ter dito a ele quando estava se pavoneando sem a maldita camisa? Espero que não seja a mesma coisa que meus ovários estão dizendo, porque aqueles pequenos produtores de óvulos cheios de tesão só têm uma coisa em mente.

Minhas bochechas aquecem, olho para as minhas mãos. Mal se aproxima da cama, tira as cobertas das minhas pernas e me pega. Enquanto me carrega para o banheiro, digo — Deveria estar andando.

— Estará. Vamos limpá-la primeiro.

Não tenho muito tempo para me preocupar com a parte do “vamos”, porque ele deixa suas intenções claras quando me coloca de pé em frente da banheira e começa a puxar minha camiseta.

— Uau! O que está fazendo?

Eu me afasto dele com tanta força que perco o equilíbrio. Com sua mão agarrada ao meu braço, ele me firma para que eu não caia.

Diz calmamente — Está se sentindo tímida. Não há necessidade. Já vi tudo em você que há para ver, por dentro e por fora.

Olho para ele com horror, mentalmente recuando de todas as possibilidades dessa afirmação, até que me fornece uma explicação detalhada que não deixa espaço para dúvidas.

— Eu estava na cabeceira da sua cama quando abriram seu estômago para tirar a bala e seus órgãos danificados. Dei-lhe banhos de esponja enquanto estava drogada. Troquei suas roupas, troquei seus lençóis e ajudei a enfermeira a trocar seu cateter quando este entupiu. Não há um centímetro do seu corpo que eu não conheça.

Eu aperto meus olhos e entoo — Acorde. Acorde. Acorde.

— Você não está sonhando.

— Isto tem que ser um sonho. Não há universo no qual isto possa ser real.

Expira impaciente. — Não seja dramática. Corpos são apenas carne.

Abro meus olhos e olho para ele com indignação. — Desculpe-me por não estar atordoada com todo o seu senso de humanidade, Sr. Assassino Internacional, mas *meu* corpo não é carne para *mim*.

Ele examina minha expressão por um momento. — Está com raiva porque acha que eu posso ter tocado em você de forma inadequada?

— Jesus!

— Porque não toquei. Nunca tiraria vantagem assim. Sou um psicopata, não um perverso. Acredito fortemente no consentimento.

— Bem, isso é uma notícia tremenda! Eu me sinto muito melhor agora!

Ignorando meu tom mordaz e hostilidade devastadora, acrescenta com uma voz rouca — E há muitas coisas para as quais eu gostaria de obter seu consentimento específico, Riley Rose, mas tocá-la enquanto está inconsciente não é uma delas.

Achei que anteriormente ele havia fodido minha mente, realmente pensei, mas isso deixou meu cérebro tão confuso que perdi a capacidade de falar.

Ele se vira para a banheira e testa a água com a mão. Satisfeito com a temperatura certa, fecha a torneira e se endireita. — Não pode molhar as suturas, então a água só cobrirá suas pernas. Lavarei seu cabelo primeiro.

Na extremidade oposta da banheira em relação à torneira está um banquinho de madeira, um jarro de plástico transparente e um

grande balde de metal retangular. Gesticulando em direção ao balde, ele diz — Jogue a cabeça na beirada da banheira.

Então puxa minha camiseta novamente.

— Mal, não posso. Não posso ficar nua na sua frente. Se esta ferida não me matar, o constrangimento matará.

— Constrangimento sobre o quê?

— Você me vendo nua!

— Já vi você nua. Acabei de explicar isso.

— Não me viu nua enquanto estava acordada!

— Então quer cheirar como um chiqueiro, é isso?

— Não!

— Então deixe-me dar um banho em você.

— Você diz isso como se *eu fosse* a irracional!

— Quanto mais rápido superar sua modéstia inútil, mais rápido isso será feito.

— Mal...

— Prometo que não olharei para nada, que tal?

— Certo. Não olhará para nada enquanto lava meu cabelo e todas as minhas partes nuas. Tenho certeza de que será muito fácil para você.

— Mais fácil do que viver com seu fedor.

— Sabe o quê? Acabei de decidir que te odeio.

— Odeie-me o quanto quiser na banheira.

Ficamos em silêncio depois disso. Ele esperando pacientemente, eu lançando punhais em sua cabeça. Tenho a sensação de que ele esperaria até o fim dos tempos antes de falar novamente, então vou primeiro.

— Você não consegue entender como isso é para mim?

— Sim, consigo. E sinto muito. Não quero incomodá-la, mas não está firme o suficiente para entrar e sair da banheira sozinha ou levantar a jarra para enxaguar o cabelo. Duvido que tenha força para levantar um sabonete.

Parece sincero, mas estreito meus olhos para ele de qualquer maneira. Este é um homem que mata pessoas para viver. Tenho certeza que ele é um mentiroso talentoso.

— Eu não vou obrigá-la — diz suavemente. — É a sua escolha. Só quero ajudá-la a se sentir melhor. Acho que um banho fará isso.

— Então, poderia lhe pedir para me levar de volta para a cama, e você levaria?

— Sim.

Ele não hesitou, o que diminuiu minha hostilidade. Olho para a água com saudade, imaginando como seria afundar nela. Para lavar os cheiros sujos da doença e suor rançoso da minha pele.

— Foda-se — murmuro. Então me viro e dou a ele um olhar severo. — Mas não torne isso estranho!

Ele é inteligente o suficiente para não responder a isso.

Quando vira as costas, fico confusa. — O que está fazendo?

— Prefere que eu fique te olhando enquanto tira sua camiseta?

Olha quem decidiu ser um cavalheiro.

Suspirando, removo meus óculos e os coloco na pia. Será mais fácil se eu não conseguir ver nada. Então pego o decote da camiseta de dormir e tento puxá-la pela cabeça. É uma luta e me deixa sem fôlego, mas consigo.

Quando estou ali de calcinha, cruzo os braços sobre meu peito e sussurro — Tudo bem.

Ele se vira, me pega nos braços e me abaixa lentamente na água, ajoelhando-se ao lado da banheira até que eu esteja totalmente dentro, sentada com minhas pernas esticadas na minha frente.

Cobrindo meus seios com os braços, inclino a cabeça.

Ele murmura — Vou ajudá-la a se deitar.

Concordo. Sinto queimação e formigamento em minhas bochechas e sei que estão vermelhas.

Apoiando meus ombros com um braço em torno deles, ele abaixa a parte superior do meu corpo até que estou descansando

contra a parte de trás da banheira. Eu sei que estou ridícula com calcinhas que agora estão molhadas, mas pelo menos são pretas, então ele não pode ver através delas.

Ele embala minha cabeça em sua mão e pergunta se quero uma toalha para apoiar meu pescoço.

— Sim, por favor.

Nunca disse duas palavras mais difíceis. Minha autoconsciência está queimando.

Ele coloca uma toalha de mão enrolada sob meu pescoço. Em seguida, mergulha a jarra na água do banho e vira sobre minha cabeça, massageando meu couro cabeludo enquanto a água morna corre pelo meu cabelo. É tão bom que quase gemo alto de prazer, mas isso não é nada comparado à felicidade que experimento quando ele passa shampoo no meu cabelo com as duas mãos.

Seus dedos são fortes e gentis. Ele leva seu tempo, fazendo círculos com os polegares nas minhas têmporas, acariciando a parte de trás da minha cabeça e pescoço, apertando levemente os músculos da base do meu crânio enquanto ensaboa meu cabelo.

Passei um breve momento preocupada que pudesse estar babando, mas rapidamente me rendo à beleza disso, ao luxo opressor da sensação. Depois de menos de um minuto, me sinto bêbada. Expirando, largo meus braços do meu peito e deixo minhas mãos flutuarem pelos meus quadris na água.

Mal começa a falar comigo.

O ritmo sem pressa e o tom baixo, ele fala em russo. Parece que está contando uma história ou explicando algo importante. Sei que é de propósito, que ele não fala inglês deliberadamente para que eu não entenda, mas de alguma forma isso não me incomoda.

Continua a falar enquanto lava meu cabelo. A água salpicando na banheira de metal soa como chuva no telhado. Fala enquanto mergulha uma barra de sabão e uma toalha de rosto na água. Fala à medida que lava gentilmente meus braços, axilas, peito e pescoço.

Quando está lavando meus pés, amassando minhas solas com aqueles dedos fortes, já estou em um estupor. Minha cabeça se encolhe de lado. Meus olhos estão fechados. Minhas respirações são lentas e profundas.

E ainda assim, ele está falando.

Não pergunto o que ele está dizendo. Eu não quero quebrar o feitiço.

Ele tem que me apoiar para lavar minhas costas. Eu me inclino contra seu braço, meu queixo pendurado sobre seu cotovelo dobrado. Sinto-me desossada. Gelatinosa. Como se ele pudesse me dobrar em forma de pretzel, e isso não doeria.

Quando termina de lavar e enxaguar meu corpo, passa o pano sobre meu rosto e atrás das minhas orelhas.

— Abra os olhos, *Little Bird* — murmura em inglês.

Minhas pálpebras se abrem. Seu rosto está a centímetros de distância. Sua expressão é torturada.

Com minha voz fraca, porque está vindo do espaço sideral, digo — Você está bem?

Ele balança a cabeça, mas não explica. — Vou tirá-la da água. Acha que pode se levantar?

Considero isso, então aceno. — Mas não por muito tempo.

Ele me levanta da banheira e me coloca de pé no tapete do banheiro, mantendo uma mão firme no meu quadril enquanto pega uma toalha. Trabalhando rápido, me seca com uma eficiência suave e clínica, depois envolve meu corpo com a toalha e me pega de novo.

Descanso minha cabeça em seu ombro e fecho meus olhos quando ele me leva de volta para a cama. Ao me colocar confortavelmente no colchão, abre a toalha o suficiente para trocar o curativo da minha ferida, deixando meus seios e calcinha cobertos.

Eu o vejo trabalhar, me perguntando por que ele está fazendo tudo isso.

— Mal?

— Hmm?

— Obrigada.

Isso o paralisa. Ele olha para mim, seus olhos escuros, as sobrancelhas franzidas. Nuvens de tempestade se acumulando sobre sua cabeça.

— Não me agradeça.

— Por que não?

— Você foi baleada por minha causa.

— Estou viva por sua causa.

Seus lábios se estreitam. Ele fecha os olhos, exala um suspiro curto e agravado pelas narinas, depois abre os olhos novamente e me encara.

— Não. Você *está* viva por *sua* causa. Porque levou uma bala destinada a mim. Não confunda isso em sua cabeça. E não me agradeça.

Carrancudo, ele volta ao trabalho.

— Posso lhe agradecer por tirar o alce grande e assustador?
— Quando me olha mim, os olhos brilhando, digo — Quero dizer, cervo.

— Fique. Quieta.

Sussurro — Porque realmente odiava aquela coisa.

Ele murmura algo em russo que não soa bem e termina de trocar o curativo na minha barriga. Usando esparadrapo para colar. Levantando-se, vai até o armário e volta com uma *Henley* preta idêntica à que está usando.

Ele me ajuda a sentar e me veste a camisa. É enorme, confortável e tem o seu cheiro. Posso nunca a tirar.

— Deite-se.

Faço o que ele manda, observando seu rosto enquanto puxa a camisa para baixo sobre meus quadris, em seguida, remove a toalha ao meu redor, puxando-a debaixo do meu corpo. Quando isso é feito, ele diz — Calcinha sai ou fica?

Em vez de responder, levanto meus quadris.

Ele puxa a calcinha molhada, tateando por baixo da camisa para alcançá-la, em seguida, desliza-a pelas minhas pernas. Junto com a toalha, as leva para o banheiro.

Quando volta, estou bocejando. Ele puxa a colcha sobre mim e me enfia para dentro.

Curvando-se me beija na testa. Em seguida, retorna para a cadeira de couro no canto e se senta, cruzando as mãos sobre a barriga e fechando os olhos.

— Mal?

— O quê?

— Você realmente ia me matar?

Ele não responde. Considero seu silêncio como um sim. Eu bocejo novamente, aninhando-me contra o travesseiro, confortável, limpa e exausta.

Adormeço com meu cuidador assassino silencioso cuidando de mim, mantendo-me segura.

Desta vez, quando sonho com tiros, ele está lá para me proteger com um escudo e uma espada flamejante.

28

RILEY

Pelos próximos dias Mal fica estranhamente silencioso. Ele não me deixa sozinha novamente. Sempre que acordo, está no quarto, sentado na cadeira de couro, me observando.

Ele me ajuda a dar pequenos passeios ao redor da cabana, deixando-me apoiar em seu braço enquanto eu estremeço e tropeço.

Ele mede minha temperatura, faz minhas refeições e me dá comida, me dá água e remédios e me ajuda a entrar e sair da cama quando preciso usar o banheiro.

Quando pergunto por que não tem televisão, ele balança a cabeça. Quando pergunto como alguém pode viver sem um computador, suspira. Ele rejeita quase todas as minhas tentativas de conversar, especialmente se tiver algo a ver com seu estilo de vida ou algo pessoal sobre ele.

No quarto dia do tratamento de silêncio, ele pergunta do nada se eu gostaria de tomar outro banho.

— Sim — digo, aliviada por ele finalmente estar de volta de onde quer que tenha ido dentro de sua cabeça. — Gostaria muito disso.

Parecendo pensativo, ele balança a cabeça.

Está sentado na beira da cama com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos penduradas, olhando para o tapete. Está escuro lá fora. Todas as velas da cabana estão acesas, dando-lhe um brilho acolhedor e familiar.

Quando não se move ou diz mais nada, pergunto hesitantemente — Quis dizer agora?

Em resposta, ele se levanta, vai ao banheiro e abre a torneira da banheira. Volta para me pegar em seus braços. Não digo que devo caminhar. Ele não está com humor para meu atrevimento, isso posso ver. Apenas o deixo me levar para o banheiro e me despir, me sentindo terrivelmente envergonhada de novo, mas confiando agora que ele não tornará as coisas mais embaraçosas para mim do que já são.

Quando estou deitada na água e suas mãos estão no meu cabelo, ele começa a falar comigo novamente em russo, como fez da última vez que me deu banho. Fala e fala, sua voz baixa, a cadência das palavras estrangeiras hipnotizantes.

Há emoção em seu tom, mas não é raiva. Na verdade, parece o contrário. Como se estivesse tentando me fazer entender algo de vital importância para ele.

Quero perguntar a ele o que, mas não pergunto. Sei que não responderá.

Quando ele me enxágua, me seca e coloca outra de suas enormes camisas limpas na minha cabeça, anuncia que é hora de tirar meus pontos.

— Oh. Tudo bem. Preciso ir a um hospital para isso?

O olhar que me dá é ofendido. Ele me pega e me leva de volta para a cama.

Afofando o travesseiro sob minha cabeça, puxa os lençóis para cobrir minha virilha, levanta a camisa até abaixo dos meus seios e tira a bandagem. De uma gaveta na mesinha de cabeceira, remove uma pinça grande e uma tesoura cirúrgica, ambas embrulhadas em plástico.

A ansiedade floresce em mim como uma erupção na pele. — Isso doerá?

— Não. Sentirá um puxão ou dois, mas isso é tudo.

Eu aceno, sabendo que ele me diria se fosse doer.

Ele abre as ferramentas, limpa-as com uma compressa de gaze e um líquido de cheiro forte de uma garrafa marrom, então se inclina sobre mim e começa a trabalhar.

Depois de um momento, diz — Você se curou bem. Essa cicatriz não ficará ruim.

Resisti a olhar para a ferida até agora, então é um alívio ouvir. Quando levanto minha cabeça e espio minha barriga descoberta, no entanto, o alívio evapora, substituído instantaneamente por nojo.

— Nada mal? É horrível!

— Está exagerando de novo.

— Sou Frankenstein! Olhe esse corte! Tem uns trinta centímetros! E por que diabos tem a forma de um relâmpago? O cirurgião tinha bebido?

— Ele teve que contornar seu umbigo.

— Não poderia ter feito uma lua crescente? Pareço a porra do Harry Potter, dez vezes!

— Pare de gritar.

Gemendo, deixo minha cabeça cair de volta no travesseiro. — Que se lixe usar biquínis.

— Poderia fazer uma tatuagem para encobrir isso. Adicione à sua coleção.

Sua voz permanece a mesma quando diz isso, mas há um eco de calor nela que me faz pensar.

— Estou sentindo que tem algo que gostaria de dizer sobre minhas tatuagens, Mal.

Cortando e puxando os pontos pretos feios, ele torce os lábios. — Só curiosidade.

Suspiro e reviro meus olhos. — Por onde quer que eu comece?

— Com a que está dentro do seu pulso esquerdo.

A velocidade com que responde torna óbvio que ele está pensando nisso há algum tempo. É uma única linha de escrita cursiva em preto e consiste em quatro palavras:

Lembre-se da Regra Número Um.

— Bem, se quer saber, essa é a minha favorita.

— Qual é a regra número um?

— Foda-se o que eles pensam.

Ele interrompe no meio do recorte e olha para mim. — Quem são eles?

— Todos. Qualquer um além de mim. É um lembrete de que as opiniões das outras pessoas não importam. Para viver minha vida como quero, independentemente da pressão externa. Para ser eu, assumidamente.

Depois de um momento, ele balança a cabeça lentamente, satisfeito. Voltando ao trabalho, arrancando um ponto cortado e colocando-o de lado na bandagem velha. — E as palavras “*você pode*” no seu tornozelo direito?

— Costumava dizer “*não consigo*” para minha mãe quando era pequena. Era apenas uma desculpa para algo que não queria fazer, ou algo que achei muito difícil, mas ela não me deixava escapar impune. Apenas mantinha a calma e dizia: “*Você pode*”. E então eu fazia, porque não queria desapontá-la. A tatuagem me lembra de continuar quando eu quiser desistir.

Fico quieta por um momento, perdida nas memórias. — Minha mãe foi a melhor amiga que já tive.

Mal olha para mim, seus olhos penetrantes. — Foi?

Concordo. — Ela morreu quando eu era criança. Câncer no ovário. — Minha voz cai. — Não é um bom assunto.

— Não existem bons assuntos. Alguns são apenas mais difíceis do que outros.

— Minha bisavó morreu dormindo aos noventa e nove anos. Isso parece muito bom.

— Claro, se não tivesse que viver até os noventa e nove para chegar lá.

— O que há de errado em envelhecer?

— Não conhece muitos idosos, não é?

— Na verdade, não. Por quê?

Ele diz enigmaticamente — A velhice não é para os fracos de coração.

A pequena pilha de pontos pretos cortados está crescendo. E estava certo: mal senti um puxão. Ele é bom nisso.

Pelo que posso dizer, ele é bom em tudo.

— E o dragão na nuca?

Faço uma careta. — Caramba.

— Traduza.

— Fiz isso durante a minha fase de *Game of Thrones*. Estava obcecada por *Khaleesi*. Uma pequena vadia chefe que possuía três dragões e chutava a bunda de todos os homens? Sim, por favor. Espere. Isso é... um sorriso que estou vendo?

— Não — responde instantaneamente. — Essa é apenas a cara que faço antes de vomitar.

— Ha, ha.

— E na parte de trás do seu braço direito?

— Achei bonito. E aquele grande e assustador esqueleto encapuzado nas suas costas?

Ele me lança um olhar que diz: *Pense melhor*.

— Oh. Certo. — Minha risada é pequena e envergonhada. — Que tal aquela linha de texto subindo pelas suas costelas? Que língua é essa?

— Cirílico.

— O que está escrito?

— *Sem passado, sem futuro*.

— Uau. É sombrio.

— Não há muito humor na minha linha de trabalho. Exceto se for negro.

— Faz sentido. E aquele grande V vermelho no seu ombro esquerdo? Esse parece fresco. É a inicial de alguém?

— Não.

— É um numeral romano?

— Não.

— Então o que significa?

Terminada a retirada dos pontos, deixa a tesoura e a pinça de lado, amassa o curativo com os pedaços de linha cortados, coloca na cômoda, depois olha para mim.

— Vingança.

Eu abro minha boca, em seguida, fecho-a novamente.

— Bem, bem, bem — ele murmura, seu olhar intenso. — Olha quem finalmente ficou de boca fechada.

Eu mordo meu lábio inferior. Seu olhar cai para a minha boca brevemente, então olha de volta nos meus olhos.

Honestamente, não consigo pensar em nada para dizer. Não *há* nada a dizer. Não há palavras para esta situação.

Depois de alguns momentos tensos, ele diz — Não me pediu para levá-la para casa.

Há uma pergunta aí. A questão é: *por que não?*

Para evitar seu olhar penetrante, olho para o meu estômago. Então, lentamente, puxo a camisa para baixo, cobrindo minha cicatriz.

— Está bem.

— Isso não é uma resposta.

Não tenho uma resposta, pelo menos nenhuma que faça sentido. Eu o sinto me olhando com uma intensidade devastadora, e minhas bochechas começam a queimar.

Ele está prestes a dizer algo quando um ruído agudo me faz pular. Vem da janela do outro lado do quarto e soa como se uma pessoa estivesse do lado de fora, no escuro, batendo os nós dos dedos no vidro.

Minha voz fica alta com o pânico. — Que som é esse? O vento? Um urso? Um serial killer?

Tranquilo como um pepino, ele diz — É Poe.

— O que é um Poe?

Levantando-se da cama, Mal atravessa o quarto e desliza a vidraça. O ar frio da noite entra. No peitoril salta um enorme corvo negro, batendo as asas. A coisa provavelmente pesa dez quilos. Tem olhos negros brilhantes, um bico afiado e um ar assustador de inteligência.

Olha para mim, grasnando como se Satanás o mandasse para buscar minha alma.

— Oh, Deus!

— Não, Poe. — Mal estende o braço. A criatura pula em seu antebraço, olha para ele e faz um barulho de pássaro tagarelando de afeto.

— Está me zoando. Você tem um corvo de estimação?

— Não fale sobre ele como se ele não estivesse no quarto. Vai ferir seus sentimentos.

Não sei dizer se é piada ou não, porque o seu rosto está sério. Como sempre.

— Quer alimentá-lo?

Olho para o pássaro com ansiedade. Não impressionado, me encara de volta. — O que ele come?

Mal grunhi — Globos oculares humanos.

Eu digo secamente — Ótimo, é um comediante agora.

Ele se senta ao pé da cama e estende o braço na minha direção. O pássaro pula até seu pulso, balançando a cabeça. Solto um pequeno som de medo.

— Divirta-o por um minuto enquanto busco sua comida.

O corvo desce do braço de Mal e pousa na minha coxa. Parece que alguém deixou cair uma criança em cima de mim. O som de medo que faço desta vez é mais alto.

Mal se levanta. Antes que se vire para sair, poderia jurar que vi um sorriso malicioso em seu rosto.

Poe está parado desafiadoramente na minha perna, ajustando suas asas e olhando para mim.

Tentando afundar no travesseiro o máximo que posso, digo baixinho — Oi, Poe. Hum. Prazer em conhecê-lo. Espero que não seja um portador de praga.

Squawk!

— Isso foi um insulto? Terá que desculpar minhas maneiras. Não costumo ter conversas com criaturas aladas.

Squawk!

Tenho a nítida sensação de que essa porra de pássaro quer um pedido de desculpas melhor do que o que acabou de receber, então acrescento, desajeitadamente — Sinto muito por ter dito isso sobre a peste. Foi rude. Hum... tem penas muito bonitas.

Eu sei que o brilho de satisfação em seus olhos não é minha imaginação, porque ele emite um grito mais suave e começa a pentear suas penas.

Mal retorna para a sala segurando um pequeno prato. Quando Poe o vê, grasna de empolgação, pulando para cima e para baixo na minha perna e provavelmente causando hematomas. Mal me entrega o prato. Olho por cima da borda e vejo que está cheio de pequenas bolinhas marrons.

— O que é isso?

— Comida de gato. Os corvos adoram.

Como se para provar seu ponto, Poe bate as asas, pousa no meu peito, enfia a cabeça na tigela que estou segurando e começa a comer.

— Mal?

— Sim, Riley?

— Há um corvo gigante no meu peito.

— Posso ver isso.

— É perigoso?

Poe para de engolir ração de gato por um momento para virar a cabeça e me encarar.

Com uma leve risada em sua voz, Mal diz — Apenas para pessoas que se referem a ele como “isso”.

Poe está no meu peito, esperando.

Sentindo-me uma idiota absoluta, peço desculpas ao pássaro novamente. — Desculpe, Poe. Eu só tive um peixinho dourado. Eles não têm tanta personalidade quanto você.

Poe produz uma série de cliques e chocalhos estridentes e silenciosos para mostrar seu descontentamento comigo, depois começa a comer de novo.

E fui dispensada.

Nós três ficamos em silêncio até Poe terminar a comida de gato. Então voa de volta para a janela aberta, me fazendo pular quando sai do meu peito.

Com um grito de despedida final, ele voa noite adentro. Mal fecha a janela atrás dele e se vira para mim, encostando-se na parede e cruzando os braços sobre o peito.

— Você tem algum outro amigo animal que eu deva esperar para uma visita?

— Há uma família de guaxinins que vem de vez em quando.

— Algum urso?

— Não são amigáveis. É hora de você dormir.

— Você é tão mandão com todos os seus pacientes?

— Você é tão tagarela com todos os seus médicos?

— Só os que eu gosto.

Há uma pausa onde ele simplesmente fica parado e me encara, seus olhos calorosos. Então ocorre um milagre: *ele sorri*.

É lindo.

E murmura — Vá dormir, Riley Rose.

— Como posso dormir com você aí parado me olhando?

— Você tem estado bem com isso até agora. Feche os olhos.

Solto um suspiro, jogo os braços dramaticamente ao lado do corpo, obedeço a ele e fecho os olhos.

Devo adormecer quase imediatamente, porque não me lembro de mais nada depois disso.

Quando acordo de manhã, Mal está dormindo ao meu lado na cama, seu braço sob meu pescoço, uma perna jogada sobre as minhas, sua grande mão quente espalmada sobre minha barriga.

Bem em cima da minha cicatriz.

29

RILEY

— Apenas respire — ele murmura, sua boca perto do meu ouvido.

Muito bem, então ele não está dormindo. E obviamente sentiu todos os músculos do meu corpo se contraírem quando percebi que estava deitado ao meu lado.

Inalo uma respiração profunda, mas não é calmante. *Como poderia ser?* Atrai seu perfume masculino inebriante pelo meu nariz e profundamente em meus pulmões, onde se instala, me deixando tonta.

Meus ovários acordam de um sono profundo e começam a gritar como macacos de zoológico.

Um milhão de coisas que poderia dizer passam pela minha mente, mas o que sai da minha boca é um estrangulado — Oh. Oi. Isso é novo.

Ele ri. — Não entre em pânico.

— Quem eu? *Psh.* Não estou em pânico. Estou totalmente bem. Mais que bem.

Ele desliza a mão da minha barriga para a minha pulsação. E pressiona o polegar ali. Sei que ele pode senti-la latejando loucamente, porque é assim que meu coração está fazendo também.

Depois de um momento, ri novamente.

— Não se vanglorie. Isso me faz querer esfaqueá-lo.

Ele não responde a isso. Segura meu pulso, no entanto, envolvendo-o com sua grande mão e cruzando meu braço sobre meu peito, então estou envolvida em um abraço, segura no seu delicioso peso e calor.

Fecho meus olhos e tento muito não tremer.

— Você se contorce durante o sono como um cachorrinho.

Sua voz é baixa e calorosa. Meus ovários pararam de gritar, mas agora estão ocupados correndo, acendendo tudo na parte inferior do meu corpo. Não sei o que dizer, então não digo nada.

— Tenho que ir trabalhar hoje. — Ele faz uma pausa. — Voltarei tarde.

Suspeito que queira dizer mais alguma coisa. A pausa foi significativa. Espero, meu batimento cardíaco está ainda mais rápido.

Depois de um tempo, fala novamente. Desta vez, seu tom mudou. É sombrio.

— Não tente fugir.

Eu sussurro — Não vou.

— Deveria.

— Por que?

— Você sabe porquê.

Oh, Deus, o sexo em sua voz. O sexo cru, ardente e sujo que colocou nessas palavras me deixou hiperventilando. Não posso evitá-lo agora: começo a tremer.

Isso provoca algo nele. Traz o animal selvagem que está mantendo sob controle, preso atrás de seus silêncios tensos e olhos vigilantes. Ele me arrasta de lado e de costas contra seu peito, me prendendo ali com seus braços e pernas, seu calor e volume ao meu redor.

No meu ouvido, diz rispidamente — Sabe exatamente o que quero de você, não é? Ou acha que sabe, mas se realmente soubesse, fugiria o mais rápido e para o mais longe de mim que pudesse, *malyutka*. Fugiria gritando.

Deixo escapar — sei que você não me machucará.

— Eu quero.

— Não, não quer.

Sua voz se transforma em um rosnado de lobo. — Oh, sim, quero. Quero te segurar, te morder e te foder até que comece a chorar. Quero gozar dentro da sua boceta, sua boca e desse pequeno traseiro perfeito. Quero ver minhas marcas de dentes em seus seios e minhas impressões digitais em suas coxas e as

lágrimas em seus olhos quando te coloco de joelhos e te faço engasgar no meu pau. Não se engane, doce menina. *Eu quero te devorar, porra.*

Respirando erráticamente atrás de mim, ele parece fora de seu controle, como se pudesse quebrar a qualquer momento e me fazer em pedaços.

Longa e dura como uma rocha, sua ereção cava na minha bunda.

Fico ali deitada com os olhos arregalados e tremendo, excitada e sem fôlego, esperando a qualquer momento sentir seus dentes afundarem em meu pescoço e suas mãos arrancarem minha roupa. Em vez disso, o que acontece é que ele agarra meu queixo com a mão, vira minha cabeça e me beija.

É profundo e exigente. Bruto e esfomeado. Apaixonado e ardente. Tudo o que quer de mim está neste beijo, como se permitisse este único momento de liberdade para me mostrar as profundezas do seu desejo.

O momento termina tão rapidamente quanto surgiu.

Ele me libera, pula da cama e sai do quarto, batendo a porta atrás dele.

Alguns segundos depois, outra porta bate, e ele desaparece.



Passei o dia atordoada, arrastando os pés de cômodo em cômodo como um zumbi. Não consigo me concentrar. Sem televisão ou computador, sinto que o tempo está parado. Estou confusa, inquieta e emocionada, sem saber o que devo fazer sobre o que aconteceu, nervosa sobre o que acontecerá quando ele voltar.

Quando Mal chega em casa tarde naquela noite, estou uma bagunça. Não precisava ter me preocupado, porque ele voltou ao modo de cuidador pensativo.

O animal está de volta à sua gaiola.

— Ainda está acordada — diz ele, de pé na porta do quarto.

Estou sentada na grande cadeira de couro, folheando um livro que não consigo ler porque está em russo. Coloco de lado e olho para ele. — Não conseguia dormir.

Ele está segurando várias sacolas grandes de papel branco com alças, como as de uma loja de departamentos. Coloca-as no chão e tira o casaco, jogando-o na cadeira da escrivaninha.

— Eu trouxe algumas roupas para você, e sapatos. Outras coisas também.

Ele aponta para as sacolas. Espero que minha sanidade esteja aí em algum lugar.

— Obrigada.

Estou rígida e desconfortável, sem saber o que dizer.

Ele fica parado por um momento, me observando, então inesperadamente se ajoelha a frente da minha cadeira. Agarrando meus pulsos em suas mãos, me puxa em sua direção.

Quando meu rosto está a centímetros do dele, examina meus olhos. Então murmura — Agora está com medo de mim. Ótimo.

— Por que quer que eu tenha medo de você?

Sua resposta é gentil. — Porque deveria ter. Porque isso a manterá viva.

— Essas suas mudanças de humor violentas são todas muito exaustivas. A propósito, estive pensando.

— Agora *eu* deveria estar com medo.

— Isso não é engraçado. Perguntei por quanto tempo me manteria aqui. Sua resposta foi “*O tempo que for preciso*”. O tempo que for preciso?

Um pequeno aceno de cabeça é minha única resposta. Sua recusa me deixa com raiva.

— Eu mereço uma explicação.

Um músculo em sua mandíbula desliza. Seus olhos verdes brilham. — Eu decidirei o que você merece. E quando merece.

Oh, a insinuação aí é de arrepiar os cabelos. Não deixo isso me distrair. — Por que me trouxe aqui? Por que me salvou? Por que se incomodou em fazer qualquer coisa que fez desde que nos conhecemos? Qual é o *plano*, Mal?

— O plano não é da sua conta.

— É da minha vida que estamos falando!

Em seu rosnado de lobo, diz — Sua vida foi perdida quando Declan matou meu irmão. Sua vida pertence a mim agora.

Nossos olhares estão travados, sem piscar e furiosos. Eletricidade estalando no ar.

Recusando-me a ser intimidada por ele, mantenho minha voz fria e uniforme. — Então sou sua escrava. Você me possui. É isso que está me dizendo?

Seus olhos ficam ardentes. Ele lambe os lábios. Ele gosta da ideia.

— Não estou lhe dizendo nada, de uma forma ou de outra, exceto isto: você ficará aqui comigo o tempo que eu quiser.

Ele se levanta abruptamente, me olhando com olhos ardentes, semicerrados. — Quanto à questão da posse, pode querer se perguntar por que ainda não me implorou para levá-la para casa.

Ele se vira e sai da sala.

Grito atrás dele — Fui sequestrada! Está implícito que quero ir para casa!

Aquela risada baixa e satisfeita que ouço do outro cômodo me diz que ele também não acredita em mim.



Não falo com ele por dois dias. Não posso. Estou com muita raiva. Não tenho certeza com qual de nós estou mais zangada, entretanto, ele ou eu.

Ele está certo: eu já deveria ter implorado para que me levasse para casa. Deveria ter feito isso na primeira vez que abri meus olhos, mas não o fiz, e isso significa algo.

Algo perturbador que ainda não percebi totalmente, ou talvez não queira entender. As implicações não são boas; ou talvez não queira saber o que ele faria se eu lhe pedisse para me levar para casa.

Talvez ele me levasse, e eu não quero que leve.

E talvez meu cérebro precise apenas de umas férias de todos os talvez, porque nem uma única coisa mais faz sentido. Eu mal sei qual é o caminho a tomar.

No terceiro dia, ele me leva para fora pela primeira vez.

Envolvida em um cobertor de lã pesado e um suéter e calça de moletom que ele me trouxe, meus pés aconchegados em um par de meias de algodão grossas, fico piscando na varanda sob a luz forte, inclinando o quadril contra o parapeito de madeira e segurando uma mão para cima para proteger meus olhos do

sol. Minha respiração sai na frente do meu rosto em nuvens brancas ondulantes.

Está muito frio. O ar está parado. O céu é de um azul claro e brilhante. Ao redor da cabana, até onde a vista alcança, uma imaculada campina alpina brilha sob uma camada de neve. Os altos pinheiros que cercam o prado também estão salpicados, seus galhos de açúcar em pó se arqueando graciosamente.

Exceto o chilrear ocasional de um pássaro, é totalmente silencioso.

Sinto que somos as únicas pessoas no mundo. Em um mundo de conto de fadas imaginário de nosso próprio projeto, onde ninguém existe além de nós dois.

Parado ao meu lado, olhando para a vista infinita, Mal diz baixinho — Mikhail e eu crescemos aqui. Os Antonov têm vivido nesta casa há quatro gerações. — Faz uma pausa. — Bem, não *nesta* casa. A cabana original que meu bisavô construiu pegou fogo. Atingida por um raio. Mik e eu a reconstruímos do zero.

Olho para o seu perfil, tão bonito e rígido.

Ele pertence aqui, neste deserto silencioso. Pertence ao mesmo que os lobos, o cervo e seu amigo, o corvo arrogante. É tão indomado quanto todas as criaturas selvagens que habitam este lugar e vive o mesmo tipo de vida que a deles.

Selvagem.

— Eu também cresci em uma cabana.

Quando ele me olha, seus olhos são tão penetrantes que tenho que desviar o olhar.

— No Lago Tahoe. Era menor do que esse lugar. Meu bisavô não a construiu, mas aqui me lembra disso. O cheiro. Os pinheiros. A selvageria em torno de tudo, como estar tão perto da natureza, nos lembra que também fazemos parte dela. No meu apartamento na cidade, sempre me senti separada das coisas. Como se a vida real estivesse em outro lugar, lá fora. Não poderia me atingir, mas na floresta, me sinto mais...

Eu paro, procurando uma palavra, até que Malek diz.

— Viva.

Eu concordo. — E insegura.

— É por isso que eu gosto.

— Combina com você.

Após uma breve pausa, diz — Eu também tenho um lugar na cidade, Moscou. Fico lá quando o trabalho exige, mas é aqui que prefiro estar.

— Qual é a distância até Moscou daqui?

— Uma hora de carro até a cidade mais próxima, em seguida, um voo de duas horas.

Isso me assusta. — Oh.

— O quê?

— Pode cuidar dos seus negócios em uma viagem de ida e volta de um dia que inclui seis horas de viagem?

Ele diz baixinho — Sou muito bom no que faço.

Respiro o ar limpo e frio, deixando-o clarear minha cabeça e me acalmar. — Matando pessoas.

Ele passa um tempo olhando para o meu perfil e então diz — É interessante para mim que você não parece se incomodar com isso.

— Claro que me incomodada. — Penso por um momento. — Embora, honestamente, ficaria muito mais incomodada se estivesse matando gatinhos. As pessoas em geral são superestimadas. E você provavelmente está apenas expulsando outros bandidos, mafiosos e outros, então parte de mim pensa que está fazendo algo benéfico para a sociedade. E sim, estou ciente de que isso é ridículo, e não tenho como saber se está estuprando freiras, incendiando orfanatos e explodindo aulas do jardim de infância, mas há apenas uma vozinha idiota dentro da minha cabeça que me diz que para um cara mau, você é realmente muito bom. — Meu suspiro é pesado. — Mas não estou no meu perfeito juízo, então aceite tudo levianamente.

Minutos de silêncio passam. Em seguida, ele diz em voz baixa — De todas as pessoas que conheci que sabem o que faço, você é a única que me tratou como se eu fosse humano.

Ficamos em silêncio, olhando para a campina e as árvores. Há uma dor dentro do meu peito que está crescendo rapidamente.

— Mal?

— Sim?

— Sinto muito pelo seu irmão.

Ele enrijece.

— Não estou dizendo isso porque não quero que mate Declan. Quer dizer, *não* quero que você mate Declan, mas isso é uma coisa separada. Só... sinto muito por sua perda. Mesmo que não sejamos tão próximas, se minha irmã morresse, parte de mim também morreria.

Depois de um momento de reflexão, admito com relutância — Talvez a melhor parte.

Olho para ele. Ele inala lentamente, suas narinas dilatadas e seus lábios achatados. Volto minha atenção para a vista, sem saber mais o que dizer. Ficamos muito tempo lado a lado, ouvindo o silêncio, até ele expirar.

— Seu guarda-costas. Kieran.

Minha respiração fica presa. — Descobriu algo?

— Está vivo. Passou um tempo na UTI, mas sobreviverá.

Pressionando a mão sobre meu coração acelerado, expiro uma respiração instável. — Graças a Deus.

— O outro. O loiro.

O tom de sua voz me deixa nervosa. — Spider? Ele está bem?

Ele acena com a cabeça, então diz pensativo — tenho que dar crédito aos seus irlandeses, são um bando persistente. Estúpidos, mas persistentes.

— O que quer dizer?

Ele vira a cabeça e me olha com olhos escuros e sem emoções.
— Spider está em Moscou. Veio procurar por você.

Isso me deixa sem fôlego. Chocada, mas também com medo, porque sei o que Mal fará a seguir. E não é trazer uma cesta de boas-vindas ao Spider.

Em pânico, me viro para ele e agarro seu braço. — Por favor, não...

— Economize seu fôlego — interrompe. — Não vou matá-lo.

Desabo contra a grade da varanda, fechando os olhos e respirando fundo. — Obrigada.

— Você parece gostar particularmente desse.

Seu tom é uniforme, mas há uma pequena correnteza lá. Uma margem. Quando olho para ele, está me olhando com os olhos semicerrados. É um olhar ardente. Um olhar intenso.

E, obviamente, possessivo.

Minha boca fica seca. Umedeço meus lábios antes de falar. — Gosto. Ele é meu amigo.

— Amigo.

Ele puxa a palavra, repetindo-a como se tivesse gosto ruim em sua boca.

— Sim. Um amigo. Tenho certeza de que está familiarizado com o conceito.

Sua mandíbula aperta. Ele me encara de cima a baixo, todo arrogante e bufando como um touro. — Eu não tenho amigos.

— Sim, tem.

— Não, não tenho.

— Sim, tem, seu burro teimoso.

— Diga um.

— Eu.

Ele me olha como se eu fosse louca e deveria ser internada para sempre para a segurança da humanidade.

Suspiro pesadamente. — Oh, cale a boca. Sei que não faz sentido. Ainda assim é verdade.

Suas mãos se apertam. Uma veia se destaca na lateral de seu pescoço. Ele se aproxima de mim, os olhos brilhando.

Antes que ele pudesse gritar insultos na minha cara, digo em voz alta — Não me importo se não gosta.

— Eu sequestrarei você!

— Você me salvou de morrer de um ferimento à bala.

— Um tiro que era destino a mim!

— Sim, e desde então, tem me mimado e se preocupado doentiamente com cada pequena tosse, e poupando pessoas que normalmente mataria porque eu pedi. A menos que aquela coisa sobre Spider fosse uma mentira, mas não acho que seja, porque sei que você não gosta de me decepcionar.

Quando ele faz sua rotina rosnando-erichando-machão, lhe aceno minha mão com desdém. Não terminei de falar.

— Além disso, manteve suas mãos longe de mim, seu pau em suas calças, embora ambos saibamos que não é isso que deseja, e não há nada que eu pudesse fazer se quisesse.

Com os dentes cerrados, as cordas em seu pescoço se destacando, diz, incrédulo — Será que eu quero você?

— Sabe o que eu quero dizer. O que quero dizer é que as pessoas que não são da família ou não dormem juntas, mas que cuidam umas das outras, e fazem sacrifícios que normalmente não fariam, são chamadas de amigas. Lide com isso.

Ele me encara. A julgar pela forma como seus olhos saltam, sua cabeça explodirá a qualquer segundo.

Em vez disso, ele sai da varanda e vai para as árvores.

Eu não o vejo de novo até a manhã seguinte.

30

MAL

Nunca a teria trazido se soubesse que ela seria tão problemática.

Ela estragou tudo. Minha vida inteira foi virada de cabeça para baixo por uma pequena bruxa demoníaca com uma boca tão grande quanto seus colhões.

Ela não tem medo de mim. Pensa que sou seu amigo. Agradece-me por tudo, quando deveria estar gritando comigo em fúria ou terror.

Eu não entendo nada.

Fico olhando para a sua forma adormecida. Está enrolada na cama de lado com as mãos dobradas sob a bochecha, parecendo enganosamente angelical. Sei que isso é uma armadilha. Aquele exterior doce e inocente esconde um gorila de 600 quilos com uma força de vontade de ferro.

Com exceção do meu revólver, Beretta, nunca conheci nada tão pequeno que fosse tão feroz.

Ando silenciosamente para fora do quarto e fecho a porta, resistindo à vontade de deixar um bilhete para ela dizendo quando estarei de volta.

Três horas depois, estou no Lenin Hotel em Moscou, vigiando Spider no bar.

Está olhando para sua bebida, ignorando a mulher rechonchuda à sua esquerda que continua tentando chamar sua atenção. Várias outras mulheres nas mesas próximas continuam olhando em sua direção também, mas ele parece alheio a todas elas. Está preocupado. Girando seu uísque. Perdido em pensamentos.

Eu sei o que ele está pensando. Em quem.

O demônio abandonado tem uma maneira irritante de manter a atenção de um homem como refém.

Pego o banquinho à sua direita. Ele me olha, fica surpreso e se levanta, rosnando.

— Puxe o gatilho e nunca a encontrará — digo calmamente para a arma que ele enfia no meu rosto.

A mulher à sua esquerda grita e tropeça no banco do bar. Os outros clientes a seguem enquanto sai correndo. Então sou apenas eu, Spider, e o barman, que me serve uma vodca dupla.

Ele a coloca a minha frente e balança a cabeça para os dois seguranças que estão entrando, alertados para problemas pelo rápido êxodo da multidão. Olham para mim, se viram e saem.

Às vezes é bom ser um gangster.

— Sente-se, Spider.

Lívido, ele grita — Onde diabos ela está?

— Em um lugar seguro. Sente-se.

Vejo o instante em que decide atirar na minha perna em vez de no rosto. Antes que possa, estou de pé com o cano da minha arma enfiada sob seu queixo.

Infelizmente, seus reflexos são bons. Ele não larga a arma, tropeça para trás ou comete qualquer outro erro tático. Simplesmente responde na mesma moeda, empurrando o cano de sua Glock sob meu queixo.

Ficamos assim, cotovelos travados, armas carregadas, prontos para explodir a cabeça um do outro, até que ele diga com os dentes cerrados — Ela está viva?

— Sim. Não graças a você.

— Onde você a está mantendo?

— Não perca meu tempo com perguntas estúpidas.

— Eu deveria te matar, porra!

— Provavelmente, mas fizer isso, ela morrerá de fome. Sozinha. É isso mesmo que quer?

Amaldiçoa violentamente em gaélico. Obviamente, está tomando cada grama de seu autocontrole para não puxar o gatilho.

— Ela gosta de você, sabe.

Pego de surpresa por isso, Spider pisca. — O quê?

— É a única razão pela qual não está morto agora. Ela me pediu para não matá-lo. Mesmo depois de colocar uma bala em seu intestino, ela ainda disse que você era seu amigo. É realmente algo, quando se pensa sobre isso. Pessoalmente, se eu tivesse perdido um rim, um baço e dois litros de sangue, meu humor seria um pouco menos tolerante.

Ele lambe os lábios e ajusta seu peso de um pé para o outro. Com a voz rouca, diz — Deixe-me levá-la para casa.

— Está em casa. Ela é minha.

Seus olhos brilham de raiva com todas as coisas terríveis que está imaginando que eu fiz a ela. — Seu filho da puta doente!

— Qual é, vamos lá. Vai ferir meus sentimentos.

— Ela não merece isso! É inocente!

— Acha que eu não sei disso?

— Então, deixe-a ir!

Fico olhando em seus olhos, já sabendo a resposta antes de fazer a pergunta. — Você a deixaria ir se a tivesse?

Aperta a mandíbula. Seu rosto fica vermelho. Ele me amaldiçoa novamente, desta vez em inglês, usando uma linguagem criativa e colorida.

— Isso foi o que pensei. Diga-me, seu chefe mandou você ou essa pequena missão de resgate foi ideia sua? Não consigo

imaginar Declan embarcando em um empreendimento tão desesperado e destinado ao fracasso.

— Onde. Foda-se. *Ela está.*

— Isso está ficando tedioso. Há algo que queira que eu diga a ela antes de ir?

Ele enfia a boca da arma mais fundo no meu pescoço e responde — Você não vai a lugar nenhum.

Teimoso como uma mancha de sangue, este irlandês. Apesar da minha inclinação para odiá-lo, me surpreendo admirando sua determinação.

— Última chance. Sem desculpas, quer que eu repasse algo?

— Entregue-a a mim. Ela não é nada para você!

— Nenhuma palavra sincera sobre o quanto lamenta por quase tê-la matado?

— Foi um acidente! Deveria ter sido você!

— Mas não foi. Você atirou nela. Agora ela é minha. Posso ver que está tendo dificuldades com essas duas coisas, o que é bom. Merece sofrer. E eu aplaudo sua tenacidade, mas se não sair de Moscou dentro de doze horas, será enterrado aqui. — Eu me permito um pequeno sorriso sem humor. — Minha promessa de poupá-lo não se estende ao restante da *Bratva*.

Está prestes a substituir seu bom senso e puxar o gatilho para acabar comigo, quando seus olhos ficam turvos. Pisca e balança a cabeça, tentando se concentrar, mas suas pupilas não

cooperam. Quando ele balança em seus pés, pego sua arma dele e a coloco debaixo do meu cinto.

Ele cambaleia contra o balcão, segurando-o para se equilibrar, piscando enquanto tenta limpar sua visão.

— O que fez comigo? — Diz.

— Nada permanente. Terá uma forte dor de cabeça ao acordar. Tome algo para isso no aeroporto. E você realmente não deveria aceitar uma bebida de estranhos em um país estrangeiro. Nunca sabe o que pode estar nela, ou quem os pagou para colocá-lo lá.

Ele ainda está me xingando enquanto cai.

Eu o observo por um momento, deitado de costas no chão.

Em seguida, entrego ao barman um maço de dinheiro dobrado, engulo minha vodca e volto para casa.

31

RILEY

Antes mesmo de abrir meus olhos pela manhã, estou ciente de que Mal está deitado ao meu lado.

Se seu calor não fosse uma revelação mortal, a ereção gigante cutucando meu quadril seria.

— Não se preocupe — murmura, sua boca perto do meu ouvido. — Não vou te foder.

Provavelmente é minha imaginação, mas posso jurar que essa frase foi seguida por um *Yet*⁴² não dito.

Começo a hiperventilar e a engolir convulsivamente. Quando consigo me recompor, sussurro — Achei que estivesse com raiva de mim.

— Estava. E superei.

⁴²-Ainda.

— Onde esteve?

— Por quê? Estava preocupada?

— Não. Só não sabia o que dizer a Poe quando apareceu a sua procura.

Depois de um momento, ele ri. — Mentirosa.

Abro os olhos e imediatamente desejo não ter feito isso. Ele não está apenas deitado ao meu lado, está debaixo das cobertas comigo. E está nu da cintura para cima.

E sua grande mão está espalmada possessivamente sobre minha barriga novamente. Por baixo da minha camisa, pressionada contra minha pele nua, sua palma é fogo. Seu toque queima direto em minha alma.

Jesus, pegue o volante. Estou bêbada ao dirigir.

Mal inala contra meu cabelo. Sua voz fica rouca. — Não tem a menor ideia do que me faz quando treme assim, foda-se.

— Por favor, pare de dizer a palavra com F.

— Estou gostando muito da sua resposta para eu parar.

— Por que está na cama comigo se não está, hum... sabe.

Ele diz deliberadamente em meu ouvido — Fodendo?

Eu aperto meus olhos fechados. Meus dedos dos pés se enrolam involuntariamente.

Sua risada é baixa e satisfeita. — Estou na cama com você porque é confortável. Porque gosto de deitar ao seu lado. Porque quero estar aqui.

Droga, ele cheira bem. E a sensação do seu corpo é tão quente e forte. E ele está duro. Em todos os lugares.

Ele corre o polegar suavemente ao longo da minha cicatriz. — Como está sua dor hoje?

— Não como uma espetada. Mais como uma dor chata.

— Você tomou seus remédios ontem à noite antes de ir dormir?

— Sim.

— Boa menina. — Após uma pausa, diz em uma voz gutural — Está fazendo isso de propósito?

Deixo escapar — Eu não posso evitar se estou tremendo!

— É mais como um tremor. Estremecendo por todo lado.

— Se você parasse de usar esse tom, eu ficaria bem!

— Que tom?

— Esse tom de sexo!

Ele diz algo em russo, algo que parece sujo, então ri quando meu tremor fica pior.

Tento me levantar, mas ele joga sua perna sobre a minha e me arrasta de volta contra ele, me rolando de modo que meu estômago fique pressionado contra o dele. Coloco minha cabeça sob seu queixo e escondo meu rosto em seu peito enquanto ele ri de mim.

Acariciando sua mão para cima e para baixo na minha espinha, me dá tempo para me acalmar antes de pressionar um beijo no meu pescoço e me fazer hiperventilar novamente.

Ele murmura — Por que está tão arisca? Disse que não iria te foder.

— É a sua barba.

— O quê?

— Sua barba.

Ele parece confuso. — O que tem isso?

— Faz cócegas.

Ele vai de confuso a Deus do sexo escaldante em meio segundo, dizendo asperamente — E gostaria de sentir aquelas cócegas entre suas coxas, não é?

— Não.

— Então por que está apertando as pernas?

— Não estou.

Sua risada é ligeiramente ofegante, mas extremamente satisfeita. — Oh, sim, está, baby.

— Eu realmente odeio quando é presunçoso.

Tremendo com uma risada silenciosa, ele pressiona seus lábios no meu ombro, afastando o decote da minha camiseta para fazê-lo, se certificando de arrastar sua barba levemente em minha pele. Baixa as mãos, pega um punhado da minha bunda e aperta. Em seguida, faz o som mais puramente masculino que já ouvi, um gemido de prazer que vem do fundo do peito.

Estou suando. Meu coração está palpitando. Meus mamilos estão duros e o latejar entre minhas pernas é intenso.

E o *tremor*. Pensaria que eu estava deitada nua em uma cama de gelo!

Ele me vira de costas, segura minha cabeça com as mãos, olha fundo nos meus olhos e faz um discurso longo e apaixonado, inteiramente em russo.

No final, ele me beija.

Profundamente. Faminto. Completamente.

Então rola de cima de mim, se levanta e vai para o banheiro, batendo a porta atrás de si.

Liga o chuveiro.

E fica lá dentro por um longo, longo tempo.



Por uma semana inteira depois disso, ele mal olha para mim.

Dorme sentado na cadeira de couro no canto do quarto todas as noites.

Corta lenha com um machado como se estivesse executando uma realeza condenada.

Vai caçar na floresta, desaparecendo por horas. E retorna com cervos, veado e coelho, que habilmente esfola enquanto observo, fascinada e enojada.

Ele cozinha nossas refeições, faz o café, lava os pratos, acende o fogo nas lareiras, conserta uma pia vazando, esfrega o chão, limpa suas armas, martela uma tábuia solta no telhado, faz um inventário de suprimentos, dirige até a cidade para reabastecer enlatados e artigos diversos, remove a neve da varanda, faz a barba sob sua mandíbula com uma navalha, conserta um peitoril de janela caído, e completa uma dúzia de outras tarefas com total competência, sinto que estou recebendo uma aula magistral na arte da virilidade.

E todas as noites, ele me dá banho.

O que começou como um exercício de humilhação, nascido da necessidade porque não conseguíamos molhar minhas suturas, lentamente se transforma em outra coisa.

Algo íntimo.

Torna-se um ritual sobre o qual nunca trocamos uma palavra. Depois do jantar à noite, quando lava a louça e eu escovo os dentes, ele enche a banheira, tira meus curativos e depois me despe.

Deito nua na água quente com os olhos fechados, sentindo suas mãos se moverem sobre meu corpo e ouço-o falar.

Sempre, sempre em russo.

O toque é sensual e profundamente relaxante, mas nunca sexual. É como se ele estivesse memorizando meu corpo com suas mãos, mapeando todas as minhas curvas e ângulos com a ponta dos dedos, me guardando na memória. Grogue de prazer, deito na banheira passivamente enquanto seus dedos ensaboados deslizam sobre minha pele.

Mais tarde, sozinha na cama, queimo.

Não posso negar minha resposta física a ele, a maneira como me faz sentir e tremer. E sei que ele me quer também. A evidência disso está toda sobre ele. De seus olhares ardentes durante o café da manhã até sua mandíbula cerrada quando fico muito perto da protuberância por trás da braguilha de sua calça jeans quando seca meu corpo após os banhos, seu desejo é óbvio.

Ele porém o mantém trancado e acorrentado e joga a chave fora.

Não foi para a cama comigo novamente.

Não disse a palavra com F novamente.

E especialmente não me beijou.

Com exceção do ritual do banho, me trata como se eu fosse sua paciente. Ele tem um grande interesse em como estou curando, me perguntando todos os dias sobre meu nível de dor e certificando-se de que estou comendo o suficiente e tomando meus remédios, mas fora isso, está distante.

Clínico. Frio.

Penso muito sobre o que me disse, que era responsável por mim desde que levei um tiro por ele. Penso sobre o quão duro tenta manter uma barreira emocional entre nós, como só se revela em uma linguagem que não consigo entender. Acima de tudo, penso na batalha que obviamente trava consigo mesmo toda vez que olha para mim.

Não consegue conciliar o que Declan fez com seu irmão com o que eu o faço sentir. Não entende como alguém que acha que deveria ser seu inimigo pode chamá-lo de amigo.

E está incrivelmente em conflito com seu desejo.

Ele me quer, mas não quer. É óbvio de mil maneiras diferentes.

E lentamente comecei a entender que quando respondeu “o tempo que for preciso” quando perguntei quanto tempo ele me manteria aqui, quis dizer quanto tempo levaria para ele resolver tudo em sua cabeça.

Acho que o maior obstáculo em seu progresso é minha recusa contínua em implorar que me deixe ir.

Recusa não é a palavra certa. É mais como desinteresse.

Para minha profunda surpresa, descobri que gosto daqui.

Gosto do ar puro e do silêncio. Gosto de ver um milhão de estrelas à noite. Gosto dos rituais de simples refeições, banhos e hora de dormir, de Poe batendo na janela com o bico a cada poucos dias para receber guloseimas.

Eu nem me importo quando Mal tem que me deixar por horas ou às vezes dias para ir à cidade, porque descobri que gosto de andar sozinha na floresta com o sol no rosto, o ar frio picando minhas bochechas e o barulho satisfatório dos pinheiros congelados sob os pés para me fazer companhia. Gosto da cabana que ele e seu irmão morto construíram com as mãos.

Acima de tudo, gosto do tempo que tenho para pensar.

Nunca fiz muito isso antes, não de verdade. Estudei, trabalhei e passei meu tempo livre em frente a uma tela, me distraindo. Amortecendo meus sentimentos.

Algumas pessoas comem quando estão deprimidas. Algumas pessoas bebem, usam drogas ou fazem sexo com estranhos. A maneira como lidei com a dor emocional foi me alimentando com uma dieta constante de mídias sociais e videogames e fingindo que não estava lá.

Parece tão óbvio agora. Eu estava sozinha.

Em uma cidade com quase um milhão de habitantes, sempre me senti sozinha, mas aqui, no meio do nada, com apenas um corvo e um assassino por companhia, não me sinto sozinha.

Sinto-me segura.

Eu me sinto contente.

Sinto, em alguns dias, que aquela bala foi a melhor coisa que já me aconteceu.



— Passarei a noite fora.

Levanto os olhos dos meus ovos mexidos. Mal está sentado à minha frente na mesa, olhando para o prato, empurrando a comida com o garfo.

— Durante a noite?

Ele concorda. — Estou saindo logo depois do café da manhã.

— Está bem.

Ele me olha. Na luz da manhã, é de tirar o fôlego. Seus olhos claros são da cor de jade fino.

— Como está a sua dor?

Sorrio. Ele me pergunta a mesma coisa todas as manhãs. — Quase desaparecendo, a menos que eu tente erguer algo.

Suas sobrancelhas escuras se juntam em uma carranca. — Por que tentaria levantar algo? Deveria me pedir.

Isso me faz sorrir ainda mais. — É bom para mim, me esforçar.

Sua carranca leve se aprofunda em uma carranca completa. — Não, não é. Pode se machucar.

Eu mantenho seu olhar por um instante, então digo baixinho — Curvar-me para pegar algo não é tão perigoso quanto o que você faz.

— Sou um profissional. Você está ferida. São duas coisas completamente diferentes.

Seu tom é tenso. Inspeciono seu rosto por um momento. Também está contraído, assim como seus ombros.

— O que há de errado?

— Nada.

— Desde quando mente para mim?

Ele rebate — Desde que sou sequestrador.

Está de mau humor, mas não sei o que o deixou irritado. Coloco meu garfo na mesa, recosto na cadeira e o observo.

— Pare de me encarar. — Enfia uma garfada de ovos na boca.

— Por que está chateado, Mal?

— Não estou.

Ele mastiga com raiva. Posso praticamente ouvi-lo esmagando seus molares.

— Está bem. Sim, está. Eu fiz alguma coisa?

Ele engole em seco, me olhando com olhos brilhantes e uma mandíbula rígida. — Por que não me pediu para levá-la para casa?

Isso de novo. Como se eu tivesse uma resposta lógica. — Você levaria se eu pedisse?

Isso parece deixá-lo ainda mais irritado. — Essa não foi minha pergunta.

— Eu sei. É a minha.

Ele me encara, respirando audivelmente. Parecendo que só está se controlando por meio de uma grande dose de força de vontade, diz — Spider ainda está em Moscou.

Surpresa com a notícia, permaneço em silêncio.

— Eu o vi. Droguei-o. Ameacei matá-lo se não fosse embora. Ele ficou mesmo assim. Sabe o que isso significa?

Meu coração pula na minha garganta. Coloco minha mão sobre meu peito e olho para ele com horror. — Você o *drogou*? Por quê?

Mal balança a cabeça em frustração e ignora minha pergunta. — Isso significa que não irá embora sem você, embora esteja

arriscando sua vida. Ele *não se importa* que esteja arriscando sua vida, entendeu?

Ele está tentando mostrar um ponto, mas não sei o que é. — Esse é o seu trabalho. Arrisca sua vida o tempo todo, por ordem de Declan.

— Não acho que tenha sido coisa de Declan. Acho que foi sua própria decisão. E acho que há muito mais do que culpa o motivando.

— Minha cabeça está girando. O que está dizendo?

— Estou dizendo por que diabos não está me implorando para levá-la ao Spider agora e deixá-lo te levar para casa? Ele é seu amigo, de acordo com você. Suspeito que queira ser muito mais do que isso. Ele é do seu mundo. É parte de sua família. Cuida de você. No entanto, aqui está você, *comigo*. Por quê?

Olho para seu lindo rosto, seus lindos olhos. Penso em todas as maneiras como esse assassino provou ser muito mais do que isso. Todas as maneiras pelas quais negou a si mesmo o que deseja, incluindo - até agora - vingança pelo assassinato de seu irmão.

E a verdade simplesmente aparece.

— Porque não há nenhum outro lugar que eu prefira estar.

Seus lábios se abrem. Suas pupilas dilatam. Ele me encara, imóvel.

Então desvia o olhar e engole em seco. Exalando, diz asperamente — Se não voltar com ele, ele morre. Eu vou matá-lo.

— Você não vai machucá-lo.

— Sim, vou.

— Não, não vai.

Ele me olha de novo e seus olhos ardem de raiva. — Droga! Não está me ouvindo!

— Sim, estou, mas você está mentindo. Porque sabe que, se machucar Spider, nunca te perdoarei. E não importa o quanto tente dizer a si mesmo, isso não deveria fazer diferença, mas faz.

Enfurecido, ele me encara em um silêncio crepitante.

Sentindo-me ousada, acrescento suavemente — E ambos sabemos o porquê.

Ele se levanta de um salto, espalma as mãos sobre a mesa e se inclina sobre ela, olhando para mim. — Se acha que me importo com você, está enganada.

— Está bem.

— Quero dizer. Só está aqui porque estou punindo Declan.

— Tudo bem.

Sua voz se eleva. — Não é nada além de um meio para um fim. É parte do meu plano. Isso... — acena com a mão entre nós — ...não é nada. Nada. Você significa zero para mim.

Olho para as minhas mãos, em seguida, volto para ele. E digo baixinho — Tudo bem.

Seu temperamento explode. Ele grita — Por que continua concordando comigo?

— Porque ambos sabemos que é um monte de merda, então discutir seria inútil.

Ele me encara. Uma veia lateja em sua têmpora. Então se endireita abruptamente e sai da cozinha. Sento-me em minha cadeira, ouvindo-o invadir a cabana, pisando forte de cômodo em cômodo. Depois de vários minutos, a porta da frente bate.

Agora estou sozinha, me perguntando se acabei de assinar a sentença de morte de Spider.

Nunca se sabe o que um assassino treinado faz quando perde a paciência.

Eu pulo e corro para a varanda da frente. Mal não está à vista na clareira, então corro pela lateral da cabana, tropeçando na minha pressa. Nunca vi onde ele estaciona o carro - não há celeiro ou garagem individual à vista - mas deve ser próximo, escondido em algum lugar entre as árvores.

Quando recupero o equilíbrio e olho para cima, pronta para correr para a floresta, meu coração afunda. Respiro aterrorizada e congelo.

Um urso está parado a três metros de distância, sua atenção voltada para mim. É um adulto. Posso dizer pelo tamanho da coisa. Deve pesar oitocentos quilos.

Sua cabeça é enorme. Seu pelo é marrom escuro e brilhante. Se ele ficasse de pé nas patas traseiras, teria vários metros de altura acima de mim.

Ele faz um som assustador de resmungo, um grunhido baixo de agressão. Abaixa a cabeça, estala os dentes e bate com uma pata enorme no chão.

Tremendo de medo e hiperventilando, dou um passo cuidadoso para trás.

O urso observa com olhos negros hostis enquanto dou mais um passo.

Em seguida, ataca.

32

RILEY

Acontece tão rápido que nem tenho tempo de gritar.

Eu me viro e corro. Não dei nem cinco passos quando sou derrubada por um golpe forte nas costas. Caio de cara na neve, o vento me deixa sem fôlego. Fico de joelhos com dificuldade, o coração disparado, mas sou derrubada de novo, desta vez pelo lado.

Rolo várias vezes. O céu e a terra voam como se eu estivesse em um carrossel. Quando paro, estou deitada de costas, ofegante e desorientada. Meus óculos caíram, então não consigo ver muito. Eu luto para me levantar, sem saber onde o urso está ou mesmo se ainda está me rastreando, mas então ouço um rosnado assustador e cheiro de pelo molhado e percebo que a coisa está quase bem em cima de mim.

Com uma ligeira virada de minha cabeça, ele aparece.

Nariz preto e olhos redondos, caninos pontiagudos pingando saliva. Está tão perto que tudo que consigo ver é a cabeça. O urso bate suas mandíbulas no meu rosto.

Então é por minha conta.

Ao mesmo tempo, grito, um peso esmagador desce sobre meu peito. O sol está bloqueado. Há pelos na minha boca e o cheiro insuportável de animal no meu nariz, me sufoca.

Eu aguento uma fração de segundo, com remorso, por nunca mais ver o rosto de Mal novamente. Morrerei sem nunca mais ver aqueles lindos olhos, e saber disso é uma agonia, mas então há um rugido ensurdecedor. Algo quente e úmido respinga em meu rosto.

E sou arrastada para longe do urso imóvel pelo meu braço.

Mal solta sua espingarda, cai de joelhos no chão ao meu lado e começa a rasgar minha roupa.

— Onde está ferida? — Grita, agarrando minha camisa com as mãos trêmulas. — Riley! Fale comigo! Onde está machucada, baby?

Eu nunca o vi assim. Seus olhos estão selvagens. Seu rosto está branco. Parece completamente desequilibrado. Como uma pessoa totalmente diferente. Uma pessoa apavorada. Nem um pouco parecido com um homem que pensa que não sou nada para ele, mas um meio para um fim.

Como não estou respondendo, puramente por causa do choque, Mal me pega em seus braços e corre de volta para a cabana. Abre a porta da frente com um chute. Cai de joelhos na sala de estar, me deita de costas no tapete em frente à lareira e começa a puxar minhas roupas novamente, tentando desesperadamente descobrir onde o urso me atacou.

— Riley, baby, oh, Deus, oh, porra.

Está ofegante de pânico. Gemendo entre as respirações. Suas mãos se movem rapidamente para encontrar meus ferimentos, que são um borrão.

A sensação está voltando ao meu corpo atordoado. Minha cabeça começa a clarear e percebo que o sangue na minha camisa não é meu. Além de um ombro dolorido e de não ser capaz de respirar fundo, não fui machucada.

Porque ele estava lá. Porque, mais uma vez, Mal salvou minha vida.

Estendo a mão e toco seu rosto. Ele congela, me olhando. Respirando com dificuldade, seus olhos frenéticos, me olha como se nunca pudesse desviar o olhar.

Minha voz está fraca, mas surpreendentemente calma. — Não estou ferida. Estou bem, Mal. Estou bem.

Tão perturbado que não consegue falar, ele simplesmente me encara, com seu peito arfando. O que vejo em seus olhos acende minha alma em chamas.

A emoção corre para mim, relâmpagos e trovões e luz das estrelas, um estrondo de adrenalina rugindo em meus ouvidos como o mar. Eu sofro com isso, me partindo nas costuras, me desfazendo sob seu poder.

Eu me sento, pego seu rosto em minhas mãos e o beijo.

Hesita. Luta contra si mesmo por uma fração de segundo, acostumado a não ceder. Então, um pequeno gemido escapa de

seus lábios e se rende. Ele me aperta contra seu peito, enterra a mão em meu cabelo e toma minha boca como se estivesse morrendo de fome desde o dia em que me conheceu.

Tenho certeza de que é porque está.

O beijo é o mais apaixonado e intenso que já experimentei. É como se as comportas estivessem totalmente abertas. Como se uma barragem tivesse rompido. Coloca todo o seu corpo nisso, envolvendo-se em torno de mim e me segurando dolorosamente forte, suas mãos tremendo, sua respiração áspera. Ele faz sons desesperados em minha boca enquanto a devasta, gemidos de prazer e doce, almejado alívio. Então, está segurando minha cabeça em suas mãos e me beijando desesperadamente por todo o meu rosto enquanto eu rio sem fôlego, cambaleando pela força de sua emoção.

Isso não foi apenas um beijo. Foi uma porta aberta para sua alma.

— Diga de novo — exige. — Diga-me de novo, baby. Diga-me.

— Estou bem. Não estou machucada. Estou bem aqui e estou bem.

Ele cai em cima de mim, me pressionando contra o chão e nossos corpos, me beijando novamente. Afundo minhas mãos em seus cabelos e fecho os olhos, tonta com seu gosto e em como meu coração está batendo selvagememente.

Ele beija meu queixo, minha bochecha, meu pescoço, falando em russo enquanto seus lábios se movem sobre a minha pele. Palavras derramam dele e sobre mim, me batizando com fogo.

Envolvo minhas pernas em volta de sua cintura e o encontro duro, como eu sabia que estaria. Esfrego contra sua ereção, deixando-o saber exatamente o que quero.

— Você ainda está se curando — murmura, parando para me olhar com olhos febris. — O ferimento à bala. Não podemos...

As palavras morrem em sua boca quando puxo minha camiseta pela cabeça e a atiro longe.

Não estou usando nada por baixo. Seu olhar em meus seios nus é tão devorador quanto seus beijos.

Respirando com dificuldade e olhando em seus olhos, sussurro — Nós podemos. Vamos. Agora mesmo.

Não há hesitação desta vez. Ele é puro calor, velocidade e força física, um touro quebrando o portão de largada.

Ficando de joelhos, arranca meus sapatos, moletom e calcinha, abre a braguilha de sua calça jeans para que seu pau duro salte em sua mão, em seguida, cai entre minhas coxas abertas e o empurra bem dentro de mim. Eu arqueio e suspiro, segurando seus ombros.

É enorme, quente, invasor e afunda com um único golpe. Ele cobre minha boca com a dele, engolindo meu gemido de prazer, então me fode forte e vorazmente, uma mão segurando minha bunda, a outra meu cabelo.

Ele ainda está completamente vestido. Estou nua e delirando embaixo dele. Nunca estive tão nua na minha vida.

Afasta-se da minha boca para beijar meus seios. Sua boca quente e úmida é o paraíso em meus mamilos rígidos. As cócegas por sua barba arrepiam minha pele. Chupa um mamilo com força, em seguida, morde-o, me fazendo ofegar novamente. Meus dedos torcem em seu cabelo.

Ele se levanta em um cotovelo e agarra minha garganta. Olhando profundamente em meus olhos, me fode até que estou me contorcendo e gemendo seu nome.

— *Malyutka*. Meu *little bird*. Meu doce anjo. O que fez comigo?

Sua voz é crua, embargada de emoção. Seus olhos estão cheios de angústia. Chego ao clímax com sua mão em volta da minha garganta, cortando um grito.

Ele abaixa a cabeça e esconde o rosto no meu pescoço. Estremecendo, me fode forte durante o meu orgasmo. Em seguida, o movimento de seus quadris vacila. Ele solta um gemido gutural.

Com um impulso final e forte, ele goza dentro de mim.

33

RILEY

Minhas costas ardem com a queimadura do tapete, ofegante e tremendo com meus braços e pernas ao seu redor, seu corpo enterrado dentro do meu.

Quando sua respiração finalmente diminui, levanta a cabeça e olha nos meus olhos. Ele me deixa ver tudo.

A escuridão. Os destroços. A saudade. A necessidade. A solidão que combina exatamente com a minha.

A confusão de sermos o que somos, mas o que deveríamos, é sermos inimigos.

Sussurro — Eu sei. Não temos que resolver tudo agora.

Suas pálpebras se fecham. Expira pesadamente. Então me beija novamente, desta vez com ternura.

Ele se afasta de mim, dá um beijo suave em cada um dos meus seios, em seguida, me pega em seus braços e me leva para o banheiro.

Colocando-me de pé, se certifica de que estou firme antes de ligar o chuveiro. Então se despe, pega minha mão e me leva sob o jato quente.

Limpa meu rosto com sabonete e uma toalha. Enxágua o sangue do urso do meu cabelo. Lavando meu corpo com tanto cuidado e atenção, parece que alguém pagou muito dinheiro para fazer isso. Lava a si mesmo como se fosse um pensamento secundário, desliga a água e nos seca com a mesma toalha, depois me leva para a cama.

— Esquecerei como andar — murmuro, minha cabeça apoiada em seu ombro forte.

— Se não quiser, nunca mais terá que andar a lugar nenhum.

Meu peito se expande. Minhas entranhas ficam moles.

Ele quer dizer que eu não teria que andar porque me carregaria de bom grado.

Ele me coloca de costas na cama, rasteja ao meu lado e puxa as cobertas sobre nós. Desliza o braço por baixo do meu pescoço e alisa a mão sobre a minha barriga, no mesmo lugar que sempre faz, diretamente sobre a minha cicatriz. Então enfia o nariz no meu cabelo úmido e inala.

Quando expira, parece que décadas de sofrimento foram aliviadas, como se ele tivesse acabado de sair da prisão.

Ficamos assim por muito tempo, abraçados, apenas respirando. Sei que me lembrarei desse momento para o resto da minha vida.

Quando finalmente fala, sua voz é suave e sonolenta. — Quando te vi pela primeira vez, pensei que fosse uma sem-teto.

Muito feliz para ficar ofendida, eu rio em vez disso. — Tão doce.

— Estava tão desleixada. Pequena, cinza e amarrotada, como um lenço de papel que alguém manteve no bolso por muito tempo.

Meus olhos se arregalam. — Bom Deus. Pode querer considerar calar a boca, *lover boy*, ou nunca terá sorte novamente.

Ele aperta meu quadril, aconchegando-me mais perto. — Você me fez querer resgatá-la. Para cuidar de você. Não tinha ideia de que era um dragão disfarçado, como aquela tatuagem escondida sob seu cabelo na nuca.

Eu digo mal-humorada — Continue falando. Você tem muito que compensar.

Sua voz cai para um murmúrio. — Um minúsculo dragão cuspidor de fogo, que pode reduzir o tamanho de um homem com apenas algumas palavras de sua bela boca.

Pondero isso, sem saber se foi um insulto ou um elogio.

— O que pensou quando me viu pela primeira vez?

— Que eu estava prestes a ser apresentada em um episódio de *Law & Order: Special Victims Unit*.

Após uma breve pausa, ele começa a rir. É um som puramente masculino, profundo e genuíno. Amo isso.

— Estou surpresa que conheça essa referência, considerando seu ódio por TVs.

— Nunca disse que odiava televisão. Simplesmente não tenho uma aqui.

— Você tem uma em sua casa em Moscou?

— Sim.

— Oh. Por que não aqui?

Ele desliza a mão da minha barriga para o meu peito, colocando-a suavemente e passando o polegar sobre o meu mamilo até que endureça. Sua voz cai.

— Porque este é o meu santuário. As únicas coisas que guardo aqui são aquelas que não posso ficar sem.

Fecho os olhos, viro o rosto para o seu pescoço e espero até que meu coração volte a bater para dizer — Então, assiste seriados policiais americanos, hein?

— São muito divertidos. Seus criminosos são os mais estúpidos do mundo.

— Não são *meus* criminosos.

Ele segura meu queixo e beija minha testa. — Não. Você só tem um desses.

Eu rolo para o lado e me aninho contra ele. Ele me dá um grande abraço. Alguns minutos de silêncio confortável se passam, então sussurro — Quase fui devorada por um urso, Mal.

— Os ursos não comem pessoas. Eles simplesmente os cortam em pedaços.

— Isso é ótimo — digo secamente. — Obrigada.

— Quer que eu coloque sua cabeça na parede onde o cervo costumava estar?

— Para que possa ser traumatizada novamente toda vez que olhar para ele? Passo.

— Você não parece traumatizada.

Sorrio em seu peito. — Talvez um orgasmo seja a cura para o TEPT.

— Ou talvez a cadelinha da chefe Khaleesi não tenha nada sobre o meu *waif*.

— *waif*?

— É assim que te chamo na minha cabeça às vezes, ou *waif* demoníaco. — Depois de um tempo, diz — Isso é ruim?

— Deixe-me pensar por um minuto.

— Porque não quero que se ofenda.

— Ah, com certeza. Quem ficaria ofendido por ser descrito como uma vadia magricela do inferno?

— É interessante como fez isso soar como uma ameaça de morte.

— Sou multitalentos. Espere até me ver fazendo malabarismos com motosserras enquanto miro um lança-chamas em sua cabeça.

Ele ri novamente. Porque estou pressionada contra seu peito, sinto o estrondo sob minha bochecha e não posso deixar de sorrir. Segura meu queixo com a mão, vira meu rosto para ele e me beija com ternura.

— Diga-me que não te magoei. Nunca me perdoarei se magoá-la.

Sei que ele não está falando sobre seu apelido horrível para mim. Olho em seus lindos olhos, sorrindo. — Apenas da melhor maneira.

Quando ergue uma sobrancelha, esclareço. — Provavelmente ficarei dolorida. Muito dolorida. Você não é exatamente... vamos apenas dizer que seu dragão não é minúsculo como eu.

Ele rola de costas, levando-me com ele, e sorri e ri enquanto deito em seu peito e olho para ele, maravilhada.

Quem é este assassino feliz? Para onde foi meu Malek rosnado e carrancudo?

— Ficou muito risonho de repente.

Ele para de rir e olha para mim. — Risonho? — Repete, insultado.

— Desculpa. Está certo, homens viris como você não riem.

— Exatamente.

Ele tenta fazer uma carranca, mas falha miseravelmente. Seus lábios se curvam em um sorriso.

Estendo a mão e traço o contorno de sua boca, descobrindo que é impossível não sorrir de volta para ele. — Estou curiosa. Como alguém nascido e criado na Rússia fala inglês sem sotaque?

Ele passa a mão pelo meu cabelo, observando com os olhos semicerrados enquanto os fios fluem por seus dedos.

— Porque quando essa pessoa viaja o mundo usando passaportes e identidades diferentes, é útil não soar russo. Meu tamanho me faz destacar o suficiente. Pratiquei por um longo tempo para soar como se tivesse vindo de lugar nenhum em particular.

O homem sem passado e sem futuro que vem do nada e incendeia o coração de uma garota com apenas a força de seus olhos verdes. Que mistério fascinante ele é.

Dobro minhas mãos sobre seu peito e apoio meu queixo em cima. Quando fico olhando para ele por muito tempo, diz — O quê?

— Quantos anos tem?

Isso o diverte. Seu sorriso se aprofunda e seus olhos dançam de tanto rir. — Por que tenho a sensação de que este é apenas o começo de um longo e árduo interrogatório?

— Chama-se conversa. Faço perguntas e você responde.

— Não, isso é interrogatório. Em uma conversa, as perguntas vão e voltam.

— Você terá sua chance. Vou primeiro.

— Era disso que eu tinha medo.

Alcanço e toco sua barba. É macia e sedosa sob a ponta dos meus dedos, deliciosamente nítida. Se ele raspar, vou matá-lo.

— Por que está sorrindo?

— Esquece. Voltando à minha pergunta sobre a sua idade.

— Tenho trinta e três anos. — Após uma pausa, acrescenta
— Seus olhos ficaram grandes.

— Você é nove anos mais velho do que eu.

— Mesmo? Parece mais jovem do que isso.

— São todos os conservantes dos doces. Qual é a sua cor preferida?

— Preto.

— Devia ter adivinhado. O que faz no seu tempo livre além de assistir a dramas policiais americanos?

— Venho aqui sempre que posso. Caço. Leio. Caminho. Observo às estrelas. Quando estou na cidade, não faço muito, exceto lidar com o trabalho.

— Trabalho.

Ele concorda. Entendo que não descreverá o âmago da questão.

— E como entrou em sua linha de trabalho?

Ele inala profundamente e olha para o teto. Depois que expira, fica quieto por um tempo. — Por acidente.

— O que significa?

Fecha os olhos. Um músculo desliza em sua mandíbula. — Eu matei um homem em uma briga de bar quando tinha dezessete anos.

Está em silêncio novamente. Perdido na memória. Eu posso dizer que tudo o que está lembrando é doloroso para ele e espero calmamente que continue enquanto acaricio sua barba.

— Ele estava assediando meu irmão. Mikhail não era um cara grande. E era tranquilo. Inteligente e silencioso. O tipo de garoto pelo qual os valentões gravitam. Estávamos em uma viagem em família com nossos pais, visitando nossa tia em Moscou. Mik e eu fomos a um bar depois que nossos pais foram para a cama. Saí do banheiro e encontrei esse idiota falando merda a Mik. Disse a ele para se foder. Ele não gostou disso. Deu um soco que errou. Joguei um de volta e acertei. A próxima coisa que sei é que ele estava no chão, o rosto coberto de sangue, sem se mover. Ele nunca se levantou.

Respirando lentamente, abre os olhos e me olha. — Ele era *Bratva*. Primo-irmão de *Pakhan*, apenas a porra da minha sorte.

— *Pakhan*?

— É um título honorífico. Significa o chefe. Rei. Todos no bar sabiam que o cara em quem bati estava relacionado a *Bratva*. Antes que a polícia pudesse chegar lá, *Pakhan* apareceu

com uma dúzia de seus soldados. Disse que eu e minha família inteira poderíamos comer balas para pagar minha dívida, ou Mik e eu poderíamos trabalhar para ele. Obviamente, não gostava muito do primo, ou estaríamos mortos na hora. *Pakhan* colocou Mik em uma equipe de rua que trabalhava como vigia de empregos. É a posição mais baixa da *Bratva*, mas em um ano comandava sua própria equipe. Como eu disse, era inteligente. Sabia como navegar em situações complicadas. Tornou-se valioso. Continuou a subir.

— E você?

— Eu me tornei valioso também. Só que não havia mobilidade ascendente na minha posição. Fiquei exatamente onde comecei, porque ninguém poderia fazer por *Pakhan* o que eu poderia.

Sua voz cai. — Provei ser extremamente talentoso em fazer seus inimigos desaparecerem.

Ele fica em silêncio por um longo tempo, perdido em algum lugar de sua cabeça. Então respira lentamente e continua.

— *Pakhan* gostava de Mik. Confiava nele. Sabia que a morte de seu primo era realmente minha culpa, não de Mik, então quando Mik eventualmente pediu permissão para ir para a América, conseguiu.

— Por que ele queria ir para a América?

— Pela mesma razão que todo mundo quer: oportunidade. *Pakhan* sabia que Mik era ambicioso. Sabia que ele acabaria superando sua posição aqui. Sabia que muitos de seus soldados desertariam se Mik fizesse um movimento para

assumir. E acho que gostava genuinamente de Mik. Ele não queria ter que matá-lo se fosse necessário, então o mandou embora com sua bênção. Disse que sua dívida estava paga. A minha, entretanto, nunca seria paga. Fui eu quem tirou a vida do seu primo. Minha dívida não seria paga até que eu desse meu último suspiro, de uma forma ou de outra.

Descanso minha bochecha em seu peito. Ele embala minha cabeça com uma das mãos e esfrega a outra lentamente para cima e para baixo na minha espinha.

— Nossos pais já estavam mortos quando Mik foi para a América. Mortos em uma avalanche, se pode acreditar nisso. A tia com quem ficamos em Moscou morreu de câncer. Seu marido teve um ataque cardíaco. Era toda a nossa família, então Mik e eu éramos os únicos Antonov que sobraram. — Engole. — Então Mik foi morto.

Sua voz está rouca de emoção. Sob meu ouvido, seu coração bate forte e rápido.

Fecho meus olhos e aperto-o. Pela primeira vez desde que tudo isso começou, estou furiosa com Declan, mas esta é a sua vida, tanto de Declan quanto de Malek.

Matar ou ser morto. Não há outra opção.

É um terrível *Catch-22*⁴³, porque a vingança inicia o ciclo novamente. Matou meu primo, agora sua vida e a vida de todos

⁴³ -*Catch-22* é um romance satírico-histórico do autor norte-americano Joseph Heller, publicado originalmente em 1961.

que ama pertencem a mim. Matou meu irmão, agora tenho que matar você. E talvez também tome um membro da família como refém como garantia.

E porque fez isso, agora eu tenho que retaliar, e assim por diante.

Não há fim para isso. Provavelmente vem acontecendo assim há séculos. Guerra, sangue, morte, vingança, repete, e faça tudo de novo.

Eu sussurro — E se houvesse outra maneira?

— Outra maneira de quê?

— Para obter o encerramento. E se você pudesse fazer isso sem violência?

Sua mão ainda cai nas minhas costas. Quando fala, sua voz é surpreendentemente dura.

— O fechamento é uma ideia americana. Uma fantasia. Não existe tal coisa. Quando alguém que ama é assassinado, essa cicatriz nunca cura.

Levanto minha cabeça e olho em seus olhos. — Então a vingança não ajuda muito.

— Não se trata de ajuda. É sobre restituição. Equilibrando a balança.

— Então acredita que se matar Declan em retaliação por Mikhail, a balança ficará equilibrada?

— Sim.

Minha resposta é tão suave quanto a dele é forte. — Exceto que está errado. A balança não estará equilibrada. Porque você terá machucado minha irmã.

— Não me importo com sua irmã.

— Mas se importa comigo. E eu me importo com ela. Não pode jogar uma pedra na água sem causar ondulações. Tudo o que faz tem efeito sobre outra coisa, ou alguém.

Zangado, ele me encara. Sei que estou pisando em um gelo perigosamente fino, mas isso precisa ser dito.

— O que acha que acontecerá no dia que eu descobrir que matou Declan? Acha que ficaremos deitados aqui, assim, depois disso? Acha que nada entre nós mudará?

Ele diz categoricamente — Agora está me chantageando.

— Estou pedindo que considere se não há outra maneira.

— Claro que não há outra maneira!

— Sim, existe.

— Como o quê?

— Perdão.

Ele me encara com olhos brilhantes e uma mandíbula transformada em pedra, todo o seu comportamento enfurecido, mas mantém a voz controlada quando diz — Não seja ingênua.

— Não seja condescendente.

— Riley.

A maneira como diz meu nome parece uma bofetada. Minhas bochechas queimam com o calor, mas não recuo.

— Disse que queria que ele sofresse. Posso dizer com certeza que sim, porque levei um tiro. Porque me sequestrou. Porque minha irmã, apesar de suas deficiências, se culpará por tudo isso, o que por sua vez deixará Declan miserável. Muito mais miserável do que se atirasse nele, porque então ele seria libertado de sua culpa e da dor dela.

Ele se senta em silêncio, me olhando por tanto tempo que acho que posso ter feito um estrago, mas então o assassino mira mortalmente e puxa o gatilho.

— Exceto que não há nenhum outro lugar na terra onde prefere estar do que aqui, lembra? O que significa que meu sequestro não foi uma punição para ninguém.

— Eles não sabem disso.

— Mas eu sim.

Está tentando deliberadamente me humilhar? Minha garganta fica apertada. Meus olhos se enchem de água. Eu sussurro — Mal.

Ignorando minha angústia, diz — Eu sei que se Declan O'Donnell pudesse vê-la agora, não ficaria preocupado. Nem sua irmã. Eles não gostariam da situação, obviamente, por causa de

quem sou; mas saberiam que estava segura. Saberiam que você estava *feliz*, não é, Riley?

Seu tom goteja ácido. Ele quer queimar, e santo inferno, queima. Deixe para um homem pegar algo bonito e esmagá-lo em seu punho.

Rolo fora de seu peito, murmurando — Foda-se.

Antes que eu possa me levantar da cama, ele me captura e me pressiona contra o colchão, me achatando com seu peso, prendendo meus braços sobre minha cabeça. Olhando nos meus olhos, todo fogo e fúria, seu tom tão afiado como o gume de uma faca.

— Você pode manter suas fantasias e seu perdão. Eu vivo no mundo real. Um mundo onde as ações têm consequências. E não se esqueça de que não fui eu que comecei isso.

— Você pode ser aquele que acaba com isso.

— Ele assassinou meu irmão!

— E eu levei uma bala por você. Eu poderia ter morrido.

— Você não morreu.

— Não, porque você me salvou. Sabe por quê?

Ele rosna — Não diga isso, porra.

— Porque você é bom. No fundo, é um bom homem.

Está com aquele olhar selvagem de novo, aquele desequilibrado que vi antes. Só que desta vez é menos pânico e mais raiva. Isso não me detém.

— Olhe para mim o quanto quiser, eu sei que é verdade. Você defendeu seu irmão quando estava sendo assediado. Não queria matar aquele cara no bar. Foi um acidente. Desde então, tem trabalhado para pagar uma dívida que nunca será paga, apenas para que sua família esteja segura. Tem feito o que tem feito todo esse tempo *por outras pessoas*.

Com os dentes cerrados, ele diz — Cale a boca.

— Você não matou Spider. Não me matou. Estou começando a achar que realmente não quer matar ninguém, está acostumado a seguir ordens.

— Não sabe do que diabos está falando.

— Você poderia ir embora agora, não poderia, Mal? Agora que todos que ama se foram, não tem mais razão para continuar fazendo o que faz por *Pakhan*.

Ele grita — Não, eu não, *mas quero!*

Deitados nariz com nariz, respirando com dificuldade e olhando um para o outro, até que ele possa controlar seu temperamento. Então sua voz vem baixa e dura.

— Está é a minha vida. Esse é quem sou. Não vá inventando belas mentiras para dizer a si mesma. Para se sentir melhor por ter fodido um assassino.

— Eu te odeio neste momento.

— Deveria me odiar. *Eu não sou bom*. Nunca serei. Disse uma vez que sou o pior homem que já conheceu, e essa era a verdade, *malyutka*. Goste ou não, é a verdade.

Ele me solta, levantando-se da cama para entrar no closet nu. Desaparece dentro dele, ressurgindo rapidamente, totalmente vestido. Está segurando uma bolsa preta em uma das mãos e carregando seu sobretudo.

Sem outra palavra ou olhar em minha direção, ele se foi.

34

KAGE

Deitado na cama do hospital com tubos inseridos em seu nariz e em ambos os braços e com bandagens em quase toda a sua pele visível, incluindo o rosto, o homem parece uma merda.

Tinha que vir vê-lo por mim mesmo. Não posso acreditar que esse filho da puta teimoso ainda está vivo.

— Olá, Diego.

Ele me encara. Seus olhos escuros estão surpreendentemente focados. Pelo que eu ouvi, ele praticamente teve morte cerebral.

Suponho que ter uma viga de madeira em chamas caindo sobre sua cabeça faz isso com você.

Sento-me ao lado de sua cama e coloco minha arma na mesa de cabeceira. Exceto pelo bipe mecânico do monitor cardíaco, o quarto está silencioso. Calmo e escuro. As enfermeiras do turno da noite estão ocupadas agora. Assim como seus guarda-costas do turno da noite, postados do lado de fora da porta.

Diego me observou em silêncio enquanto saía do duto de ar-condicionado no teto depois de remover a grade. Embora sua expressão esteja obscurecida por todas as bandagens, não parece surpreso em me ver. Não moveu um músculo nem fez nenhum som.

Não parece que ele pode.

Mantendo minha voz baixa, digo — Ouvi dizer que não se lembra de nada. Nem mesmo seu próprio nome. Isso está certo?

Sem resposta. Não é uma surpresa.

— Se isso faz você se sentir melhor, não estou feliz com isso. — Faço um gesto para indicar seu estado geral. — É meu inimigo, mas não sou um selvagem completo. Homens como nós não se vão assim.

Seu olhar nunca se desvia do meu rosto. Não sei dizer se está ouvindo ou se está tão atento ao ambiente como uma batata cozida estaria. Sua perda de memória me salvou de muitos problemas.

Problemas da pior espécie.

É estranho não me sentir mais feliz com isso.

— Pelo que vale a pena, não torturei você. Eu o mantive trancado em uma gaiola por algumas semanas, claro, mas era apenas na expectativa de que parasse e começasse a falar. E nunca fez isso. Tenho que dizer, admiro isso. Um homem não é nada sem sua honra.

Suspiro pesadamente, arrastando a mão pelo meu cabelo. — O engraçado, Diego, é que perdi o gosto por coisas assim. Acho que

Malek estava certo quando disse que as mulheres o deixam mole. Um tempo atrás, teria pendurado você na parede e jogado tiro ao alvo em seu torso para obter as informações que queria. Agora, vendo-o assim... — suspiro novamente. — Isso só me deixa deprimido.

Diego está deitado em sua cama, sem piscar.

Pobre coitado. Prefiro morrer um milhão de vezes do que viver como uma abobrinha. Estranhamente, seu silêncio me dá vontade de continuar falando.

— Pode se interessar em saber que fiz parecer que foi o MS-13 que o capturou. Ouvi que o seu líder fez um comentário sobre a minha garota, e obviamente isso não me agradou. Ninguém fala merda sobre minha *baby*. Ele perdeu a cabeça por isso. — Rio. — Uma coisa direi sobre aquele idiota do Declan, ele não dá nenhum soco quando está em busca de vingança.

— Eu sei que não faz sentido que eu o tenha tirado do incêndio no armazém. Também não faz muito sentido para mim. Teria sido mais inteligente se tivesse deixado você queimar. Esse prédio é propriedade de uma corporação que não pode ser rastreada até mim. Deveria apenas ter tirado o pó das minhas mãos e acabado com você, mas quando recebi o telefonema de Sergey, não parecia certo deixá-lo lá.

— O investigador ainda não sabe o que causou o incêndio, aliás. Sabem que não foi elétrico e não era um dispositivo remoto. Talvez tenha sido uma combustão espontânea. Já ouviu falar desse fenômeno? Pessoas pegando fogo sem motivo?

Balancei minha cabeça. — O mundo é a porra de um lugar estranho.

— Não foi combustão espontânea. Fui eu.

Estou tão assustado que ele está falando que quase pego a arma e atiro nele. Em vez disso, fico olhando.

Ele me encara de volta com um brilho muito diferente do de abobrinha em seus olhos. — Eu acendi o fogo. Não tenho certeza se entendeu isso. Pensei em repetir, já que parece um pouco distraído.

Sua voz está diferente. Rouca e áspera, talvez pela inalação de fumaça. Somado às bandagens e sua reanimação repentina, o efeito geral é assustador.

Digo lentamente — Não tem amnésia.

— Parabéns. Você é um gênio.

Estou impressionado que alguém que parece um saco de idiotas esmagados ainda tenha senso de humor. Além disso, ainda estou tentando entender o que diabos está acontecendo. Deve ser por isso que não bati nele, e fiz uma pergunta em vez disso.

— Como acendeu o fogo?

— Com a caneta no bolso. Não aguentava mais ficar sentado naquela jaula. Achei que se eu morresse no incêndio, pelo menos não teria mais que ouvi-lo falar. Tem uma tendência a zumbir indefinidamente. Acho que é porque gosta do som da sua própria voz. Não tenho certeza se alguém já te disse isso, cara, mas realmente, teu ego é muito elevado.

Depois de uma pausa, digo — Não se precipite, Diego. Ainda posso te matar.

— Você não me matará. Acabei de ouvir sua confissão. Você se sentiria muito mal.

— Eu superaria isso.

Ele ignora isso. — Além disso, tenho uma proposta para você.

Olho para ele sem acreditar, deitado queimado, machucado e enfaixado em sua cama de hospital, esse idiota que sequestrei, enjaulei e tirei do fogo. — Você. *Você* tem uma proposta para *mim*.

— Sim.

— Você vê que há uma arma ao meu lado nesta mesa, certo?

— Vejo-a. Use-a, e em cinco segundos, também estará morto. Meus guarda-costas são ótimos atiradores.

— Eu também sou.

— Então estaríamos todos juntos no inferno. Para toda a eternidade. Não parece divertido?

Depois de um sólido olhar de sessenta segundos para baixo, digo — Não pensei que fosse possível para alguém ser tão irritante quanto Declan, mas você o superou por um quilômetro.

— Aqui está a oferta: continuarei a fingir que estou com amnésia e você continuará a fingir que não sabe o que aconteceu comigo.

Quando não continua, franzo a testa em confusão. — Que oferta é essa? É exatamente o que está acontecendo até agora.

— Exatamente. Manteremos o *status quo*.

— Para qual finalidade? O que quer com isso?

— Eu só quero sair.

— Você terá que traduzir isso para mim. Não uso linguagem de idiota.

Ele move a cabeça inquieto no travesseiro, como se quisesse sacudi-lo, mas não conseguisse puxá-lo. — Olhe. Achei que ser o chefe seria ótimo. Dinheiro, poder, boceta, tudo isso. Certo?

— Certo.

— Exceto que foi decepcionante.

Olho para ele. Talvez tenha sofrido algum dano cerebral, afinal.

— Depois de apenas alguns meses no trabalho, sabia que não era para mim. Todos vocês, *pinche pendejos*⁴⁴ lutando como um bando de *putinhas* o tempo todo. Uau! Tomou minhas drogas! Uau! Roubou minha carga! Uau! Mudou-se para o meu território! É exaustivo *pra* caralho. Minha irmãzinha é mais inteligente do que todos vocês juntos.

⁴⁴-Idiotas de merda.

Não tenho certeza se devo rir ou atirar nele.

— Só quero me aposentar. Deixe Declan lidar com você. Ele vive para essa merda.

— Seu garoto Declan faz muito mais do que lidar comigo, Diego. Ele tem os dedos em muitas tortas.

— Sim, eu sei. Ele pensa que está salvando o mundo. Quer dizer, sei que é admirável, mas pelo que posso dizer, é uma total perda de tempo. Você mata esse *vato* ⁴⁵ ruim aqui, outro *vato* ruim aparece ali. O dia da marmota de toda a sua vida. Que dor de cabeça.

Estudo o que posso ver em seu rosto. — Então sabe que ele é um espião.

— *Touché*. Não sei de nada. Sou apenas um bandido que cresceu nas ruas. Toda essa merda está na minha cabeça.

— De alguma forma, duvido disso.

— Se está pensando *que sou* um espião, pense novamente. Quem quer trabalhar para a porra do governo? Foda-se esses caras. Os burocratas são os piores. Sou apenas um irmão que foi promovido a um cargo de diretoria que é mais adequado para a sala de correspondência. Eu me senti como se estivesse sufocando. Havia muitas expectativas, muitos olhos em mim o

⁴⁵-Termo usado pelos latinos membros de gangues.

tempo todo. É muito simples: preciso da minha liberdade. Quero sair.

Penso um pouco e admito — Não sei bem o que dizer aqui, Diego. Esta é a coisa mais estranha e mais estúpida que já ouvi.

Se eu o insultei, ele não demonstrou. Simplesmente suspirou.

— Honestamente, cara, você me fez um favor. Então te farei um favor e mantereí minha boca fechada. Sei que se todo mundo descobrisse que foi você quem fingiu minha morte e começou toda essa merda em primeiro lugar, teria problemas loucos nas mãos. Estou certo?

— Não está errado.

— Exatamente. Problemas loucos. De nada.

— Poderia matá-lo agora mesmo se quisesse garantir o seu silêncio.

— Sim, poderia.

Não parece se importar de uma forma ou de outra. Estranhamente, acredito nesse idiota. Ele realmente só quer sair.

— É o seguinte. Pensarei sobre isso.

Através das bandagens, vem uma risada seca. — Faça isso. Se eu não acordar, te vejo no inferno, *pendejo*⁴⁶.

— Demorarei um pouco para chegar lá.

— Eu esperarei.

Ele fecha os olhos. Quando fica óbvio que adormeceu ou está exausto demais para continuar, me levanto da cadeira.

Antes que possa subir de volta no duto do ar-condicionado, Diego me impede ao dizer — Mais uma coisa. Seu camarada, Stavros. Não pode confiar nele.

Eu me viro e olho para ele. Seus olhos ainda estão fechados.

— Por que não?

— Vamos apenas dizer que não é tão leal a você como deveria ser.

O cabelo da minha nuca se arrepia. Quando não digo nada, Diego abre os olhos e me olha.

— Os informantes são filhos da puta que acabam em valas.

— O que diabos esse jargão significa?

⁴⁶-Idiota.

— Significa apertar os parafusos naquela vadiazinha e descobrir.

Eu bufo. — Terá que fazer melhor do que isso.

Ele faz uma pausa e diz — Este lugar se transformou em um confessionário. As pessoas pensam que tem amnésia, todo tipo de merda estranha sai de suas bocas. Todo mundo quer te contar uma história. Assim como você, quando apareceu.

Entendo instantaneamente e meu sangue começa a ferver. — Stavros fez um acordo com Declan.

— Só para saber, não foi ideia de Declan. Seu menino ofereceu. Jogou você embaixo do ônibus sem piscar. Frio como uma cobra.

— Qual era o problema?

— Não se preocupe, não deu certo. Deixarei Stavros lhe contar os detalhes, mas a questão é: não deixe aquele *puto* sozinho com seus talheres. Ele estará tilintando como um carrilhão de vento ao sair pela porta.

— Por que me contaria isso? Mesmo se for verdade, o que ganha com isso?

— Eh, você me tratou muito bem quando estava naquela jaula. Deu-me umas pequenas férias. Um pouco de tempo para pensar no meu futuro. Além do mais, salvou minha vida. Como disse, seria mais inteligente se me deixasse queimar, mas não deixou.

Estreito meus olhos para ele. Percebo que esse garoto é mais inteligente do que parece.

— Sabia que eu viria, não é? Quando começou o incêndio, sabia que eu apareceria para tentar tirá-lo de lá.

Seu sorriso é fraco. Seus olhos se fecham.

— Não leve isso para o lado pessoal, mas seja quem for o seu amigo Malek que mencionou, ele estava certo quando disse que as mulheres deixam um homem mole. Já vi isso muitas vezes agora, com homens ainda mais difíceis do que você. Um homem começa a ter uma boceta muito boa, como *uma* boceta que *muda sua vida*, não consegue se lembrar por que costumava ficar tão bravo o tempo todo. Soa familiar?

Eu não respondo.

Diego não fala mais.

Realmente odeio quando outras pessoas estão certas.

35

MAL

Está uma chuva terrível quando volto para a cabana algumas horas antes do amanhecer.

Fico do lado de fora da porta da frente no escuro com minhas mãos apoiadas em cada lado da moldura e minha cabeça pendurada, parando por um momento para tentar esfriar.

A cada quilômetro que dirigia, mais difícil era não pisar no acelerador.

Ela é um ímã poderoso, me puxando para casa.

Desde o momento em que saí, não pensei em mais nada. Por meio de viagens de carro, voos e reuniões no avião, enquanto enfiava um picador de gelo no crânio de um homem. Seu rosto estava à frente dos meus olhos o tempo todo. Pairando lá. Assombrando-me.

É assim que me sinto. *Assombrado.*

Ela é um fantasma que se moveu dentro da minha cabeça e não vai embora. Um fantasma doce, tagarela e enlouquecedor. Que me desafia a cada passo e vê o que há de melhor em mim, mesmo

quando estou gritando para ela que não deveria. Especialmente naquele momento.

Nunca conheci uma mulher que quisesse estrangular, proteger, gritar, acariciar, lutar e foder, tudo ao mesmo tempo.

É uma loucura. É frustrante.

O pior de tudo, é viciante.

Estou nas garras de um vício poderoso do qual não consigo me livrar, não importa o quanto tente. Nenhuma quantidade de negação, raiva ou barganha me tirará disso.

Não há reabilitação para essa minha obsessão. Também não há nenhuma desistência.

É simplesmente um fato: sem a minha dose dela, perderei a cabeça.

Respiro fundo, pego a bolsa de onde a deixei cair aos meus pés e abro a porta.

Exceto pelo fogo crepitante, está escuro dentro da cabana. Escuro e quente, quieto e tranquilo. Fico lá por um momento, respirando o ar com o seu cheiro.

Até mesmo seu cheiro é excitante.

Já ouvi o cheiro natural da pele de uma mulher descrito como doce ou floral, ou como algo ao ar livre como o sol ou a chuva, mas Riley tem um cheiro diferente. Não há comida, flores ou doces na terra que possam descrever isso. Também não consigo descrever, exceto para dizer que ela cheira a lar.

E já é um desastre. Sei que é. A coisa toda. Ela, eu, o que estamos fazendo juntos. Se já não soubesse, esse curto tempo longe dela provou isso.

Desta vez, porque eu já a provei, estar longe dela me deixou louco.

Somos os músicos no convés do Titanic, felizmente sem saber, enquanto tocamos nossos violinos, que há um *iceberg* gigante logo ali na esquina.

Um de nós, não sabe de qualquer maneira, mas ela conseguirá entrar em um barco salva-vidas. Vou colocá-la em um, não importa o quê. Ainda estarei tocando aquele violino quando o navio afundar.

O que começou como vingança se tornou algo muito mais perigoso. Algo que provavelmente acabará comigo.

A pior parte é que nem me importo.

Ela entrou em minha vida no momento em que pensei que não tinha mais nada, e encheu todos os espaços escuros e vazios com a luz do sol. Luz do sol estúpida, brilhante e horrível, que odeio *pra* caralho.

Exceto que não odeio mais.

Agora tudo o que quero fazer é deitar nu ao sol e me aquecer no brilho curativo de seus raios.

Porra. Mal suporto ouvir a mim mesmo. Isso é patético.

Caminho devagar pela cabana até o quarto, meus passos silenciosos no chão. Do lado de fora da porta do quarto, paro novamente para me recompor. É tão difícil não chutá-la para baixo e entrar. É quase impossível.

— Mal?

Meu coração. Jesus, meu coração. Essa sua voz. Tão suave e doce. Tão esperançosa.

Está ali, acordada na minha cama, esperando por mim. Ela me sentiu, sentiu minha energia como sempre pude sentir a dela. É absurdo que possamos sentir um ao outro através de uma porta fechada, mas sentimos.

Deus, nós sentimos, porra. Meu peito dói com isso.

Giro a maçaneta e abro a porta, e lá está ela.

Sentada na cama. Cobertas puxadas até o queixo. Olhando para mim como se eu fosse a razão de tudo.

Largo a bolsa, atravesso o quarto, caio de joelhos ao lado da cama e a puxo em meus braços. Enterro meu rosto em seu pescoço e gemo.

Ela me abraça de volta com força, tremendo. Ficamos assim enquanto a chuva fica mais alta, salpicando as janelas, batendo uma canção lamentosa contra o telhado.

— Senti a sua falta.

É apenas um sussurro, mas faz minha alma queimar.

— Eu sei.

— Por favor, não me deixe sozinha de novo.

— Não vou.

— Vai me levar com você quando precisar ir para a cidade?

— Sim. Eu também não aguento.

Ela se encosta em mim, tremendo ainda mais. — Sinto muito ter deixado você com raiva.

Eu gemo de novo, me afastando para mostrar a ela com um beijo que nunca tem que se desculpar comigo, por nada. Ela me beija de volta com paixão, fazendo pequenos ruídos desesperados no fundo da garganta.

Então estou desesperado. Desesperado de saudade. Desesperado por ela. Sei que há um relógio marcando os dias até que essa coisa entre nós termine, porque homens como eu não entendem de contos de fadas.

E mulheres como ela merecem um cavaleiro branco, não um monstro. Não o dragão que o cavaleiro jurou matar.

— O quê? Cavaleiros brancos e dragões? O que está dizendo?

Porra. Estou delirando, falando em voz alta.

— Nada — murmuro, tomando seu rosto em minhas mãos.

— Só que você é minha. Nunca se esqueça disso. Não importa o que aconteça, você é minha.

Ela olha nos meus olhos com seu coração brilhando através dos dela, seus lábios molhados com meus beijos.

— Você está diferente — sussurra. — O que aconteceu?

Não me incomodo em esconder ou negar neste momento. Deixo tudo ir e digo a ela a verdade.

— Decidi ceder ao vício.

— Que vício?

— Você, baby. Você.

Ela morde o lábio. A umidade brota de seus olhos. Se eu já não fosse um caso perdido, aqueles seus olhos emocionados salpicados de ouro me empurrariam até o limite.

O mesmo que vêm fazendo desde o início.

Quando nossos lábios se encontram novamente, é com uma nova urgência. Um novo entendimento impulsiona nossa necessidade. Empurro-a contra o colchão e a beijo com força, minhas mãos emaranhadas em seus cabelos, seu peito pressionado contra o meu. Nós nos beijamos até parecer que caímos por um buraco na terra, na escuridão e no calor, dando cambalhotas, perdendo todo o senso de direção.

Então ela está puxando meu cinto. Arrancando meu zíper. Uma mão quente e macia envolve meu pau duro. Empurro sua camiseta e chupo um mamilo rigidamente enquanto ela acaricia meu pau, ofegando e rolando seus quadris. Quando desliza o polegar sobre a fenda na coroa do meu pau, gemo em sua carne, estremecendo.

— Deixe-me... quero...

Está empurrando meu peito, tentando me mover. Levanto minha cabeça e olho para ela, sem entender o que quer. Até que ela se contorce para fora de mim, desliza para baixo e leva meu pau em sua garganta.

Meu gemido de prazer é alto e quebrado.

Espalma as mãos na minha cintura e empurra novamente. Eu rolo de costas no colchão e enterro minhas mãos em seus cabelos. Ajoelhando-se ao meu lado, ela abre a garganta e me leva, sua cabeça balançando enquanto me chupa. Enrolando ambas as mãos ao redor do comprimento do meu pau e lambendo a coroa. Quando desliza a língua ao longo da fenda e acaricia minhas bolas, tenho que me forçar a não segurar sua cabeça e não foder sua boca como um animal.

— Ah, porra. *Malyutka*. Cristo. Sua boca.

Ofegante, deslizo a mão por sua coxa e sobre sua bunda, apertando-a brevemente, em seguida, deslizo meus dedos sob sua calcinha por trás. Sua boceta está encharcada.

Deslizo dois dedos dentro de seu calor apertado e escorregadio. Ela geme em torno do meu pau, inclinando seus quadris para que sua bunda se incline ainda mais no ar. Encontro o botão inchado de seu clitóris e o acaricio, espalhando sua umidade por todo lado.

Então coloco meus dedos em minha boca e chupo seu gosto doce. Quando deslizo meus dedos de volta para dentro dela, ela

geme novamente. E suga mais rápido, suas mãos trabalhando no tempo de sua boca.

É uma sensação incrível, mas preciso de mais do que isso.

Eu a arrasto para cima de mim, de modo que seus joelhos fiquem de cada lado dos meus ombros e sua barriga encoste no meu peito. Então posiciono meu rosto entre suas coxas abertas, puxo sua calcinha de lado e enterro meu rosto em sua boceta molhada. Quando chupo seu clitóris, ela estremece. Meu pau sai de sua boca. Ela solta um gemido longo e baixo. Bato em sua bunda, e ela estremece novamente.

— Chupe esse pau, baby — rosno. — Tome cada centímetro em sua garganta.

Ela me obedece instantaneamente, encaixando sua boca em volta de mim e abrindo bem.

Volto a chupar seu clitóris, passando minha língua sobre ele e lambendo avidamente. Eu a fodo com os dedos enquanto faço isso, ouvindo seus gritos abafados de prazer ficarem mais altos.

Quando estendo minha mão livre e acaricio seu seio, ela estremece. Belisco um mamilo, e ela começa a montar meu rosto, gemendo desenfreadamente em torno do meu pau, balançando seus quadris contra minha boca.

Preciso tanto gozar, e nem tirei a roupa ainda. Minha garota goza primeiro, no entanto.

Ainda com seu mamilo tenso preso entre os dedos de uma mão, puxo meus outros dedos para fora de seu calor escorregadio e os deslizo entre suas nádegas. Então enfio minha língua dentro

de sua boceta ao mesmo tempo que rompo o pequeno e apertado nó de músculo em sua bunda. Afundo meu dedo além. Ela soluça em volta do meu pau.

Então goza, encostada contra meu rosto enquanto fodo sua boceta com a língua e com o dedo fodo sua bunda.

Ela geme, estremece e faz ruídos desesperados, tudo com o meu pau duro ainda em sua garganta. No momento em que seu estremecimento diminui e sinto seu corpo relaxar, estou a segundos de gozar em sua boca. Puxo sua cabeça para trás pelo cabelo.

— Calma, baby. Ainda não.

Estou ofegante, que mal consigo pronunciar as palavras. Eu a rolo de costas. Sentando-me, tiro sua camiseta e calcinha, em seguida, tiro minhas roupas. Tudo é jogado no chão com impaciência. Pego-a em meus braços novamente e nos deito de volta no colchão, me posicionando entre suas pernas.

Deitada de costas, me olha com olhos derretidos e um sorriso doce e suave que quase me quebra em dois.

Enquanto a penetro, ela sussurra — Olá.

— Olá para você também.

— Isso foi muito sujo.

— Você adorou.

— Adorei — concorda, balançando a cabeça. Então, mais suave, — Eu amo tudo o que fazemos juntos.

Envolvendo suas pernas em volta das minhas costas e seus braços em volta dos meus ombros ela me beija.

É como cair de um penhasco novamente.

Toda a adrenalina, toda a vertigem, toda a queda em lagos de chamas ardentes. Empurro em seu calor úmido e sedoso, amando a forma como seus seios saltam contra meu peito, engolindo seus pequenos gritos de prazer enquanto os alimenta para mim. Quando interrompo o beijo e olho para ela, minha respiração fica presa. O tempo fica preso.

Sinto cada pulsação do meu coração, cada gota de suor na minha pele, cada pulsação quente de sangue correndo em minhas veias. Estou ciente da dor em meu peito, do cheiro de seu cabelo, dos sons que nossos corpos fazem enquanto se movem em sintonia.

O quarto encolheu para o espaço de nós, apenas nós nesta cama. A energia que estamos gerando é suficiente para colocar fogo no mundo inteiro.

É por isso que alguns homens não gostam de missionário.

É muito intenso. Muito vulnerável. Muito íntimo, toda a emoção e energia sendo trocadas bem de perto.

Observar seu rosto passar por uma dúzia de expressões diferentes ao mesmo tempo é opressor.

É opressor para ela também. Encara-me de volta, olhando profundamente em meus olhos enquanto nossos corpos se movem. À medida que compartilhamos todas aquelas coisas que não podem ser colocadas em palavras.

Essas coisas sagradas que só podem ser faladas por dois corações que batem em sintonia. A linguagem sagrada e silenciosa que as almas falam.

Pálpebras tremulando, ela sussurra meu nome. Então arqueia e geme.

Contrações fortes e rítmicas ordenham o comprimento do meu pau.

Ela goza com os olhos fechados e a cabeça jogada para trás enquanto a observo, empurrando profundamente, sentindo sua boceta pulsar e seus mamilos tensos deslizarem para frente e para trás em meu peito.

Com um empurrão repentino e violento, estou no limite também. Coloco minha cabeça em seu ombro, fecho meus olhos e estremeço enquanto meu clímax me atinge com força. É tão intenso que perco o fôlego. Não consigo fazer nenhum som. Apenas cavalgo-o para fora, pulsando profundamente dentro dela conforme ela balançando seus quadris, suas coxas tremendo em volta da minha cintura.

O som alto e retumbante do trovão mascara o gemido de desespero que escapa dos meus lábios.

Mesmo enquanto nos juntamos na escuridão varrida pelo vento e nos abraçamos, tremendo, ouço o tique-taque de um relógio ao fundo.

Talvez ela estivesse certa quando disse que não sou realmente ruim.

Se eu fosse, não me importaria se estou sendo egoísta por mantê-la aqui, acorrentada no covil do dragão.

Se não fosse por aquele maldito cavaleiro branco, eu a manteria acorrentada a mim para sempre.

36

RILEY

Quando a chuva diminui e o sol surge, estou deitada nos braços de Mal, bêbada.

Sob o meu ouvido, seu coração bate forte e constante. Meu braço está jogado sobre seu peito. Uma das minhas pernas enroscada nas dele. Estou acomodada confortavelmente ao seu lado, brilhando de felicidade.

Minha cabeça se levanta enquanto ele inala profundamente. Mexendo, dá um beijo no meu cabelo.

— Como está sua dor hoje?

Eu rio suavemente. — Você teria sido uma boa vovó.

— Fingirei que nunca disse isso. Como está a sua dor?

— Neste momento, posso dizer honestamente que estou sem dor.

Ele resmunga de descontentamento. — E o resto do tempo?

Eu viro meu nariz em seu peito e inalo. Minha exalação é um suspiro suave e satisfeito. — Apenas uma pontada ocasional.

Ele insiste — Como, por exemplo?

Tão mandão. — Sentei-me na cama muito rápido ontem à noite, e isso doeu um pouco.

— Quando entrei?

— Não. Antes disso. Eu tive um pesadelo.

Ele beija minha cabeça novamente, acariciando minhas costas com a palma da mão aberta. — Foi ruim?

Foi horrível, mas não admitirei e estragarei o clima. — Usei o seu truque para me acordar. Disse a mim mesma que era apenas um sonho e funcionou. Eu não pude acreditar.

— É chamado de sonho lúcido. Se quiser, agora pode fazer uma espada aparecer e usar para cortar a cabeça de seu inimigo.

— Ou, rapaz assassino, poderia estalar os dedos e transformar meu inimigo em um coelho para não ter que cortar nada.

— *Hmpf.* E se o coelho tivesse três metros de altura e estivesse raivoso?

— Então estalaria meus dedos novamente e o faria se apaixonar por mim.

— Sim, tem um dom para isso. — Depois de um momento, ele murmura — Você começou a tremer.

— Cale-se.

— Está com frio?

— Pode calar a boca, por favor? Sabe que não estou com frio.

Ele me vira de costas, se apoia em um cotovelo e sorri na minha cara.

A luz da manhã o idolatra, destacando o ângulo de suas maçãs do rosto, lustrando seu cabelo escuro de bronze rico, brilhando cobre nas pontas curvas de seus cílios.

E esses olhos! Pelo amor de Deus, poderiam muito bem ser esmeraldas de valor inestimável!

Sussurro — Deus, você é lindo. É doentio.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

— Estou feliz que me ache tão hilária.

Ainda rindo, ele beija a ponta do meu nariz. — Deveria ser o único oferecendo elogios.

— Sabe o quê? Você tem razão. Vá em frente. Estou esperando.

Emoldurando meu rosto com as mãos, ele olha nos meus olhos e diz suavemente — Não há um elogio no mundo que faria justiça a você.

Faço o som de uma campainha. — Resposta errada. Tente novamente.

Apertando os lábios para abafar a risada, abaixa a cabeça e esconde o rosto no meu pescoço.

— Oh, meu Deus. Você é péssimo nisso!

— Não estou acostumado a fazer elogios por encomenda.

— Bem, se acostume com isso! Preciso de um elogio, Mal. Tipo agora!

Ele rola de costas, me puxa para cima de seu corpo, segura meu cabelo para trás do meu rosto e olha nos meus olhos.

— Tudo bem — diz, com a voz rouca. — Aqui está. Você me faz desejar ter vivido uma vida diferente. Faz-me desejar voltar no tempo e começar de novo. Faz-me pensar que o mundo não é um lugar de merda, afinal, que a bondade existe e a felicidade não é faz de conta e o amor verdadeiro é possível. Você me faz acreditar em milagres, Riley Rose. Quando estou com você, sinto que minha vida não foi um desperdício.

Depois de um longo e silencioso segundo, comecei a chorar.

— Oh, merda — diz, chocado. — Foi tão ruim assim?

Dou um soco em seu ombro e abaixo meu rosto em seu peito, soluçando.

— Querida. Querida, pare de chorar. — Envolve seus braços em volta de mim e me abraça com força.

— Eu nunca chorei antes de conhecer você! Juro por Deus, não chorei uma única vez! E agora olhe para mim! Estou um caco!

— Não está um caco.

— Estou chorando como uma alma penada!

Ele ri, fazendo seu peito tremer. — É bom ver que o exagero não desapareceu na minha ausência.

— Pare de rir de mim, seu idiota!

Expira, murmurando — Ah, meu *Little Bird*.

Em seguida, simplesmente me segura enquanto choro até que apenas uma fungada ocasional reste.

Envergonhada com a explosão, decido fingir que nada aconteceu. Limpo meu rosto e mudo de assunto. — Ainda há um urso morto lá fora?

— Eu não sei. Você o moveu?

— Há, ha. Não, não o movi.

— Então ainda há um urso morto lá fora. Cuidarei disso hoje.

— Perdi meus óculos quando ele me atacou, mas encontrei outro par naquele saco gigante que trouxe.

— Isso é bom.

— Onde conseguiu isso, afinal?

— Eu roubei um oftalmologista.

Levanto minha cabeça e olho para ele. — Isso é uma piada?

— Não.

— Você roubou um oftalmologista?

— Uma loja, não uma pessoa. Ninguém estava lá no momento.

— Oh. Está bem.

Ele sorri da minha confusão. — É tão adorável. Por que isso faz você torcer o nariz?

— Porque as pessoas só usam a palavra “adorável” quando estão falando sobre pequenos animais. Eu pareço um pequeno animal para você?

Estreita os olhos e me considera. — Um pouco como um *chevrotain*.

— O que diabos é um *chevrotain*?

— Parece uma criatura da floresta de um conto de fadas. É mais ou menos do tamanho de um coelho, mas lembra um cervo. Têm orelhas grandes, pernas finas e pequenos narizes bonitos. Em vez de chifres, os machos têm pequenos dentes parecidos com presas. Algumas pessoas o chamam de cervo-rato.

Olho para ele. — Você tem um desejo de morte?

— Eles são adoráveis!

— Diga essa palavra mais uma vez. Atreva-se.

— Acho que se pudesse ver os minúsculos dentes parecidos com presas, mudaria de ideia.

— Sim, as presas e as orelhas grandes do caralho parecem super charmosas!

Ele se desmancha em gargalhadas, deitado com os olhos fechados, a cabeça inclinada para trás no travesseiro e os braços me apertando com força. Ri tanto que balança a nós dois e a cama.

Eu resmungo — Ria, idiota. Coloque isso *pra* fora. Porque assim que eu colocar minhas mãos em um facão, não rirá mais.

Ele me vira de costas e dá um grande beijo na minha boca. Sorrindo de orelha a orelha, diz — Você não me cortará.

— Oh, mesmo? Dê-me uma boa razão!

Seus olhos suavizam. O mesmo acontece com sua voz quando diz — Você gosta muito de mim.

O olhar em seu rosto faz meu coração pular e meu estômago apertar. Olho para longe para que ele não possa me ver derreter. — Você está bem. Eu acho.

Ele dá beijos suaves ao longo de todo o meu pescoço e clavícula. — Acho que também está bem — ele sussurra em meu ouvido.

Só nós dois sabemos o que ele realmente está dizendo.

Ele rola para o lado, me colocando em seu ombro e entrelaçando suas pernas nas minhas. Envolver meus dedos dos pés em torno de sua panturrilha e suspiro de contentamento.

— Eu tenho algo a dizer agora.

Sua risada agita o cabelo perto da minha orelha. —
Mesmo? Não consigo imaginar.

— Algumas coisas, na verdade.

— Espere. Preciso me preparar mentalmente. Muito bem, vá
em frente.

— Que bom que é tão bonito. Essa sua personalidade é um
estorvo. Como estava dizendo... Spider.

Todo o calor sai dele como se tivesse sido jogado em um barril
de água gelada. Seu corpo enrijece e sua voz fica dura.

— Nunca mais quero ouvi-la falar o nome de outro homem na
minha cama novamente.

Sei que é todo tipo de erro que o ache excitante quando é
possessivo. Errado, errado, errado, e ainda assim, muito certo.

E aqui eu pensei que estava liberado.

— Tudo bem. Vou me referir a ele como O Aracnídeo a partir
de agora. Satisfeito?

Ele rosna — Peguei leve com você até agora, baby, porque não
está completamente curada, mas me lembrarei de toda essa
tagarelice quando estiver boa. Então vai se arrepender.

Ou talvez não vá. A julgar pelo calor em sua voz, terei muito
prazer com qualquer punição que ele planejou.

Ignorando sua ameaça sexy, digo — Você disse que o drogou. Ele está bem?

— Sim.

É conciso. Zangado. Basicamente, uma palavra de três letras e foda-se.

Inclino a cabeça e beijo sua mandíbula. — Sinto muito. Não estou tentando deixá-lo bravo.

— Está fazendo um péssimo trabalho.

— Está com ciúme do Spi, o Aracnídeo? Porque não há necessidade de senti-lo.

— Qualquer pessoa que quiser o que é meu está na minha lista de merda.

O que é meu.

Fecho meus olhos por um momento, deixando isso passar por mim. — Não há nada entre nós. Nunca houve.

— Talvez não para você.

Estou curiosa para saber o que o torna tão certo, mas não ousou perguntar. Quer dizer, sou corajosa, mas definitivamente não é nessa colina que quero morrer.

Ele dispara — Próximo assunto, porra.

— Está bem. Hum...

Ele levanta a cabeça e me encara. — O quê?

— Oh, fale baixo, Hulk. Não tem a ver com outro homem.

Não parece acreditar em mim. Ele ainda não piscou.

Suspirando, digo — Achei que gostaria de saber que estou tomando Depo-Provera.

— Isso é um medicamento?

Antes que possa responder, ele se levanta sobre o cotovelo e me encara, dizendo em voz alta — Está sob uma receita que não conheço? Por que não me contou? Poderia ter comprado para você! Poderia estar tomando isso o tempo todo!

— Mal...

— Cristo, Riley, tem que me dizer o que precisa, ou não posso dar a você. Apesar do que pensa, não sou um leitor de mentes!

Estendo a mão e acaricio sua barba, sorrindo. — Você é um psicopata.

— Não tente flertar para sair dessa.

Isso me faz sorrir ainda mais. — Só você pensaria que uma mulher chamando-o de psicopata está flertando.

Ele franze a testa para mim com lábios contraídos e narinas dilatadas, esperando por uma explicação.

Digo baixinho — É o controle da natalidade. Injeção. Só estou dizendo isso para que não precise se preocupar em me engravidar.

A raiva desaparece. Não sei dizer pelo que é substituído, porque nunca vi essa expressão em particular antes.

Depois de um momento, ele apenas diz — Oh.

— Está bem, do jeito que acabou de dizer isso? Isso me faz pensar que talvez tenha um superesperma geneticamente modificado que ri do controle de natalidade enquanto voa a caminho de inseminar óvulos.

— Não. Quero dizer, sim, meu esperma é obviamente ótimo, mas não para o resto.

Depois de examinar sua expressão por um momento, digo — Porque seu esperma não ri, é o que está dizendo. Seu esperma é *kerfuffle*⁴⁷, como você.

Suas sobrancelhas se erguem. — Com licença?

— Não fique todo *Kerfuffle*.

— *Kerfuffle*?

— Se quiser uma definição, é exatamente o que está fazendo agora.

— Eu não estou na merda de *kerfuffle*!

⁴⁷-Confuso; confusão.

— Certo. Deixe-me esperar um segundo enquanto meus tímpanos rompidos cicatrizam e podemos continuar essa discussão.

Seu rosto passa por algumas expressões - fúria, diversão, descrença - então me vira de barriga para baixo e bate na minha bunda nua cinco vezes em rápida sucessão.

É chocante.

Duro, pungente e chocante, principalmente por causa do quanto isso me excita.

O calor floresce na minha pele. Meu traseiro parece que está pegando fogo. Então o resto de mim também, porque Mal está olhando para meu rosto de olhos arregalados e com fome em seus olhos.

— Gostou disso.

Sua voz está baixa e rouca. Ele me observa, lambendo os lábios como um predador antes de uma refeição succulenta.

Com o coração disparado, digo sem fôlego — Terei de dividir minha resposta em duas partes, porque primeiro, não, não gostei. Meu cérebro está nos julgando muito duramente. Minha professora de estudos femininos na faculdade também, mas em segundo lugar, *puta merda, isso foi sexy*.

— Nunca lhe bateram antes?

Dou a ele um olhar incrédulo. — Quem ousaria bater no cervo-rato com os minúsculos dentes parecidos com presas?

O sorriso que se espalha por seu rosto é totalmente debochado. Ele fala arrastadamente — O que mais você nunca fez?

— Não é da sua conta, Romeu.

Ele alisa a palma da mão sobre meu traseiro em chamuscas e me beija suavemente no ombro. Virando a boca para o meu ouvido, murmura — Gostou quando coloquei minha mão em volta da sua garganta, não é?

Lembro-me de quando fizemos sexo no chão da sala. Atribuí a intensidade dessa experiência ao ataque do urso, mas talvez tê-lo apertando meu pescoço também tivesse algo a ver com isso.

Gozei tão forte, vi estrelas.

Ele também fez isso quando invadiu a casa secreta em Boston. Colocou sua mão grande e áspera em volta da minha garganta e apertou, ameaçando me sufocar.

Foi então que parei de ter medo e comecei a agir de maneira agressiva.

Putá merda.

Twizzlers não são minha única perversão?

Mordendo meu lábio inferior, olho para ele e aceno.

Ele abaixa a cabeça para roçar seus lábios nos meus. — Está bem. É um bom ponto de partida.

Morro agora ou espero até mais tarde, quando estivermos fazendo qualquer merda pervertida que suspeito que ele planejou?

Não tenho tempo para pensar nisso, porque ele se levanta da cama, me pega, me carrega para o banheiro e me fode de novo no chuveiro. Segurando-me contra a parede enquanto bate em mim, mordendo meu pescoço.

Talvez ser adorável não seja tão ruim, afinal.



Os dias passam. Mal não vai para a cidade novamente.

Nosso ritual de banho noturno continua, só que agora Mal fala em inglês em vez de russo enquanto me lava. Ele me conta sobre sua infância. A sua família. Amigos. Seus animais de estimação.

Seu irmão, Mikhail.

Ele me conta que quando viu um filme de Clint Eastwood quando era pequeno, decidiu que seria um caubói quando crescesse. Então, mais tarde, entrou no boxe e achou que poderia ter uma chance de fazê-lo profissionalmente.

Até aquela noite no bar. Até aquele golpe fatal. Até que ele conheceu *Pakhan*, e todos os seus sonhos foram destruídos.

Ele pinta o quadro de um homem que vive totalmente sozinho, tanto mental quanto fisicamente, existindo apenas para

cumprir ordens vindas do alto. Nunca teve filhos ou se casou, porque não era permitido.

Sua vida não era dele.

Bratva primeiro e sempre.

Dever ou morte.

Às vezes, fico gelada ao ouvir suas histórias. Às vezes tenho vontade de chorar, mas sempre me pergunto o que ele poderia ter sido, se sua vida tivesse seguido um caminho diferente.

Estou contudo perversamente feliz que as coisas aconteceram como aconteceram, porque se a sua vida tivesse seguido um caminho diferente, nunca teríamos nos conhecido.

Sinto-me culpada por isso e sei que é errado, mas é a verdade. Estou feliz por todas as suas estradas sombrias e tortuosas, porque elas o levaram até mim. É um segredo que guardo com cuidado.

Um dia, quando estávamos terminando o café da manhã, ele me perguntou do nada se eu gostaria de aprender a atirar com uma arma.

Isso me assustou. Sua resposta não tranquilizou.

— Por que eu precisaria saber como atirar com uma arma?

— Melhor saber como e não precisar do que precisar e não saber como.

Parece um conselho sábio, mas também soa como um aviso. Como se a qualquer momento, nosso pequeno pedaço do céu no deserto poderia ser dividido em dois.

Então, aprendo a atirar com uma arma. Depois, aprendo a atirar com um rifle.

Quando descobrimos que não só sou muito boa em atingir alvos fixos, mas também gosto disso, Mal sugere que eu vá caçar com ele e tente acertar algo que se move.

— Nunca poderia atirar em um animal — é minha resposta imediata.

— Se você tivesse minha espingarda nas mãos quando aquele urso a atacou, teria puxado o gatilho?

— Autodefesa não é a mesma coisa que sair e procurar algo para matar.

Mal me olha em silêncio por um momento. Seus olhos são infinitos e escuros.

— Matar é matar, não importa a intenção por trás disso. Moralizar não muda o fato de que fez algo vivo não ter vida.

Ele deixa por isso mesmo. Como é um especialista no assunto, sou sábia o suficiente para não discutir com ele.

Então, tarde da noite, ele recebe uma ligação que muda tudo.

Estamos na cama, deitados de costas, as suas pernas apoiadas nas minhas. Estou caindo no sono quando um zumbido me puxa de volta à consciência.

É o seu celular tocando no bolso do casaco.

— Vai atender isso?

— Eu deveria. — Ele não se move.

— Está tudo bem se precisar. Eu não me importo.

Ele me aperta, murmurando — Você deveria.

Depois suspira, rola para fora da cama e pega o telefone. Ele o leva ao ouvido e diz secamente — *Da*.

Fica em silêncio por vários momentos, ouvindo. Então abaixa a cabeça e diz “*Da*” de novo, só que desta vez parece resignado.

Quando se vira para me olhar, seus olhos estão fechados como cortinas.

— O que é? Está tudo bem?

— Precisa fazer uma mala. Agora.

Meu batimento cardíaco acelerou, me sento. — Por que?

— Vamos para a cidade.

37

RILEY

É uma caminhada de dez minutos pela floresta até onde Mal mantém sua caminhonete, escondida em uma estrutura baixa de tijolos construída na encosta de uma colina. De lá, é uma hora em uma estrada de terra esburacada até a cidade, uma charmosa vila alpina com uma pista de pouso para pequenos aviões em uma extremidade. O voo para a cidade dura pouco menos de duas horas.

Como tudo que faz, Mal pilota o *Cessna*⁴⁸ com facilidade e confiança. Aterrissamos em Moscou sem nunca termos falado uma palavra desde que partimos.

Não sei porquê. Também não sei porque estou com medo.

Sinto contudo instintivamente que isso é uma coisa grande, ele me levando para a cidade. Mais do que ser simplesmente o local

⁴⁸-O Cessna é uma aeronave monomotor e asa alta.

onde trabalha, é também o local onde está o seu patrão. Onde Spider está. Onde o perigo espera por nós dois.

Na floresta, fingíamos que ele vivia uma vida diferente. Suas ausências eram curtas interrupções em uma pequena bolha pacífica. Éramos um globo de neve em uma prateleira, mas o globo de neve se estilhaçou no momento em que pousamos no aeroporto de *Sheremetyevo*, e fiquei exposta ao outro lado da vida de Mal.

O lado mais sombrio. Onde vivem todos os seus monstros.

Um *Phantom*⁴⁹ preto nos espera na pista. O motorista pega nossas malas e as coloca no porta-malas sem olhar para mim, nem mesmo para reconhecer minha existência.

Parece proposital. Como se soubesse que algo terrível aconteceria se ele olhasse na minha direção, e não ousaria arriscar.

Mal diz algo para ele em russo. Em seguida, o motorista faz uma reverência - faz uma *reverência* - e abre a porta traseiras.

Mal sobe atrás de mim, então partimos.

Não consigo parar de olhar pelas janelas. Moscou à noite é um conto de fadas cintilante de luzes, pessoas e movimento. Parece maior que San Francisco.

Mal pega minha mão e a aperta. — O que está pensando?

⁴⁹-Um dos modelos de carro de luxo Rolls-Royce.

— Não há neve.

— Não estamos mais nas montanhas. — Depois de um tempo, diz — O que mais?

Quão bem ele pode me ler. Quando olho para as minhas mãos, ele envolve um braço em volta dos meus ombros e me puxa contra o seu lado, abaixando a cabeça para murmurar — O que mais, *malyutka*?

Inclino minha cabeça em seu ombro e fecho meus olhos. — Todo o resto.

Ele beija minha testa suavemente. Fico feliz quando não fala mais.

A viagem do aeroporto para sua casa dura menos de trinta minutos, mas quando chegamos lá, estou com os nervos em frangalhos. Mesmo as vistas incrivelmente bonitas da cidade passando pelas janelas não conseguem me distrair do meu pânico.

Sinto-me exausta, como se tivesse bebido muita cafeína. Depois da tranquilidade do bosque, tudo fica muito barulhento, muito perto, muito claro. Meu coração está palpitando.

Entramos no estacionamento de uma torre de vidro e paramos em frente a uma série de elevadores. Quatro homens corpulentos em ternos pretos dão um passo à frente. Um deles abre minha porta, outro dá a volta na parte de trás do carro e abre a de Mal.

Ele não precisa me instruir para ficar parada. Minha intuição me diz que existem regras aqui, novas regras das quais não estou ciente. A principal é seguir sua liderança.

Mal sai do *Phantom*, anda até o meu lado e estende a mão.

Os homens de terno recuam para formar uma fila em frente aos elevadores. Mãos cruzadas atrás das costas, rostos impassíveis, olhando para longe.

Pego a mão de Mal e saio, me sentindo trêmula. Ele enrola sua grande mão em volta da minha para me firmar.

Um dos homens de preto pressiona um botão de chamada do elevador e volta a fingir ser uma estátua.

Quando as portas se abrem e Mal e eu passamos pelos homens, todos se curvam em uníssono.

Espero até que as portas se fechem e o elevador comece a se mover antes de dizer — O que diabos foi isso?

Ele diz simplesmente — Respeito.

— Esses são seus guarda-costas?

— Eu não tenho guarda-costas.

— Por que não?

Ele me lança um olhar direto.

— Oh. Certo. Você é o cara para quem as outras pessoas precisam de guarda-costas.

Ele me olha por um momento, seus olhos semicerrados, então me pega pelo braço e me puxa contra seu peito. Embala minha cabeça em suas mãos e me beija.

É um beijo firme, mas não apaixonado. É um beijo que me diz para me acalmar. Que ele está no controle e não tenho nada com que me preocupar.

Que ele não deixará nada de ruim acontecer comigo.

Eu coloco minha testa em seu peito e suspiro. — Obrigada.

— Você precisava disso.

— Sim.

— Eu sei.

Apesar dos meus nervos à flor da pele, sorrio. — Então o que acontece agora?

— Agora vamos acomodá-la, depois vou trabalhar.

Trabalhar. Tanta violência contida em tão poucas letras.

O elevador desacelera até parar. As portas se abrem. Mal pega minhas mãos e me leva para o saguão de um apartamento escuro. A vista da cidade através das janelas do chão ao teto ilumina o espaço com um brilho fantasmagórico.

— Puta merda.

— Gostou?

Não sei se gosto exatamente, mas é lindo, por isso fico com o positivo. — É incrível.

Ele me leva por uma sala de estar, vazia, exceto por um gigante sofá preto em frente a uma TV de tela grande na parede. Passamos por um espaço aberto que parece ser uma sala de jantar, mas também está vazia. Em seguida, estamos em uma cozinha, um vasto espaço de mármore branco e vidro, tão estéril quanto uma sala cirúrgica.

Mal acende uma luz, iluminando a cozinha. É tão brilhante que meus olhos lacrimejam. Ele caminha até a geladeira de aço inoxidável e abre a porta do freezer. Dentro, dezenas de caixas idênticas de jantares congelados se aninham lado a lado. Remove dois e os joga no balcão.

— Está com fome?

Sem esperar por uma resposta, rasga uma caixa, remove a bandeja de plástico de dentro, vira-se para o micro-ondas acima da pia e o abre. Aperta o cronômetro e fecha a porta.

Quando se vira para mim e me vê parada ali, parecendo perdida, abandona a outra caixa que estava prestes a abrir e vem até mim.

Murmurando algo em russo, envolve seus braços fortes ao meu redor e me aperta.

Eu sussurro — Estou bem.

— Não está.

— Vou ficar.

— O que precisa?

— Eu não sei.

— Pense nisso.

Penso, por vários longos minutos enquanto ele me segura, acariciando meu cabelo com a mão, seus lábios pressionados na minha têmpora.

Expiro e fecho meus olhos. Com minha bochecha apoiada em seu peito, digo — É só... estranho.

— Continue.

— Esse lugar. Esses jantares congelados. É lindo, mas aqui é tudo muito frio.

— Vou mantê-la aquecida.

Ele pega meu queixo em sua mão, inclina minha cabeça para cima e me beija.

Este é um beijo diferente do que trocamos no elevador. É mais profundo, mais emocional e dez vezes mais ardente. Eu me agarro a ele, tremendo, enquanto sua língua roça a minha e sua boca transforma meu corpo em fogo líquido.

Quando ouço uma batida na porta da frente, pulo, ofegante.

— Calma, baby — Mal murmura contra meus lábios. — É apenas o Dom com as malas.

— Dom?

— O motorista.

— Oh. Está bem.

Quando Mal contudo abre a porta, não é o motorista. É uma linda jovem morena, carregando uma grande caixa preta amarrada com uma fita branca nos braços.

Ela se curva, como os homens nos elevadores fizeram, depois diz algo que não consigo ouvir e estende a caixa.

Mal aceita a caixa sem dizer uma palavra e fecha a porta. Ele fica parado com as costas viradas por vários longos momentos, os ombros rígidos. Quando se vira para me encarar, fico gelada.

Sua mandíbula está rígida. Seus olhos estão pretos. Sua expressão é dura. O que quer que esteja nessa caixa, não é bom.

Ele caminha lentamente pelo apartamento até estar de pé a minha frente novamente. Parado ali, segurando a caixa, me olhando como se fosse o fim do mundo.

— O que é isso?

— É para você.

O vazio de sua voz me apavora. Olho para a caixa preta com sua linda fita branca e dou um passo involuntário para trás.

Mal a coloca na grande ilha de mármore e deixa a mão em cima. — É um vestido.

Agora estou confusa. — Um vestido? Para mim?

— Sim.

— Oh. Então por que está sendo tão estranho?

— Porque eu não comprei.

Meu estômago dá um nó. Algo desagradável desce pela minha espinha, a sensação de uma centopeia deslizando pela minha pele, suas minúsculas pernas de inseto frias e espinhosas.

— Quem comprou?

— *Pakhan*.

O único som que quebra o silêncio seguinte é o zumbido do micro-ondas. Olhamos um para o outro até o sinal do cronômetro tocar, então Mal diz — Ele nos convidou para jantar. Saímos em dez minutos.

— Agora? Tem que ser uma hora da manhã.

— O tempo é irrelevante.

Estou sentindo todos os tipos de estranheza vindo dele. Isso faz meus nervos já em frangalhos ficarem ainda mais em frangalhos. — Isso não é bom, não é?

Ele hesita. — É inesperado.

Está encobrindo suas respostas. Há algo que não quer que eu saiba e isso me assusta. — Contou a ele sobre mim?

— Não.

— Como ele descobriu?

Hesita novamente. — Qualquer uma de um milhão de maneiras. Ele é o homem mais poderoso da Rússia.

Minha respiração é superficial, meu batimento cardíaco acelerando e minhas palmas começando a suar, olho para a caixa como se ela estivesse cheia de cobras. — Mas... se ele enviou esse vestido, sabia sobre mim antes de chegarmos aqui.

— Sim.

Oh, Deus. Ele está nos vigiando? E se está... por quê?

Posso pensar em alguns motivos de cabeça, nenhum deles é bom. A adrenalina inunda meu sistema, me deixando trêmula.

Mal se aproxima de mim e segura meu rosto com as mãos.

— Você não está em perigo.

— Tem certeza? Porque parece que está dizendo isso apenas para se convencer.

— Este é um movimento de xadrez. Um jogo de poder. Ele quer que eu saiba que sabe sobre você, só isso. Nunca a teria trazido para a cidade se pensasse que não estaria segura.

Lambo meus lábios e tento engolir. Minha boca está seca como um deserto. O medo roubou toda a umidade do meu corpo. Fecho meus olhos e inalo uma respiração instável.

— Olhe para mim, *malyutka*.

Quando olho em seus olhos, ele diz com veemência — Qualquer homem que olhar para você de forma errada morrerá. Qualquer homem, incluindo ele. Se eu sentir qualquer indício de ameaça, se acontecer alguma coisa que me desagrade, vou deixá-lo sem vida. Entende-me?

Tremendo, digo — Na verdade, não.

— Mas confia em mim?

Seus olhos são ferozes. Sua intensidade é de tirar o fôlego. E a verdade de suas palavras é óbvia em cada linha tensa de seu corpo, em cada músculo e poro.

Este homem matará para me proteger. Mesmo seu próprio patrão, o homem mais poderoso da Rússia não está isento do laço do carrasco.

Arma. Faca. O que quer que use. O fato permanece: meu assassino me protegerá.

Fortalecida por esse pensamento, fico mais ereta, respirando.
— Sim.

Ele me puxa contra seu peito, me abraçando com força e exalando em meu cabelo.

— Ótimo. Agora vamos nos vestir. Quanto mais cedo isso acabar, melhor.

Com aquela declaração enigmática pairando sobre minha cabeça, Mal pega a caixa e me leva para o quarto.

38

RILEY

Exceto por uma cama king-size, o quarto principal é tão vazio quanto o resto do apartamento.

As paredes são pintadas de branco puro. O chão é de mármore branco brilhante. A cama em si é masculina com um edredom preto e travesseiros laterais angulares. Não há cortinas ou tapetes para abafar o eco de nossos passos.

Quem quer que tenha decorado este lugar não queria que fosse confortável. É tão acolhedor quanto um mausoléu.

Mal me mostra o lugar, então me deixa no banheiro com um beijo na minha cabeça e um lembrete de que tenho cinco minutos antes de irmos. Estou no meio de um espaço enorme, sentindo como se tivesse pousado em Marte e alienígenas hostis estão enxameando no horizonte.

Quando coloco a caixa na pia e a abro, a sensação de condenação se intensifica.

Não é o vestido, que é lindo. É veludo de safira sem mangas, com uma saia longa e fina e cintura cinzenta. Nem sequer são os

sapatos, um par de saltos baixos com tiras de uma elegante cor champagne, que são misteriosamente do meu tamanho.

São as lentes de contato.

A pequena caixa retangular de lentes de contato tem meu nome impresso em uma etiqueta na parte externa, junto com minha prescrição.

Minha receita exata, incluindo potência, curva, tamanho do cilindro, eixo e marca. Tudo o que é necessário para corrigir perfeitamente meu astigmatismo.

Resumindo, alguém teve uma pequena conversa agradável com meu oftalmologista sobre meus globos oculares.

Isso não é uma merda que se pega de uma prateleira. Estas são lentes personalizadas. Normalmente leva semanas para chegarem quando as encomendo e são caras. São também delicadas e rasgam facilmente, por isso voltei para os óculos.

Esta noite porém meus óculos ficarão em casa.

Não ousou insultar o homem mais poderoso da Rússia antes mesmo de conhecê-lo.

Tiro a roupa que estou usando e deixo dobrada na pia. Coloco o vestido, que ficou perfeito. Os sapatos, e as lentes também.

Então, me olho no espelho, me perguntando se talvez eu ainda esteja no hospital e tudo isso seja um sonho estranho.

Pelo menos recuperei o peso que perdi, graças à comida de Mal. E a cor e o caimento do vestido são muito lisonjeiros. Quem quer que seja esse *Pakhan*, tem um gosto melhor do que Sloane.

Ninguém me confundirá com uma profissional do sexo esta noite.

É um pequeno conforto, mas aceito o que posso conseguir. Viro minhas costas para o espelho e sigo para o quarto, onde paro e respiro fundo.

Mal está esperando por mim perto do pé da cama.

Está em um lindo terno preto ajustado com uma camisa social branca aberta no pescoço, sem gravata. Seus sapatos de couro preto são polidos e brilhantes como um espelho. Seu cabelo escuro e ondulado foi penteado para trás contra o couro cabeludo e coberto com algum tipo de pomada. As pontas indisciplinadas se enrolam em seu colarinho. Está de tirar o fôlego. Um *Gangster chic*, uma fera perigosa disfarçada em roupas de cavalheiro.

Ele me observa com um olhar ganancioso, lambe os lábios e rosna algo calorosamente em russo.

Com o sangue latejando nas veias, sussurro — Você também está bonito.

— Venha aqui.

A mão que ele estende é um ímã. Assim como aquele olhar faminto em seus olhos, me atrai. Atravesso o quarto com borboletas voando loucamente em meu estômago e me coloco em seus braços.

Ele me beija profundamente, um braço em volta da minha cintura e uma mão agarrada firmemente em volta do meu pescoço. Quando tenho certeza de que estou prestes a entrar em combustão, ele interrompe o beijo e diz rispidamente — Você é deliciosa *pra* caralho.

O Lobo Mau não podia soar tão faminto. Eu tremo, pressionando mais perto da extensão dura de seu peito e apertando meus braços em volta de seus ombros. — Obrigada.

— Quero arrancá-la deste vestido com meus dentes.

— Acho que não temos tempo para isso.

Olhando para mim com olhos ardentes, ele lambe os lábios novamente. E debate por um momento, então balança a cabeça impacientemente. — Você tem razão. Mais tarde. Onde estão seus óculos?

— No balcão do banheiro. Havia um par de lentes de contato prescritas na caixa com o vestido. Minha receita exata, na verdade.

Ele diz secamente — E tenho certeza de que o vestido e os sapatos também são do seu tamanho exato.

— Estou me esforçando para não ficar assustada, porque confio em você, mas essa parece uma mensagem muito deliberada que seu chefe está enviando.

— Sim.

— Concordar comigo não me fará sentir melhor.

Ele me olha por um momento, seu rosto pensativo. Então tira uma mecha de cabelo da minha testa e a coloca atrás da minha orelha.

— Eu te direi uma coisa. É importante.

— Ah, Merda.

— Apenas me escute com atenção e lembre-se disso. Se *Pakhan* lhe fizer uma pergunta, não importa o que seja, diga-lhe a verdade. Toda a verdade nua e crua. Não tente enfeitá-la ou fazê-la parecer bonita. — Sua voz abaixa. — E especialmente não tente mentir. Ele pode cheirar uma mentira como um tubarão pode cheirar uma gota de sangue na água.

Sentindo-me mal, digo fracamente — Essa imagem é ótima, obrigada.

Ele me dá um aperto e um beijo firme na boca. — Você ficará bem. Está pronta?

— Não.

— Sim, está. Vamos. Lembre-se do que eu disse.

Com aquele aviso final ecoando em meus ouvidos, ele pega minha mão e me leva porta afora.



O restaurante fica a dez minutos de carro do apartamento, através do tráfego. Parece que estamos no centro da cidade. Os arranha-céus se erguem ao nosso redor por quilômetros. Os pedestres estão por toda parte, embora seja muito tarde. Há uma vibração cosmopolita e movimentada, que mais uma vez me lembra San Francisco, mas muito maior e sem as colinas íngremes.

Espero a saudade de casa me atingir, mas nunca vem.

Sentado ao meu lado na parte de trás do carro, Mal está em silêncio.

Não sei dizer se está tenso. Seu corpo está relaxado, mas há uma vigilância em seus olhos. Uma certa maneira de cortar seu olhar de um ponto a outro que me lembra um grande gato esperando na grama alta pela passagem de uma gazela.

Quando chegamos, há um manobrista do lado de fora de um prédio de vidro com opulentos *pináculos*⁵⁰ dourados e azuis no topo e engulo nervosamente, Mal diz — Fique bem ao meu lado o tempo todo. Não vá ao banheiro. Não solte minha mão. Se alguma coisa acontecer, vá para debaixo da mesa e fique lá até eu mandar. Diga sim para que eu saiba que entendeu.

— Sim.

⁵⁰-Ponto mais alto.

Isso soou como uma pessoa com controle de si mesma que não está prestes a sujar a roupa interior de medo.

O motorista abre a porta para Mal, que então abre para mim. Entramos no restaurante com as mãos firmemente entrelaçadas, Mal um passo à frente. Estou desejando um saco de papel para hiperventilar enquanto a mulher mais bonita que já vi flutua até nós por trás do estande da recepcionista.

É para ela que a palavra “*escultural*” foi criada. Algumas outras palavras de escolha também, incluindo “*deslumbrante*”, “*atordoante*” e “*indutora de tesão*”. Tudo nela é exuberante, dourado e perfeito, e de repente me sinto como um roedor de estimação, alguém vestido para o Halloween.

— *Privet*⁵¹, Malek — diz em um ronronar fluido, então outra coisa que não presto atenção porque estou muito ocupada sendo cegada por seu decote. O minivestido dourado brilhante que está usando desce de seus ombros até o umbigo. Não tenho ideia de como seus seios ainda não saltaram no rosto de Mal.

— Masha — responde friamente, olhando para o restaurante além dela. — Ele está aqui?

Um lampejo momentâneo de aborrecimento estraga seus traços perfeitos.

Não sei se é porque Mal não está engolindo todas as iscas saborosas que ela está oferecendo ou porque falou em inglês, mas

⁵¹-Olá em russo.

ela decide que o problema sou eu e me envia um olhar que pode murchar plantações.

Sorrio para ela, já me sentindo melhor.

— *Da*. Siga-me por favor.

A deusa dourada foge para a sala de jantar, com os quadris balançando.

— Sua amiga? — Digo acidamente.

— Eu não a fodi, se é isso que está perguntando.

— Não por falta de tentativa da parte dela.

Ele me lança um olhar, arqueando uma sobrancelha. — Está com ciúmes, *Little Bird*?

— Quem eu? Da Miss Universo? Nah. Ela provavelmente não possui um único par de moletom.

Seus lábios se curvam nas extremidades. Então estamos entrando no restaurante, de mãos dadas.

É de longe o ambiente mais ostentoso que já vi.

Como a anfitriã Masha, tudo é dourado e cintilante. O papel de parede, os lustres, as toalhas de mesa, as cadeiras. O carpete sob os pés é luxuoso, com detalhes arrojados dourado e ameixa que superaria qualquer cassino de Las Vegas. O teto, lá no alto, reflete a sala de mil painéis espelhados. Samambaias e palmeiras em vasos adornam os cantos e fendas da sala, e um perfume sutil e caro perfuma o ar.

Todas as elegantes mesas de jantar estão vazias, com exceção das três para as quais caminhamos. As duas grandes mesas redondas são ocupadas por homens em caros ternos escuros. Todos são grandes, barbudos e de meia-idade, embora não sejam o tipo de meia-idade suave que se vê em pais suburbanos.

Esses são como vikings. Guerreiros. O tipo de homem que sabe exatamente como empunhar um machado para cortar uma cabeça.

Sentado atrás deles em uma cabine de couro curvada contra a parede está seu rei.

Ele é maior do que todos os outros, robusto e largo. Sua barba ruiva está salpicada de cinza. Um sobretudo de lã preta com uma gola de pele prateada grossa está colocado sobre seus ombros. Tatuagens decoram cada nó de sua mão esquerda: estrelas, flores, iniciais, uma faca enfiada em um crânio. Uma cabeça de leão está envolta em fumaça do charuto que está fumando. Já foi bonito, percebo; mas seu rosto agora está enrugado e seus olhos duros como *pederneiras*⁵², sem dúvida por toda a violência que cometeu.

Devo ter gemido de medo, porque Mal aperta minha mão e murmura — Firme.

⁵²-Pedra de grande dureza, capaz de produzir faísca quando percutida com metal, usada em isqueiros e, antigamente, peças de artilharia.

Quando passamos entre as duas primeiras mesas, todos os homens se levantam de suas cadeiras. Inclina suas cabeças para Mal, que os ignora. Então estamos parados em frente a *Pakhan*.

Ele me olha primeiro, por um longo e silencioso momento. Seu olhar é poderoso e frio como o gelo. Fico imóvel, tentando não cagar nas minhas calcinhas.

Quando seu olhar muda para Mal, me sinto como um coelho liberado de uma armadilha de aço. É tudo o que posso fazer para não cair de lado, ofegante.

— Malek — *Pakhan* diz em uma voz estrondosa e com sotaque. — Você tem sido um menino ocupado.

É dito em inglês, sem dúvida, pelo que entendi, mas o tom é tão neutro quanto sua expressão, então não posso dizer se está zangado ou divertido.

Parecendo imperturbável, Mal responde em russo. Parece uma saudação, porque depois inclina ligeiramente a cabeça.

Pakhan olha brevemente para nossas mãos entrelaçadas, depois de volta para mim. E gesticula com seu charuto.

— Venha se sentar ao meu lado, Srta. Keller. Quero dar uma olhada em você.

Oh, não, o rei da máfia russa sabe meu nome. Isso não é nada bom.

Quando me encontro incapaz de me mover, Mal gentilmente me empurra para frente, me ajudando a entrar na cabine. Caminho ao redor da mesa curva, mais perto de *Pakhan*,

olhando para todos os lugares, menos para ele. Mal se instala ao meu lado e pega minha mão sob a toalha da mesa.

Assim que nos sentamos, todos os vikings tomam seus assentos também. Meia dúzia de belas jovens em trajes minúsculos dourados aparecem do nada com bandejas de bebidas. Servem *Pakhan* primeiro, depois eu e Mal, depois os vikings, que começam a falar entre si em russo como se esta fosse apenas mais uma noite com os meninos no clube.

Pego o uísque que uma das garotas colocou a minha frente. Antes que possa engolir, Mal coloca a mão no meu pulso para me impedir.

Merda. Esqueci que não posso beber! Este foi o pior momento possível para perder um rim.

O silêncio reina por um momento depois que coloco o copo de volta na mesa. Então *Pakhan* diz — Está nervosa.

Exalo uma respiração áspera. — Não, estou apavorada. Obrigada pela roupa. É adorável. Assim, como as lentes também.

Ele fuma seu charuto, considerando meu perfil. Do meu outro lado, Mal está quieto e sereno. Um lago escuro com águas profundas escondendo monstros ferozes embaixo.

— Do que tem medo, criança?

É provavelmente a maneira como se dirige a mim que me deixa um pouco mais confortável, mas consigo olhar para ele sem desmaiar.

— Bem... de você.

— De mim? — *Pakhan* olha para Mal com as sobrancelhas levantadas.

Deixo escapar — Não é sua culpa!

Agora ambos franzem o cenho para mim. Estou olhando para *Pakhan*, mas posso sentir o olhar furioso de Mal sem vê-lo. Isso me faz entrar em pânico novamente. Mordo meu lábio para não fazer outro som.

— O que exatamente não é sua culpa?

— Eu estar com medo de você. Ele não disse nada de ruim, você é apenas... meio... assustador. — Quando ele simplesmente me encara, me encolho. — Desculpa. Não estou tentando insultá-lo. Só estou dizendo a verdade.

— A verdade. Hmm.

Ele fuma pensativamente. Mal ainda não disse uma palavra.

— Diga-me, Srta. Keller, como está?

Isso me pega completamente desprevenida. Pisco quando Mal aperta minha mão, respiro fundo e espero que tenha dito a verdade quando disse para falar a verdade, porque aqui vai.

— Agora? Totalmente apavorada. Em geral? Talvez melhor do que nunca.

— Melhor do que nunca? A maioria das mulheres que foram baleadas, sequestradas e mantidas em cativeiro podem encontrar uma maneira diferente de descrever sua situação.

Ele diz isso para mim, mas está olhando além de mim para Mal. E não parece feliz.

Como diabos ele sabe de tudo isso? E por que se importaria se Mal me sequestrasse?

Não importa. Foco.

— Ele salvou minha vida. Duas vezes. E sim, tecnicamente me sequestrou, mas não pedi a ele para me levar para casa. Acho que se pedisse, ele levaria, mas não quero pedir a ele. Na verdade, hum... meio que... tenho sentimentos por ele.

Já vi a expressão que *Pakhan* está usando antes. Mal me olhou exatamente assim uma centena de vezes, quando disse algo que ele achava ainda mais insano do que o que costumo dizer.

— Ele lhe disse para dizer isso?

— Não.

Os olhos de *Pakhan* são cães de caça, detectores de mentiras e agentes da CIA interrogando prisioneiros em Guantánamo. Se pudessem me afogar, o fariam.

Eu o deixei olhar. Doido ou não, não estou mentindo.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele perguntou — Está dormindo com ele?

Que porra é essa? Respiro e tento manter meu rosto e tom de voz calmos. — Sim.

— Então ele está forçando-a.

A irritação me atinge. Indignada em nome de Mal, falo mais rispidamente do que deveria.

— *Não*. Ele nunca me forçaria, mesmo que quisesse. Sei disso porque ele queria. De fato, fui *eu* quem deu o primeiro passo nessa direção.

Pakhan faz um gesto de desprezo com a mão. Não parece impressionado.

— As mulheres costumam mentir para si mesmas nessas situações. Ajuda-as a lidar com o trauma se sentirem que não são uma vítima. Que tinham escolha.

Ele está me dizendo que Mal se aproveitou de mim, e que não sou inteligente o suficiente para saber.

Está me dizendo que fui estuprada, mas não percebi. Está me dizendo que sou uma garotinha boba.

O calor sobe pelo meu pescoço. Meu coração começa a bater forte. Fico olhando para ele, querendo arrancar o charuto de sua mão e apagá-lo em sua testa. A sala e tudo nela desaparece.

Não me importo se este é o homem mais poderoso da Rússia.

Ele merece, e vou deixá-lo pegar.

Olhando-o bem nos olhos, digo — Não sei com que tipo de mulher se envolveu, mas se esse homem tivesse me machucado de alguma forma, estaria sentindo falta do pau. *Nunca* me sentaria aqui e o defenderia, nem mesmo se ameaçasse me matar se não o fizesse. Ele teria que me arrastar chutando e gritando para esta sala pelos meus cabelos. Sim, ele me sequestrou. Sei que não é a maneira ideal de começar um relacionamento, mas será uma ótima história quando alguém perguntar como nos conhecemos. Ele porém também me fez uma cirurgia de emergência que salvou minha vida depois que meu guarda-costas atirou em mim, trocou meus curativos e garantiu que tomasse meus remédios, me alimentou como a um bebê nas refeições que ele mesmo preparou, arrancou uma cabeça de cervo da parede porque odiei, roubou um oftalmologista para que eu pudesse enxergar, matou o urso que estava tentando me comer, me ensinou a atirar caso eu precisasse me defender e um monte de outras coisas que não consigo lembrar agora porque estou tão brava...

— ...Mal é o homem mais generoso, competente, inteligente, autodisciplinado e maravilhoso que já conheci. Ele mata pessoas para viver, mas ninguém é perfeito. E antes que pergunte, sim, ele me contou como veio trabalhar para você. E também me disse que não parará de trabalhar para você, embora sua família inteira esteja morta e ele não tenha mais ninguém para proteger. Por isso também é muito leal. Portanto, por favor, não insinue que não sei do que diabos estou falando quando digo que tenho sentimentos por ele, porque tenho. Porque ele vale a pena!

Na sequência desse discurso, há um silêncio total. Com horror, percebo que levantei minha voz a tal nível que as outras duas mesas de homens também me ouviram.

Todos na sala agora estão me olhando.

Engulo e umedeço meus lábios. Exalo uma respiração lenta e instável. Em um tom mais abafado, digo — Peço desculpas se isso foi desrespeitoso. Não era para ser. Eu só estava...

— Defendendo Malek — interrompe *Pakhan*.

Seu tom é suave. Seus olhos estão duros. Não sei dizer se ele dará um tapinha na minha mão ou me matará.

Sussurro — Sim.

Ele não faz nada por um momento, exceto me olhar. A tensão na sala é palpável, como se todos estivessem prendendo a respiração, esperando para ver o que fará.

A mão de Mal na minha é fria, seca e firme.

Então *Pakhan* dá uma tragada no charuto, solta uma nuvem de fumaça e sorri.

Todos na sala relaxam. Os homens retomam a conversa, as meninas chegam com travessas de comida e meu coração se lembra de como bater.

Rindo, *Pakhan* diz algo em russo para Mal.

— Deveria vê-la quando está realmente brava — responde, e toma um gole de seu uísque.

Tudo depois disso é um borrão.

Eu sei que comemos, mas não sei dizer o que. Sei que tem conversa, mas é em russo, então não entendo nada. Em um ponto, Mal diz o nome de Kazimir em um tom questionador, ao que

Pakhan balança a cabeça. Então o jantar acabou e estamos de pé para sair.

— Senhorita Keller — diz *Pakhan*, ainda sentado. Estende a mão com um anel.

Quando olho para ele, sem saber se devo beijá-lo ou o quê, diz gentilmente — Eu não mordo, criança.

Duvido, mas agarro sua mão de qualquer maneira. Então observo em estado de choque quando ele leva minha mão aos lábios e beija meus nós dos dedos.

— Obrigado por uma noite interessante. Foi um prazer conhece-la.

Seu olhar poderoso e penetrante me faz sentir tímida. Minhas bochechas queimam levemente, e acho difícil encontrar seus olhos. — De nada. Foi um prazer conhecê-lo também. E obrigada por não ficar chateado com minha falta de educação.

Seu sorriso é leve e misterioso. — Essa falta de educação vai lhe servir bem no futuro. Os impérios não são governados por mansos.

Parece assustadoramente como uma profecia.

Como se ele soubesse algo sobre mim que não sei.

Não há porém tempo para pensar nisso, porque Mal está me puxando para longe, me arrastando para fora do restaurante e para dentro do carro que espera.

Ele me empurra para o banco de trás, bate à porta atrás de si e se lança contra mim.

39

RILEY

O beijo é rude, dominante e exigente. Também é totalmente inesperado e me tira o fôlego.

Com as mãos segurando os dois lados da minha cabeça, Mal destrói minha boca até que estou gemendo e tremendo, segurando as lapelas de seu terno. Respirando com dificuldade, ele se afasta e me encara com olhos de fogo.

Ele diz rispidamente — Disse ao rei da *Bratva* que tem sentimentos por mim.

Estou muito tonta para saber se isso é um elogio ou uma repreensão, então balanço minha cabeça sem palavras.

— Sim, disse, porra. Disse isso na sua cara, na frente de todos os seus capitães. Disse isso em um tom de *foda-se* que teria matado qualquer outra pessoa.

Ele me beija novamente, devorando minha boca. Quando se afasta desta vez, meu coração está acelerado e estou ofegante.

Ele me arrasta para o seu colo, me puxando para que minhas pernas fiquem abertas em torno de seus quadris e meu vestido seja

amontado em volta das minhas coxas. Afundando os dedos na carne tenra da minha bunda, me puxa contra sua virilha, então estou montada em sua ereção.

Apertando a mão em meu cabelo, puxa minha cabeça para baixo e diz — Você disse que eu era generoso. Maravilhoso. Leal.

Esmaga sua boca na minha e bebe profundamente até eu choramingar. Então vira a boca no meu ouvido e rosna — *Você me defendeu, porra.*

Digo sem fôlego — Não sei se está bravo ou feliz com isso.

Ele flexiona seus quadris, moendo sua ereção contra mim. Sua resposta vem com os dentes cerrados.

— Oh, baby, lhe mostrarei exatamente como me sinto sobre isso.

Ele pega o decote do meu vestido com ambas as mãos. Com um puxão forte, rasga o tecido. Depois se agarra a um dos meus mamilos expostos e o suga com força.

Quando ofego, agarra meus seios com as mãos e vai e vem entre eles, sugando e lambendo, provocando meus mamilos rígidos com os polegares, a língua e os dentes. Estremecendo, afundo minhas mãos em seus cabelos. Entre minhas pernas abertas, sua ereção é dura como uma rocha.

— Mal — sussurro. — O motorista.

— Dom! — Ladra por cima do meu ombro. E diz outra coisa em russo.

Ouço um zumbido baixo e olho para trás. Uma divisória de privacidade escurecida se eleva entre o assento do motorista e a seção de passageiros do carro, separando-nos. Depois os dedos gananciosos de Mal estão entre minhas pernas, puxando minha calcinha de lado e deslizando dentro de mim.

— Sempre tão pronta para mim — rosna. — Esta doce boceta é sempre tão gostosa e escorregadia, pronta para o meu pau.

Ele volta a chupar meus mamilos, me fodendo com o dedo enquanto balanço para frente e para trás em sua mão. Quando esfrega o polegar contra meu clitóris inchado, gemo, deixando cair minha cabeça para trás e fechando os olhos.

Meu coração bate como um louco. Minha pele queima como fogo. Meus mamilos doem e minha respiração é difícil. Quero que ele me foda, bem aqui no banco de trás deste carro.

Ele sabe. Claro que sabe. Com o rosnado de um animal, puxa os dedos para fora de mim, desabotoa o cinto, as calças e abre o zíper. Seu grande pau duro salta em sua mão.

Esfregando contra minhas dobras encharcadas, sussurra asperamente — Boca.

Eu o beijo. Ele me beija de volta como se eu fosse um bote salva-vidas, e ele está se afogando. Flexiona seus quadris, cutucando a coroa de seu pênis em minha entrada. Com um impulso, desliza para dentro. Está grosso, duro e latejante. Ele agarra meus quadris e começa a bombear em mim, grunhindo de prazer, então se inclina e chupa meu seio.

Ele morde, afundando os dentes na carne abaixo do meu mamilo.

Adoro a sensação, a dor e o prazer se transformam em uma pequena bola ardente e concentrada. A sensação faz minha boceta latejar e meu peito doer. Começo a esfregar contra sua pélvis, esfregando meu clitóris contra ele enquanto seu pau gordo me abre.

Desliza a mão do meu quadril para a minha bunda, acariciando o feixe de nervos sensível entre as bochechas da minha bunda, brincando com seus dedos para frente e para trás sobre ele.

— Quero foder este pequeno botão de rosa — sussurra ardentemente, ofegante. — Já deixou um homem te foder aqui antes?

Estremecendo, gemo seu nome.

— Não, sei que não. Mas me deixará. Vai me deixar ser o primeiro e o último. Antes disso porém, gozará no meu pau, baby. — Sua voz cai. — E eu quero que goze com *força*.

Ele pressiona com o dedo e desliza para a minha bunda. Grito, tremendo e começando a inclinar contra ele, impotente. Agarro-me em seus ombros e o monto, ouvindo-o murmurar cada coisa imunda que nunca soube que precisava ouvir um homem dizer.

Quando meus gemidos ficam mais altos e mais quebrados e estou agarrando seus ombros, meu corpo inteiro fica tenso, Mal

puxa minha cabeça para baixo com uma mão em meu cabelo e coloca sua boca perto da minha orelha.

Com a voz sombria e áspera, comanda — Goza para mim, baby. Dê ao papai.

Enfia o dedo bem fundo na minha bunda e morde minha garganta como um selvagem. Eu gozo, soluçando.

Minha boceta aperta ritmicamente em torno de seu pau, contrações violentas que sacodem todo o meu corpo. Meu clitóris lateja e pulsa. Minhas coxas tremem. Vou para o espaço sideral a um milhão de quilômetros por hora, empalada em seu pau, sua boca quente e voraz na minha pele.

Isso continua e continua pelo que parece uma eternidade. O prazer recai sobre mim em ondas. Sinto-me rodeada por ele, devorada e consumida. Nunca quero que isso acabe.

Então ele está me beijando, enfiando a língua na minha boca enquanto bombeia seus quadris mais rápido, gemendo e puxando meu cabelo, me fodendo em um frenesi. Coloca a cabeça no meu ombro e solta meu cabelo, envolvendo um braço em volta das minhas costas e me puxando com força contra seu peito.

Com um impulso final e violento, ele goza. Geme contra meu pescoço.

Isso atravessa todo o meu corpo.

Eu o sinto pulsar e palpitar e escuto seus lindos gemidos roucos de prazer, e algo se desbloqueia dentro do centro do meu peito.

O momento parece poderosamente significativo. Tenho que lutar contra a vontade repentina de chorar.

Ficamos assim, presos juntos, ofegantes e trêmulos, até Mal esfregar sua barba suavemente contra meu pescoço. Expirando, me apertando com força.

Ele murmura algo em russo. É dolorosamente suave.

Não pergunto o que é.

Já estou sobrecarregada o suficiente.



Quando o carro para na garagem do prédio de Mal, estou aninhada em seu colo com o paletó de seu terno sobre meus ombros e seus braços ao meu redor. Eu me sinto desossada, como gelatina, e chapada.

Com meu vestido rasgado coberto pelo casaco, me carrega para o elevador enquanto descanso minha cabeça em seu peito. Mesmo com meus olhos fechados, sei que os homens de terno estão se curvando quando passamos.

Ele não fala na subida. Fica em silêncio enquanto me carrega para o quarto. Quando me deita na cama e me despe, não diz uma palavra.

Ele se ajoelha ao lado da cama, joga minhas pernas sobre seus ombros e coloca seu rosto entre minhas coxas. Correndo as mãos para cima e para baixo em meu corpo nu, explora meu clitóris com sua língua. Arqueio e gemo, estremecendo de prazer.

Tenho a sensação de que estou sendo recompensada. Quando meus gritos são altos e chegando ao clímax, vira a cabeça e morde minha coxa.

Ele sussurra — Você disse relacionamento.

Delirando, ofegando, eu digo — O quê?

Ele me olha. Nas sombras, seus olhos brilham com intensidade. — Disse que sequestro não era uma boa maneira de começar um relacionamento, mas daria uma ótima história.

Segurando meu olhar, ele abaixa a cabeça e suga suavemente meu clitóris. Meu útero se contrai. Meus mamilos formigam. O quarto parece pegar fogo.

— Oh, Deus... Mal... *oh...*

Ele sussurra — É isso que acha que temos? Um relacionamento? Porque parece mais uma obsessão para mim. Uma compulsão. Um nó muito emaranhado para ser desfeito.

Ele volta a sugar, acrescentando um dedo e bombeando lentamente para dentro e para fora.

Quando gemo alto, ele me arrasta para a beira da cama para que minha bunda fique pendurada. Apoiando-a com ambas as

mãos enquanto me come, indo e voltando entre lambe meu clitóris e enfiar sua língua dentro de mim do jeito que gosta de fazer.

Deixo ambas as mãos em seu cabelo e balanço meus quadris contra seu rosto, não me importando com os sons que estou fazendo ou a forma como meu coração parece estar se partindo em dois. Posso dizer honestamente que não me importo mais com nada.

Exceto ele.

Nós.

Essa coisa sombria e poderosa que temos juntos que parece tão derradeira quanto a morte.

Quando chego ao clímax, é com o seu nome em meus lábios.

Ele cantarola sua aprovação em minha carne enquanto empurro e me debato contra a cama. Coço seu couro cabeludo e puxo seu cabelo, totalmente fora de controle com o prazer que está me proporcionando.

Quando volto a mim e estou deitada lá, tremendo e exausta, ele está rindo.

Ele se levanta e desabotoa a camisa. Olhando para mim com um sorriso preguiçoso, diz em uma voz rouca — Boa menina.

Choramando, rolo para o lado e enterro o rosto no edredom.

Ele ri de novo, só que desta vez parece perigoso. — Acha que pode se esconder de mim? Não pode se esconder. Vejo-a, *Little Bird*. Eu vejo tudo.

Ele agarra meus pulsos e me puxa para uma posição sentada na beira da cama. Olhando para mim, pega meu rosto em sua mão e desliza o polegar em minha boca. Com a outra mão, abaixa o zíper. A cabeça inchada de seu pênis se projeta acima da cueca.

— Vou foder sua boca, doce menina — rosna. — Então vou colocá-la em suas mãos e joelhos e sufocá-la enquanto fodo sua boceta. Se quiser, diga sim.

Ele desliza o polegar para fora da minha boca e segura minha nuca, segurando-a com firmeza e esperando, dominante mesmo em seu silêncio paciente.

— Sim.

Embora seja verdade, uma palavra monossilábica nunca foi tão difícil de pronunciar na história da humanidade. Digo, sem fôlego e tremendo, observando seu sorriso letal crescer mais.

Estendo a mão, puxo sua cueca para baixo e envolvo minhas mãos em torno de sua ereção. Segurando seu olhar, abro minha boca e o acolho. A coroa é grossa e tem meu gosto. Giro minha língua ao seu redor. Uma emoção atravessa meu corpo quando seus músculos do estômago se apertam e exala um gemido tênue e involuntário.

— Porra, sim, — sussurra, observando minha boca com olhos ávidos. — Agora chupa.

Eu o obedeco, sugando apenas a coroa, minhas mãos ainda enroladas em seu eixo.

— Mais. Mais fundo.

Eu tiro uma mão de seu pau e coloco sob suas bolas, em seguida, o levo mais longe em minha boca. A veia na parte inferior de seu pau lateja contra minha língua. Começo a acariciar seu eixo junto com o movimento da minha cabeça, fazendo-o com mais entusiasmo quando geme novamente, desta vez mais alto.

— Minha doce e perfeita menina. Chupe esse pau. Mostre-me o quanto o ama.

Sua voz está áspera. Seu peito arfa. Encara-me com olhos ardentes e mandíbula cerrada, tão sexy e masculino que estou descaradamente ansiosa para fazer qualquer coisa que ele exigir. Talvez ele estivesse certo quando disse que isso é uma compulsão, porque não sinto mais que estou no controle.

A coisa entre nós está me levando agora, e estou feliz deixando isso acontecer.

Eu chupo, lambo e acaricio até que suas mãos estão tremendo contra a minha cabeça empurrando em minha boca. Com um xingamento, puxa, me vira de barriga, me arrasta de joelhos e bate na minha bunda.

Eu grito.

Ele se abaixa e dá um beijo na ardência, depois coloca a mão entre minhas omoplatas e me empurra para baixo, de modo que meu rosto fique contra o colchão e minha bunda fique para cima. Ajoelhando-se atrás de mim, se inclina e segura meus seios,

acariciando meus mamilos duros. Em seguida, desliza as mãos pela minha caixa torácica e pela minha cintura, apertando meus quadris.

— Riley Rose — diz rispidamente, acariciando a cabeça de seu pênis para frente e para trás através das minhas dobras molhadas. — Minha linda obsessão. Este monstro pertence a você, doce menina. Estou acorrentado aos seus pés.

Com um impulso duro ele afunda todo dentro de mim.

Quando gemo, ele coloca sua grande mão áspera em volta da minha garganta e aperta suavemente. Ele me fode com força, me penetrando mais e mais, suas bolas batendo contra minha boceta, seus gemidos roucos ecoando em meus ouvidos.

Sinto tudo numa amplificação requintada. O sangue correndo em minhas veias. Os lençóis esfregando contra minha bochecha. A umidade em minhas coxas e seus dedos cavando em meus quadris.

No meu pescoço.

Gritando e arranhando os lençóis, fogos de artifício explodem em minha visão, chego ao clímax. Caindo sobre os calcanhares, ele me arrasta contra seu peito e me segura lá enquanto empurro e suspiro, apertando ao seu redor impotente. Colocando a mão entre minhas pernas para apertar minha carne latejante, repete algo indefinidamente, murmurado em meu ouvido.

— *Ty moya. Ty moya. Ty moya, dorogoya.*

Aninhada em seus braços e aberta ao redor de seu pênis, tenho um orgasmo tão forte que estou dominada pela emoção. E começo a chorar.

— Eu sei — sussurra. — Oh, foda-se, baby, eu sei porra.

Quando joga a cabeça para trás, grita para o teto e goza comigo, percebo que quaisquer pensamentos que possa ter tido sobre me proteger dele agora são inúteis.

Não importa o quão louco ou errado isso possa ser, estou totalmente dentro.

Tudo o que posso fazer agora é me segurar e andar nesta montanha-russa até o fim, aonde quer que ela nos leve.

40

RILEY

Mal e eu ficamos enroscados na cama no escuro por um longo tempo antes que ele finalmente falasse.

— Você está bem? — Parece sombrio. Como se estivesse preocupado em ter feito algo errado.

— Não me machucou, se é isso que está perguntando.

— Sua garganta...?

— Poderia ter apertado com o dobro da força e não teria sentido.

Ele exala de alívio. — Jogar com a respiração pode ser perigoso. Devíamos ter conversado sobre isso primeiro. Uma palavra de segurança.

Querido Deus, ouvi-lo dizer “jogo de respiração” e “palavra de segurança” faz minha imaginação correr solta com cada cenário pervertido em que as pessoas podem se envolver, em pares, trios ou grupos.

Eu o imagino no meio de uma pilha de corpos nus se contorcendo em um clube de sexo, divino e brilhante enquanto fode cada buraco aleatório à vista, e sinto como se fosse desmaiar.

— Aqui está uma palavra segura para você: não tenho nenhum interesse em ouvir sobre suas experiências sexuais anteriores. A ideia de você fazer o que acabamos de fazer com outra mulher me dá vontade de enterrar uma machadinha em seu peito e colocar fogo em você.

Depois de um momento, diz — É muita coisa para uma palavra segura. Difícil de lembrar no calor do momento.

Eu ouço risos em seu tom, o bastardo.

— Sabe o que quero dizer.

— Sim, eu sei — murmura, me apertando. — Está com ciúmes.

— *Pfft.*

— Negue o quanto quiser, mas não mencionei nada sobre meu passado. Eu simplesmente sugeri que precisávamos nos comunicar sobre o que fazemos juntos, então de repente estava me ameaçando de morte.

Envergonhada porque ele está certo, escondo meu rosto na curva de seu pescoço. Quando beija suavemente minha garganta, sussurro — Sinto muito.

— Não se desculpe. Eu sei exatamente como se sente.

— Sabe?

— Por que não chama seu guarda-costas loiro de novo e vê como reajo?

Isso reduz minha irritação a um grau administrável. Eu me enterro mais perto dele, fechando os olhos. — Não, obrigada. Mas podemos conversar sobre o que aconteceu no jantar?

Ele dá beijos suaves na minha garganta e ao longo da minha clavícula. — O que aconteceu é que você insultou o rei da *Bratva*, e ele a amou por isso.

— Tem certeza que ele não mudará de ideia mais tarde?

— Tenho certeza. O homem não teve ninguém que ousasse levantar a voz para ele por vinte anos. Achou seu pequeno discurso raivoso muito divertido.

— Não consigo entender porque ele estava tão bravo com você, no entanto.

Ele faz uma pausa e me beija para dizer pensativamente — Nem eu.

— Não tem permissão para sequestrar pessoas?

Ele ri. E considero isso um não.

— O que estavam falando em russo?

— Na maioria parte negócios.

— Ele contou como descobriu sobre mim?

— Não. Perguntei se era o homem que ele me mandou em New York para me ajudar a encontrar Declan, mas disse que não era. Disse que era um homem morto, um velho amigo que conhecia tudo e todos.

— Um homem *morto*? Passa muito tempo em um tabuleiro *Ouija*⁵³ conversando com espíritos?

— Eu também não entendi, mas *Pakhan* disse que queria me apresentar a ele. — Sua voz cai. — Agora que conheceu você.

— Eu? O que eu tenho com isso?

— Eu não sei.

— Isso tudo é muito estranho.

— Sim. Especialmente a parte em que ele me disse para tirar férias.

Levanto minha cabeça e olho para ele. — Umas férias?

— Um mês de folga — responde, balançando a cabeça.

— Ele já lhe deu umas férias antes?

— Nunca.

— Não acha isso estranho?

⁵³-O tabuleiro Ouija é usado na comunicação com o Outro Lado.

— Acho.

— Então, o que fará sobre isso?

Ele sorri. — Tirar um mês de folga.

Uma emoção perigosa passa por mim, como se eu estivesse à beira de um penhasco perigosamente alto, olhando para baixo. Com o objetivo de ser indiferente, digo — Para onde irá?

Seu sorriso é indulgente. — Olhe para você, tentando se fingir de inocente. Sabendo exatamente para onde irei. — Ele pressiona o mais suave dos beijos em meus lábios. — E com quem.

— Para a cabana — sussurro, beijando-o de volta. — Comigo.

Rolando em cima de mim, pega minha boca em um beijo profundo e ardente, enrolando sua mão em volta da minha garganta enquanto o faz. — Sim, com você — diz, a voz rouca. — Minha pequena cativa tagarela.

Envolvo meus braços em volta de suas costas, estremecendo de prazer ao sentir seu corpo grande e forte contra o meu. — Seu lenço de papel cinza amassado que alguém deixou no bolso por muito tempo.

— Minha teimosa guerreira.

— Seu rato de cervo sem-teto com os dentes minúsculos em forma de presas.

— Meu mundo.

É dito em um murmúrio enquanto olha profundamente nos meus olhos com adoração.

Engulo em seco, com meu coração batendo mais rápido. — Posso dizer uma coisa agora?

— Não.

— É super elogioso, no entanto. Você gostará.

— Eu já sei, baby. Posso ver em seus olhos.

— Oh. Está bem. Então, o sentimento é mútuo?

— Puta que pariu, mulher. Cale-se.

Ele me beija novamente, me dando um bom motivo para isso.



Pela manhã, voltamos para a cabana na floresta.

No caminho do aeroporto, pela estrada de terra esburacada, reúno minha coragem e pergunto a Mal sobre Spider. Espero que, já que não estamos na cama, ele não fique tão bravo.

Estou enganada. Assim que menciono seu nome, fica rígido.

— Ele está vivo.

— E continuará assim?

— Não se você continuar me perguntando sobre ele.

— Só estou perguntando porque você não disse nada. A última coisa que soube foi que o drogou e que disse para ele deixar o país, e que ele não foi.

Ele fica em silêncio por um longo tempo. Não tenho certeza se responderá, mas então responde, com a mandíbula trincada, olhando diretamente para o para-brisas enquanto dirige.

— Ele ainda está em Moscou. Farejando como um cachorro.

— O que está planejando fazer sobre ele?

— Nada.

Examino seu perfil, mas não consigo ter uma ideia do que está pensando. É como olhar para uma parede de tijolos. Se a parede de tijolos quisesse quebrar alguma coisa, claro.

— Lamento que esta conversa esteja irritando-o, mas tenho que saber se ele ficará bem.

Com uma enunciação lenta e precisa, responde — Por que isso é tão importante para você?

— Mal, olhe para mim.

Em vez disso, aperta a mandíbula. — Vamos. Só por um segundo.

Ele dá um suspiro exagerado, expira e então olha na minha direção.

Assim que nossos olhos se encontram, digo baixinho — Não tenho sentimentos por ele. Nunca tive. Prometo, mas gostei dele e foi muito legal comigo. Não quero que nada de ruim aconteça com ele. Tudo bem?

Ele mantém meu olhar por mais um momento, em seguida, olha de volta para o para-brisa.

Dirigimos por um tempo em silêncio. Eu o deixo trabalhar em sua cabeça sem importuná-lo, e finalmente sou recompensada quando diz a contragosto — Já disse que ele está fora dos limites. Ninguém pode tocá-lo. Se algo de ruim acontecer com ele, não será feito por nós.

Aliviada, deslizo pelo assento e me enfio embaixo do seu braço. Aninhando-me nele, beijo sua bochecha e sussurro — Obrigada, querido.

Ele diz com veemência — Odeio aquele filho da puta irlandês.

— Eu sei.

— Então, deveria odiar também. Ele atirou em você!

— Foi um acidente. Tenho certeza que ele não se sente bem.

Minha resposta é um rosnado descontente. Beijo sua bochecha novamente, e ele me aperta mais perto na sua lateral.

Decido deixar minhas perguntas sobre o futuro de Declan para mais tarde. No fundo do meu coração, já sei as respostas, de qualquer maneira.

Se Mal fosse matar Declan, já o teria matado.

Chegamos à cabana no momento em que Poe está pousando no parapeito de madeira da varanda, gritando para nós impacientemente por um petisco.



As próximas semanas são um sonho feliz.

A neve começa a derreter no prado. Uma profusão de flores silvestres brota do solo que está derretendo. Aperfeiçoo minhas habilidades de tiro ao alvo e aprendo a atirar um arco e flecha, embora apenas em árvores. Chego até a começar a trabalhar em um livro, um projeto com o qual sempre sonhei, mas para o qual nunca tive tempo.

Quando Mal me pergunta qual é a história, digo que é sobre uma garota que não sabe que está morta.

— Como aquele filme — diz. — Eu vejo pessoas mortas.

Sorrio para ele. — Não, esta é uma história de amor.

— Uma história de amor com *fantasmas*?

— Continue fazendo essa cara e nunca deixarei você ler.

Ele ri, me beija e deixa por isso mesmo.

Vamos para a cama cedo e dormimos até tarde, às vezes ficamos na cama o dia todo. Fizemos amor em todas as superfícies da cabana, inclusive em todas as paredes. Nunca estive mais feliz.

Prometo a mim mesma que, quando Mal tiver que voltar ao trabalho, ligarei para minha irmã. E lidarei com a vida “real”, mas ainda não.

Pela primeira vez, estou feliz, inteira e completamente em paz. Sinto que estava vagando perdida em um deserto, mas agora fui encontrada. Quero viver na cabana nesta floresta para sempre.

Até o dia em que Mal vai à cidade para reabastecer os suprimentos e tudo desmorona.

Eu deveria saber que algo tão bonito era bom demais para durar.

41

MAL

Vejo no instante em que entro na mercearia, porque ninguém daqui é assim.

Ninguém em lugar nenhum se parece assim.

Encostado na parede perto dos banheiros nos fundos, os braços cruzados sobre o peito considerável e um palito preso entre os dentes de estrela de cinema, ele é a imagem da elegância sem esforço.

É alto, musculoso e tem mangas cheias de tatuagens em ambos os braços. Seu cabelo escuro desce até os ombros. Tem a mandíbula angular de um super-herói e o porte orgulhoso de um toureiro.

Em uma camiseta de manga curta branca justa, jeans desbotados, botas de caubói e aviadores espelhados, parece o filho amado de James Bond e Elvis Presley, com uma pitada do pirata Barba Negra polvilhada em cima.

Odeio-o à primeira vista. Também sei instintivamente que ele não está aqui por acidente.

Está aqui por mim.

O estranho é que ele não está tentando esconder. Quer que eu o veja, isso é óbvio. A julgar pela maneira como está encostado na parede, arrogante como o diabo, quer que *todos* o vejam.

Ele tira os óculos escuros e me olha de cima a baixo. Estou grato em vê-lo apertar os lábios em insatisfação.

— *Dobroye utro*⁵⁴, Malek — diz a velha atrás do balcão à minha esquerda.

— Bom dia, Alina — respondo em russo, me virando para ela. Vou casualmente até o balcão, me certificando de que a estrela de cinema veja meu sorriso relaxado. — Como está hoje? Como está o joelho?

— Perfeito! Não posso acreditar como está bom. Anos mancando em toda parte acabaram assim. — Estala os dedos. — Deus me favoreceu quando fui movida para a frente da fila para essa cirurgia.

Não foi Deus quem a impulsionou na longa lista de espera do Ministério da Saúde, mas não mencionei isso.

— Fico feliz em ouvir. Você tem meu pedido pronto?

— Vanya está montando tudo. Apenas mais alguns minutos. Sente-se e tome uma bebida enquanto espera.

⁵⁴-Bom dia em russo.

Ela aponta para uma cafeteria *self-service* no lado oposto da loja. Atrás dela, há uma parede de vidro com vista para a rua.

— Farei isso. Obrigado.

Sem olhar para a estrela de cinema, que ainda está encostada na parede perto dos banheiros, me observando, vou até o bar, seleciono um copo de papel e me sirvo de um grande café.

Nunca tomo com creme ou açúcar, mas hoje tomo.

Faço um show elaborado ao escolher um adoçante artificial, vasculhando os pacotes de papel colorido em seu pequeno recipiente de metal como se estivesse esperando encontrar uma barra de ouro. Assobiando, coloco o adoçante no café. Em seguida, tomo um gole pensativo, balanço a cabeça, coloco a xícara na bancada de madeira e adiciono uma quantidade generosa de creme de leite fresco.

E bebo novamente. Quando produzo um alto e satisfeito — Ah! — uma voz ao meu lado diz — Jesus, Maria e José, está no ramo errado de trabalho. Deveria ter começado a atuar, companheiro. Isso merecia um maldito Oscar.

Seu tom é seco. Seu sotaque é irlandês. E quero enfiar uma faca em seu peito.

Ele desliza para um banquinho de metal ao meu lado e coloca seus óculos escuros no balcão. É quando noto as tatuagens nos nós dos dedos de sua mão esquerda: estrelas, flores, iniciais, uma caveira com uma adaga atravessada. Um quadrado preto que parece estar cobrindo outra coisa.

Meu corpo fica imóvel. Conheço essas tatuagens. Já as vi antes. Nessa ordem específica em cada dedo.

Tenho olhado para elas nos últimos dezesseis anos.

Em russo, ele diz baixinho — *Pakhan* manda lembranças.

Este irlandês fala russo. Conhece *Pakhan*. Usa a mesma tatuagem na pele. Sabia onde me encontrar e exatamente quando eu estaria nesta loja.

Coloquei meu café na mesa lentamente, levando um momento para me concentrar.

Quando me viro e olho para ele, está me observando com uma expressão alerta, possivelmente respeitosa, mas nenhum traço de medo.

— Quem é você?

— Um amigo, ou um inimigo. Tudo depende de você.

Lembro-me de algo que *Pakhan* me disse durante o jantar, e uma lâmpada se acendeu sobre minha cabeça. — O homem morto que sabe tudo.

Ele faz uma careta. Voltando ao inglês, diz — *Argh*, é assim que estão me chamando agora? Pareço um filme medíocre.

Depois de um momento em que apenas o encaro, ele aponta para o banquinho ao meu lado. — Sente-se, companheiro. Não gosto de esticar o pescoço. Você é um arranha-céu do caralho.

Sento no banquinho e fico olhando para ele. Ele sorri como se estivesse sendo entrevistado na TV. Há uma covinha na bochecha em que gostaria de enfiar um garfo.

— Então? Por onde devo começar?

— Seu nome.

— Killian.

— Sobrenome?

— Ganha um sobrenome se decidirmos que não nos mataremos.

— Se eu o quisesse morto, já estaria.

Ele sorri. — Essa é a minha fala. E já gosto de você.

— Do que se trata?

— Em poucas palavras, o futuro das nações.

Ele diz isso com uma cara séria, como se eu devesse ter alguma porra de ideia do que isso significa.

— Uh-huh. Parece importante.

— Não há necessidade de sarcasmo.

— É uma daquelas pessoas irritantes que nunca vão direto ao ponto?

— E agora está me insultando. — Balança a cabeça. — Quando *Pakhan* disse que tinha pouco charme, não estava brincando.

Lutando contra o desejo de pegar seu crânio entre minhas mãos e esmagá-lo, digo lentamente — Vá. Direto. Para. A porra. Do assunto.

Em tom seco, diz — Já que pediu tão bem. — Estica-se, pega minha xícara de café e toma um gole. — Hmm. Isso é muito bom. — Estou prestes a socar seu nariz quando diz — *Pakhan* está com câncer. Pancreático. Ele ainda tem alguns meses, se assim for.

Isso me coloca de volta em meus calcanhares. Fico sentado com essa informação por um momento, digerindo-a em silêncio.

Killian me observa com olhos afiados como os de um falcão.

— Por que ele não me contou isso?

— Contará. Quero dizer, se ainda estiver vivo quando essa conversa terminar.

— Ameace-me de novo e veja o que acontece.

Casualmente levanta um ombro. — Não é uma ameaça. É um fato. Se esta reunião for para o lado errado, você é um homem morto.

Eu rio. — Pode ser a pessoa mais estúpida que já conheci.

— Eu não esperaria que tivesse medo, mas estou lhe dizendo a verdade. Sou muito bom no que faço.

— Não tão bom quanto eu.

Ele sorri para mim como sorri para um bebê. — Está bem. Seguindo em frente. Ainda está planejando tentar matar Declan O'Donnell?

— Tentar? — Repito com os dentes cerrados.

— Isso não foi um insulto. Só preciso saber em que pé está.

Rosno — Você tem exatamente dez segundos antes que eu perca minha paciência e o envie para encontrar seu criador.

Pode ser minha imaginação, mas acho que esse filho da puta quer revirar os olhos.

— *Pakhan* recomendou você como seu substituto.

Quase caio do banquinho.

— Oh, olhe — diz Killian, divertido. — Godzilla está surpreso.

Consigo repetir — *Substituto?*

— Sim, mas aqui está a questão, Malek. *Pakhan* não está fazendo o que acha que ele está fazendo. Aquele trabalho que ele tem? O grande chefe da *Bratva*? Isso é para o show. O que está realmente fazendo é muito mais relevante. Pare de ficar zangado comigo, isso não vai ajudá-lo a entender nada com clareza.

Depois de um momento, digo — Se isso é a porra de uma piada, não estou achando graça.

Eu recebo o sorriso condescendente novamente. — Você parece não ter senso de humor, mas não, não é uma piada.

Nós nos encaramos. Enquanto decido o que dizer a seguir, bebe mais do meu café.

— Então foi você quem contou a *Pakhan* sobre Riley.

Sua voz aquece. — Ah, sim. Riley. Gostaria de conhecê-la. Acho que ela e minha esposa se dariam muito bem. Elas têm muito em comum. Juliet é filha de um homem que tentou me matar várias vezes. Um dos meus piores inimigos. Oh, deve ter ouvido falar dele. Antonio Moretti? Conhece? Ele costumava ser o chefe da Cosa Nostra em New York, mas agora está morto. — Ele ri. — Morto como eu, quero dizer.

Quanto mais essa conversa continua, mais propenso estou a estourar um vaso cerebral.

— *Pakhan* estava muito preocupado por tê-lo julgado mal quando soube que sequestrou Riley. Não te considerou um estuprador. Pensou que isso estava fora do personagem. Desnecessário dizer que ficou aliviado ao descobrir que a garotinha não só não foi molestada, como também lhe tinha dado muito brilho.

— Não foi molestada? — Digo, espantado. — *Brilho?*

Ele acena com a mão com desdém. Vi Riley fazer exatamente o mesmo gesto quando pensa que estou sendo um pé no saco.

— Você salvou a sua vida. A futura cunhada do assassino do seu irmão. Um homem que jurou matar por vingança. É tudo muito shakespeariano, não acha? Como eu e Juliet. — Ele sorri de

novo, algo que parece gostar demais de fazer. — Não adora um bom drama romântico?

Olhando para ele, digo — Eu amo um bom assassinato.

— Ah. Você não é engraçado.

— Como posso saber se isso é verdade?

— Ligue para *Pakhan*. Ele confirmará.

— Por que ele iria me querer como seu sucessor? Eu matei o seu primo.

— O garoto era um idiota. Todo mundo pensava isso. E você tem sido incrivelmente leal e eficiente. Além disso, tem esse lado benfeitor. Ele acha que está pronto para o trabalho.

— Benfeitor?

— Defendendo seu irmão mais novo que estava sofrendo *bullying*. Tentando salvar prostitutas com generosas doações em dinheiro. Joelho de Alina. Apenas alguns dos numerosos exemplos.

— Como diabos sabe sobre isso?

Seu sorriso é presunçoso. — Eles não me chamam de homem que sabe tudo sem motivo.

Com exceção de Declan O'Donnell, nunca conheci ninguém que gostaria de matar mais. — Por que *Pakhan* não me contou tudo isso sozinho?

— Tinha que examinar você.

— *Examinar-me?*

— Pare de repetir tudo o que eu digo.

— Se você fizesse algum sentido, não teria que repetir.

Killian exala um suspiro curto e irritado. — Olha. Sou o líder de uma organização multinacional. Um grupo clandestino de treze homens especializados em espionagem, geopolítica, guerrilha e espionagem avançada para impedir o terrorismo global. Somos o verdadeiro poder por trás dos tronos. Não faça essa cara para mim, seu grande idiota.

— É só que essa é uma história fascinante que está tecendo. Por favor, continue.

Ele murmura algo em gaélico. — Como estava dizendo. Estamos todos trabalhando disfarçados de alguma forma, disfarçados de reis da máfia, políticos corruptos, magnatas dos negócios obscuros, o que você quiser.

— Uh-*huh*. E o objetivo de todo esse disfarce?

— Salvar o mundo.

Inacreditavelmente, diz isso sem nenhum traço de autoconsciência ou consciência de quão ridículo soa. Sua arrogância é impressionante.

Decido jogar junto com sua insanidade. — Como se chamam? Os Vingadores?

— Os Treze.

Eu bufo. — Parece uma *boy band*.

— Vá se foder.

— Deixe-me adivinhar... inventou isso, campeão?

Ele me encara e agora estou me divertindo.

— E suponho que seja o Número Um, certo?

— Sabe, gostava mais de você quando estava apenas fazendo uma produção da Broadway servindo-se de um café.

— Quem é o número Dois? Porque isso é meio estranho. Todo mundo ri durante as reuniões quando seu nome é chamado?

Posso dizer que ele está debatendo se deve ou não ir em frente e me matar, e não posso deixar de sorrir.

Do outro lado da loja, Alina chama meu nome. — Seu pedido está pronto!

— Essa é a minha deixa, *Número Um*. Percebe que se apelidou de mijo, certo? Você é o *mijador* principal.

— Eles só dizem isso nos EUA.

— Não, todo mundo sabe disso.

— Não, não sabem.

— Sim, sabem.

Ele range os dentes por um tempo, depois se levanta. Coloca os óculos de sol de volta no rosto e coloca as mãos nos quadris.

— Obviamente, não estamos interessados em você por causa da sua personalidade, porque é uma merda. Você tem habilidades que podemos usar. Armamento, tecnologia, linguagens, disfarces, pensamento crítico. Levei muito tempo para encontrá-lo, o que nunca acontece, então é um especialista em encobrir seus rastros. Pode pilotar um avião. Operar drones. É proficiente em entrada e saída de espaços trancados.

— Poderia apenas dizer entrando e saindo. Não precisa ser tão pretensioso sobre isso.

A respiração que ele exala é lenta e controlada. Estou deixando-o louco. Meu sorriso pode ser descrito como um comedor de merda.

Ele decide que as gentilezas acabaram e pronuncia — Se você se recusar a se juntar a nós, morre.

Levanto minhas sobrancelhas. — Não é exatamente um *slogan* estimulante de recrutamento, é?

— Isso não é uma ameaça inútil.

— Sim, posso ver que está muito sério. Sua covinha está piscando para mim.

Depois de uma pausa, diz amargamente — Você é um idiota arrogante.

— Diria que é preciso ser um para conhecer outro, mas estou com tanto medo de que perca a paciência e me mate.

Quando pressiono meus lábios para não sorrir, ele balança a cabeça em desgosto.

— Entrarei em contato novamente em alguns dias. Nesse interim, fale com *Pakhan*.

— Prazer em conhecê-lo, *Número Um*. Divirta-se no hospício.

Murmurando em gaélico, ele caminha em direção à saída.

Grito atrás dele — Diga oi para o *Número Dois* por mim!

A porta bate atrás dele e ele se foi.

Coloco os mantimentos na caminhonete, em seguida, começo o caminho de volta para a cabana. No caminho, ligo para *Pakhan*. Conversamos a hora inteira que levo para chegar em casa.

No momento em que chego, *Pakhan* confirmou tudo o que Killian me disse.

Ele está morrendo de câncer. Quer que eu seja seu sucessor.

Ele e o arrogante irlandês com o complexo de Deus têm trabalhado disfarçados juntos por anos para se infiltrar e eliminar os maiores ratos do ninho, por assim dizer, junto com os outros membros dos Treze, que definitivamente não são uma *boy band*.

Por último, mas não menos importante, minhas opções são limitadas: aceitar o papel a qual estão me oferecendo, ou passar o resto da minha vida evitando balas deste maldito Killian irritante e sua equipe de doze assassinos, altamente treinados e bem financiados. Bons discípulos.

A questão é que, não importa o que aconteça a seguir, não posso mais manter minha *Little Bird* engaiolado.

Serei um homem morto ou o rei de *Bratva* com mil novos alvos nas costas e mais segredos do que qualquer homem deveria ter.

Só há uma maneira de protegê-la agora.

Abra a porta da gaiola e deixe-a voar para longe.

A um quilômetro da cabana, saio do acostamento e pulo para fora da caminhonete. Amaldiçoando furiosamente, descarrego o carregador da minha arma na árvore mais próxima. Recarrego e esvazio outro. Então pego o machado que guardo na caixa de ferramentas na caçamba da caminhonete e corto várias outras árvores, até que estou suando e ofegante, e minhas mãos estão em carne viva.

Nada disso ajuda. Não há nada que possa me ajudar a tirar essa dor do meu sistema.

Eu sabia que esse dia chegaria, de uma forma ou de outra. Ainda não estou preparado para isso, mas o fato é, uma garota como Riley não pertence a um homem como eu. Um homem com minha vida e todo o horror que vem com ela.

Todo mundo sabe que o dragão não fica com a princesa no final.

O dragão não salva o dia.

É para isso que servem os cavaleiros brancos.

Jogo o machado no chão e solto um forte suspiro. Inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e fico imóvel, apenas respirando, até saber que minha voz soará firme.

Então pego meu celular do bolso e ligo para o Lenin Hotel em Moscou. Quando uma mulher na recepção atende, digo a ela para me conectar ao quarto número 427.

Depois espero, com o coração partido e mal do estômago, por Spider atender o telefone.

42

RILEY

Posso dizer que algo está errado no momento em que Mal entra pela porta.

Carregando sacos de papel pardo com mantimentos, está tenso. Sua energia é estranha. Ele não olha para mim.

Sentada na mesa da cozinha com meu bloco de notas amarelo, vejo-o colocar as sacolas no balcão, voltar e sair novamente.

— Mal?

Ele para no meio do caminho. E não se vira.

— Perguntarei o que há de errado e você me dirá a verdade. Está pronto?

Ele não responde.

— O que está errado?

Vejo seus ombros subirem enquanto inala. Quando fala, sua voz é baixa e rouca.

— Eu conversei com *Pakhan*.

Meu estômago embrulha. Se está falando com *Pakhan*, isso deve significar que é a sua hora de voltar ao trabalho. Suas férias acabaram.

Nossa pequena bolha perfeita estourou.

Eu me levanto, cruço com ele e coloco minhas mãos na frente de sua camisa. Olhando para o seu rosto, digo — Você está bem?

Ele fecha os olhos e expira em uma rajada. Parecendo infeliz, diz — Você se preocupar comigo acima de todas as coisas, torna tudo muito pior.

— Não posso evitar. Gosto de você.

Ele abre os olhos e me encara com um olhar torturado.

— Tudo bem, uau. Esse rosto está me assustando.

Emoldura meu rosto com as mãos e me beija. O beijo é dolorosamente terno e me assusta *pra* caralho.

Meu coração começa a bater forte. — Isso é sobre ter que voltar para a cidade?

Quando ele balança a cabeça, fico fraca de alívio. Do jeito que estava agindo, achei algo inesperado. — Bem, se isso lhe deixar com a mente tranquila, posso ficar aqui enquanto tem que ir trabalhar, se quiser.

Apenas me encara em silêncio. Parece que ele está esperando por mais uma explicação.

— Digo, estou completamente curada agora. Sei como atirar com todo tipo de arma no caso de outro urso decidir visitar. E, sinceramente, a ideia de ficar naquela cripta no seu apartamento enquanto está trabalhando não me incendeia exatamente. Não quero ficar longe de você, mas também espero nunca mais ver Masha, a Deusa Dourada, ou viver de jantares congelados. — Sorrio para ele. — E você só sai por um ou dois dias de cada vez, então acho que será capaz de sobreviver sem mim por um tempo.

Com a voz rouca, diz — Precisar ficar mais um pouco dessa vez.

Provoco — Quanta dedicação. *Pakhan* deve estar muito orgulhoso.

Ele engole, seu pomo de Adão balançando.

Fico na ponta dos pés, envolvo meus braços em volta de seu pescoço e o beijo. — Eu sei — sussurro contra sua boca. — Eu também não queria que acabasse, mas talvez *Pakhan* lhe dê outras férias em breve. Já que ele gosta tanto de mim e tal.

Com um gemido fraco, ele toma minha boca em um beijo desesperado, me dobrando na cintura e me devorando. Quando subimos para respirar, estou rindo.

— Eu deveria mandá-lo ao supermercado com mais frequência!

Ele me encara com aqueles olhos torturados de novo, então me libera abruptamente e sai.

Olhando-o, debato se devo segui-lo, mas decido dar a ele seu espaço. Guardo as compras e volto a escrever.



Naquela noite, ele me fode com tanta intensidade que me assusta.

Depois, deitamos no escuro, silenciosos e suados, com os membros emaranhados. Seu coração bate embaixo da minha bochecha. Eu quero dizer algo, mas não sei o que, então fico quieta e o deixo me segurar em seus braços fortes.

Perto do amanhecer, ele se levanta da cama e fica nu na janela, olhando para fora. Suas mãos fecham e abrem, como se ele precisasse bater em algo.

— Querido? Volte para a cama.

Sem se virar, murmura — Deixe-me fazer uma pergunta, *malyutka*. Se você pudesse escolher entre manter algo precioso para você, seguro, mas a segurança significaria deixá-lo ir para sempre, ou mantê-lo em perigo constante, ou tê-lo perto de você, o que escolheria?

— Hipoteticamente?

— Sim.

— Como se fosse você?

Ele apoia o braço na parede, inclina a cabeça e assente. Seu comportamento me assusta. Sei que esta não é uma questão hipotética simples. Está pesando uma escolha e tem a ver comigo.

Digo com firmeza — Eu o manteria em perigo constante.

Sua risada é baixa e sem alegria. — Não, não manteria. Você não é tão egoísta.

— Sim, sou. Eu *sou*.

Ele se vira para e me olhar. Na crescente luz cinza, está tão bonito como sempre. Seus olhos estão queimando. — Nunca mentiu para mim antes.

— Nunca achei que fosse necessário. O que está acontecendo?

Ele não responde. Evitando meus olhos, vai para o armário e emerge rapidamente totalmente vestido. Quando desaparece na cozinha, voou para fora da cama e me visto também, então o sigo, tentando não entrar em pânico. Encontro-o parado na pia da cozinha, olhando para ela, imóvel.

— Mal. Malek.

Ele não responde. Isso realmente me irrita.

— Ficarei aqui repetindo o seu nome até que me diga o que diabos está acontecendo.

Parecendo resignado, ele diz — Tenho que voltar para a cidade novamente. Deixei algo na mercearia ontem.

— Eu vou contigo.

Ele vira a cabeça e me olha. Sua expressão é ilegível.

— Vou com você — insisto. — Se acha que me deixará aqui depois de lançar essa bomba sobre deixar ir para sempre algo precioso para você, está louco.

Um pouco do meu pânico é aliviado quando ele sorri. E diz suavemente — Tudo bem, *malyutka*. Você virá comigo. — Estende o braço.

Eu cruzo para ele e o abraço, envolvendo meus braços em volta de suas costas e enterrando meu rosto em seu peito. Minhas palavras são abafadas por sua camisa. — Quando voltarmos, promete falar comigo?

Ele respira fundo e lentamente. Quando expira, sussurra — Prometo.

Não entendo porque soa tão angustiado.



A viagem para a cidade é feita em silêncio tão alto que é ensurdecador. Sento-me bem ao lado de Mal, segurando sua mão, lançando um olhar preocupado ocasional para seu perfil.

Está tão duro quanto granito. Ele está inacessível, recuando para algum lugar dentro de sua cabeça, onde obviamente não quer que eu o siga. Sei que essa nova distância tem a ver com a sua ligação para *Pakhan*.

Talvez Mal esteja com problemas, ou talvez haja algo excepcionalmente perigoso que foi incumbido de fazer. Os detalhes não me importam tanto quanto o porquê de ele não quer falar comigo sobre isso.

Seu silêncio é a parte assustadora. Ele está em sua cabeça, brincando com seus monstros, e não me deixa entrar.

Chegamos à mercearia enquanto eles destravam as portas. Mal estaciona a caminhonete na frente, desliga o motor e diz — Já volto. Fique aqui.

— O inferno que vou — murmuro, abrindo a porta do passageiro. Salto para fora, bato a porta atrás de mim e fico lá esperando por ele com meus braços cruzados sobre o peito, carrancuda.

Ele me encara pelo para-brisa por um momento, depois balança a cabeça e sai.

Pegando meu braço, me leva para a mercearia.

É pequena e charmosa, com um toque familiar. Há um café de um lado, em frente à caixa registradora, e uma grande exibição de vegetais em cestas redondas a frente. Além de nós e a velha senhora virando a placa na vitrine, a loja está vazia.

Mal cumprimenta a mulher com algumas palavras em russo. Ela acena com a cabeça, sorrindo, e se arrasta em direção ao fundo da loja.

— Preciso usar o banheiro. Fique longe de problemas.

Ele me beija na têmpora, inalando contra minha pele por um momento e me dando um aperto antes de se afastar abruptamente e ir para o fundo da loja.

Eu o vejo entrar no banheiro masculino e fechar a porta, então me viro para a exibição de legumes.

Depois de um momento, uma sensação desconfortável arrepia todos os pelos da minha nuca. Franzindo a testa, olho para cima e ao redor, em seguida, respiro chocada.

Vestido com uma roupa de combate preta da cabeça aos pés, incluindo as botas e o colete à prova de balas, Spider permanece imóvel ao lado da caixa registradora, me olhando.

Ele parece terrível. Mais magro, exausto e com os olhos selvagens como um viciado. Uma cicatriz rosada e irregular desce cinco centímetros em sua têmpora. Com um lampejo de terror tão frio que me deixa congelada, percebo o que Mal fez.

Eu sussurro — *Não*.

Spider entra em movimento ao mesmo tempo que eu. Nem consigo sair pela porta antes que ele me pegue.

— Mal! — Grito, me debatendo nos braços de Spider. — Mal! Não! Não! Não faça isso!

Spider está me dizendo algo, falando rapidamente em voz baixa enquanto me arrasta porta afora, mas não posso prestar atenção nisso, porque estou muito ocupada gritando e tentando fugir.

É inútil. Mais magro ou não, Spider ainda é muito mais forte do que eu. Seus braços são barras de ferro. Eu chuto e giro, mas ele consegue me empurrar para dentro da van preta que está parada no meio-fio, com a porta lateral deslizante aberta. Empurra-me para dentro e bate à porta.

Eu caio sobre ela, ofegando e puxando, mas não abre. Está trancada.

Em minhas mãos e joelhos sobre o chão de metal da van, me arrasto para o par de portas de vaivém na parte de trás; também estão trancadas.

Spider liga o motor. A van sai, me jogando contra a janela traseira.

Mal sai da loja.

Ele fica imóvel, me olhando com olhos angustiados enquanto eu grito seu nome sem parar e bato com os punhos nas janelas.

Ainda estou gritando muito depois de ele sumir de vista.

43

DECLAN

Respirando mais fácil, me desconecto de Spider e me viro para olhar para Sloane.

Ela está parada como uma estátua, seus olhos analisando meu rosto. A partir do momento em que recebemos a ligação ontem de que Spider havia localizado Riley e iria buscá-la, ela não comeu, dormiu ou falou uma palavra. A única coisa que fez foi torcer as mãos e andar.

Eu digo baixinho — Ele está com ela.

Ela cai de joelhos no tapete, cobre o rosto com as mãos e começa a chorar. Ajoelho-me ao seu lado e a seguro, balançando-a silenciosamente em meus braços.

Quando o pior passa e ela está fungando, murmuro — Estão no ar agora. Estarão aqui em cerca de nove horas.

— Como ela está? Ele disse alguma coisa? Está machucada?

— Ela não parecia estar ferida. — Hesito, não querendo atizar as chamas. — Mas ele disse que ela estava histérica.

Sloane levanta a cabeça e me encara com olhos vermelhos lacrimejantes. — Bem, não me admira! Depois do que deve ter passado, ela está histérica de alívio, pobre criança! Está morrendo de vontade de voltar para casa!

Não foi exatamente assim que Spider disse, mas segurarei isso. Eu mesmo preciso colocar os olhos em Riley para julgar sua condição.

— Por que não tenta dormir um pouco?

Ela diz irritada — Dormirei quando ela estiver aqui. Se me deitasse agora, ficaria apenas olhando para o teto. — Geme e cobre o rosto com as mãos novamente. — Oh, Deus. Ela me odeia. É minha culpa tudo isso ter acontecido em primeiro lugar.

— Vamos nos concentrar no que é positivo, amor. Nós a pegamos. Está voltando para casa. Anda, vamos para o sofá. Vou preparar uma bebida para você.

Eu a ajudo a se levantar e a coloco no sofá. Em seguida, beijo sua testa e vou até a cozinha para nos servir uma boa dose de uísque.

Tenho a sensação de que precisaremos.

Dez horas depois, estou certo quando Riley irrompe pela porta à frente de Spider, canalizando as energias de *Katniss Everdeen* de *Jogos Vorazes* e da moça assassina de *Kill Bill*, que empunhava espadas de samurai. Se ambas estivessem drogadas com metanfetaminas e tivessem vivido em uma árvore na floresta.

— Leve-me de volta! — Grita como uma saudação. — Envie-me de volta neste minuto de merda!

Então ela fica no meio da sala com as pernas abertas e os punhos cerrados, respirando com dificuldade e rosnando.

Sloane está paralisada de choque ao meu lado. Seus lábios estão separados e seus olhos estão arregalados. Não pode acreditar no que vê.

Compreensível, porque sua irmã mais nova obviamente não é mais sua irmã mais nova. Ela se transformou em algum tipo de versão *duende idiota* do Rambo.

Seu cabelo descolorido mostra sete centímetros de raízes mais escuras. Ela fica mais alta por causa das botas de estilo militar que está usando. Suas calças são do tipo tático que os caçadores usam - com muitos bolsos de velcro para o equipamento - e sua camiseta preta justa mostra seus músculos bíceps surpreendentemente bem desenvolvidos.

E aqueles olhos.

Cristo.

Eles sempre estiveram escondidos atrás de óculos grossos antes, mas agora os óculos se foram e seus olhos estão brilhando com fúria de bronze dourado por toda a sala.

Sloane diz provisoriamente — Riley?

O olhar furioso de Riley corta para ela. Ela a olha de cima a baixo e diz secamente — Oi, *Hollywood*. Diga ao seu homem para colocar minha bunda de volta em um avião para a Rússia dentro de uma hora, ou queimarei esta casa.

Spider entra lentamente na sala atrás de Riley. Horrorizada, Sloane pede ajuda a ele.

Ele balança a cabeça. — Ela está assim desde que a peguei.

— Sequestrou-me — Riley corrige.

Sloane grita — Ele te *salvou*.

— Sério? Ele me perguntou se eu queria ir embora? Porque se fez, eu com certeza não ouvi. Estava muito ocupada chutando e gritando.

— Claro que queria ir embora! Você estava na *Rússia!*

— Sim. Adivinha? É onde eu moro agora.

Sloane leva a mão à garganta e faz uma pausa para se recompor. — Vamos nos acalmar por um minuto. Declan, pode pegar uma bebida para todos nós?

Riley diz — Não posso mais beber álcool.

— Por que não?

— Estou sem um rim.

Não era para ele, mas Spider endurece de qualquer maneira. Ele retruca — Sabe que foi Malek quem me disse onde encontrá-la, certo? Ele me ligou, *o próprio*.

O olhar que Riley lhe envia poderia derreter aço. — Claro que sei que foi ele. Ninguém mais é tão altruísta.

O rosto de Spider fica vermelho. Dá um passo à frente, eriçado. — Altruísta? O assassino que invadiu seu quarto e fugiu com você no meio da noite é *altruísta*?

Riley olha para ele por um longo momento, então diz baixinho — É um bom homem. E sei que queria me ajudar indo a Rússia, então, obrigada por isso. Você e seu chefe aqui contudo mataram pessoas, então não use a palavra “*assassino*” como se estivesse em algum tipo de terreno moral elevado. Malek Antonov é o melhor homem que já conheci.

Spider parece que acabou de levar um chute no estômago.

Riley se vira para mim e me lança um olhar mortal tão forte que quase dou um passo para trás.

— E *você*.

— Eu? O que *eu* fiz?

Ela balança a cabeça como se estivesse profundamente desapontada comigo. — Este trabalho que faz. Essa coisa que faz para viver. *Sr. Grande Chefe da Máfia*. Escolheu está vida, não é?

Sinto que essa é uma pergunta capciosa, então cruzo os braços sobre o peito e a encaro. Ela não parece intimidada.

— Foi o que pensei. Ninguém o forçou a isso. Ninguém colocou uma arma na cabeça de toda a sua família, colocou? Ninguém disse: “*Torne-se meu assassino particular ou todo mundo que ama morre*”, mas foi exatamente isso que aconteceu com Mal. Tudo o que ele já fez foi a serviço de outras pessoas, incluindo o que ele acabou de fazer por mim.

— Não vamos pintar um quadro muito otimista, *lass*. Ele foi às Bahamas para me matar, lembra? A quem estava a serviço, senão a si mesmo?

Seus olhos brilham. Sua voz cai. — Você matou o seu irmão. Seu último parente vivo. Uma pessoa que ele amou e protegeu durante toda a sua vida. Então, sim, veio aqui para se vingar, mas não vingou. Você consegue adivinhar por quê?

Quando ninguém diz nada, sua voz se eleva.

— A razão está bem a sua frente. Pedi a ele que não matasse você, e Spider, e ele não matou, *porque não queria me decepcionar, porra*. Portanto, de nada por salvar suas vidas. Agora me coloque em um avião de volta para a Rússia!

Depois de um longo e silencioso momento, Sloane se vira e olha para mim.

— Que divertido — diz secamente. — Síndrome de Estocolmo é de família.

44

RILEY

É engraçado, estar apaixonada. Não se percebe de perto. É muito massivo.

Só quando se está em um avião com destino a cinco mil quilômetros de distância é que o grande quadro emerge, e se dá conta de que a pessoa que está deixando para trás é alguém sem a qual não pode viver.

Compreende isso porque, quilômetro por quilômetro, seu coração parece ser esmagado e seu estômago torcido em nós e todas as células de seu corpo gritam seu nome no topo de seus pequenos pulmões celulares.

A dor da separação é esmagadora. Você se sente como se fosse morrer.

Você quer morrer, se isso significa que jamais poderá vê-lo novamente.

E a raiva. *Oh, Deus!* A raiva por ter sido ele quem forçou a separação em primeiro lugar. Ele com seus princípios estúpidos e sua tendência superdesenvolvida para o autossacrifício.

Se ele soubesse que estaria me matando com essa separação, não me salvando, talvez tivesse pensado duas vezes.

Assim que o vir de novo, chutarei o seu traseiro barbudo.

Uma batida a porta me tira da minha cabeça. Estou em um dos quartos, nesta nova casa de Sloane e Declan, causando uma ranhura no piso de madeira com meus passos. Causando uma ranhura em meu cérebro, repassando e repassando tudo que Mal me disse antes de partirmos para a cidade.

Sabia que eu insistiria em ir com ele. Ele também sabia que eu insistiria em não ficar na caminhonete do mercado. Ele poderia prever exatamente o que eu faria a cada passo, e agora estou chateada comigo mesma por ser tão óbvia. Estou mais chateada com ele por não ter me contado o que aconteceu com *Pakhan*.

O que foi tão horrível que fez ele me mandar embora?

— Entre.

Sloane abre a porta, entra e a fecha atrás dela. Inclina-se contra ela, me olhando enquanto continuo a andar para frente e para trás no final da cama.

— Ei, *Smalls*.

— Hollywood.

— Você parece diferente.

— São as lentes.

— É tudo.

— Sério? É aí que estamos começando? Com minha aparência?

Ela joga as mãos para o alto. — Por onde devo começar?

Paro de andar e olho para ela. As olheiras se aninham nas cavidades sob seus olhos. Seu cabelo está escorrido e despenteado. Nunca a vi parecer nada menos do que perfeitamente arrumada antes. Mesmo quando tinha quinze anos e ostentava um moicano preto, era artisticamente gelificado.

O fato de ela estar obviamente preocupada comigo derrete um pouco do gelo da ponta do iceberg que sinto por ela.

Em uma voz mais suave, digo — Estou bem. Mal cuidou muito bem de mim. E obrigada por enviar Spider para me resgatar, embora não precisasse ser resgatada.

Ela me considera em silêncio por um momento, então murmura — Não, não parece que precisava.

Olhamos uma para a outra pelo quarto, até que ela diz — Você está sem um rim?

Eu concordo. — E meu baço.

Ela sussurra — Jesus.

— Sim, levar um tiro é uma infinidade de risos.

Ela esfrega a mão no rosto, suspirando. — Spider está arrasado com isso.

— Ele não precisa estar. Exceto pela cicatriz estúpida em forma de raio e os pesadelos ocasionais, estou bem.

— Cicatriz em forma de raio?

Levanto minha camisa e puxo para baixo o cós da minha calça. Os olhos de Sloane se arregalam. Seu rosto empalidece. Ela coloca a mão sobre a boca e encara minha barriga como se estivesse tentando não vomitar.

Lembrando-me de como Mal o descreveu, murmuro — Nada mal, minha bunda.

— Oh, meu Deus, Riley.

Abaixando minha camisa, aceno com a mão. — Parece pior do que foi. — Isso é mentira, mas ela não parece poder lidar com a verdade no momento, então continuarei mentindo.

Sentindo-me como um animal enjaulado, começo a andar novamente.

— Então... esse tal de Malek.

— Não diga o seu nome como se tivesse um gosto ruim.

— Sinto muito, mas tudo o que ouvi nos últimos três meses foi que ele é um monstro e que...

— Espere. *Três meses?* Eu não estive fora por muito tempo.

— Sim, estive.

Penso por um minuto, tentando montar um cronograma. —
Que mês estamos?

— Junho. É dezoito de junho.

— Puta merda.

— Sim.

— E Spider esteve em Moscou esse tempo todo?

Ela faz uma pausa. — Contra os desejos de Declan, sim.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, Declan o proibiu de ir. Spider foi mesmo assim.

Se Spider foi contra as ordens de seu chefe, isso só pode significar uma coisa: Mal estava certo sobre ele ter sentimentos por mim.

Este é um desastre gigantesco.

Eu paro de andar e sento na beira da cama, deixando cair minha cabeça em minhas mãos. Sloane se aproxima e se senta ao meu lado. Pousa a mão levemente nas minhas costas. Ficamos assim por um tempo, até que algo me ocorre.

— O que quis dizer com aquele comentário sobre a Síndrome de Estocolmo?

Ela limpa a garganta. Então ri uma risadinha envergonhada.
— Declan me sequestrou. Foi assim que nos apaixonamos.

Chocada, me sento, olhando para ela. — De jeito nenhum.

— Juro por Deus.

— Mesmo?

— Sim.

— Eu diria puta merda de novo, mas seria redundante.

— Eu sei. É extremamente bizarro.

Depois de um momento gasto reajustando meu cérebro, rio.
— Olhe pelo lado bom. Finalmente temos algo em comum. —
Quando seus olhos se enchem de lágrimas, fico horrorizada. — Eu
juro que não disse isso para ser maldosa.

— Eu sei. — Ela funga, olhando para baixo. — Mas é
verdade. E nos últimos meses, tenho me crucificado por todas as
maneiras como falhei com você como irmã mais velha.

Senhor, ai está a rainha do drama. Meu suspiro é pesado. —
Caramba. A única vez que falhou comigo foi quando roubou meu
namorado.

Ela levanta a cabeça e me encara. — *O quê?* Eu não fiz tal
coisa!

— Sim, fez.

— Não, não fiz!

Eu zombo. — Não sei que tipo de história revisionista criou
em sua cabeça, irmã, mas você definitivamente fez.

Indignada, ela salta da cama e me encara. — Quem? Quando?

— Sério? Você realmente quer entrar nisso agora?

— Sim! Porra, agora! Começa falando!

Tudo bem, *aqui está* a Sloane que conheço. A Sloane mandona, impulsiva e confiante que uma vez considerou seriamente tatuar as palavras “*Pussy Power*”⁵⁵ acima de seu cóccix.

De certa forma, estou aliviada. Essa Sloane chorosa me assusta.

— Chris. Minha festa de vinte e um anos.

Franzindo a testa, ela pensa. — Sua festa de aniversário de vinte e um anos foi naquele clube em San Francisco. Chris era aquele cara alto com quem estava namorando que tinha aquele olho estranho e preguiçoso.

Digo amargamente — Vejo que tudo está voltando para você agora.

— Nunca fiquei com aquele cara.

Perco a paciência e grito para ela. — Pelo amor de Deus, Sloane, você me *disse* que estava namorando-o!

⁵⁵-Vadia poderosa.

Ela cruza os braços sobre o peito e me olha por baixo do nariz.
— Bobagem. Você devia estar chapada na hora.

— Uh, *não*, eu estava ao telefone com você depois de ouvir a minha amiga dizer que pensou ter visto vocês dois juntos. Você admitiu.

— Isso é ridículo! Eu nunca namoraria um cara com um olho preguiçoso!

— Cara, eu realmente me pergunto sobre suas prioridades.

Ignorando isso, ela insiste — Você tem alguma ideia de quantos caras chamados Chris eu namorei?

Murmuro — Acho que o número está na casa dos milhares.

— Exatamente! Jesus Cristo, Riley, nunca faria isso com você! *Nunca!* — Olhamos uma para a outra, até que seu rosto se contorce. — Você não acredita em mim.

Advirto — Não ouse começar a chorar, sua covarde. Eu é que deveria estar gritando aqui, não você.

Ela morde o lábio e pisca muito. Quero pular e bater nela. Uma batida a porta me distrai.

— Posso entrar?

É Declan. Meu batimento cardíaco fica acelerado. Pulo da cama e abro a porta para encontrá-lo ali com um olhar de dor no rosto, como se estivesse constipado.

— Organizou o voo? Quando vou embora?

Ele olha para Sloane. Quando olha para mim, diz — Preciso te dizer uma coisa, *lass*. Você deveria se sentar para isso.

Aceno para ele. — Penso melhor de pé. Apenas me diga o que está acontecendo.

Ele olha para Sloane novamente. Isso me deixa nervosa.

— O quê?

— Vocês duas são muito parecidas.

Merda, não esse disco quebrado de novo. — Sim, continuo ouvindo isso. O que está acontecendo?

— Posso entrar?

Eu me afasto e o deixo entrar no quarto. Ele vai direto para Sloane e lhe dá um abraço e um beijo, em seguida, passa o polegar em sua bochecha, olhando ternamente para ela. Parece que está prestes a começar a jorrar poesia.

Eu jogo meus braços no ar. — Tenho o dia todo!

Ele se vira para mim com Sloane debaixo do braço. — Quer as boas ou as más notícias primeiro?

Olho para Sloane. — Ele não sabe que sua vida está em perigo?

Envolve os braços em volta da sua cintura e olha para ele. — Você provavelmente deveria ir direto ao ponto, querido. Gosto mais de você sem marcas de facadas por todo o corpo.

Ele encolhe os ombros. — Tudo bem, se insiste. Malek é o novo chefe da *Bratva* russa.

Isso me deixa sem fôlego. Aí está então. O motivo pelo qual Mal me queria fora da Rússia.

Lembro-me de sua pergunta hipotética sobre manter algo precioso por perto, embora fosse perigoso, e gostaria de ter batido uma frigideira em sua cabeça para forçá-lo a falar comigo.

Um erro que nunca mais cometerei.

Sacudindo a onda de emoção que está ameaçando me dominar, digo — O que aconteceu com *Pakhan*?

Declan levanta uma sobrancelha. — O que sabe sobre *Pakhan*?

— Que ele faz escolhas de moda questionáveis, incluindo o uso de pele de verdade e anéis de dedo mindinho. O que aconteceu com ele?

Declan levanta a outra sobrancelha, então agora está me olhando com espanto aberto. — Você o *conheceu*?

— Sim. Jantamos juntos. Ele é muito doce. *O que aconteceu com ele?*

— Ele tem câncer. Decidiu fazer de Malek seu protegido.

Câncer. Oh, não. Ele foi tão legal comigo. Pensando em nosso jantar, digo distraidamente — Quer dizer sucessor.

— Com licença?

— Um pupilo está em formação. Um sucessor assume onde alguém deixa.

Sloane diz — Ela tem uma queda por palavras. Apenas continue.

— É isso.

Recompondo-me, pergunto — Quais são as boas notícias?

Ele tem um brilho misterioso nos olhos, como se tivesse um segredo. — Como sabe que não eram boas notícias?

Olho para Sloane.

Ela diz — Sêrio, querido. Olhe para essa cara. Está colocando sua vida nas mãos.

— Obrigada, mana.

Ela sorri para mim. — De nada.

— Tudo bem... vamos apenas dizer que eu e Malek agora temos um amigo em comum.

Franzo a testa. — Quer dizer o cara que Mal visitou em New York para obter informações sobre como encontrar você?

Declan fica muito quieto. Ele diz lentamente — Que cara?

— Um cara chamado Kazimir. Ouvi Mal dizer o nome durante um jantar com *Pakhan* e perguntei a ele sobre isso mais tarde.

Sua imobilidade se transforma em rigidez. O assassinato brilha em seus olhos. Com a mandíbula cerrada, diz — Kazimir disse a Malek como me encontrar? *Para que pudesse me matar?*

Sloane assobia. — Oh, ele estará em *tantos problemas*.

— O que estou perdendo?

Fazendo uma careta, ela me olha. — Este é o noivo de Nat.

— Uau! Espere! Que porra é essa, porra?

— Kage... Kazimir — é o chefe da *Bratva* aqui nos Estados Unidos.

Posso sentir meus olhos esbugalhados como um desenho animado. — *E Nat está noiva dele?*

— É uma longa história. Eu te conto mais tarde. No momento, acho que nós três precisamos fazer uma ligação.

Declan ruge — Eu não falarei ao telefone com esse maldito idiota!

Sloane dá um tapinha em seu peito. — Eu quis dizer nós três meninas, querido.

Gaguejando de fúria, diz — Você não falará com Natalie! Eu proíbo!

Sloane beija sua bochecha. — Que bonitinho. — Estende a mão para mim. — Vamos. Quanto mais cedo pudermos resolver isso, mais cedo sua pressão arterial pode voltar ao normal.

Deixamos Declan para trás no quarto, gritando algo em gaélico que não parece ter nada a ver com sua pressão arterial.

45

RILEY

Passo duas horas ao telefone com Nat e Sloane, começando dizendo — Muito bem, me explique tudo isso como se eu fosse uma criança.

Eu recebo uma história que faz meus olhos estremecerem.

O ex-noivo de Nat, David, que desapareceu no dia de seu casamento anos atrás e que todos presumiam que estava morto, era na verdade um contador da *Bratva* chamado Damon que desviou dinheiro, denunciou seus chefes e entrou no programa de proteção a testemunhas. Com uma nova identidade, se mudou para *Lake Tahoe*, onde conheceu Nat. Alguns anos depois, morreu e Nat ainda está de luto.

Exceto, entretanto, por este estranho sexy, Kage, que se muda para a porta ao lado, e os ovários de luto adormecidos de Nat ganham vida como zumbis reanimados famintos por cérebros.

Cérebros é um eufemismo para o pau excepcionalmente gostoso que Kage está carregando, mas Kage, sendo cauteloso, esconde de Nat o fato de ele realmente ser o assassino enviado para

localizar Damon e todo o dinheiro que roubou da *Bratva*, e então matá-la.

Quer dizer, é compreensível que ele tenha omitido aquele detalhe desagradável, certo?

Seria um problema para a maioria das meninas, mas Nat, também sendo cautelosa, descobre quem Kage e seu ex realmente são, espere, há outro assassino aí em algum lugar que aparece para matá-la porque Kage falhou em fazer isso, e segue para o Panamá para encontrar Damon, que não estava realmente morto em primeiro lugar, apenas esperando que ela o encontrasse a partir de uma mensagem secreta que deixou em uma pintura. Ele fugiu da cidade no dia do casamento porque o FBI disse que a *Bratva* havia descoberto onde ele estava se escondendo.

Exceto que quando Nat o encontra, ele está casado com outra senhora. Que também não sabe seu nome verdadeiro ou que fez parte da máfia.

De qualquer forma, Kage e Nat superam todos os negócios espinhosos de “fui enviado para matar você” e se mudam para New York juntos. Então, é claro, Sloane precisa visitar sua melhor amiga Nat em Manhattan, porque o número de milionários per capita é maior lá do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos.

Quando pergunto a Sloane como sabia disso, diz que pesquisou.

Chocante.

Então Kage envia um jato particular para Sloane, juro, esses gangsters e seus jatos particulares, e Sloane segue para New York. Assim que ela sai do carro no prédio de Nat e Kage, no entanto, Declan rugue com a cavalaria irlandesa para sequestrá-la por ordem do então chefe Diego, que queria informações sobre Kage e um tiroteio que aconteceu em algum restaurante mexicano em *Tahoe* onde irlandeses e russos foram mortos e Sloane foi a causa.

Por isso Diego morre, supostamente, mas não realmente, e Declan se torna o novo chefe da Máfia.

Eu sei. Dificilmente poderia acompanhar, também, mas segui a parte em que Declan conseguiu muito mais do que esperava em um sequestro, porque dentro de alguns dias, Sloane tinha toda a sua equipe comendo em suas mãos bem cuidadas e ele enrolado em seu dedo mindinho.

Havia uma história paralela sobre um cara chamado Stavros e outro jato, mas fiquei cansada então.

O resultado final é que Sloane se apaixonou por Declan, virou uma nova página como ser humano (tentei muito não bufar quando ela disse isso), e queria consertar as cercas com a irmã mais nova por quem nunca foi presente, em parte porque a irmã mais nova, erroneamente, pensou que uma vez havia roubado o namorado.

No final de tudo isso, estou exausta.

Desligamos com Nat que, ao que parece, está prestes a fazer algo violento com seu homem Kage por dar a Mal informações sobre Declan, e me deito no chão.

Para o teto, digo — Então, para encerrar tudo, nós três estamos apaixonadas por um trio de mafiosos poderosos.

Sloane diz — Que são todos inimigos. Sim.

— Por que Mal e Kage seriam inimigos?

— Talvez inimigos não seja a palavra certa, mas aqueles meninos não gostam de compartilhar seus brinquedos.

— Então não se odeiam tanto quanto odeiam Declan.

Ela se deita no chão ao meu lado e pega minha mão. — Certo. Embora não entenda o que Declan quis dizer quando disse que ele e Malek têm um amigo em comum agora. Vou ter que perguntar a ele sobre isso mais tarde.

O que quer que isso signifique, sei que ela arrancará dele. A mulher nasceu para dissolver a vontade independente de um homem.

— Voltando. Como Spider sabia que eu estava em Moscou desde o início?

— Kage disse a Declan em troca de um favor.

— Isso é algum tipo de gíria mafiosa que eu deveria saber?

— É um favor. Um grande. Isso pode ser pedido a qualquer momento, e Declan não pode recusar.

— Caramba.

— Exatamente.

Eu me sinto mal com aquele discurso raivoso que fiz para Declan quando entrei pela primeira vez, até ficar confusa de novo. — Espere, então Kage e Declan são inimigos, mas trabalham juntos?

— Às vezes. Outras vezes, tentam se matar.

Isso me faz sorrir. — Soam como irmãos.

— Ha.

— E quanto ao Diego? Ele ainda está no hospital?

— Ele foi morar com a irmã em New York. Ainda não consegue se lembrar de nada que aconteceu. Está trabalhando em uma lanchonete como cozinheiro.

— Pobre rapaz.

— Não sei, acho que ele pode melhorar.

— O que te faz dizer isso?

— Provavelmente não há muitas pessoas tentando matar cozinheiros.

— Bom ponto. E Kieran? Tenho me preocupado com ele.

— Ele é um tanque, aquele cara. Três tiros no torso e sobreviveu! Declan o colocou de licença por um tempo, mas já voltou ao trabalho. — Ela vira a cabeça e sorri para mim. — Ele é quase tão duro quanto você.

— Sim, nós, cervos-ratos com pequenos dentes parecidos com presas, somos super durões. — Quando ela faz uma cara confusa, digo — Esqueça. Piada interna.

Depois fico deprimida. De repente, completamente deprimida e com saudades de Mal com uma dor tão forte que mal consigo respirar.

Eu sussurro — Ele me deixou. *Soltou-me*.

— Parece que ele estava tentando protegê-la.

— Sei que estava, mas que idiota!

— Não acha que ele é um idiota.

— Sim, realmente acho!

Ela torce os lábios e me olha de lado. — Lembra-se de como em *Twilight* ⁵⁶, quando Edward deixou Bella para protegê-la, embora o matasse por fazer isso, e pensou que foi a coisa mais romântica que já viu?

— Não!

— Cale-se. Sim, achou.

— Eu odiei aquele filme!

⁵⁶-Saga/série do gênero fantasia e romance da autora norte-americana Stephanie Meyer que deu origem aos filmes de mesmo nome. No Brasil, a Saga Crepúsculo.

— Sim, mas amou todos os livros. E *amava* Edward, Sr. Vampiro Telepático que sacrificaria qualquer coisa por sua namorada humana idiota, incluindo sua própria vida.

Penso nas tendências abnegadas de Mal e em seu amor por sexo violento, e tenho que admitir que ela pode ter razão. — Então está dizendo que sou a namorada humana idiota neste cenário.

— Não, estou dizendo que você realmente não acha que Mal seja um idiota. Acha que ele é os joelhos das abelhas.

— Quem diz isso? Quantos anos tem, oitenta?

Passando por isso, ela pensa — Sabe o que é engraçado? Ninguém nunca menciona que Edward tinha cerca de cem anos e Bella tinha apenas dezessete. Fale sobre perverter uma criança.

Faço uma careta com a imagem do meu querido Edward Cullen como um molestador de crianças. — Obrigada por arruinar minha série de livros favorita para mim.

— Ha! Eu sabia que amava *Twilight*!

Eu resmungo — Tanto faz. E ele não deixou Bella até *Lua Nova*.

Ficamos ali em um silêncio sociável por um longo tempo, até que me sento e esfrego minhas mãos no rosto. — Deus, esta é uma situação complicada.

Sloane se apoia nos cotovelos e me olha pensativa. — Podemos estar olhando para isso da maneira errada.

— O que quer dizer?

— Bem, entre você, eu e Nat, temos os três homens mais poderosos dos EUA e da Rússia totalmente apaixonados.

Digo secamente — Sempre a romântica incurável.

— Quer dizer, pense no que poderíamos realizar!

Vejo o brilho louco em seus olhos e sei que ela está planejando algo. Como derrubar todos os governos do mundo e se tornar a *Governante Suprema da Terra*.

Já posso ver seu trono, uma estrutura maciça feita de todos os espíritos das almas dos homens que ela esmagou.

— Primeiro as primeiras coisas. Preciso voltar para a Rússia

— Pode haver um pequeno contratempo com isso.

Sloane e eu nos viramos ao som da voz de Declan. Ele está parado a porta, olhando para nós com a mão na maçaneta e uma expressão inescrutável no rosto.

Eu digo — Como?

— Malek espalhou a palavra. Qualquer um que a auxilie na tentativa de retornar para ele, morre.

Chocada, grito — *O quê?*

— Aparentemente, ele a conhece bem.

Eu me levanto e olho para ele, vibrando com raiva. — Aparentemente, ele não conhece! Porque nadarei para lá se for preciso!

Ele diz gentilmente — Talvez seja o melhor, *lass*. Você nunca estaria segura com ele agora, não com o que ele está fazendo.

— Quer dizer da maneira como Sloane não está segura com você, mas ainda está aqui? Quer dizer da maneira como Nat não está segura com Kage, mas ainda estão juntos?

Ele me encara por um momento com um milhão de palavras não ditas girando em espiral por trás de seus olhos. — Não exatamente.

Quando não continua, eu digo — Darei um soco na sua garganta, gangster.

— Querido, diga-nos o que está acontecendo — diz Sloane, de pé.

Ele olha para trás e para frente entre nós, então olha para o céu e suspira.

— Pare de enrolar e cuspa!

— Há um grupo chamado Treze — começa, mas é interrompido por Sloane, que diz — Grupo? Gosta de uma *boy band*?

Declan murmura — Eu disse a ele que o nome era uma merda. — Então, mais alto — Eles não são uma banda.

Ele passa a descrever o enredo de um filme de James Bond. Bandidos disfarçados de mocinhos, mocinhos disfarçados de bandidos, espionagem internacional, governos corruptos, nem sei o que mais porque paro de ouvir no meio do caminho.

Sloane diz — Você está neste grupo?

— Nós ajudamos uns aos outros de vez em quando, mas não sou um membro.

— E quanto a Kazimir?

Ele parece ofendido. — Não!

— Não fique chateado, só estou perguntando.

Digo em voz alta — Todos calem a boca. Eu tenho uma pergunta importante.

Sloane e Declan olham para mim.

— Quem mais está neste estúpido grupo internacional de espiões, qualquer coisa, algum deles tem namoradas ou esposas?

Declan diz instantaneamente — Claro.

Ele percebe seu erro quando olho para ele. Então levanta as mãos como se estivesse em um assalto. — Eu não faço as regras, *lass*.

— Sabe o quê? Isso é besteira. Ponha Mal no telefone.

— Diz isso como se achasse que eu tenho o seu número.

— Quem quer que *você* conheça que *ele* conhece, esse amigo em comum, ligue para esse cara e pegue o número dele!

Ele está começando a parecer que está se arrependendo de toda essa conversa. — Ele não é a maldita lista telefônica.

— Eu tenho o número do seu namorado.

Todos nós viramos. Atrás de Declan, no corredor, está Spider, me olhando sob as sobrancelhas baixas.

— Você o quer? — Ele inclina um dedo, se vira e vai embora sem dizer uma palavra.

Depois que está fora do alcance da voz, Sloane diz, inquieta — Por que tenho a sensação de que haverá um preço vinculado?

Murmuro — A chantagem é popular por um motivo — em seguida, sigo Spider porta afora.

46

RILEY

Spider me leva pelo corredor para outro quarto e fecha a porta atrás de nós. Fica com a mão na maçaneta, de costas para mim, e diz baixinho — Faça-me entender isso.

— Não há nada para entender.

Ele se vira para mim. O que vejo em seus olhos me faz dar um passo para trás.

Olhamos um para o outro em um silêncio tenso, até que diz asperamente — Três meses. Procurei por você por quase três malditos meses.

Já posso dizer que esta será uma conversa cheia de drama e me preparo para o pior. Eu umedeço meus lábios e digo — Eu sei.

Como uma mola, presa e depois solta, se afasta da porta e se aproxima de mim. Seu olhar intenso nunca deixa meu rosto.

— Sabe? Sabe o que passei? Como não consegui comer? Não consegui dormir? Não conseguia nem fechar meus olhos sem ver a expressão em seu rosto depois que atirei em você?

Eu digo gentilmente — Foi um acidente.

Sua voz se eleva. — Um acidente que nunca teria acontecido se aquele filho da puta não estivesse no quarto com você.

Uma veia lateja em seu pescoço. Sua respiração está irregular. Ele está visivelmente chateado e parte de mim quer abraçá-lo.

Eu sei que se fizesse, seria um desastre.

Então, ele diz amargamente — E agora pensa que está apaixonada por ele. O assassino que veio matar Declan. O homem que sequestrou você e a levou para outro país.

— Por favor, Spider...

— O homem que a jogou fora como lixo quando terminou com você.

Isso parece um soco no estômago.

Quando vê a expressão no meu rosto, fecha os olhos e murmura — Foda-se.

Eu me afasto, envolvo meus braços em volta de mim mesma e respiro fundo.

Ele diz — Sinto muito.

— Tudo bem.

— Não, não está. Olhe para mim *lass*. Por favor.

Quando não me viro, ele vem para ficar a minha frente. Olha para a minha postura, como tenho meus braços em volta do meu corpo, e suspira pesadamente, passando a mão pelos cabelos.

— Agora está com medo de mim. Isso é maravilhoso.

— Eu não tenho medo de você, mas não consigo entender porque não me ouviu quando implorei, sem parar, para não me colocar naquele avião. Para me levar de volta ao mercado. Eu não medi exatamente as palavras.

Ele faz uma pausa e diz com uma voz grave — Sabe por quê.
— Quando não respondo, ele pergunta — Não sabe, *lass*?

Hesito. Mastigando meu lábio, aceno.

Meu silêncio o torna mais ousado. — Por quê? Diz.

Ardendo de mortificação, deixo escapar — Por favor, não torne isso mais difícil para mim do que já é.

Ele se aproxima. Sua voz cai. — Diz. Diga-me que sabe o que eu sinto. O que quero. Diga e darei a você o número dele.

Quando permaneço em silêncio e ele dá mais um passo em minha direção, sua energia está no limite da ameaça, coloco a mão em seu peito. Olhando em seus olhos, digo — Já chega.

Sob minha palma, seu coração bate como um louco.

Mantendo minha voz suave, embora esteja com raiva, digo — É meu amigo e me importo com você. Odeio que tenha se colocado no inferno pela culpa

— Não sabe da metade.

— ...E odeio que não aceite que eu não te culpo por nada. Que sei que não quis fazer isso. E obrigada, sinceramente, obrigada por tentar me encontrar, por passar todo esse tempo procurando. Nunca esquecerei que você fez isso.

— Mas, por favor, não pense que pode me encurralar e me fazer dizer algo que não quero dizer ou algo que não quero fazer, porque passei os últimos três meses me tornando uma pessoa que conhece sua própria força. Olhei na cara da Morte e lhe disse para ir se foder. Ninguém pode me pressionar mais.

Ele me olha com a mandíbula trêmula e as narinas dilatadas.

— Por favor, Spider. Por favor, podemos apenas ser amigos e deixar isso para trás?

Depois de um longo momento, diz categoricamente — Claro, seremos amigos.

Ele dá um passo para trás e se dirige para a porta. Eu o vejo ir em consternação.

— Acho que isso significa que você não me dará o número do Mal.

Por cima do ombro, ele diz — Eu nunca tive essa porra.

Ele sai, jogando a porta aberta com tanta força que bate contra a parede.



A semana seguinte é a mais longa da minha vida.

Fico com Declan e Sloane em seu novo apartamento em Boston, vagando apaticamente para cima e para baixo nos corredores, suspirando, até que Sloane grita que estou deixando-a louca. Retiro-me para o quarto que me deram para meditar sozinha.

Declan concordou em passar uma mensagem para seu amigo misterioso para tentar chegar até Mal por mim, mas não prometeu que daria certo.

A mensagem era simplesmente — O cervo-rato nunca desiste.

Não ouço nada de volta. Passo horas seguidas no computador, estudando mapas da Rússia, traçando rotas em todas as direções que me levariam a uma pequena cidade, um voo de duas horas mais uma hora de carro de Moscou.

Há centenas delas.

Mesmo que de alguma forma eu chegasse à Rússia, poderia passar anos tentando encontrar a pequena cabana na floresta. O país é enorme.

Se eu pudesse me lembrar da palavra que Mal disse quando acordei na cabana. Perguntei a ele onde me levou, e ele disse uma

palavra russa que acho que era o nome de sua cidade, mas minha memória se recusa a produzi-la.

Eu poderia começar em Moscou, procurar o prédio alto de vidro onde ficava o apartamento de Mal, mas duvido que o reconheceria. Só o vi uma vez, no meio da noite. E Moscou é enorme também. Não dirigi, então não sei do que o prédio está perto. E não pude perguntar a ninguém, porque não falo a língua.

E quem quer que me ajude a chegar lá estaria arriscando a vida.

Tenho pesadelos todas as noites. Não consigo acordar deles, ou talvez não queira acordar, porque são tão vívidos e incluem Mal.

É sempre o mesmo. Seu rosto recuou pela janela da van enquanto Spider me levava para longe dele. Sua expressão angustiada. Seus belos olhos assombrados.

Percorro quase todos os cinco estágios do luto, exceto que nunca chego à aceitação. Simplesmente recomeço com a negação, passo muito tempo com raiva, depois barganhando, acabando finalmente em depressão, onde me afundo até ficar chateada de novo.

Fico doente com isso. Literalmente doente. Pelo menos uma vez por dia, vomito.

Spider desaparece. Declan faz uma vaga referência a ele precisando de uma folga, e eu não pergunto por detalhes.

Então nada.

Mais uma semana se passa. E outra. Junho se torna julho. Sloane pergunta se quero voltar para San Francisco, porque pagaram o aluguel do meu apartamento enquanto estive fora, mas digo que não. Lá não é minha casa agora.

Minha casa é uma cabana na floresta com um homem que prefere me ver nos braços de seu inimigo do que me manter com ele se isso significasse que eu estaria segura.

Deus, como o odeio por isso.

Cavalheirismo é besteira.

Então o destino decide mudar de rota.

E caramba, se eu pensasse que ele estava ferrando comigo antes, dessa vez leva o bolo.



— Você está péssima.

— Obrigada por isso — digo secamente. — Seu apoio é sempre muito útil.

— Não, é sério — diz Sloane, me observando do outro lado da mesa da cozinha. — Não parece saudável, *Smalls*. Sua cor não é

boa. Está sempre vomitando. E acho que perdeu peso desde que chegou aqui.

Com meu garfo, cutuco as panquecas no prato à minha frente. O cheiro adocicado do xarope de bordo faz meu estômago revirar. — Provavelmente é um tumor.

Mostrando grande tolerância, ela se abstém de me bater. — Não é um tumor.

— Então é a doença de *Lyme*. Os insetos sempre me acharam saborosa.

— Pode falar sério por um segundo? Estou muito preocupada com você.

Quando olho para cima, a encontro me olhando com preocupação em seus olhos. Suspirando, digo — Estou bem. Juro. É só... sabe. — Eu faço um gesto vago para abranger a merda geral da minha vida. — A situação. — Quando ela faz uma careta, digo despreocupadamente — Não estou grávida, se é isso que está pensando.

— Como sabe?

— Estou tomando injeção.

É só quando ela estreita os olhos para mim que meu coração pula um segundo.

Espere. Há quanto tempo tomei minha última injeção?

Engolindo o gosto ácido da bile subindo na minha garganta, começo a calcular freneticamente as datas na minha cabeça.

Fiquei com Mal por três meses. Já se passaram três semanas desde que voltei.

Quanto tempo antes de ir para a Rússia tomei a injeção?

Meu cérebro, que tem sido tão inútil para mim ultimamente, alegremente fornece a resposta precisa: seis semanas.

Foi uma semana antes do Dia dos Namorados, o que significa que a injeção teria surtido efeito até o início ou meados de maio.

Fiquei com Mal até meados de junho.

Agora é a segunda semana de julho. E ainda não menstruei.

Oh, foda-se.

Sloane diz bruscamente — Riley?

— Sim. — Evitando seus olhos, encaro minhas panquecas como se os números ganhadores da loteria estivessem na calda. *Oh, foda-se, foda-se, foda-se.*

— Então está segura?

— Sim. Tenho que tomar outra injeção, mas vendo que não farei sexo com ninguém além de mim mesma pelo resto da minha vida, posso não me incomodar.

Merda. Merda. Grande merda!

Ela exala. — Devíamos levá-la a um médico para um *check-up*, de qualquer maneira. Isso não é normal.

— Estou bem. Prometo. É apenas depressão, só isso.

Após um momento de silêncio, ela se levanta, dá a volta na mesa e me abraça.

— Vai ficar tudo bem — sussurra. — Não se esqueça de que eu te amo.

Essa vadia está tentando me matar. Ela nunca me disse que me amava antes. Nunca, que eu me lembre em toda a nossa vida.

Minha voz falha quando digo de volta.

Então uma onda quente de náusea me atinge. Corro para a pia da cozinha e vomito.

Ofegante, os olhos lacrimejando, inclinando-me sobre a pia olhando para o conteúdo do meu estômago, me pergunto como diabos vou contrabandear um teste de gravidez para uma casa segura.



Acontece que não preciso fazer isso. Encontro três caixas fechadas de testes de gravidez em uma gaveta do banheiro de Sloane enquanto procuro um frasco de shampoo.

Basta uma delas para dar a notícia.

Com o coração acelerado, olho para as duas pequenas linhas rosa na janela do bastão de plástico branco e sussurro — Seu pai é um idiota, garoto.

Depois faço a única coisa razoável que resta a fazer.

Começo a chorar.

47

RILEY

Passo o resto do dia em uma névoa. Vou para a cama, coloco as cobertas sobre a cabeça e tento pensar com clareza sobre o que devo fazer a seguir.

É inútil. Meu cérebro está quebrado.

Para combinar com o outro órgão quebrado dentro do meu peito.

Agora, Mal terá outro motivo para querer me manter longe. Um motivo ainda mais poderoso. Não é apenas minha segurança que está em jogo.

Eu tenho um bebê gangster a bordo.

E se Mal é tão protetor a ponto de me manter à distância para minha própria segurança, posso imaginar exatamente o quão maluco seria se descobrisse que estou grávida.

Ele provavelmente se mudaria para outro planeta. Abriria uma loja em Mercúrio e comandaria a *Bratva* de lá.

Não durmo nada naquela noite. Na manhã seguinte, decidi que só preciso colocar um pé na frente do outro e lidar primeiro com a coisa mais óbvia.

Tenho que dizer a minha irmã que estou grávida do filho do assassino que jurou vingança ao homem que ama pelo assassinato de seu irmão.

Jesus do céu. Como essa conversa começa?

Acontece que não, porque Sloane tem suas próprias notícias importantes para compartilhar. Ela bate a minha porta, enfiando a cabeça para dentro quando não atendo.

— Acordada?

Debaixo das cobertas, exalo um suspiro de chumbo. — Olhos brilhantes e cauda espessa. Entre.

O colchão afunda com o seu peso. As cobertas deslizam sobre meu rosto, porque ela está puxando-as.

— Bom dia, Pequena Miss Sunshine.

— Ai, credo. Não sorria assim. As pessoas pensarão que é líder de um culto.

— Não seja rabugenta. Preciso te dizer uma coisa, e quero que fique feliz com isso.

— Espere, deixe-me adivinhar. — Inspeciono seu sorriso de megawatt perturbador. — Há uma grande liquidação na Bergdorf's.

Em vez de responder, ela levanta a mão esquerda. Em seu dedo anelar brilha um pedaço de gelo que poderia funcionar como uma pista de patinação infantil.

Eu suspiro, sentando-me nos cotovelos. — É um anel!

— Sim!

— Você finalmente disse sim!

— Disse!

— Está oficialmente comprometida!

— Eu sei! Não é incrível?

Minha voz engasga e meus olhos lacrimejam, aceno com entusiasmo.

— Oh, merda — diz, com os olhos arregalados. — Sou uma idiota.

— Não, não é. Estou tão feliz por você! — Então começo a chorar, porque é minha nova configuração padrão.

Estou culpando os hormônios. Ela me agarra e me abraça com tanta força que me deixa sem fôlego.

— Deus, meu *timing*. Sempre tive um *timing* terrível! Pode me dar um soco na cara se isso te fizer sentir melhor.

Considero isso por um momento, mas jogo a ideia de lado. Não posso jogar golpes na tia do meu filho. Entre todas as facções da máfia em guerra, temos conflitos familiares suficientes.

— Não, estou feliz que você me disse. — Eu me afasto, enxugando meus olhos. — Estou muito, muito feliz por vocês. Já definiu uma data?

— Depois de Amanhã.

Isso me faz piscar de surpresa. — Oh. *Carpe Diem*.

— Exatamente. Enquanto você estava fora, percebi que a vida é curta e cheia de idiotices aleatórias. Tem que se aproveitar o que é bom enquanto ele está lá para ser apreciado.

— Espere, sabe que *carpe diem* significa aproveitar o *dia*, certo?

— Não, é aproveitar o bem. Eu conheço um cara que tem isso tatuado no antebraço. Ele me explicou.

— Uh-huh. E esse PhD tinha alguma ideia de que tinha uma frase em latim derivada da décima primeira Ode de Horace tatuada em sua pele, ou apenas achou que era um meme legal do Instagram?

Ela suspira. — Você poderia causar um AVC em uma pessoa.

— Não admira que as pessoas continuem me dizendo que somos tão parecidas. De volta a esse seu casamento. Onde vai acontecer?

— *The Old North Church*. É a paróquia natal de Declan.

Acho interessante que o chefe da máfia irlandesa vá à igreja, mas acho que ele provavelmente tem muito o que confessar. — Papai vem?

Uma nuvem passa por seu rosto. — Eu não o convidei. E antes que pergunte porque, há uma história que preciso contar, mas estou com muito bom humor para discuti-la agora.

Sei que eles não são próximos desde que era adolescente e que ela e nossa madrastra nunca se deram bem, mas parece que as coisas estão piores do que isso. Melhor deixar pra lá até que ela sinta vontade de falar sobre isso.

— Está bem, próxima pergunta. Nat?

— Ela estará lá.

— Com o seu cara?

Sloane sorri. — Como se ele a perdesse de vista.

— Eu sinto que estou perdendo alguma logística de bastidores.

— Eu disse a Declan que não me casarei sem minha melhor amiga presente. E Nat disse a Kage que ela *consideraria* não castrá-lo por dar a Mal informações sobre Declan se ele aparecesse no casamento para se desculpar.

Ela aperta minha mão. — Desculpe querida. Não quero fazer parecer que Mal é o cara mau.

Aceno, muito interessada no drama em desenvolvimento para me preocupar com isso. — Então Nat e Kage virão para o casamento?

— Sim.

— E Declan está bem com Kage estar lá?

Ela ri. — Nem um pouco, mas essas são as regras com as quais os meninos estão trabalhando. E não é como se nunca tivessem estado juntos em uma sala antes. — Faz uma pausa para pensar. — Embora eu tenha quase certeza de que toda vez que isso acontece, alguém leva um tiro.

— Uau. Será um casamento divertido.

Ela parece despreocupada com a possibilidade de um massacre estourar durante suas núpcias, dizendo alegremente — Haverá seguranças. Todos serão revistados e suas armas retiradas antes de entrarem na igreja. Tenho certeza que conseguem jogar bem por trinta minutos.

Não tenho certeza sobre isso, mas admiro sua confiança.

— O que vestirei? Não posso pedir outra de suas roupas para usar no casamento. Parece que daria azar. A noiva deve usar algo emprestado, não os convidados.

— Eu tenho um vestido encomendado para você. A costureira estará aqui para ajustá-lo amanhã de manhã.

Isso me surpreendeu, mas não muito, considerando meu presente de *Pakhan*. — É incrível como vocês mafiosos podem simplesmente encomendar vestidos personalizados a qualquer momento.

— Não posso ter minha dama de honra caminhando pelo corredor em um par de calças de caça camufladas, posso?

Agora, não estou apenas surpresa, estou pasma. — Dama... dama de honra? *Eu?*

— Você e Nat, ambas.

Minha voz está estrangulada de emoção. — Você terá duas damas de honra?

Com os olhos brilhando, diz suavemente — Você é minha irmã, idiota. Claro que terei você como uma das minhas damas de honra.

Quando ela vê as lágrimas se acumulando em meus olhos, fica com pena de mim. Endireita-se e diz com altivez — Todos pensariam que sou uma idiota se você não fosse.

Tentando esconder o quanto estou oprimida, digo — Todos já pensam que você é uma idiota.

Seu sorriso é autoindulgente. — Não seja ridícula. Todo mundo me ama.

Caio no colchão e puxo as cobertas sobre meu rosto novamente. Só que desta vez estou rindo.

Sempre esqueço que este é o mundo de Sloane. O resto de nós, meros mortais, estamos apenas vivendo nele.



Ajeito o vestido. É longo, de seda, sem mangas e abraça meu corpo como uma luva.

Também é preto, por isso pode servir como traje para o funeral quando o casamento com gângsteres irlandeses e russos em guerra atingirem os inevitáveis solavancos e as balas começarem a voar.

Estou tentando ser otimista, mas sério. Este parece ser um erro maior do que as doze editoras cometeram quando rejeitaram *JK Rowling* antes de *Harry Potter* ser finalmente publicado.

No dia do casamento, o que parecem ser quinhentos gangsters irlandeses em smokings aparecem na casa.

Spider também está lá. Fica ótimo em um smoking. Ele também não olha para mim, o que dói, mas é o melhor.

Ajudando Sloane em seu vestido, um vestido de chiffon insanamente lindo até o chão com um decote profundo que mostra sua *clivagem*⁵⁷. Ele também tem uma fenda na frente da saia esvoaçante que mostra suas pernas enquanto anda.

Não é branco, porque é da minha irmã que estamos falando. Toda noiva se veste de branco.

⁵⁷-É uma das etapas iniciais do desenvolvimento embrionário. No caso, podemos dizer que o decote é tão profundo que podemos ver seu útero, seu interior.

O vestido de Sloane é vivo, ousado, vermelho sangue.

Gotejando diamantes, com o cabelo caindo em cascata pelas costas e uma tiara real na cabeça, parece uma deusa. Nunca vi nada tão lindo em minha vida.

Quando digo isso, ela sorri. — E não é? Declan é tão sortudo. Ele não me merece.

Eu digo secamente — Se os zumbis assumirem o controle, estará segura.

— O que quer dizer?

— Eles só comem cérebros.

Vamos juntas em uma limusine até a igreja. Estamos cercadas na frente, atrás e nas laterais por *Escalades* negros cheios de gângsteres fortemente armados em smokings, para quem Sloane fica acenando como se fosse a rainha da Inglaterra em um desfile de Natal.

Quando chegamos à bela igreja de pedra antiga, fico chocada ao ver os degraus da frente fervilhando de gente.

Olhando pela janela da limusine enquanto entramos no estacionamento, digo — Hum. Sloane?

— Sim, querida?

— Por que há quatro mil pessoas aqui?

— Porque aqui é Boston, e o chefe da máfia irlandesa vai se casar. É um evento importante. Pessoas de todo o país estão aqui, inclusive do exterior.

Eu me viro para ela com os olhos arregalados. — Pensei ter dito que estava planejando uma pequena cerimônia?

— Estava. — Gesticula presunçosamente para seus diamantes e vestido. — Mas então toda essa glória teria sido desperdiçada.

— Conhece todas essas pessoas?

— Não. Eles são, em sua maioria, amigos de trabalho de Declan.

— Seus amigos de *trabalho*? Quer dizer que são todos gangsters?

— E os afiliados, sim. Oh, não me olhe assim. Ficaré tudo bem.

— Cabelo está bem. Uma igreja católica cheia de mafiosos armados é um documentário do *True Crime* prestes a acontecer!

Ela dá um tapinha na minha mão de forma tranquilizadora. — Ouça. Declan está cuidando disso. A segurança é excelente. Existem até atiradores. Tudo o que temos a fazer é ter uma aparência deslumbrante e desfrutar da atenção. E se alguma coisa acontecer, o que não acontecerá, apenas abaixe-se.

Olhando para ela. — *Abaixe-se*? Esse é o seu conselho de sobrevivência?

Ela encolhe os ombros. — Sempre funciona para mim.

Querido Deus. Ela está realmente falando sério.

Solto um suspiro trêmulo, me perguntando se posso roubar uma arma de um dos bons companheiros que se aglomeram em frente à igreja antes de serem confiscadas pelos seguranças.

Somos empurradas da limusine para a igreja por um círculo de guarda-costas de três metros de profundidade. Fico esperando uma bomba explodir, mas entramos sem incidentes e nos acomodamos em uma sala nos fundos reservada para a noiva.

Nossos buquês estão esperando ali, aninhados em caixas brancas com papel de seda e algodão. A minha é uma esfera perfeita de Jasmins pontilhada de pérolas. Tem um cheiro celestial.

O buquê de Sloane é uma cascata dramática de orquídeas rosa choque cravejadas de cristais *Swarovski*. É glamoroso e exagerado, assim como ela.

Dois minutos depois de chegarmos, Nat também chega.

No momento em que passa pela porta e vê Sloane em seu vestido, seu rosto se contorce e começa a chorar. — Você parece uma princesa.

Sloane sorri. — Vadia, eu sou uma rainha. Traga sua bunda aqui.

Ela abre os braços. Nat corre para ela. As duas ficam abraçadas no meio da sala por tanto tempo que me pergunto se o casamento terá que ser adiado.

Então Nat se vira para mim. Seus olhos lacrimejantes se arregalam enquanto me olha de cima a baixo. — Riley? Pequena Riley? Santo Deus.

Eu sorrio. — Aceitarei isso como um elogio.

Ela se aproxima e me dá um grande abraço também. Não a vejo há muito tempo, quase esqueci como é. Cabelo preto, olhos cinza-azulados, lábios escarlates... linda.

Ela sussurra — Você está bem?

— Ui. Sim e não. Falaremos sobre isso mais tarde. Há muito para fazer agora.

— Certo, querida. Estou feliz em ver você.

— A você também.

Sloane diz calorosamente — Olhe para minhas garotas. Esta igreja estará cheia de tesões. Mesmo aquela estátua triste pela qual passamos no caminho estará brotando uma ereção.

Digo por cima do ombro de Nat — Aquela era uma estátua da Virgem Maria.

— Então ela ficará com tesão de senhora.

— Você vai para o inferno.

— Ha! Eles *desejam*.

Nat se afasta e sorri para mim. — A rainha tem orgulho de suas servas.

— Nós parecemos muito bem, no entanto. E você está *brilhando*.

Sloane diz — Isso é porque está comendo uma grande salsicha *Bratva* regularmente.

As bochechas de Nat ficam levemente rosadas. — Ela realmente tem jeito com as palavras, não é?

— Sentia falta de sua verdadeira vocação para escrever canções de amor.

Sloane ri. — Nat, seu vestido está pendurado atrás da porta do banheiro. Temos cerca de dez minutos antes que o coordenador venha nos buscar e começarmos a descer o corredor.

Quando Nat vai ao banheiro para se trocar, digo — O que me lembra. Vamos andar com padrinhos?

— Não. Kieran e Spider estarão esperando no altar com Declan.

— Oh. Qual é a ordem?

— Ordem de quê?

— Tipo, se Nat vai a minha frente, então eu vou, depois você vai?

Sloane se aproxima de mim e pousa a mão na minha bochecha. — Não, boba — diz, sorrindo. — A noiva deve andar pelo corredor com as pessoas mais importantes de sua vida. Então, nós três caminharemos juntas, de braços dados.

Meu queixo estremece. Meus olhos também. Tenho que engolir a pedra em minha garganta. — Se você me fizer chorar, arrancarei essa tiara da sua cabeça.

— Para uma garota que apareceu na minha casa parecendo algo saído do *Guia de Sobrevivência do Backwoods*, é uma grande molenga.

— Achei que pensaria que era uma melhoria em relação a toda a lâ cinza.

— Querida, você passou de preguiça de moletom para GI Jane. Foi um movimento lateral, não para cima.

Parecendo deslumbrante, Nat sai do banheiro em seu vestido. Fazemos alguns ajustes de última hora em nosso cabelo e maquiagem, pegamos nossos buquês e saímos quando o coordenador bate.

E acredite ou não, a cerimônia acontece sem contratempos.

Declan está glorioso em seu smoking. Sloane parece em um conto de fadas. Eles trocam votos e se beijam sob aplausos estrondosos.

Sabidamente, omitem a parte dos votos em que o padre pergunta se alguém se opõe.

Há um pequeno momento de constrangimento durante as fotos depois, quando Spider não faz nada além de me encarar com tal intensidade que minhas orelhas queimam, mas é momentâneo em um evento perfeito.

Só depois da recepção que tudo desmorona.

48

RILEY

A recepção é realizada no *Four Seasons Hotel* em um magnífico salão de baile. Possui janelas do chão ao teto, lustres grandes e brilhantes e vistas amplas do verde exuberante do *Boston Public Gardens*⁵⁸.

Cada convidado tem que passar por um detector de metais no caminho e também passar por uma revista à mão, realizada por irlandeses carrancudos.

Estou surpresa que não haja uma pesquisa de cavidade, esses caras são tão intensos.

Sloane optou por abrir mão da mesa principal de toda festa de casamento, outra jogada inteligente, optando por uma mesa em que ela e Declan se sentam sozinhos.

⁵⁸-É um grande parque no coração de Boston.

Maravilhada por ela ter resolvido tudo isso em questão de dias, sento-me à mesa com Nat, Kage e cinco sicilianos morenos usando tanta colônia que posso sentir o gosto.

Kieran e Spider estão sentados em uma mesa do outro lado da pista de dança.

Cada vez que olho em sua direção, Spider está olhando para mim.

Depois que todos estão sentados, Nat me apresenta a seu noivo.

Ele é robusto e bonito. Com cabelos escuros despenteados, queixo com a barba por fazer e ombros enormes, emite o tipo de energia de pau grande que qualquer mulher e homem na sala podem sentir. Embora esteja vestindo um smoking, ele parece que se sentiria muito mais confortável em uma jaqueta de couro e botas de combate, um lenço amarrado em volta do pescoço. Anéis de prata grossos decoram o polegar e os dedos médios de sua mão direita. Um deles é uma caveira.

Ele é como eu imagino os piratas fanfarrões do Caribe.

— É um prazer conhecê-lo, Kage. Ouvi muito sobre você.

Ele tem o tipo de olhar que Mal tem, a mesma intensidade de um feixe de laser penetrante que poderia cortá-lo em dois. Seus olhos porém, são escuros em vez de verdes claros.

— Aposto que sim — diz lentamente, jogando um braço sobre as costas da cadeira de Nat. — Deve haver algumas conversas interessantes que acontecem naquela casa.

Sorrio para ele. — Não se preocupe, não acreditei em uma palavra. Se Nat gosta de você, está bem no meu livro.

Ele inclina a cabeça e me considera. Depois de um momento, diz — Você está bem?

É incrível, ele encaixa tanto nessas duas palavras. Meu batimento cardíaco bate um pouco mais alto.

Sei que foi ele quem deu ao Mal informações sobre Declan quando tudo isso começou, mas também me lembro de Sloane dizer que a *Bratva* russa e a *Bratva* nos EUA não são tão amigáveis assim.

O que não sei é se Kage e Mal ainda estão conversando. No caso de estarem, não perderei a oportunidade de enviar uma mensagem.

— Se você quer dizer fisicamente, sim. Se quer dizer mentalmente, espiritualmente, emocionalmente... Estou morrendo.

Inclina a cabeça. — Sim. Ouvi dizer que você captou sentimentos enquanto esteve fora.

— É muito pior do que isso.

Ele me olha mais de perto.

— Acha que poderíamos conversar depois do jantar? Em algum lugar não tão... — olho para os sicilianos. — Barulhento?

— Você tem algo que deseja repassar?

Aceno, começando a tremer.

— Declan não gostará. — Ele olha para Nat. Seu tom se torna irônico. — Já estou com problemas suficientes.

Nat aperta sua coxa. — Está tudo bem, querido. Isso é diferente.

Ele lhe envia um olhar que é em partes iguais ardente e azedo.

— Não quero criar problemas para ninguém. Não direi nada para Declan, mas duvido que se importe de qualquer maneira, considerando que também tentou enviar uma mensagem para Mal por mim.

Kage estreita os olhos. — Ele tentou enviar uma mensagem sua para o homem que quer matá-lo?

— Mal não matará Declan.

— Desde quando?

— Desde que eu pedi a ele que não o fizesse.

Ele fica em silêncio com espanto por um segundo, então balança a cabeça e ri. — Fale sobre uma profecia autorrealizável.

— Não entendo.

— Esquece. É apenas algo que Malek me disse uma vez. Claro, conversaremos depois do jantar.

— Obrigada.

Então, de alguma forma, estou conversando com os sicilianos. Estão tão ansiosos para saber se eu sou solteira que estou preocupada que queiram me vender no mercado negro. Torna-se aparente depois de alguns minutos, no entanto, que o que eles realmente querem é uma aliança com Declan.

Um dos homens tem um filho que gostaria muito de ver casado com alguém da família de Declan. O outro tem uma filha mais ou menos da minha idade, que menciona casualmente ainda ser virgem e de excelente linhagem. Ele diz isso como se fosse um fazendeiro discutindo sobre suas éguas reprodutoras. Acho que toda a coisa do casamento arranjado ainda está viva e bem na Máfia.

O jantar é servido, seguido de dança. Pelo que posso dizer, Kage é o único *Bratva* na sala. Todo mundo parece ser irlandês ou italiano, embora ouça alguns sotaques que não consigo identificar.

Quando sinto uma mão em meu ombro e me viro para ver quem é, congelo. Spider está atrás da minha cadeira, olhando para mim.

— Quer dançar?

Hesito, mas ele está relaxado e sorrindo, então sorrio de volta e aceno com a cabeça. — Claro.

Ele puxa minha cadeira para mim, em seguida, me leva para a pista de dança e me leva em seus braços. Porque é claro que a porra da música mudou de pop para balada, não mudou?

É como se o destino me odiasse.

Balançamos em silêncio, ouvindo a música e sem olhar um para o outro, até que ele diz — Você está linda esta noite.

— Obrigada. E você está muito bonito nesse smoking.

Ele olha para mim. Um músculo se flexiona em sua mandíbula. — Lembro que me chamou assim no dia em que nos conhecemos. Bonitão.

— E me lembro de como seu rosto ficou vermelho.

— Foi a primeira vez que corei.

Ele me gira. Vejo Declan e Sloane na mesa, nos observando, mas então Spider me gira novamente e eles se vão.

— Devo desculpas a você pela maneira como agi algumas semanas atrás. Fui um idiota.

Ele parece sincero. Estou aliviada, mas não quero dar muita importância a isso, então mantenho minha voz leve. — Acabou. Vamos esquecer isso.

— Não posso. Eu tentei. — Seu braço aperta minha cintura. Sua voz diminui, ficando rouca. — Não consigo esquecer nada do que aconteceu entre nós.

Meu alívio desaparece. Borboletas explodem em pânico no meu estômago.

Dançamos o resto da música em silêncio. Assim que termina, me afasto, murmuro um obrigada e vou para o banheiro feminino para me esconder.

Eu me tranco em uma cabine, encosto a porta e fecho meus olhos enquanto tento encontrar uma solução para a situação do Spider. Sem um chute nas bolas, ele não parece que será dissuadido.

Basta passar esta noite. Então fale com Declan e Sloane, e deixe que eles cuidem disso. Spider vai ouvi-los.

Exceto que não vai, considerando que ele a seguiu para outro país contra a vontade de Declan.

Suspirando, uso o banheiro, em seguida, vou até a pia para lavar as mãos.

Quando fecho a torneira e pego uma toalha de papel, por acaso olho no espelho acima das pias.

Eu congelo.

Um homem está diretamente atrás de mim.

Ele é *enorme*.

Assustadoramente alto e largo, está de pé com as pernas abertas e as mãos enormes penduradas ao lado do corpo. Está todo vestido de preto, incluindo um sobretudo pesado de lã com a gola voltada para cima contra o pescoço tatuado.

Seu cabelo e barba são grossos e escuros. Um pequeno brinco de argola de prata brilha no lóbulo de uma orelha. Sob as sobrancelhas baixas, seus olhos são de um tom surpreendente de verde pálido.

Ele é o homem mais lindo que já vi.

— Você está aqui. — Sai sufocado, em um soluço.

Mal diz baixinho — Achou que eu deixaria você comparecer a um casamento da Máfia sem minha proteção?

Deus, sua voz. Essa voz adorável, profunda, rica e hipnótica. Todos os pelos dos meus braços se arrepiam. Assim como todas as minhas terminações nervosas. Uma perigosa corrente de eletricidade percorre meu corpo. Eu sinto que pisei em um fio elétrico.

Sussurro — Sim.

— Sabe melhor que isso.

— Eu? Você nem queria estar no mesmo país que eu.

Sua voz cai uma oitava. — Sabe exatamente o que eu quero.

— Sei que é um tolo obstinado que deveria ter um pouco mais de confiança em mim.

No espelho, nossos olhares estão travados. Eu me viraria, mas não consigo mover minhas pernas. Não consigo mover nada.

— Confiança em você? — Repete. — Tenho toda a confiança em você.

— *Pakhan* tinha mais.

Seus olhos brilham. — O que isso significa?

— Lembra-se do que ele me disse em nosso jantar? “*Impérios não são governados por mansos*”, entendo agora o que isso significa. Ele não estava falando sobre você. Estava falando sobre mim. Presumi que eu estaria ao seu lado quando assumisse. — Minha voz falha. — Mas você decidiu me entregar em vez disso.

A faísca nos olhos de Mal se incendeia. Aproxima-se, trazendo com ele aquele cheiro que conheço tão bem. Pinheiros e o luar, a névoa acariciando os galhos de altas árvores perenes em uma floresta antiga.

Meu bosque, aquele onde aprendi a ser feliz.

Ele rosna — Eu não te *entreguei, malyutka*.

— Com certeza não me prendeu.

— Não?

A emoção que me deixa com os olhos turvos e os joelhos fracos se evapora abruptamente, me deixando furiosa. Eu me viro e olho para ele.

— Não tenho interesse em jogar jogos de palavras com você, ou jogos mentais, por falar nisso. A resposta é *não*, não me manteve, porra. Você me colocou em um avião e me despachou como uma carga!

Seu olhar passa por mim, quente como carvão. Ele vê minha expressão e meu vestido em um olhar rápido e faminto, então

estende a mão e me agarra. Arrasta-me contra seu peito e pressiona sua boca contra a minha.

Toda a luta se esvai de mim como se alguém puxasse um plugue.

Inclino-me contra ele, beijando-o de volta com desespero. Seu cheiro seu gosto, seu calor. Como sobrevivi, mesmo um dia, sem tudo isso?

— Nunca deixei você ir — diz rispidamente, sua boca se movendo contra meus lábios machucados. — Nem por um maldito segundo. Você estava comigo o tempo todo, me assombrando com essa boca inteligente, esses olhos lindos e esse sorriso de partir o coração que me mata toda vez que o vejo. Não aguentei uma semana antes de fazer a primeira viagem aqui.

— Espere, o quê? — Pisco para ele, confusa. — Esteve? Eu não te vi.

— Isso é porque estava dormindo.

Depois de um momento de espanto, começo a rir. — Você invadiu meu quarto de novo?

— A última vez que isso acontecerá.

A voz, baixa e letal, vem da nossa direita.

Olhamos e vemos Spider parado a porta. Está segurando uma arma.

Congelo horrorizada. Sinto gosto de cinzas na boca. Debaixo do meu vestido, minha cicatriz formiga e aquece, como se tivesse pegado fogo.

Eu me pergunto por uma fração de segundo como tem uma arma quando todos os outros foram revistados, percebendo tão rapidamente que não apenas a segurança teria liberado o guarda-costas pessoal de Declan, mas provavelmente ele carregava armas extras para a ocasião.

O corpo inteiro de Mal ficou perfeitamente imóvel.

Spider gesticula com a arma. — Riley, afaste-se dele.

— Não.

Seu olhar furioso nunca se move do rosto de Mal. — Vá. Agora. Eu não quero repetir a última vez.

Tremendo, ainda consigo manter minha voz calma. — Você não atirárá nele. Abaixé a arma e saia.

Sua risada é curta e dura. — Ele pode ter prometido a você que não me mataria, mas o inverso não é verdade. Tire sua bunda daí agora.

Em um estrondo baixo e mortal, Mal diz — Fale com ela assim de novo, e felizmente quebrarei minha promessa.

— Foda-se.

A voz de Spider é alta e cheia de ódio. Ecoa nas paredes de ladrilhos.

No salão de baile, a música continua forte. Uma alegria sobe. Passando pelo corredor do lado de fora, uma mulher ri; parece bêbada.

Mal me solta, movendo-se com cuidado. Ele me empurra para trás e fica de frente para Spider, me segurando quando tento me mover para ficar entre eles.

O pânico sobe pela minha garganta. — Spider, por favor! Por favor, não faça isso! Você não pode fazer isso! Estou...

— Não quero ouvir como está apaixonada por ele — retruca.

— Não, me escute...

— Fique longe dela, porra. Caminhe em direção à porta. Faremos isso lá fora, para que todos vejam. Você merece uma execução pública. O carrasco deve morrer com uma audiência.

Empurrando-me de volta, Mal dá um passo à frente.

O vermelho pulsa nas bordas da minha visão. Meu pânico é tão absoluto que posso ver o sangue correndo em minhas veias.

Não entendo por que ele está ouvindo Spider, por que o está seguindo pela porta do banheiro. Eu tropeço atrás deles, gritando para pararem. A música abafa meus gritos.

Em seguida, estamos abrindo caminho pela multidão na pista de dança. As pessoas se afastam, assustadas. Alguém vê a arma de Spider e grita.

A banda para de tocar. O cara no baixo percebe por último, puxando o braço até que finalmente percebe que é o único tocando e ergue os olhos, piscando surpreso.

Então, exceto pelo barulho da minha pulsação em meus ouvidos, há silêncio.

Não sei onde estão Sloane ou Declan. Não sei o que mais ninguém está fazendo. Só consigo me concentrar em Spider em pé a três metros de Mal no meio da pista de dança, apontando a arma para sua cabeça.

Eu me recomponho, respiro fundo e digo com força — Spider, abaixe essa arma neste minuto!

— Dê-me um bom motivo para não atirar nesse porco russo, Riley!

Muito bem, se insiste. — Porque estou carregando o seu filho!

A surpresa se espalha pela multidão. Várias pessoas engasgam. Spider vira a cabeça e me olha boquiaberto. Não consigo olhar para Mal. Canalizo toda a minha energia para encarar Spider, desejando que ele recue.

— Sabe o que isso significa? Somos uma família agora. Eu, Mal, Declan, Sloane... e você também. Somos todos uma família. Este bebê nos une. A Máfia e a *Bratva* agora têm laços de sangue.

Um aplauso silencioso surge de algum lugar da sala. Tenho quase certeza de que é Nat.

Com a mão estendida e meu pulso latejando, caminho lentamente em direção a Spider. Congelado em estado de choque, me observa aproximar. Está respirando com dificuldade e sua cor sumiu. Qualquer movimento repentino pode fazer com que ele aperte o gatilho.

Quando chego perto o suficiente, coloco minha mão suavemente em seu pulso. Segurando seu olhar selvagem, digo suavemente — Apenas abaixe isso. Acabou.

Ele engole. Depois de uma pausa que parece uma eternidade, deixa cair o braço para o lado e inclina a cabeça.

Declan aparece do nada. Pega a arma da mão de Spider e empurra-o para um grupo de irlandeses que esperam de um lado. Quando um murmúrio começa a se espalhar pela sala, eles o empurram para longe.

Sou agarrada e envolvida em um abraço de urso.

Mal me levanta do chão, meus pés suspensos no ar enquanto ele me segura. No meu ouvido, diz com voz rouca — Está grávida?

— Sim.

— Você terá meu filho?

— Sim. E se você se mudar para Mercúrio para tentar nos proteger, seu camundongo desleixado de veado sem-teto irá caçá-lo e matá-lo.

Ele geme, me apertando contra seu peito. Um dos meus sapatos cai. Ficamos assim, presos em um abraço apertado, alheios à multidão murmurante, até que alguém pigarreja.

Quando olho para cima, vejo Declan e Sloane parados de braços dados atrás de Mal.

Sloane está radiante. Declan parece que precisa de uma bebida forte.

— Ponha-me no chão, querido — sussurro. — A noiva e o noivo gostariam de uma palavra.

Ele rosna — A noiva e o noivo podem esperar a porra da sua vez. Eu preciso falar com minha mulher primeiro.

Ele me vira em seus braços e sai da pista de dança. Por cima do ombro, observo Nat e Sloane se abraçarem enquanto Kage e Declan se enfrentam e se encaram.

A banda começa uma empolgante versão de *“We Are Family”*.

Como se nada tivesse acontecido, os convidados voltam para a pista de dança e começam a girar.

Uau. Então, foi um casamento de gângster.

No geral, acho que correu muito bem.

49

RILEY

Não sei para onde ele me leva. Há uma curta viagem de carro, seguida por uma curta viagem de elevador, ambas as quais passo com meu rosto enterrado na curva de seu pescoço e meus olhos fechados, arrastando seu cheiro em meu nariz e me agarrando a ele.

Então, está me colocando em uma cama.

Sem dizer uma palavra, arranca meu vestido, rasgando a seda como um lenço de papel. Ele tira meu sutiã e calcinha e meu sapato restante. Depois se ajoelha ao lado da cama entre minhas pernas abertas e pressiona sua bochecha em minhas contra minha barriga nua.

Meu coração está inchando como um balão, coloco minhas mãos em seus cabelos grossos e suspiro de felicidade.

— Você terá meu filho — sussurra, maravilha em sua voz.

— Se for um menino, vamos chamá-lo de Mik. Na verdade, esse seria um nome fofo para uma garota também.

Expirando, envolve as mãos em volta dos meus quadris, beija minha barriga com reverência. — Tenho que admitir, estou emocionado que sua injeção anticoncepcional não foi páreo para o meu superesperma.

— Não quebre o braço dando tapinhas nas costas, garanhão. Minha injeção expirou enquanto eu estava na Rússia. Engraçado como o tempo voa quando está se divertindo. — Olho ao redor da sala escura desconhecida. — Onde estamos?

— Hotel. Agora fique quieta. Eu preciso te foder.

Minha risada é suave. — Também senti sua falta.

Ele tira a roupa em velocidade recorde, jogando tudo no chão com impaciência, depois se abaixa em cima de mim. Beija-me, embalando minha cabeça em suas mãos, me dando seu peso e cada grama de sua paixão. Quando foge, está respirando com dificuldade. Ele me encara com adoração brilhando em seus olhos, murmurando algo em russo.

Balancei minha cabeça. — Não, diga para que eu possa entender desta vez.

Ele diz gentilmente — É a mesma coisa que venho dizendo a você desde o início, *malyutka*. Você é linda. Deixa-me louco. Não consigo me lembrar da minha vida antes de você. Eu daria qualquer coisa para ser capaz de te amar para sempre.

Minha garganta se aperta. Lágrimas brotam dos meus olhos. Inalo uma respiração irregular, sentindo como se estivesse voando. — Então gosta de mim, hein?

Contra meus lábios, ele sussurra — Eu adoro você, minha doce e tagarela pequena rainha.

— Prove. Ainda estou brava com você.

Ele sorri e me beija novamente, desta vez com mais força. Seu pau duro lateja contra minha coxa.

Quando desliza dentro de mim, suspiro e arqueio. Uma lágrima solitária desliza pela minha têmpora.

Com uma voz rouca, diz em meu ouvido — Papai está em casa.

Eu rio, mas rapidamente se transforma em um gemido quando começa a empurrar, abaixando a cabeça para beijar minha garganta e depois mordê-la. Envolver minhas pernas em volta de sua cintura e meus braços em volta de seus ombros, segurando-o enquanto me preenche, corpo e alma.

Sei que ele sempre quis me manter segura. Para me proteger, não importa o que isso possa lhe custar, mas o que ele não sabia é que nunca precisei de um cavaleiro branco para me salvar.

Eu preciso do dragão.

Preciso dele, para sempre, e isso é tudo.



Mais tarde, suada e saciada, deito em seus braços com minha bochecha apoiada em seu peito e meu coração brilhando.

Na escuridão do quarto de hotel, sussurro — O que acontece agora?

Ele se mexe, despertando para dar um beijo no topo da minha cabeça. — O que quer que aconteça agora?

Minha resposta é instantânea. — Quero voltar para sua cabana na floresta.

Sua risada é um estrondo baixo sob meu ouvido. — *Nossa* cabana, quer dizer.

Meus dedos do pé se enrolam de felicidade.

— Poe sente sua falta, a propósito.

— Eu também sinto falta dele, daquele pássaro grande, burro e arrogante.

— Não o deixe ouvi-la chamá-lo de burro. Ele roubará todos os seus cadarços e fará uma capa para si mesmo com eles.

— Aposto que sim. Sabe o que mais sinto falta?

— O quê?

Eu sorrio. — Da hora do banho.

Ouçó o sorriso em sua voz quando responde. — Achei interessante que a heroína do seu livro também tomou muitos banhos. Coisa estranha para um fantasma fazer.

O pensamento dele na cabana lendo através dos meus blocos de notas amarelos enquanto estávamos separados faz meu coração cantar. — Isso estava na sua memória. De antes de ela morrer.

Ele diz pensativo — Isso mesmo, ela não *sabia* que estava morta.

— A julgar pelo seu tom, acho que preciso fazer algumas revisões.

Desliza a palma da mão aberta nas minhas costas e segura meu queixo, inclinando minha cabeça para um beijo. Ele sussurra — Não. É perfeito. Exceto que aquele homem por quem ela estava apaixonada, quando estava viva, parece um gorila.

— Não é um gorila! É másculo!

Ele me olha incisivamente. — Por favor, me diga que não baseou o caráter dele em ninguém que você conhece.

Meu sorriso é doce. — Nunca. Isso provavelmente é ilegal, de qualquer maneira.

— O que é ilegal é o tamanho do seu pau. Aposto que foi assim que ela morreu, certo? Pulmões perfurados?

— Está bem, sabe o que mais? Não lerá mais nenhum dos meus trabalhos em andamento.

Ele aperta os lábios. Posso dizer que está tentando não rir de mim.

Eu o cutuco nas costelas e coloco minha cabeça sob seu queixo, suspirando.

Quando fala novamente, sua voz ficou séria. — Será perigoso.

Sua vida, ele quer dizer. Como se já não soubesse.

— Se você pode entrar sem ser detectado em casas seguras em todo o mundo, cercadas por guardas armados e estragar um casamento mafioso, pode me manter protegida. Eu confio em você. Além disso, olhe pelo lado bom. Sei como atirar!

— Mas com um bebê...

— Mal — digo em tom de advertência. — Cuidado. Não quero ouvir mais nenhuma bobagem sua sobre não estarmos juntos porque é muito perigoso. Esse assunto está encerrado.

Ele ri. — E você diz que sou mandão.

— Olha, sei que o Treze não é uma despedida de solteiro, está bem? Esses caras têm esposas e namoradas e conseguem mantê-las respirando. Por isso, você também pode.

Após um breve silêncio, diz — Quem lhe contou sobre os Treze?

— Declan.

Ele me vira de costas e me encara. Sua voz é mortalmente suave. — Acabou de dizer o nome de outro homem na minha cama?

Ah, Merda. Comece a recuar. — Hum. Você meio que perguntou. E a menos que seja o proprietário deste hotel, tecnicamente esta não é a sua cama.

Ele rosna — Boa tentativa, baby. Este hotel é meu.

— *O quê?*

— Sou dono de muitos imóveis em todo o mundo. *Pakhan* me recompensou muito bem pelo que fiz por ele.

— Não bem o suficiente para contratar um decorador de interiores, obviamente.

— Com licença?

— Aquele seu apartamento em Moscou não é o que se chamaria de aconchegante, querido. Acho que esqueletos gostariam, mas para pessoas com carne, é um pouco frio.

Seus olhos brilham. Suas narinas dilatam. Ele não sabe se ri ou me bate. Eu me aconchego mais perto dele, sorrindo.

— Você é um problema, *Little Bird*, sabia disso?

— Sim, mas você gosta de encrenca.

Seus olhos suavizam. Ele me beija como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, então diz rispidamente — Na verdade, adoro encrenca. Amo mais do que tudo.

Isso resolve tudo. Minha próxima tatuagem será a palavra “Problema”. Vou deixá-lo escolher onde no meu corpo devo obtê-la.

Eu digo inocentemente — sabe o que eu amo mais do que tudo?

— Não, o quê?

— Este gorila que conheci. Depois de superar o exterior assustador e todos os grunhidos, ele é muito doce.

Seu sorriso é tão brilhante quanto o amor brilhando em seus olhos. — Já ouvi isso sobre gorilas.

Ele me beija novamente, desta vez mais profundamente, sua língua mergulhando em minha boca e sua mão envolvendo levemente minha garganta. Coloco minha mão sobre a dele e o faço apertar com mais força.

Ele ri contra meus lábios e sussurra algo em russo que parece sujo. Então diz em inglês — Você terá meu filho. Será minha esposa. Será o centro do meu universo e a rainha que estará ao meu lado. — Sua voz diminui. — Mas primeiro, vou fodê-la de novo e mostrar quem é o seu rei.

Ele me vira de barriga, me arrasta de joelhos e bate na minha bunda cinco vezes.

Enterro meu rosto nas cobertas, rindo.

Sim, papai está em casa.

Oh, sim, ele está.

EPÍLOGO

SPIDER

Duas semanas depois

Somos apenas nós dois no escritório de Declan, sentados em lados opostos de sua mesa com uísques nas mãos.

É a noite de seu primeiro dia de volta de sua lua de mel na Grécia. Está bronzeado e relaxado, recostado na cadeira em uma camisa social branca e calça preta, parecendo o que é.

Um homem que tem tudo o que sempre quis. Se eu me olhasse no espelho, o que veria seria o oposto disso.

Não se preocupa com conversa fiada. Nenhum de nós nunca foi bom nisso. Ele simplesmente começa com — Estou promovendo-o a segundo em comando.

Quando vê minha expressão chocada, diz — Achou que eu ia despedi-lo?

— Por arruinar seu casamento? *Sim.*

— Não seja dramático. Você não estragou nada. Tudo o que fez foi dar um pequeno show.

— Sua esposa está de acordo?

Sua expressão é amarga. — Seria ótimo se alguém por aqui fingisse que é minha opinião que importa, pela primeira vez.

Olho para o copo em minha mão. Estou segurando com tanta força que meus dedos estão brancos. Não consigo tirar a noite do casamento da minha cabeça. Isso fica girando dentro da minha cabeça, me provocando.

Aquele russo desgraçado. Eu deveria ter atirado nele no banheiro quando tive a chance.

Agora ele é da família. Maldita *família*. Que pesadelo.

Com os dentes cerrados, digo — Voltaram para a Rússia?

Ele hesita. — Sim. E você faria bem em esquecer tudo sobre isso.

Uma impossibilidade, mas mordo minha língua.

— Spider. Olhe para mim.

Eu olho para cima.

— É um bom homem. Leal e corajoso. A situação está aquém do ideal, mas é com isso que temos que lidar.

— Como pode estar tão calmo sobre isso? Ele queria matar você!

— Sim. Não posso realmente culpá-lo, não é? Se ele matasse meu irmão, eu gostaria de matá-lo também.

Eu digo amargamente — Que magnânimo.

— Coloque sua cabeça de volta nos negócios, companheiro. Preciso de você focado. Temos que lidar com um maldito show de merda. Entre Kage e os italianos, perderei minha cabeça sempre amorosa.

— O que está acontecendo com Kage? Considerando que ele compareceu ao seu casamento, presumi que ambos haviam feito um acordo.

Ele se levanta e caminha até a janela, cruzando os braços sobre o peito e olhando para o céu noturno. — Eu lhe devo um favor. Ele ligou.

Franzo a testa em confusão. — Ele cobrou o favor como um convite para o seu casamento?

A risada de Declan é sombria. — Não, isso foi simplesmente política.

Eu faço um som de compreensão. — Sua esposa e a dele.

— *Aye.*

— Então, o que ele quer pelo favor?

— Para eu matar um de seus homens.

Brutal, mas não me surpreende. Os russos são animais. Eles comeriam seus próprios filhotes se estivessem com fome o suficiente. — Por?

— Deslealdade.

— Por que ele mesmo não mata o rapaz?

— Porque é um homem que prometi à minha esposa que nunca faria mal. — Ele se vira e me olha. — O que o torna um excelente esporte para Kage.

Quando digo — Stavros — Declan concorda.

— *Oy*. Se Sloane descobrir...

— Perderei minhas bolas. Tenho que admitir, o filho da puta sabe jogar sujo.

— O que você fará?

Ele se vira para a janela novamente. Um leve sorriso levanta os cantos de sua boca. — O que sempre faço quando as duas únicas opções são merdas. Crio uma terceira.

Não explica isso, e não pergunto. Se ele quisesse que eu soubesse, me diria.

— O que está acontecendo com os italianos?

Ele suspira pesadamente, passando a mão pelo rosto. — São loucos *pra* cacete, esse bando. Sabe que eles ainda têm casamentos arranjados?

— Eles não podem querer que se case com uma de suas jovens agora!

— Não, não eu, obviamente. Caruso porém está pensando em casar sua filha com a Máfia.

Gianni Caruso é o chefe de uma das cinco famílias. Desde que o capo da *Cosa Nostra* foi morto há um tempo, os sicilianos têm disputado posições. Ninguém saiu por cima ainda.

— Por que nós?

Ele diz secamente — Porque somos tão bonitos e charmosos.

— Ou porque temos algo que eles querem.

— Exatamente.

— Eles têm algo que queremos?

— *Aye*, território. Distribuição, rotas comerciais, dinheiro. Tínhamos um acordo provisório quando Diego estava no comando, mas ele se dissolveu quando sua memória o fez, mas isso pouco importa, considerando que não tenho nenhum membro da família do sexo masculino para vender como escravo.

Minha mente começa a girar. Digo lentamente — E se tivesse?

Declan me olha atentamente.

— O segundo em comando é tão próximo de um filho ou irmão quanto você.

Quando entende o que estou sugerindo, diz categoricamente — Você perdeu a cabeça.

— Disse que me queria focado. Nada como uma nova boceta para tirar sua cabeça da velha.

Ele levanta as sobrancelhas. — Agora está me assustando. Além disso, cuidado com a boca, cara. Riley é minha cunhada.

— Você tem uma foto da filha de Caruso?

— Spider! Pare com isso!

Bebo o resto do meu uísque, coloco o copo em sua mesa e me levanto. — Mostre-me a foto dela.

— Não pode estar falando sério!

— Olha para o meu rosto. Parece sério para você?

— Isso não é como adotar um cachorro. Não pode voltar atrás se não der certo. Estamos falando de um compromisso sangrento para toda a *vida*!

— Você acabou de fazer um. Por que não posso?

Ele ruge — Porque você não está apaixonado!

— Isso não seria sobre amor. Seria sobre negócios. E, francamente, quero dizer isso sem desrespeitá-lo ou sua esposa, pelo que posso dizer, um acordo de negócios sem sentimentos envolvidos seria muito mais fácil.

— Vou fingir que não disse isso.

— Apenas me mostre uma foto da moça.

Ele caminha até sua mesa, espalma as mãos na parte superior e se inclina sobre ela, me olhando.

— Não entende. Você *nunca* poderia ir embora. Se ela engordar, ficar com verrugas ou rir como uma hiena, ficará preso a ela pelo resto da vida. Se ela dormisse com todos os malditos homens que visse, você estaria amarrado a ela. Para sempre! A sua família o mataria se você tentasse partir. E eu não poderia evitar, porque você concordou com isso de antemão!

Mantenho seu olhar enfurecido e digo calmamente — Apenas me mostre o diabo da foto. Se a moça for gorda e tiver verrugas, não mencionarei isso de novo.

Ele me encara por mais alguns instantes, depois pragueja e se joga na cadeira. Murmurando palavrões baixinho, abre seu laptop, clica por um pouco, depois se senta e olha para a tela em silêncio.

— Então? Verrugas?

Ele olha para mim e depois de volta para a tela. — Sem verrugas.

— Gordura?

— Não exatamente. — Ele vira o laptop para que a tela fique voltada para mim.

Estou olhando para a foto de uma jovem com longos cabelos escuros, olhos escuros e um rosto doce em formato de coração. Ela parece ter vinte anos e é inocente como uma corça.

Eu digo rispidamente — Não está exatamente certo.

Declan geme. — Jesus Cristo.

— Organize.

— Você é louco *pra* caralho.

— Prepare-a, chefe. Fale com Caruso. Veja se ele aceitará.

Eu me viro e caminho em direção à porta, ouvindo Declan gritar e gemer atrás de mim, mas sabendo que considerará isso quando eu for embora.

Os reis devem mover os peões à sua disposição. É apenas o que os reis fazem. Quanto aos peões, bem, eles podem não ter o poder de um rei, mas ainda assim podem se tornar úteis.

E, se tiverem a oportunidade certa, podem se divertir um pouco enquanto estão nisso.

Ser o mocinho não me trouxe nada até agora, exceto dor de cabeça.

É hora de ser mau e quebrar algo inocente.

FIM

